

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE**

NATÁLIA AUGUSTA ROTHMANN ESCHILETTI

**O PERFIL DO GEOTURISTA NO TERRITÓRIO PROPOSTO PARA O
GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ-BA.**

CAXIAS DO SUL

2020

NATÁLIA AUGUSTA ROTHMANN ESCHILETTI

**O PERFIL DO GEOTURISTA NO TERRITÓRIO PROPOSTO PARA O
GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ-BA.**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestra em Turismo e Hospitalidade.
Linha de pesquisa: Turismo, organizações e sustentabilidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosane Maria Lanzer.

CAXIAS DO SUL

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

E74p Eschiletti, Natália Augusta Rothmann
O perfil do geoturista no território proposto para o Geoparque Serra
do Sincorá-BA / Natália Augusta Rothmann Eschiletti. – 2020.
185 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa
de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2020.

Orientação: Rosane Maria Lanzer.

1. Geoturismo. 2. Geodiversidade. 3. Turista 4. Geoparques -
Diamantina, Chapada (BA). I. Lanzer, Rosane Maria, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.484

NATÁLIA AUGUSTA ROTHMANN ESCHILETTI

**O PERFIL DO GEOTURISTA NO TERRITÓRIO PROPOSTO PARA O
GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ-BA.**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado e Doutorado, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.
Linha de pesquisa: Turismo, organizações e sustentabilidade.

Aprovada em 03/07/2020

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Rosane Maria Lanzer (Orientadora)

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Silvio Luiz Gonçalves Vianna

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. Marcos Antônio Leite do Nascimento

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha mãe, Maria Augusta Rothmann. Sem esse apoio irrestrito eu não teria conseguido retomar meus estudos e nem concluir essa dissertação.

Agradeço à minha orientadora, professora Rosane Lanzer, por ter abraçado a ideia dessa pesquisa comigo.

À comunidade de Lençóis por ter me acolhido durante sete meses. Por todas as amigas e amigos que conquistei nesse lugar e levo para a vida.

À secretária de Turismo Roberta Ferraz por sempre ser solícita a me ajudar.

Ao Renato Azevedo, da Centro da Terra, por ter me cedido espaço para trabalhar, sendo eu a primeira voluntária da Associação do Geoparque Serra do Sincorá.

Ao Conselho Municipal de Turismo de Lençóis por ter me recebido e permitido minha participação durante as reuniões.

À Andreia Amorim por ter me recebido de braços abertos na sua casa e se tornado minha mãe emprestada no período em que vivi na Bahia.

À Rusvênia da Silva e ao Diego Chabalgoity pela leitura atenta, sugestões e ajuda no decorrer do percurso.

À amiga Lenora Barcellos pela parceria e amizade durante o percurso e sempre.

À professora Adriana Sppegiorin do NEPAE, cuja participação atenciosa foi fundamental para o processamento dos dados.

Ao professor Silvio Vianna pela ajuda com a interpretação dos dados.

Às colegas, amigas e amigos do PPGTURH com quem compartilhei essa caminhada.

À Regina por sempre ser tão solícita e facilitar minha vida de acadêmica sempre que algo era necessário vindo da secretaria.

À taxa Prosuc-Capes.

À Oxum, com quem eu combinei essa pesquisa na gameleira. Saravá.

Em cima dos diamantes, embaixo das estrelas.

RESUMO

Nos últimos 25 anos, o termo geodiversidade ganhou destaque. Em 1995, surgiu o termo geoturismo e a partir de 2004, foi estabelecida a Rede Mundial de Geoparques (RGG). No Brasil há somente o Geoparque Araripe e um dos projetos que busca a integração com a RGG é o Geoparque Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, Bahia. O turismo utiliza a geodiversidade, como a principal atração nesse território associada à história da mineração, que pode ser contada nas quatro cidades, anteriormente denominadas Lavras Diamantinas: Andaraí, Mucugê, Lençóis e Palmeiras. O estudo buscou analisar o perfil do geoturista a partir de atitudes, comportamentos, preferências de viagem e destino, importância dos aspectos de viagem e afinidade com os conceitos de patrimônio geológico, geoturismo e geoparques. Com base na análise dos aspectos socioeconômicos dos municípios que recebem turismo no território, houve grande desigualdade social, consequência do ciclo econômico da mineração de diamantes. A geodiversidade e as associações com o patrimônio biótico e histórico-cultural, avaliadas em cinco geoparques mundiais da UNESCO, permitiram identificar em dois deles que essas características sugerem a vocação para um excelente geoturismo no território do Projeto Geoparque Serra do Sincorá. O município de Lençóis foi escolhido para avaliar a satisfação com infraestrutura, atrações e serviços e equipamentos e analisar o perfil do geoturista, por ser considerado a porta de entrada para a Chapada Diamantina. Foram utilizados três instrumentos de pesquisa, na forma de formulário e questionário, aplicados a mais de 100 turistas na cidade de Lençóis. Como principais resultados encontrados na pesquisa, destaca-se que os turistas ficaram satisfeitos com as atrações, serviços e equipamentos de Lençóis, embora a infraestrutura turística não tenha sido bem avaliada. O geoturista com forte afinidade pela prática do geoturismo correspondeu a 29% da amostra. Esse turista mostrou atitudes, comportamentos, preferências de viagem e a importância dos aspectos da viagem de acordo com o conceito de Arouca (2011), sendo motivado, principalmente, pelo lazer e geologia, ao visitar atrações consideradas geossítios. Além disso, eles estão interessados em aprender mais sobre os aspectos geológicos, geográficos e históricos. Torna-se evidente a necessidade de que o município de Lençóis promova o geoturismo, melhorando a oferta de produtos relacionados à geodiversidade. Em função da busca pela chancela UNESCO para o Projeto Geoparque Serra do Sincorá e que para ocorra o desenvolvimento territorial, os municípios devem trabalhar de forma articulada e integrada, distribuindo o geoturismo e os geoturistas entre eles, minimizando a desigualdade social.

Palavras-chave: Geoturista. Geoturismo. Geodiversidade. Geoparque. Chapada Diamantina-BA.

ABSTRACT

Over the past 25 years, the term geodiversity has gained prominence. In 1995, the term geotourism emerged and from 2004, the World Geoparks Network (RGG) was established. In Brazil there is only the Araripe Geopark and one of the projects that seeks integration with RGG is the Serra do Sincorá Geopark, in Chapada Diamantina, Bahia. Tourism uses geodiversity, as the main attraction in this territory associated with the history of mining, which can be told in the four cities, formerly called Lavras Diamantinas: Andaraí, Mucugê, Lençóis and Palmeiras. The study sought to analyze the geotourist's profile based on attitudes, behaviors, travel and destination preferences, the importance of travel aspects and affinity with the concepts of geological heritage, geotourism and geoparks. Based on the analysis of the socioeconomic aspects of the municipalities that receive tourism in the territory, there was great social inequality, a consequence of the economic cycle of diamond mining. The geodiversity and the associations with the biotic and historical-cultural heritage, evaluated in five UNESCO world geoparks, allowed us to identify in two of them that these characteristics suggest the vocation for an excellent geotourism in the territory of the Serra do Sincorá Geopark Project. The municipality of Lençóis was chosen to assess satisfaction with infrastructure, attractions and services and equipment and to analyze the geotourist's profile, as it is considered the gateway to Chapada Diamantina. Three research instruments were used, in the form of a form and questionnaire, applied to more than 100 tourists in the city of Lençóis. As the main results found in the survey, it is highlighted that tourists were satisfied with the attractions, services and equipment of Lençóis, although the tourist infrastructure has not been well evaluated. The geotourist with a strong affinity for the practice of geotourism corresponded to 29% of the sample. This tourist showed attitudes, behaviors, travel preferences and the importance of aspects of the trip according to the concept of Arouca (2011), being motivated, mainly, by leisure and geology, when visiting attractions considered geosites. In addition, they are interested in learning more about the geological, geographical and historical aspects. The need for the municipality of Lençóis to promote geotourism becomes evident, improving the offer of products related to geodiversity. Due to the search for the UNESCO seal for the Serra do Sincorá Geopark Project and for territorial development to occur, municipalities must work in an articulated and integrated manner, distributing geotourism and geotourists among them, minimizing social inequality.

Keywords: Geotourist. Geotourism. Geodiversity. Geopark. Chapada Diamantina-BA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos municípios integrantes do território do futuro Geoparque Serra do Sincorá-BA, Bahia.	45
Figura 2 - Sobreposição das regiões da Chapada Diamantina e o território da proposta do Geoparque Serra do Sincorá, BA.	47
Figura 3 - Localização da Serra do Espinhaço e da Chapada Diamantina no Brasil (A) e Localização do Cráton São Francisco e da Chapada Diamantina enquanto região geográfica (B).	49
Figura 4 – A - Sempre-vivas endêmicas da Chapada Diamantina e B – Gerais do Rio Preto e Morro Branco do Vale do Pati.	53
Figura 5 - Pinturas rupestres da Serra da Paridas em Lençóis-BA.	54
Figura 6 - A - Praça Horácio de Matos; B- Largo das Nagôs; C - vista da cidade do Alto do Cajueiro e D- diamante (mosquito) ainda hoje encontrado.	58
Figura 7 – Mucugê e Igatu, Bahia. A - Praça do Coreto em Mucugê; B - Cemitério Santa Izabel (ou Bizantino) em Mucugê; C - vista de Igatu e D- Ruínas em Igatu....	59
Figura 8 - Localização do <i>M'Goun</i> Geoparque Mundial UNESCO, Marrocos, África.	78
Figura 9 – A - Pegadas de dinossauros; B - quedas da cachoeira <i>Ouzoud</i> ; C - falésia com as habitações e D - localização da falésia em relação ao rio.	79
Figura 10 - Municípios (acima) e geossítios (abaixo) do Araripe Geoparque Mundial UNESCO, Ceará, Brasil.	80
Figura 11 - Geossítio Pedra Cariri. Painel interpretativo à esquerda em cima, fóssil de um peixe à esquerda embaixo; calcário fossilífero, à direita, com um nível de mortandade a esquerda.	82
Figura 12 - Localização do <i>Tumbler Ridge</i> Geoparque Mundial UNESCO, Canadá.	84
Figura 13 – A - Museu dos dinossauros; B - cachoeira <i>Bergeron</i> durante o inverno; C - pegada de Terápode e D - Vista aérea da <i>Brooks Falls</i> no parque provincial de <i>Monkman</i>	85
Figura 14 - Localização do <i>Longhushan</i> Geoparque Mundial UNESCO, China.	87
Figura 15 – A - Rio Luxi e os picos de Danxia e B - a rocha com forma de elefante.	88
Figura 16 – Localização do Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO, Portugal.	89

Figura 17 – A - Parque Icnológico de Penha Garcia com icnofósseis e B - trilobita; C - Troncos Fósseis de Vila Velha de Ródão e D - Árvores monumentais (azinheira) de Vila Velha de Ródão.....	91
Figura 18 – A - Cachoeira da fumaça e B – Monte Tabor ou Morrão.....	92
Figura 19 - Limpeza urbana, segurança pública, vias de acesso, sinalização de acesso e iluminação pública em Lençóis a partir da avaliação dos turistas.	98
Figura 20 - Sinalização em Lençóis, fluidez do trânsito, transportes e telecomunicações/internet em Lençóis.	101
Figura 21 - Local onde as lavadeiras se localizam e projeto da construção da ponte.	101
Figura 22 - Patrimônio natural/geológico visitado a partir de Lençóis no território do Geoparque Serra do Sincorá. A – Morro do Pai Inácio, B – Serrano e C – Monte Tabor.	104
Figura 23 - Patrimônio natural/geológico, gastronomia, patrimônio histórico-cultural, limpeza nas trilhas em Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.	105
Figura 24 - Patrimônio histórico e cultural de Lençóis. A – Mercado Cultural e Rio Lençóis à esquerda do mercado; B – Roda de capoeira dentro do Mercado Cultural; C – Casarão antigo abandonado na Avenida Rui Barbosa e D – Festa do Senhor dos Passos, padroeiro dos garimpeiros.	106
Figura 25 - Atendimento e limpeza nos atrativos em Lençóis a partir da avaliação dos turistas.....	106
Figura 26 – Segurança, acesso aos atrativos, informação sobre os atrativos e sinalização até os atrativos a partir de Lençóis na avaliação dos turistas.....	108
Figura 27 – Hospitalidade, qualidade das informações prestadas pelos guias, entretenimento e lazer e qualidade do atendimento dos guias na cidade de Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.	111
Figura 28 - Qualidade no atendimento dos meios de hospedagem, qualidade da diversão noturna e qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes na cidade de Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.	112
Figura 29 - Qualidade nas instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes e qualidade das instalações dos meios de hospedagem em Lençóis-BA a partir da percepção dos turistas.	114
Figura 30 - Disposição das mesas nas ruas e movimentação de turistas em alta temporada.	115

Figura 31 - Intervalo de confiança para a média das respostas fornecidas pelos turistas quanto a satisfação referente à infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos e impressão geral de Lençóis.....	118
Figura 32 - Impressão geral de Lençóis enquanto local de lazer e turismo a partir da avaliação dos turistas.....	119
Figura 33 - Dendograma com os quatro grupos elaborados.....	121
Figura 34 - Integração do geoturismo e geoturista no território da proposta do Geoparque Serra do Sincorá-BA.....	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Valores da geodiversidade identificados na área da proposta do Geoparque Serra do Sincorá, Chapada Diamantina, Bahia.....	24
Quadro 2 - Estratigrafia, sistemas deposicionais e tectônica dos Supergrupos Espinhaço e São Francisco.....	50
Quadro 3 - Quantidade de produtos turísticos da região do projeto do Geoparque Serra do Sincorá-BA.....	61
Quadro 4 - Elementos e conteúdos associados ao uso turístico em Geoparques distribuídos nos cinco continentes.....	64
Quadro 5 - Discriminação dos principais elementos encontrados nos Geoparques UNESCO e no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá.....	65
Quadro 6 - Geossítios: nome do atrativo, município de localização, acessibilidade e valores do patrimônio da região da Chapada Diamantina-BA.....	67
Quadro 7 - Áreas naturais de diferentes categorias de interesse ao turismo que reúnem atrativos ligados à geodiversidade.....	76
Quadro 8 - Elementos encontrados no <i>M'Goun</i> Geoparque Mundial UNESCO, Marrocos, África.....	78
Quadro 9 - Conteúdos encontrados no Araripe Geoparque Mundial UNESCO, Brasil.....	81
Quadro 10 - Conteúdos encontrados no <i>Tumbler Ridge</i> Geoparque Mundial UNESCO, Canadá.....	86
Quadro 11 - Conteúdos encontrados no <i>Longhushan</i> Geoparque Mundial UNESCO, China.....	88
Quadro 12 - Conteúdos encontrados no Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO, Portugal.....	90
Quadro 13 - Conteúdos encontrados no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá, Brasil.....	93
Quadro 14 - Taxa média de ocupação dos meios de hospedagem em Lençóis-BA.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados econômicos e sociais dos municípios do projeto do Geoparque Serra do Sincorá.	74
Tabela 2 - Comparativo com a associação entre conteúdos e elementos dos geoparques e da proposta.	94
Tabela 3 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre a infraestrutura de Lençóis-BA.	96
Tabela 4 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre os atrativos de Lençóis-BA.	103
Tabela 5 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre serviços/equipamentos turísticos de Lençóis-BA.	110
Tabela 6 - Resultados da análise estatística dos testes Shapiro-Wilk e Friedman.	117
Tabela 7 - Teste Mann Whitney U e significância por grupos.	120
Tabela 8 - Média, mediana e desvio padrão das atitudes, comportamentos, preferências e importância de viagem por grupo.	122
Tabela 9 - Perfil sociodemográfico dos turistas considerados com forte afinidade para a prática do Geoturismo.	124
Tabela 10 - Perfil de viagem dos turistas com forte afinidade para a prática do Geoturismo.	126
Tabela 11 - Afinidade com os Geo's dos turistas considerados com forte afinidade para a prática do Geoturismo.	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

CPRM – Serviço Geológico do Brasil

DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte

ESPVID – Esperança de vida ao nascer

FUND – Data de fundação do município

GA – Geoparque Araripe

GINI – Índice de Gini

GL – Geoparque Longshuan

GN – Geoparque Naturtejo

GSS – Proposta do Geoparque Serra do Sincorá

GTR – Geoparque Tubler Ridge

IDHM – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IDHM_L – Índice de Desenvolvimento Humano – dimensão longevidade

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MAB – Man and the Biosphere Programme

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

ONU - Organização das Nações Unidas

PNCD - Parque Nacional da Chapada Diamantina

PROGeo - Associação Europeia para a Conservação do Patrimônio Geológico

RDPC – Renda per capita média

RGG – Rede Mundial de Geoparques

UC – Unidade de Conservação

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	GEODIVERSIDADE	22
2.2	GEOTURISMO	26
2.3	GEOTURISTA	35
2.4	GEOPARQUE	41
2.5	CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DO PROJETO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ-BA.....	44
2.5.1	Geodiversidade	48
2.5.2	Biodiversidade	52
2.5.3	História e Cultura	54
2.5.4	Atrativos, serviços e equipamentos turísticos	60
3	METODOLOGIA	63
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	70
4.1	ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E O TURISMO NO TERRITÓRIO DO GEOPARQUE	70
4.2	A GEODIVERSIDADE COMO ATRATIVO.....	76
4.2.1	<i>M’Goun</i> Geoparque Mundial UNESCO (GMG)	77
4.2.2	Araripe Geoparque Mundial UNESCO (GA)	79
4.2.3	<i>Tumbler Ridge</i> Geoparque Mundial UNESCO (GTR).....	83
4.2.4	Longhushan Geoparque Mundial UNESCO (GL).....	87
4.2.5	Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO (GN)	89
4.2.6	Proposta do Geoparque Serra do Sincorá (GSS).....	92
4.3	SATISFAÇÃO DOS TURISTAS EM LENÇÓIS	95
4.3.1	Infraestrutura.....	95
4.3.2	Atrativos.....	102
4.3.3	Serviços e equipamentos turísticos	109
4.3.4	Impressão geral do turista quanto ao turismo em Lençóis-BA	117
4.4	GEOTURISTAS EM LENÇÓIS.....	120

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA A COLETA DE DADOS DE SATISFAÇÃO	154
	APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA A COLETA DE DADOS DO PERFIL.....	155
	APÊNDICE 3 – QUESTÕES CORRESPONDENTES A CADA DIMENSÃO PARA A DEFINIÇÃO DO PERFIL DO GEOTURISTA.....	158
	APÊNDICE 4 – ESTRATIGRAFIA E LOCALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS NATURAIS INVENTARIADOS.....	159
	APÊNDICE 5 – TABELA GEOLÓGICA COM OS PERÍODOS DOS GEOPARQUES PESQUISADOS	162
	APÊNDICE 6 – ESTATÍSTICA	164
	ANEXO 1 – PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA ASSOCIAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ. PRODUÇÃO TÉCNICA.....	165
	ANEXO 2 - PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA ASSOCIAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ. EXERCÍCIO 2020. PRODUÇÃO TÉCNICA.	175
	ANEXO 3 – FOLHETO TURÍSTICO DE LENÇÓIS. PRODUÇÃO TÉCNICA.....	178
	ANEXO 4 – DIRECIONAMENTO ESTRATÉGICO DO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO DE LENÇÓIS-BA.....	184
	ANEXO 5 – REDE SOCIAL COM PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E DIVULGAÇÃO DA PROPOSTA DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ	185

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos 25 anos, o termo geodiversidade ganhou destaque e a partir da Rio-92 estudos foram aprofundados sobre a porção abiótica do planeta e receberam maior enfoque, sobretudo para sua proteção e uso (GRAY, 2004; 2008). Assim, em 1995, surgiu o termo geoturismo, disseminando conhecimento científico por meio das atividades geoturísticas e contribuindo para a geoconservação do ambiente (HOSE, 1995; 2000), uma vez que a geodiversidade possui valores além de econômicos, estéticos, culturais, históricos e outros (GRAY, 2004).

Em 2004, foi estabelecida a Rede Mundial de Geoparques (RGG), atualmente constituída por 147 Geoparques distribuídos em 41 países, onde o continente Europeu e a China possuem a maioria desses Geoparques (UNESCO, 2017). A rede de geoparques brasileiros ainda não existe, sendo o Araripe Geoparque Mundial UNESCO, o único chancelado, no Brasil, em 2006, localizado no Ceará. Desde janeiro de 2020, há dois Geoparques Aspirantes, o Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, entre Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e o Seridó, localizado no Rio Grande do Norte (UNESCO, 2020).

Outra área que vem sendo estudada se refere ao território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá que compreende os municípios de Andaraí, Palmeiras, Lençóis e Mucugê, no centro da Bahia, na Chapada Diamantina. A história de ocupação do território e formação socioespacial remonta ao garimpo de diamantes existente durante os séculos XVIII e XIX (TEIXEIRA; LINSKER, 2005). Este projeto de geoparque se situa em uma região montanhosa e de transição entre os biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica (ICMBIO, 2007). Ao considerar a relação com o turismo, que foi incentivado como alternativa à proibição do garimpo ocorrida praticamente na mesma época da delimitação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, surge a relação com a geodiversidade e a atividade sob o foco do geoturismo.

O geoturismo existe onde se encontram elementos da geodiversidade, possui produtos relacionados à tipologia abiótica com potencialidade em fornecer a interpretação dos processos naturais e históricos relacionados a esses elementos. Entretanto, para o desenvolvimento de um novo segmento e da elaboração de produtos geoturísticos, é necessário conhecer além da oferta quem seria a demanda, compreendendo que tipo de turista tem afinidade com a prática do geoturismo e,

consequentemente, se os geoturistas seriam capazes de interpretar e compreender o local que estão visitando. Quantificar, caracterizar, conhecer o perfil dos turistas e saber quais atividades servem para cada demanda daqueles que visitam geossítios da área proposta para geoparques é fundamental para nortear ações de planejamento, implementação e gestão (PEREIRA, 2010; CASTRO et al., 2017).

A cidade de Lençóis, que integra o território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá, foi a capital das Lavras Diamantinas e hoje concentra a maior quantidade de serviços e equipamentos para o turismo e, consequentemente, um maior número de turistas. A fim de garantir, por meio do geoturismo, o desenvolvimento econômico sustentável, justiça social bem como a obtenção da integridade ambiental é necessário construir a identidade local dos municípios e a promoção do que é autêntico e único no território (AROUCA, 2011). Considerando que o geoturismo tem a forma geológica (geodiversidade), seus processos podem ser vistos como aspecto primordial para o seu desenvolvimento e que em Lençóis o Espaço Geográfico foi constituído e transformado a partir de processos históricos, desde o garimpo de diamantes ao turismo, questiona-se: Quais atitudes, comportamentos, preferências de viagem e afinidade com o conhecimento “geo” (patrimônio geológico, geoturismo e geoparque) possuem os turistas de Lençóis que visitam atrativos da geodiversidade no território da proposta do Geoparque Serra do Sincorá?

Dessa forma, o **objetivo geral** desta pesquisa foi analisar o perfil do geoturista para fornecer uma contribuição à gestão e ao planejamento do geoturismo no território do Projeto Geoparque Serra do Sincorá, visando um melhor uso, adequação e ampliação da oferta da geodiversidade e dos aspectos histórico-culturais dos municípios integrantes da proposta.

Os **objetivos específicos** foram: (a) Analisar os aspectos socioeconômicos dos municípios receptores de turistas na proposta do Geoparque Serra do Sincorá; (b) identificar a geodiversidade e associações com os patrimônios biótico e histórico-cultural nos elementos turísticos de Geoparques; (c) avaliar, sob a perspectiva de satisfação do turista, os itens de infraestrutura, atrativos e serviços e equipamentos relacionados ao desenvolvimento da atividade turística; (d) elaborar e aplicar um instrumento para avaliar o perfil do geoturista.

Considerando que os geoparques têm o compromisso de promover o desenvolvimento territorial sustentável (UNESCO, 2015), é necessário conhecer os indicadores sociais e econômicos dos municípios integrantes da proposta do

Geoparque Serra do Sincorá, para que os gestores possam planejar e coordenar ações para melhoria estrutural e social do território do geoparque voltados para os preceitos baseados nas informações periódicas sobre a realidade social e econômica dos municípios (IBGE, 2018). A caracterização socioeconômica, do turismo e a relevância que o território do Projeto Geoparque Serra do Sincorá possui, a partir da associação do geoturismo com o patrimônio cultural, infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos possibilitou compreender o que existe no território que dá o recorte espacial a esta pesquisa.

O conhecimento obtido tem relevância no desenvolvimento social e econômico dos municípios, onde o geoturismo ocorre, além de garantir a integridade ambiental e a identidade autêntica e única do local. O instrumento elaborado elencando critérios para a análise do turista fornece uma contribuição para a definição do geoturista e poderá ser testado em outras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A relação ser humano, natureza e a proteção do patrimônio natural, a partir do século XVIII, foi marcada pela conquista da natureza, com alta dependência dos recursos naturais. A natureza era valorizada a partir da dominação e domesticação pelo ser humano (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008). No século XIX, o desenvolvimento da história natural e o pensamento reducionista aprofundaram os processos de ruptura entre ser humano e natureza com os estudos compartimentados sobre os animais, as plantas e os átomos (GONÇALVES, 2011). O naturalismo contribuiu para a separação homem-natureza, criando áreas naturais que não poderiam ser tocadas pelos seres humanos (DIEGUES, 1996). Pereira (2010) afirma que algumas iniciativas de proteção do patrimônio iniciaram nesse século na Europa, na Austrália e nos Estados Unidos, principalmente porque durante todo o período da Revolução Industrial, os ambientes foram poluídos fazendo com que surgisse a atitude de valorização da natureza selvagem como lugar de reflexão e isolamento espiritual (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008).

Nos Estados Unidos, essa atitude propiciou a criação do conceito de Parques Nacionais, uma vez que na segunda metade do século XIX, esse país passava por uma transformação exponencial do espaço, sendo devastado pela expansão territorial e agrícola, e, em decorrência, foi criado o primeiro parque nacional do mundo, o Parque Nacional de Yellowstone, em 1872, como “ilhas de conservação” (DIEGUES, 1996). Em seguida, outros países como a Austrália, Canadá, Nova Zelândia, África do Sul, México, Argentina, Chile, Equador, Venezuela e Brasil adotaram o conceito e criaram Parques Nacionais, visando conservar suas áreas naturais, mantendo esse objetivo até o presente (COSTA, 2002).

No século XX, a explosão turística gerou uma atividade massificada entre os anos 1950 e 1980. Tal fato, desencadeou um grande processo de urbanização para atender a demanda, tendo como consequência a poluição dos recursos hídricos pela falta de saneamento, decorrente da ausência de estudos geológicos e provocou grande devastação ambiental (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008). Essa situação, fez emergir outro olhar, pois ficou evidenciado que a natureza não poderia ser consumida infinitamente (RIBEIRO; ZANIRATO, 2008).

A partir da percepção das perdas ocorridas em função do desenvolvimento industrial e avanço urbano, surgiram iniciativas para a conservação patrimonial no

Brasil e no mundo. O ambiente natural deveria ser protegido para a sociedade ter qualidade de vida, tanto no presente quanto no futuro. A primeira alusão feita pela UNESCO para a proteção do patrimônio natural surgiu em 1949, quando foi realizado um diagnóstico da situação ambiental mundial, na Conferência Científica da Organização das Nações Unidas - ONU sobre a Conservação e Utilização de Recursos (RIBEIRO; ZANIRATO, 2008). Nesse período, os principais problemas ambientais envolviam os testes nucleares, ocasionados pela corrida armamentista e o crescimento populacional e industrial (LONDERO, 1999).

A problemática da preservação do ambiente natural foi tratada pela UNESCO, no *Man and the Biosphere Programme* (MAB), em 1971, e na primeira Conferência Mundial sobre o Meio Ambiente em Estocolmo, em 1972. Um significativo passo para a proteção do meio ambiente foi a constatação de que o desenvolvimento econômico não deve se basear na degradação ambiental, visão consolidada como principal resultado do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (LONDERO, 1999). Ainda em 1972, ocorreu a Convenção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em Paris, quando ficou definido o que a UNESCO considera como patrimônio cultural e natural (ONU, 1972).

Especificamente, sobre o patrimônio abiótico foi realizado, em 1991, o primeiro Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, estabelecendo os princípios e pilares da geoconservação a partir da Carta Internacional dos Direitos à Memória da Terra. Em 1993, foi criada a Associação Europeia para a Conservação do Patrimônio Geológico – PROGeo¹ e foi debatido o termo geodiversidade na Conferência de Malvern para a Conservação Geológica e da Paisagem (PEREIRA, 2010).

Com o pressuposto de “[...] resguardar o que não se pode reconstituir e manter áreas para conhecer a dinâmica natural do planeta.” (RIBEIRO; ZANIRATO, 2008, p. 279), o Brasil instituiu suas áreas de preservação no artigo 10º da Constituição de 1934 (BRASIL, 1934), décadas antes das iniciativas e consolidações da ONU sobre o conceito de patrimônio natural. Por meios constitucionais, de decretos e tombamentos, foi desenvolvida a jurisdição sobre as áreas naturais de preservação no Brasil, seguida nas legislações estaduais. Em 1937, foi criado o primeiro Parque Nacional brasileiro, o de Itatiaia, no Rio de Janeiro, mesmo ano do Decreto-Lei nº 25

¹ Criada a partir da transformação da antiga *European Working Group on the Scientific Conservation* que existiu de 1988 até 1993.

que versa sobre a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que protege também monumentos naturais no país (COSTA, 2002). A primeira regulamentação sobre os Parques Nacionais, no Brasil, aconteceu a partir do Decreto Federal nº 84.017, de 21/9/1979. Em 2000, as áreas naturais foram legitimadas pela Lei nº 9.985, de 18/7/2000, a partir da qual fica instituído o Sistema Nacional de Unidades de Conservação – SNUC.

No SNUC, a criação de Parques Nacionais não permite a existência de propriedades privadas dentro da sua área, prevendo a regularização fundiária a partir da desapropriação, não permitindo a extração mineral, cultivo ou pecuária, visando a preservação dos ecossistemas com relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas mediante autorização prévia, sendo que a visitação e o uso ao turismo dependem do que está previsto no plano de manejo da unidade (BRASIL, 2000; MMA, 2020). Dentro do SNUC há diversos parques onde a principal riqueza e uso turístico se dá por meio da geodiversidade (MANOSSO; MOREIRA; SILVA JÚNIOR, 2014). Contudo, enquanto atrativo, tais parques carecem de informações, infraestrutura e interpretação da paisagem.

2.1 GEODIVERSIDADE

O termo geodiversidade, conforme Gray (2004, 2008), nasceu a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cnumad) ou Rio-92, evento ocorrido no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em 1992, onde foi discutida a biodiversidade e os rumos do desenvolvimento sustentável para as próximas décadas. Nesse evento, se destaca a Agenda 21 como o documento referência que foi firmado a partir da Rio-92. Devido à reivindicação dos geocientistas deveria ser dada igual importância para as características da natureza viva e não viva do Planeta Terra, uma vez que existe uma relação de igualdade lógica na diversidade das características naturais e físicas do planeta (GRAY, 2004). Gray (2008) considera ainda que o esclarecimento do termo geodiversidade foi discutido em 1993, na ocasião da “Conferência de Malvern sobre Conservação Geológica e Paisagística”, realizada no Reino Unido.

Os estudos de Kubalíková (2013) mostram que o termo geodiversidade vem sendo conceituado desde os anos 1990 e foi pela primeira vez utilizado na Austrália, mais exatamente na Tasmânia, por Sharples em 1993. No artigo “*A Methodology for*

the Identification of Significant Landforms and Geological Sites for Geoconservation Purposes". Sharples (1993) define o que é geodiversidade e faz considerações sobre a geoconservação da geodiversidade, propondo uma metodologia própria para tal. Geodiversidade é "[...] a diversidade de recursos e sistemas da Terra." (SHARPLES, 1993, p. 07). Esse conceito, que em 2002, foi revisado passando a considerar geodiversidade como a gama (ou diversidade) de características geológicas (rochosas), geomorfológicas (formas de relevo) e do solo que possuem valores intrínsecos, ecológicos e antropocêntricos (SHARPLES, 2002).

De acordo com Brilha (2005), o primeiro livro sobre estudos referentes à geodiversidade foi publicado em 2004 por Murray Gray intitulado "*Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature*". Nesse livro, Gray (2004) aponta que a "Geodiversidade é a variedade natural (diversidade) da geologia (rochas, minerais, fósseis), geomorfológica (formas, processos) e as características do solo, incluindo suas uniões, relações, propriedades, interpretações e sistemas." (GRAY, 2004, p. 8). A geodiversidade seria a base para o geoturismo já que é utilizada como recurso (BRILHA, 2005). Sendo assim, a geodiversidade é responsável pela variação de formas na Terra e por consequência na diversidade paisagística, tão apreciada pelo turismo. A importância da geodiversidade para as atividades humanas pode ser representada por múltiplos valores: intrínseco, cultural, estético, econômico, funcional, científico e educativo (GRAY, 2004; BRILHA, 2005).

Stanley (2000), a CPRM (2006) e Pereira (2010) conceituam o termo de forma um pouco mais abrangente, considerando que a vida na Terra utiliza a geodiversidade.

Geodiversidade é a variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos ativos que fazem paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que fornecem a estrutura para a vida na Terra (STANLEY, 2000, p.15).

Em 2006, a CPRM², também conceitua a geodiversidade, no que parece o momento em que o Brasil passa a ter, oficialmente, um olhar para o conceito.

[...] o estudo da natureza abiótica (meio físico) constituída por uma variedade de ambientes, composição, fenômenos e processos geológicos que dão origem as paisagens, rochas, minerais, águas, fósseis, solos, clima e outros

² Empresa pública, com nome fantasia advindo da razão social Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais, vinculada ao Ministério de Minas e Energia e à Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral.

depósitos superficiais que propiciam o desenvolvimento da vida na Terra, tendo como valores intrínsecos o cultural, o estético, o econômico, o educativo e o turístico (CPRM, 2006, p. 12).

Seguindo a linha da explicação do termo, Gray (2008) esclarece ainda que a geodiversidade (referente à natureza não viva - abiótico) pode ser definida considerando as características geomorfológicas, geológicas e do solo.

Pereira (2010) define geodiversidade como:

O conjunto de elementos abióticos do planeta Terra, incluindo os processos físico-químicos associados, materializados na forma de relevos (conjunto de geoformas), rochas, minerais, fósseis e solos, formados a partir das interações entre os processos das dinâmicas interna e externa do planeta e que são dotados de valor intrínseco, científico, turístico e de uso/gestão (PEREIRA, 2010, p. 17).

Os valores da geodiversidade são detalhados e especificados por Gray (2004) e Pereira (2010) que os identifica na Chapada Diamantina. A geodiversidade possui valor intrínseco, cultural, estético, econômico, funcional e científico e educativo de acordo com Gray (2004) e conforme caracterizado para a Chapada Diamantina por Pereira (2010) no Quadro 1.

Quadro 1 - Valores da geodiversidade identificados na área da proposta do Geoparque Serra do Sincorá, Chapada Diamantina, Bahia.

(continua)

Tipo de Valor	Aspectos	Descrição
Valor Intrínseco		À semelhança do que ocorre em outros locais do mundo, com a expansão humana na superfície da Terra, é preciso ter consciência de que nem tudo está à venda e que a conservação de algumas porções do planeta é uma ação necessária.
Valor Cultural	Valor Histórico/Arqueológico	Ocorrem, na região, diversos sítios dotados de pinturas rupestres e material arqueológico. Contudo, até o presente momento, não foram realizadas pesquisas científicas sistemáticas sobre este patrimônio.
	Sentido / Lugar	A região constitui um dos 26 territórios de identidade do Estado da Bahia, com uma população estimada de cerca de 360.000 habitantes, sendo constituída por 23 municípios e uma área de cerca de 30.500 km ² .
Valor Estético	Paisagens Locais	A paisagem da Chapada possui um conjunto de locais que representam o <i>ex libris</i> do ecoturismo brasileiro, sendo visitada anualmente por um elevado número de turistas de diversas partes do mundo.
	Geoturismo	Apesar do grande número de turistas que visitam a região e do apelo geológico da paisagem da região, o geoturismo ainda não foi alvo de trabalhos sistemáticos. Ressalta-se que a maioria dos atrativos turísticos consiste em geossítios.

(conclusão)

Valor Estético	Atividades de Lazer	O local é procurado para a prática de pedestrianismo (<i>trekking</i>), espeleologia e montanhismo.
	Geoarquitetura	Nas antigas vilas garimpeiras, destacam-se as ruínas das casas dos antigos garimpeiros, muitas delas reconstruídas e habitadas atualmente.
Valor Econômico	Minerais Industriais	Dentre as atividades extrativas cadastradas e regularizadas na região, destacam-se a extração dos seguintes minerais industriais: diatomito, barita e quartzo.
	Minerais Metálicos	Atualmente, já existem cadastradas atividades de pesquisa para chumbo, cobre, estanho, ferro, manganês e ouro. Na região, onde afloram as rochas carbonáticas, trabalhos sistemáticos de pesquisa mineral vêm indicando a ocorrência de reservas minerais, com potencial para exploração de chumbo e zinco.
	Gemas	A extração de diamantes, no passado, foi uma atividade relevante na região, sendo que, atualmente, este tipo de extração vem mostrando uma baixa viabilidade econômica, mas segue em curso em pequena escala.
	Minerais para Construção	Na região, onde ocorrem as rochas da Formação Salitre, existe potencial para extração de calcário para fabricação de cimento e cal. Nos domínios dos quartzitos, ocorre extração de rocha ornamental para revestimento.
	Solo	No domínio dos relevos aplainados, os solos de natureza arenosa, instalados sobre as rochas do Grupo Paraguaçu, dispostos em um planalto com baixas declividades, vêm sendo utilizados para atividades agrícolas mecanizadas, destacando-se a olericultura, com previsão de instalação de um agropolo na região de Mucugê/Ibicoara.
Valor Funcional	Funções do Solo	Além da agricultura mecanizada, a agricultura familiar também é uma atividade importante na região, com destaque para os seguintes produtos; café, feijão, mamona e mandioca.
	Funções do Ecossistema	A Chapada Diamantina abriga um conjunto importante de biomas brasileiros, dentre os quais destacam-se a Mata Atlântica, a Caatinga e o Cerrado.
Valor Científico e Educacional	Investigação Científica	A Chapada Diamantina abriga um registro geológico importante da geologia do Proterozoico, que consiste no período mais longo da história da Terra. Além disto, as cavernas existentes na região vêm sendo alvo de trabalhos de pesquisa sobre a evolução dos paleoclimas brasileiros.
	História da Terra	O registro geológico da região tem grande valor para estudos relacionados à geologia do supercontinente Gondwana e evolução da Plataforma Sul-Americana.
	Educação e formação de professores	Há vários anos, a área vem sendo utilizada para a formação de estudantes de Geologia, que efetuam trabalhos de mapeamento geológico, bem como inúmeras pesquisas científicas na área da botânica, devido ao elevado grau de endemismo ali existente.

Fonte: (PEREIRA, 2010, p. 19)

A geodiversidade está representada na inventariação dos geossítios, que, por sua vez, representam o patrimônio geológico e constituem a maioria dos atrativos turísticos na Chapada Diamantina (PEREIRA, 2010). Assim sendo, os geossítios são definidos com a ocorrência de elementos da geodiversidade, resultantes de processos

naturais ou antrópicos, e que apresentam excepcional valor do ponto de vista cultural, pedagógico, científico, turístico ou outro, em seus ambientes naturais (BRILHA, 2005). Esses geossítios representam o Patrimônio Geológico, sendo esse “[...] o conjunto dos geossítios inventariados e caracterizados numa dada área ou região.” (BRILHA, 2005, p. 52-53).

2.2 GEOTURISMO

O turismo é “[...] um fenômeno econômico, político, social, cultural e ambiental cujos componentes básicos para a reflexão são o homem, o espaço e o tempo.” (UEDA; VIGO, 2000, p. 98). Dessa forma, o componente geográfico é de extrema importância para espacialização desse fenômeno, uma vez que há uma diversidade de ações e de objetos necessários à existência do turismo, que inclui os processos históricos formadores das coisas específicas (SANTOS, 2011). Para Milton Santos o espaço “[...] é, antes do mais, especificação do todo social, um aspecto particular da sociedade global.” (SANTOS, 2011, p. 120), “[...] formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, 2011, p. 63).

Ueda e Vigo (2000) afirmam que o turismo deve ser considerado como um importante fenômeno global no século XXI. Entende-se aqui que a caracterização desse novo nicho/segmento turístico passou a se dar após a discussão do conceito do termo geodiversidade. Como já referido, na Austrália, no ano de 1993, o termo geodiversidade foi proposto, pelo que se acredita, pela primeira vez. Dois anos depois, em 1995, de acordo com Moreira (2010), Thomas Hose, no Reino Unido, define pela primeira vez o termo geoturismo, propondo uma nova segmentação. De acordo com Hose (1995) geoturismo é

A provisão de serviços e facilidades interpretativas que permitam aos turistas adquirirem conhecimento e compreensão da geologia e geomorfologia de um lugar (incluindo sua contribuição ao desenvolvimento das ciências da Terra), além de uma mera apreciação estética (HOSE, 1995, p. 17).

A relevância, das características da Terra, é pouco conhecida pelas pessoas e o conhecimento geológico não é disponibilizado de forma acessível ao público leigo,

sendo muito importante a interpretação do patrimônio da Terra uma vez que é passível de auxiliar na proteção e possível de ser feita de forma autônoma pelas pessoas. O geoturismo trata de uma atividade que visualiza a geologia, não depende da sazonalidade, dando ênfase à interpretação, uma vez que o usuário é casual ou de lazer e com pouco conhecimento científico na área das geociências (HOSE, 1995).

Hose (2000) frisa novamente a importância da interpretação do patrimônio e explica que a definição (por ele elaborada em 1995) foi escrita a partir de um projeto de trabalho que incluía alguns pôsteres que exploravam a “[...] interpretação geológica de lugares específicos.”, e que o termo geoturismo e a interpretação do patrimônio, surgem no Reino Unido como uma forma de proteger o patrimônio que estava sendo perdido na Inglaterra antes de 1995. O autor citado reforça a compreensão de que a geologia contribuiu para o desenvolvimento econômico e manteve a Europa industrial do passado, mas que existe pouca consciência pública sobre a riqueza, significado cultural e ameaças a este patrimônio. Vários exemplos procedentes da história da geologia apresentam a diversidade desse recurso e seu potencial turístico. Dessa forma, existe a necessidade de “[...] interpretação geológica de lugares específicos.” (HOSE, 2000, p. 140), desde que haja a preparação e apresentação adequada da informação, utilizando materiais e painéis interpretativos com linguagem adaptada e elaborando trilhas interpretativas. Sendo assim, ele considera mais adequado passar a utilizar o termo geoturismo, com a definição de

A provisão de facilidades interpretativas e serviços para divulgar o valor e os benefícios sociais dos lugares e materiais geológicos e geomorfológicos, e assegurar sua conservação, para o uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesse recreativo e de lazer (HOSE, 2000, p. 147).

Hose (2000) enfatiza o uso educacional e o componente essencial da conservação geológica no geoturismo o que implica em uma investigação e compreensão das bases físicas dos lugares de interesse geológico e geomorfológico, sendo essencial a caracterização e conservação do recurso base, conhecimento e compreensão das práticas dos usuários, desenvolvimento e promoção de material recreativo para êxito.

Por outro lado, há definições mais amplas para o geoturismo que se relacionam com a geografia e não a geologia. Como exemplo, pode ser observada a definição fornecida pela *National Geographic Traveler* e a *The Travel Industry Association of*

America que consideram o termo "geoturismo" intimamente relacionado ao turismo sustentável, com preocupação em preservar o caráter geográfico de um destino, considerando toda a combinação de atributos naturais e humanos que tornam um lugar distinto do outro, englobando preocupações culturais e ambientais relacionadas a viagens, bem como o impacto local que o turismo tem sobre as comunidades e suas economias e estilos de vida individuais (STUEVE; COOK; DREW, 2002, p. 1).

Em 2003, o australiano Buckley, propõe uma relação entre ecoturismo e geoturismo por meio da triangulação *tripple botton line*: meio ambiente, comunidade e finanças. Ele compreende o geoturismo a partir da definição da *National Geographic* e afirma que o geoturismo exclui: viagens de negócios; resorts genéricos; cassinos; parques temáticos; formas similares de turismo de massa; deitar na praia; visitar boates; jogar golfe e fazer *bungee jump*. Mas, se o turista viaja para escalar uma determinada montanha, para conhecer uma determinada cultura pratica geoturismo, ou seja, o geoturista escolhe o local e então pratica geoturismo. Buckley (2003) ainda pontua que o geoturismo não é uma nova definição e que se deve pensar o ecoturismo como geoturismo com resultados positivos para o *tripple botton line*, sendo essa uma forma de combinar conceitos de sustentabilidade com conceitos de desenvolvimento da segmentação do mercado turístico, propondo um afastamento formal da definição proposta pela *National Geographic*.

Retornando à compreensão geológica para o geoturismo, Brilha (2005) considera que o geoturismo acontece em função da geodiversidade. Para os autores australianos Newsome e Dowling (2006)

[...] o prefixo "geo" da palavra geoturismo pertence à geologia, à geomorfologia e aos demais recursos naturais da paisagem, tais como relevo, leitos fósseis, rochas e minerais, com ênfase na valorização dos processos que estão criando e recriando tais características (NEWSOME; DOWLING; 2006, p. 03).

"O componente turístico do geoturismo envolve a visitação aos geossítios, envolvendo um senso de admiração, apreciação e aprendizado." (NEWSOME; DOWLING, 2006, p. 03). De acordo com os autores mencionados, a maior parte do geoturismo ocorre no ambiente natural e pode acontecer também em ambientes urbanos, o que difere do ecoturismo que só acontece em ambientes naturais (CEBALLOS-LASCURÁIN, 1998). Contudo, é uma forma especializada de turismo e o foco de atenção está no geossítio (NEWSOME; DOWLING, 2006).

No Brasil, em 2007, Ruchkys caracteriza o geoturismo como um segmento turístico, parecendo essa ser a primeira definição para o assunto no país.

[...] que tem o patrimônio geológico como seu principal atrativo e busca sua proteção por meio da conservação de seus recursos e da sensibilização do turista, utilizando, para isto, a interpretação deste patrimônio tornando-o acessível ao público leigo, além de promover a sua divulgação e o desenvolvimento das ciências da Terra (RUCHKYS, 2007, p. 23).

Gray (2008) diz que o geoturismo deve estar baseado na geodiversidade, oferecendo a oportunidade de experimentar geologias, ambientes em paisagens geológicas e/ou participar de atividades que têm relação com a geologia, como por exemplo escalada e esqui, ou seja é um “[...] turismo baseado nos recursos geológicos ou geomorfológicos de uma área que tenta minimizar os impactos desse turismo através do gerenciamento de geoconservação.” (GRAY, 2008, p. 295).

O geoturismo é um turismo ecologicamente sustentável, que complementa a beleza cênica com revelações de como elas foram formadas. Com os mesmos objetivos do ecoturismo, mas explicando os processos geológicos que formaram a paisagem e, não necessariamente, precisa ocorrer em lugares selvagens, o que contribui para aliviar o uso de áreas ecologicamente sensíveis (ROBINSON, 2008).

O geoturismo no Brasil foi considerado como um novo segmento turístico, sendo a atividade “[...] realizada por pessoas que têm o interesse em conhecer mais os aspectos geológicos e geomorfológicos de um determinado local, sendo essa a sua principal motivação na viagem.” (MOREIRA, 2008, p. 69). Entretanto, como no Brasil ainda se tem uma identidade incipiente para o geoturismo e a demanda não está plenamente caracterizada, o geoturismo não pode ser considerado um segmento turístico (MTUR, 2010).

Para Dowling (2011) o geoturismo é essencialmente “turismo geológico” e a prática pode acontecer tanto em áreas naturais como em áreas urbanas. A paisagem e a geologia compõem os elementos geológicos do geoturismo e o elemento turístico compreende os turistas que visitam, aprendem, apreciam e se envolvem com os geossítios. O geoturismo tem uma relação direta com o turismo sustentável, sendo a terceira dimensão do ecoturismo com a parte abiótica da natureza e é parte integrante dos Geoparques (DOWLING, 2011).

O conceito de geoturismo envolve geologia, paisagem, promove os geossítios e o turismo, a geoconservação, a compreensão, apreciação e aprendizagem; sendo

definido como “[...] um turismo sustentável com foco em experimentar características geológicas, promove a compreensão ambiental e cultural, apreciação e conservação e é localmente benéfico.” (DOWLING, 2011, p. 02), apresentando ligações com o turismo cultural, de aventura e com o ecoturismo. Criar um produto geoturístico que proteja o patrimônio geológico é fundamental, uma vez que ajuda a construir comunidades, comunica e promove o patrimônio geológico e trabalha com uma gama diferenciada de pessoas. Sendo assim, para o geoturismo, o patrimônio geológico é fundamental para criar produtos turísticos. Dowling (2011) ainda explica que o “geo” do geoturismo corresponde às formas e processos dos recursos naturais do turismo e que o “turismo” significa a parte da visitação e das atrações, acomodações, excursões, atividades, interpretação, planejamento e manejo.

As cinco características essenciais do geoturismo são: que a atividade esteja baseada na geologia; que seja sustentável; que seja geologicamente informativa; que se torne benéfica localmente; e que seja satisfatória para turistas. Sendo as três primeiras, essenciais para o produto ser considerado geoturismo e as duas últimas desejáveis a todas as formas de turismo (DOWLING, 2011). O desenvolvimento do geoturismo gera uma experiência que reúne a paisagem local, a comunidade e os visitantes e, mesmo com diferentes interesses, tanto moradores quanto turistas podem desfrutar das características das formações da Terra no referido local, e as empresas locais e grupos comunitários trabalham juntos para promover uma experiência autêntica e distinta aos turistas, enfocando, prioritariamente, em informá-los junto com a comunidade local sobre o planeta Terra por meio da interpretação e educação geológica (DOWLING, 2011). Além disso há também cinco objetivos para o desenvolvimento do geoturismo sustentável:

- a) desenvolver maior conscientização e compreensão das contribuições significativas que o geoturismo pode trazer ao meio ambiente, às comunidades locais e à economia;
- b) promover a equidade no geodesenvolvimento;
- c) melhorar a qualidade de vida da comunidade anfitriã;
- d) fornecer uma alta qualidade da experiência geológica para o visitante e e)
- e) manter a qualidade do patrimônio geológico em que os objetivos acima dependem (DOWLING, 2011, p. 4).

Contudo, para Dowling (2011), o geoturismo pode ser visto como o “novo ecoturismo”, pois ao promover a identidade do local depende do patrimônio geológico protegido e geoconservado, assim contribui para aumentar a consciência e a valorização do ambiente geológico, para o bem-estar da comunidade, para o turismo

sustentável e ao garantir a harmonia entre os ambientes naturais e culturais é um exemplo para outras formas de turismo.

Outra definição foi estabelecida na Geocarta de Arouca, em 2011, no Congresso Internacional de Geoturismo, no Geoparque Arouca, em Portugal, sob os auspícios da UNESCO. Portanto, na Declaração de Arouca o geoturismo

[...] deve ser definido como o turismo que sustenta e valoriza a identidade de um território, levando em consideração sua geologia, meio ambiente, cultura, estética, patrimônio e bem-estar de seus moradores. O turismo geológico é um dos múltiplos componentes do geoturismo (DECLARAÇÃO DE AROUCA, 2011, p. 1).

Esse conceito foi estabelecido em consonância entre o Comitê Organizador do Congresso Internacional do Geoturismo, realizado em 2011, e a *National Geographic Society*. Porém, com a alteração de concepção em função do aspecto geológico e não somente o geográfico. Na Geocarta de Arouca também há a sugestão de que o geoturismo seja desenvolvido, considerando os aspectos culturais, históricos e paisagísticos além do meio ambiente e dos atributos geológicos e segue:

Nesse sentido, estimulamos o efetivo envolvimento dos cidadãos e visitantes locais, para que não se restrinjam ao papel de espectadores turísticos, contribuindo para construir uma identidade local e promover o que é autêntico e único no território. Desta forma, garantimos que o território e seus habitantes obtenham integridade ambiental, justiça social e desenvolvimento econômico sustentável (AROUCA, 2011, p. 01).

Percebe-se que o conceito de geoturismo da Declaração de Arouca se relaciona com uma nova ideia de conservação em áreas naturais, possuindo clara relação com a proposta de Geoparques e ainda está em consonância com os objetivos da Agenda 2030 (ONUBR, 2018) para o Desenvolvimento Sustentável e o documento da Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2017).

Martini et al. (2012) destacam que a geologia continua sendo ponto fundamental no geoturismo e entendem que a abordagem mais ampla do conceito deve melhorar a apreciação do público por geologia. Faz-se necessário ressaltar que os estudos feitos por Xavier (2007) apontam para o fato de que o turismo vem gerando impactos variados, transformando paisagens e culturas em mercadorias, “[...] produzindo apropriação dos lugares pelo capital e excluindo do processo turístico, camadas da população de menor poder aquisitivo.” (XAVIER, 2007, p. 23). Essa situação deve ser afastada da prática do geoturismo, visando orientar-se segundo

critérios de preservação e conservação, ou proteção, tanto no que se refere tanto ao patrimônio natural, quanto ao patrimônio cultural da comunidade ali inserida (UEDA; VIGO, 2000).

Seguindo essa linha de entendimento sobre o geoturismo, Martini et al. (2012) defendem uma definição mais ampla e apontam vantagens em expandir o conceito de geoturismo para além de turismo geológico. Eles destacam que as principais vantagens são: a) o geoturismo é uma atividade econômica (quanto mais turistas, mais receita), assim os agentes de turismo podem garantir maior sucesso, sem perder o sentido de meio ambiente e sustentabilidade social; b) as pessoas têm pouca informação sobre a geologia e o número de pessoas realmente interessadas em gastar com viagens para participar de uma atividade turística relacionada com a geologia é baixa e não garante a sustentabilidade. Assim sendo, ampliando o conceito de geoturismo aumentaria o número de potenciais turistas, garantindo o sucesso econômico.

“Entre a comunidade geocientífica, o geoturismo significa o uso recreativo da geodiversidade, em associação com algum tipo de educação informal dirigida ao público em geral. A interpretação do principal caráter geológico do território é sempre o principal objetivo deste tipo de geoturismo” (MARTINI et al., 2012, p.187). Além disso, Martini et al. (2012) complementam que o gozo de viajantes por paisagens dominadas por características geológicas está longe de ser tendência recente, por isso o conceito mais amplo de geoturismo é uma ferramenta para mostrar essas relações e para sublinhar a relevância da geodiversidade no planeta e em nossas vidas, uma vez que a geodiversidade controla tudo no planeta e a maioria dos organismos vivos depende da diversidade geológica. Com isso, os turistas conhecerão lugares geológicos, mas também vão entender que a geologia/geodiversidade está intimamente relacionada com outros ativos do território, como biodiversidade, valores arqueológicos, culturais e gastronomia. A geoconservação desses ambientes depende do turismo responsável e educacional que gera benefícios econômicos suficientes para a comunidade e a identidade dos moradores das áreas em que são implementados os geoparques é valorizada, pois os residentes valorizam as características geológicas assim que as conhecem e se beneficiam delas.

O geoturismo pode ser entendido como um nicho de turismo sustentável baseado em um tripé, onde a geoconservação, a geohistória e a geointerpretação são

fundamentais e seu objetivo é geoconservar, mantendo os geossítios disponíveis por meio do desenvolvimento de produtos e serviços turísticos sustentáveis, entendendo a distinção entre espaço rural e urbano para a consolidação da prática geoturística. Ressalta-se que a geoconservação e a geointerpretação são obrigatórias ao geoturismo, dentre uma gama de elementos necessários: geoatrações, geocoleções, geodiversidade, geoeducação, patrimônio geológico, geomídia, geossítios e geoturistas (HOSE, 2012).

O autor citado pontua que as características prontamente observáveis atraem mais os geoturistas do que a complexa história geológica e que é possível levar mensagens mais complexas aos geoturistas desenvolvendo veículos apropriados para isso. Além disso, a maior mudança é a natureza do relacionamento dos modernos geoturistas de desfrute com a paisagem em comparação com os seus antecessores, ou seja, é possível qualificar o lazer dos turistas, dando maior ênfase no prazer e no lazer do que no esforço intelectual e a consciência espiritual; o que não impede de que sejam adotadas práticas geoturísticas para educá-las sobre o significado científico e cultural da geologia no passado e no presente. A definição de geoturismo para Hose, considerando a paisagem, geossítios e geomorfossítios é:

A provisão de instalações interpretativas e de serviço para geossítios e geomorfossítios e sua topografia abrangente, juntamente com seus artefatos *in situ* e *ex situ* associados, para construir constituintes para sua conservação, gerando apreciação, aprendizado e pesquisa para si e para as gerações atuais e futuras (HOSE, 2012, p. 11).

Nascimento, Ruchkys e Mantesso-Neto (2008) apontam que no Brasil existem muitos lugares de interesse geoturístico e que já são (mesmo que sem definição e elaboração de produtos turísticos) atrativos geoturísticos. A área da Chapada Diamantina possui potencial geoturístico pela constituição do relevo, sendo este o grande potencial a ser desenvolvido para área. Portanto, por meio da paisagem e do relevo, pode-se fazer com que o turista contemple e entenda “[...] os processos geológicos responsáveis pela sua formação” (NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008, p. 55) promovendo a valorização do cenário e, conseqüentemente, sua conservação.

Dessa forma, conforme Ruchkys (2007), a interpretação do patrimônio é um componente essencial do geoturismo. Os elementos turísticos relacionados ao patrimônio geológico já são o principal atrativo turístico da Chapada Diamantina e por

isso “[...] pode-se dizer que a atual atividade turística na região pode ser considerada geoturismo.” (PEREIRA et al., 2009, p. 105). No entanto, há carência de informações interpretativas a fim de sensibilizar os visitantes sobre a evolução da paisagem regional, da história da Terra e da evolução do Cráton³ São Francisco (PEREIRA et al., 2009). Pereira (2010) complementa que o “[...] potencial geoturístico da região da Chapada Diamantina ainda é um campo aberto para aprimoramentos que permitirão avanços sociais e econômicos para a região.” (p. 11). E vale ressaltar, segundo a CPRM (2017), que

[...] a atividade turística empenhada na região tem como atrativos os elementos da geodiversidade local. Deste modo, as formas de relevo esculpidas nas rochas ali existentes, incluindo as serras, cachoeiras e vales, além das trilhas e ruínas garimpeiras representam os pontos turísticos que movimentam o turismo regional e atraem um número expressivo e crescente de visitantes. Contudo, não se pode denominar esta atividade de geoturismo, já que muitos destes sítios são ainda carentes de ações educativas e/ou de valorização. Deste modo, com a criação do geoparque e instalação de infraestrutura adequada, poderá haver um incremento na atividade turística em curso (CPRM, 2017, p. 21).

Em função do acima exposto, fica evidente que o geoturismo acontece em decorrência do objeto geodiversidade (BRILHA, 2005; GRAY, 2008) e deve estar de acordo com os preceitos de Arouca (2011) que leva em consideração a busca por sustentar e valorizar a identidade do território, abrangendo a geologia, o meio ambiente, a cultura, a estética, o patrimônio e o bem-estar dos moradores do território.

Assim, como resultado da totalização (SANTOS, 2011), tem-se no geoturismo a totalidade do espaço, “[...] compreendendo em si tudo o que existe.” (GONÇALVES, 2011, p. 30), desde o natural até o ser que ali habita. Retomando, dessa forma, a *Physis*, ou seja, a natureza, que para os pré-socráticos, de acordo com Gonçalves (2011), não era dicotômica entre natureza, cultura e ser humano. Com isso pode-se pretender que as partes envolvidas nesse nicho de turismo tenham a sensação de pertencimento à natureza e à cultura. Os geoturistas seriam os turistas com esses interesses.

³ Áreas cratônicas são “partes relativamente estáveis dos continentes e que não foram envolvidas nas orogêneses do Fanerozoico” (ALKMIM, 2004, p. 18). Essas regiões da crosta da Terra, eram antigas microplacas, com diferentes dimensões e contornos geralmente elípticos, com substrato e núcleo arqueano, que receberam adições de materiais Paleoproterozoicos que podem ter experimentado deformação e metamorfismo do Arqueano ao Mesoproterozoico. Possuem cobertura do final do Paleoproterozoico até o recente. Os crátons são mais profundos na litosfera, por isso eles são isostaticamente positivos, o que se deve ao fato do cráton ser mais denso do que a área adjacente a ele que é menos densa. (ALKMIM, 2004)

Concordando com Pereira (2010), quantificar e caracterizar o perfil dos turistas que visitam os geossítios da área proposta para geoparques é fundamental para que efetivamente haja a implementação e gestão.

2.3 GEOTURISTA

Os estudos de Lourenço (2012) mostram que há a necessidade de conhecer o comportamento do consumidor para adaptar os roteiros disponibilizados à sua preferência. “Adaptar as estratégias de *marketing* às preferências dos consumidores, pode ser uma vantagem competitiva em relação à concorrência.” e “[...] o consumidor, de uma forma geral, tem um comportamento perante o consumo que é possível determinar para adequar as estratégias de *marketing* a esse comportamento” (p. 28-29). Castro et al. (2017) contribuem nesse sentido, ao afirmar que conhecer o perfil do turista contribui para nortear ações de planejamento e gestão, permitindo saber quais atividades servem para cada demanda de turista. Sendo assim, para conhecer o perfil do geoturista, Nascimento; Ruchkys e Mantesso-Neto (2008) complementam que para praticar o geoturismo há a necessidade de que o turista interprete o patrimônio que está visitando. Para conhecer esse perfil de consumidor diversas pesquisas que tentaram definir e descrever o perfil do geoturista de acordo com o que será tratado a seguir.

Os geoturistas britânicos geralmente são casuais, poucos são competentes em ciência da Terra (HOSE, 1995). Assim, os usuários de atrações específicas do patrimônio geológico tendem a estar acima da média nacional educacional e tem algum interesse particular no assunto, desconhecem a importância do patrimônio geológico, possuem mais de 30 anos de idade e viajam em casais ou pequenos grupos familiares com filhos crianças. Satisfazer as necessidades educacionais percebidas nas crianças motiva os adultos a serem usuários. Considerando os painéis de interpretação do patrimônio da ciência da Terra, estes são vistos, geralmente por cerca de um minuto, por no máximo cerca de um quarto dos usuários potenciais. São menos usados quando estão em concorrência com outros assuntos, funcionam melhor quando se usam "imagens de palavras", termos técnicos limitados, enredo focalizado e ilustrações simples e arrojadas. Sobre os produtos turísticos, poucos usuários compram, mesmo quando prontamente disponíveis e de baixo custo, as publicações do patrimônio geológico, já os *souvenirs* para colecionar e lembranças são

mais populares. Hose (1999) separa o interesse e as aptidões dos geoturistas em grupos, analisando ainda que há diferença ao compará-los com animais.

Hose (2000) analisa que há a diferença entre os geoturistas especializados e os geoturistas ocasionais. Os geoturistas especializados seriam os “[...] indivíduos que selecionam intencionalmente visitas a lugares e exposições de interesse geológico e geomorfológico com o objetivo de sua educação pessoal, melhora intelectual e desfrute.” (p. 147) e os Geoturistas ocasionais seriam os “[...] indivíduos que visitam lugares e exposições de interesse geológico com o objetivo fundamental de prazer pessoal e alguma estimulação intelectual limitada.” (p. 147).

No mesmo documento que define o conceito de geoturismo, no ano de 2002, a *National Geographic* em associação com a *Travel Industry Association of America* realizaram um estudo sobre o perfil dos turistas estadunidenses e como resultado obtiveram oito perfis de turistas, sendo três deles os geoturistas. De acordo com Stueve, Cook e Drew (2002) os três tipos de grupos de geoturistas ou turistas sustentáveis variam em faixa de idade sendo em parte jovens e em parte mais antigos, possuem ensino superior, renda elevada, são viajantes frequentes e ambientalmente conscientes, estão em idade ativa e trabalhando, 40% possuem filhos menores de 18 anos, apresentam fortes preferências pelos aspectos culturais e sociais da viagem e a maioria vive em áreas urbanas. Os tópicos abrangidos foram:

Atitudes sobre viagens de prazer/férias fora de suas áreas locais; preferências para tipos específicos de viagens de lazer; importância dos diferentes aspectos das viagens de lazer; atividades domésticas, de lazer ou cívicas em casa ou dentro de sua área local; atitudes relacionadas à cultura, patrimônio ou meio ambiente e atitudes em relação ao turismo no que se refere à sua área local (STUEVE; COOK; DREW, 2002, p. 01-02).

Buckley (2003) diz que o geoturista escolhe o lugar que vai visitar e viaja para ver o cenário particular, a vida selvagem, experimentar cultura local específica e praticar esportes como escalada e caiaque.

Kim et al. (2008) realizaram um estudo para conhecer as características dos turistas, motivações para visitar e a segmentação de seus comportamentos em cavernas na Coreia do Sul. O geoturismo apareceu como alternativa econômica ao declínio da exploração de carvão. Os objetivos do estudo eram três: identificar as características dos turistas das cavernas, incluindo sua motivação, satisfação, percepção do valor dos recursos do turismo nas cavernas, percepção das crenças

sobre os recursos do turismo nas cavernas, preferência por produtos de turismo nas cavernas, seu nível de satisfação com o turismo nas cavernas e sua intenção de visitar. O segundo objetivo consistia em identificar as dimensões subjacentes da motivação para realizar visitas de turismo em cavernas e o terceiro, usando as dimensões motivacionais identificadas, o estudo visou encontrar agrupamentos e identificar as relações entre esses agrupamentos e as características das variáveis sociodemográficas.

A partir dos objetivos acima, foram criados quatro clusters com base na análise fatorial da motivação. O cluster 1 foi denominado de “busca de fuga”, o cluster 2 de “busca de conhecimento e novidades”, o cluster 3 de “busca de novidades” e o cluster 4 de “socialização”. Conclui-se que os clusters 2 e 3 são os que tem os resultados mais satisfatórios para a crença no valor dos recursos do turismo de caverna, a crença sobre os recursos do turismo de caverna e com a satisfação pelo passeio na caverna. Além disso, são homens e mulheres, casados, na faixa etária entre os 20 e 30 anos, estudantes ou graduados, profissionais e com boa renda (KIM et al., 2008).

Robinson (2008) analisou a pesquisa de mercado realizada entre duas instituições, uma privada e a outra universitária, por meio de questionário, envolvendo a Sociedade Australiana de Geologia, para determinar o interesse dos sujeitos da Sociedade Australiana de Geologia em realizar viagens relacionadas ao geoturismo⁴. Os objetivos são responder as seguintes questões:

Quem são os viajantes potenciais (os “geoturistas”) e quais são as suas características demográficas?; Quais são seus interesses potenciais no Geoturismo na Austrália e em todo o mundo?; Quais são as intenções para suas visitas?; e Quanto provável será se comprometer com um roteiro geoturístico dentro de dois anos? (ROBINSON, 2008, p. 05).

Robinson (2008) destaca que aos entrevistados foram solicitados a indicar seu nível de concordância com o objetivo de visitar um lugar geoturístico, declarando suas opiniões classificadas sobre vários propósitos oferecidos. Sendo assim, os turistas consideram como aspectos muito importantes nas suas experiências de viagem: aumentar seu conhecimento de sítios geológicos e formas de relevo; viajar para satisfazer sua curiosidade, para ter uma experiência memorável, para obter estimulação intelectual e preferem destinos que oferecem um pacote exclusivo de

⁴ “[...] o Geoturismo tem um grande potencial como um novo produto do ecoturismo.” (ROBINSON, 2008, p. 04).

recursos e atrações (ecologia, geologia, cultura e história). Os aspectos pouco importantes seriam: experimentar um estilo de vida diferente; descansar/relaxar; ser ousado e aventureiro; ser capaz de compartilhar suas experiências de viagem depois de voltar para casa e ir a destinos que oferecem uma grande variedade de eventos e atrações culturais/artísticas.

Robinson (2008) constatou, também, que 72% dos inquiridos enquadravam-se entre 45 e 70 anos e eram homens, 96% dos entrevistados tinham nível de ensino de primeiro ou segundo grau, necessidades e desejos sociais e estima diferentes. Além de uma boa renda bruta, o que possibilitaria pagar viagens para sítios de geoturismo na Austrália e no exterior. Os entrevistados preferiam viajar para um geossítio australiano e estrangeiro de forma independente em vez de fazer excursões em grupo, embora existam respostas diferentes, dependendo da idade e do tipo de destino. Além disso, os propósitos mais importantes para viagens seriam o aumento do conhecimento de sítios geológicos e formas terrestres; satisfazer a curiosidade; ter uma experiência memorável; obter estímulo intelectual; e visitar destinos que oferecem um conjunto único de recursos, como ecologia, experiência de diferentes culturas e história, satisfazendo sua curiosidade. As entrevistadas atribuem um nível mais alto de importância aos destinos visitados, oferecendo um pacote exclusivo desses recursos assim como saborear bons alimentos e vinhos.

Desdobrando o estudo realizado por Robinson (2008), Mao, Robinson e Dowling (2009) também realizam uma pesquisa com a Sociedade Australiana de Geologia para definir o perfil do geoturista. Com o objetivo de “[...] explorar um potencial mercado de geocientistas para testar seu interesse em participar de produtos de geoturismo comercial como meio de desenvolver oportunidades de geoturismo em nicho na Austrália” (p. 01), concluíram que os geoturistas preferem viajar sozinhos, sem excursões ou passeios organizados e a maioria deseja aumentar seu conhecimento sobre sítios geológicos e formas de relevo.

Dowling (2011) diz que definir o geoturismo é mais fácil do que definir quem é o geoturista e aponta um espectro de geoturistas a partir do estudo realizado por Grant (2010 apud DOWLING, 2011), onde há cinco níveis que variam desde os geoexpertos até os visitantes em geral que não tem consciência sobre o que estão visitando.

Hurtado, Dowling e Sanders (2013) adaptaram a tipologia de turistas do turismo cultural para os geoturistas, criando um espectro de cinco tipos de geoturistas. A pesquisa foi realizada com 119 respondentes baseada na experiência e satisfação

dos turistas ao visitar uma caverna na Austrália. Allan, Dowling e Sanders (2015) realizaram outro estudo no mesmo atrativo, a Caverna Cristal, para definir o perfil dos geoturistas a partir de suas motivações e concluíram que as principais motivações eram o relaxamento, a fuga da vida agitada, a sensação de admiração e para ganhar conhecimento.

Božić e Tomić (2015) definiram o perfil de geoturistas puros (dedicados) e geoturistas gerais (acidentais) que visitam cânions e desfiladeiros na Sérvia. Ao aplicar um modelo de avaliação de geossítios, o especialista o avalia e considera a opinião do turista sobre a importância de cada indicador e quais geossítios eles escolheriam visitar. Concluem que os geoturistas puros preferem infraestrutura turística básica, enquanto os gerais preferem conforto.

No Brasil, as pesquisas sobre os geoturistas são mais recentes e buscam caracterizar o perfil do geoturista relacionando com a motivação e o interesse no conhecimento dos “geo’s” (patrimônio geológico, geoturismo e geoparque), sendo três estudos sobre o perfil do geoturista que apontam características para o território brasileiro, ambos em parques estaduais que fazem parte de uma proposta de geoparque. Fonseca Filho e Ribeiro (2016) afirmam que a hospitalidade, os transportes, as políticas públicas, o agenciamento, a hotelaria, os alimentos e as bebidas, bem como os atrativos turísticos são os muitos aspectos envolvidos no turismo. Sendo assim, o turismo é uma atividade complexa e por isso recebeu segmentações para se compreender a identidade da oferta e as especificidades e variáveis da demanda. Para tanto, conhecer o perfil do turista é fundamental.

Para Fonseca Filho e Ribeiro (2016) o objetivo é identificar os potenciais geoturistas existentes no parque, classificando-os em três níveis: nos dois primeiros níveis estão, respectivamente, os visitantes casuais e curiosos e no terceiro nível se encontram os que decidiram visitar conscientemente o parque. Eles concluem que o geoturismo, no Parque Estadual da Serra do Rola-Moça-MG, não é um segmento consolidado nesse parque, sendo possível que haja geoturistas praticando o geoturismo inconscientemente, assim como é possível que existam potenciais turistas para a prática e esclarecem que o geoturista aprecia as características geológicas e feições assim como adquire conhecimentos sobre o patrimônio.

No Parque Estadual do Itacolomi-MG os visitantes foram entrevistados com a finalidade de apresentar resultados sobre a “[...] procedência, permanência no município, transporte, acompanhamento, informação, meio de hospedagem,

motivação, atrativos, satisfação, ineditibilidade e retornabilidade.” (FONSECA FILHO; MOREIRA, 2017, p. 4) considerando que “O atrativo precisa ser condizente com seu visitante, assim como o empresário com seu cliente.” (FONSECA FILHO; MOREIRA, 2017, p. 6), mas muitos gestores não conhecem seus clientes. Quanto a afinidade com o geoturismo, o perfil do turista, segundo os autores citados é:

[...] motivado geologicamente; não tem conhecimentos geológicos; se procura informação geológica é na internet e boca a boca; acredita que a geologia é relevante para a compreensão da paisagem; sabe o que é patrimônio geológico e entende o patrimônio geológico como associado à geologia e proteção; considera o patrimônio geológico importante para preservar e conservar; alega a perda de atratividade da paisagem pela degradação do patrimônio geológico devido à percepção estética; tem interesse em conhecer melhor o patrimônio geológico, em especial formações rochosas, relevo, biodiversidade e solos; não sabe o que é geoturismo; acredita na conservação do parque pelo geoturismo; não sabe o que é geoparque; os que sabem o que é, o associam a proteção e geologia; acreditam que o geoparque traz benefícios para a comunidade, em especial com fins de ensino e de pesquisa; e não sabe que o PEIT está na proposta de Geoparque do Quadrilátero Ferrífero (FONSECA FILHO; MOREIRA, 2017, p.14).

No Parque Nacional da Serra do Cipó-MG, Fonseca Filho et al. (2018) realizaram um estudo com o objetivo de definir se a demanda era de geoturistas. A pesquisa possui uma amostra de 50 visitantes e foi realizada em 2014 num período de quatro dias. Ao correlacionar o conhecimento sobre os “geo’s” dos visitantes concluem que os turistas que conhecem os conceitos sobre Patrimônio Geológico, Geoturismo e Geoparques são considerados geoturistas típicos (4%) e os que já ouviram falar são considerados geoturistas acidentais (34%) com potencial para se tornar consciente. Assim o geoturismo é um nicho, visto que o turista do PARNA Serra do Cipó-MG tem um comportamento autêntico de geoturista pois busca cachoeiras que são geossítios geomorfológicos. Entretanto visa mais contemplação do que interpretação e entendimento, logo esse turista é um “ecoturista por segmentação, mas geoturista por nicho de mercado” (FONSECA FILHO et al., 2018, p. 534). Deve-se ressaltar que como características os turistas

[...] não buscam a geologia do parque, sendo as principais motivações “cachoeiras” e “contemplação da natureza”; acreditam que o conhecimento da geologia auxilia na compreensão da paisagem; relacionam o patrimônio geológico à rochas e relevo e que sua importância se deve à vida na terra, que sua degradação diminui a atratividade da paisagem e têm interesse em conhecer mais, em especial a geologia e a geomorfologia; não sabem o que é geoturismo e destes acreditam que o parque pode ser conservado por meio do geoturismo; não sabem o que é um geoparque mas o correlacionam à

proteção do patrimônio geológico e consideram que os benefícios do geoparque incluem preservação, pesquisa científica e educação (FONSECA FILHO et al., 2018, p. 520).

Vasiljević et. al (2018) criam uma escala para definir o perfil dos geoturistas baseada nos seus hábitos, atitudes e comportamentos relacionados à natureza e a viagens. Eschiletti, Rodrigues e Lanzer (2019) apontam sinalizadores para o perfil do geoturista relacionando atitudes, comportamentos, importância, preferência de viagem, motivação e o interesse no conhecimento dos “geo’s”.

Hose (2012), de forma geral, pontua que as características prontamente observáveis atraem mais os geoturistas do que a complexa história geológica, e que é possível levar mensagens mais complexas aos geoturistas desenvolvendo formas apropriadas de comunicar o conhecimento “geo”. Além disso, a maior mudança desejada com o geoturismo e nos geoturistas é a natureza do relacionamento dos modernos geoturistas de desfrute com a paisagem em comparação com os seus antecessores, ou seja, é possível qualificar o lazer dos turistas, dando maior ênfase no prazer e no lazer do que no esforço intelectual e a consciência espiritual; o que não impede de que sejam adotadas práticas geoturísticas para educá-los sobre o significado científico e cultural da geologia no passado e no presente. Essas práticas geoturísticas, devem buscar harmonizar as relações no espaço turístico e para tanto, como sugere Arouca (2011), deve valorizar a identidade local e o bem-estar dos moradores. Essas características compõem a estrutura de um geoparque, local de excelência para a ocorrência do geoturismo e de destinos para os geoturistas.

2.4 GEOPARQUE

O conceito de geoparque surge a partir da evolução das iniciativas de conservação do patrimônio cultural e natural, em uma proposta onde o patrimônio geológico, de acordo com Brilha (2005), é considerado pelo viés do patrimônio natural, potencialmente turístico e, conseqüentemente, econômico, podendo a partir do turismo e da educação contar a história do Planeta Terra em diferentes lugares do mundo. A iniciativa para a formação de uma Rede de Geoparques data, oficialmente, dos anos 2000, quando no continente europeu quatro territórios - a Reserva Geológica de Haute-Provence, na França; a Floresta Petrificada de Lesvos, na Grécia; o Geoparque Vulkaneifel, na Alemanha; e o Geoparque do Maestrazgo, na Espanha -

se reuniram para formar a Rede Europeia de Geoparques. Em 2004, em Paris, foi criada, a Rede Global de Geoparques⁵ (RGG) reunindo 17 geoparques europeus e oito chineses, de acordo com os regulamentos da UNESCO (CPRM, 2020a). A UNESCO passa a colaborar com a Rede Europeia de Geoparques em 2005, incentivando a cooperação entre os Geoparques membros da Rede, “[...] especialmente nos domínios da educação, gestão, turismo, desenvolvimento sustentável, ordenamento territorial e estimula a formação de redes regionais como a Rede Europeia.” (MODICA, 2009, p. 23). Em abril de 2019, a rede passou a ser composta por 147 Geoparques distribuídos em 41 países membros (UNESCO, 2020).

Diretrizes Operacionais para os Geoparques Nacionais foram elaboradas pela UNESCO em 2004. O documento tem quatro artigos, subdivididos em itens, que versam sobre: os critérios para o reconhecimento de um Geoparque; os procedimentos de nomeação; critérios para assistência da ONU; e diretrizes para relatórios e revisão periódica do reconhecimento. Além disso, o documento considera que, nacionalmente, essa área já funcione de fato com um Geoparque, para que posteriormente ganhe o selo de reconhecimento da UNESCO. Entre os itens, está compreendido que para ser um geoparque é necessário que haja um território com limites bem definidos e uma área suficiente para atender ao desenvolvimento econômico local, promover territórios ou parques naturais com características geológicas especiais apresentando patrimônio geológico de valor internacional (UNESCO, 2004) e é nesses territórios que o geoturismo acontece por excelência. Território pressupõem poder (HAESBAERT, 2007), sendo assim, emerge a necessidade de compreensão do que significa “território” e “poder”. As relações de poder para a definição geográfica de Haesbaert (2007) apresentam duas dimensões, a material-concreta e a simbólica. Sendo assim a definição de território se dá

[...] a partir da concepção de espaço como um híbrido – híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e "idealidade", numa complexa interação tempo-espaço, como nos induzem a pensar geógrafos como Jean Gottman e Milton Santos, na indissociação entre movimento e (relativa) estabilidade - recebam estes os nomes de fixos e fluxos, circulação e "iconografias" [na acepção de Jean Gottman], ou o que melhor nos aprouver. [...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material

⁵ Global Geoparks Network (GGN). Neste trabalho o termo “geoparques” será traduzido, porém quando um geoparque recebe a chancela da UNESCO, a mesma não reconhece a língua portuguesa como integrante da rede, então o território passa a ter a nomenclatura “Geopark”. Essa situação no presente ano está sendo debatida para que a idioma passe a ser reconhecido pela UNESCO.

das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2007, p, 27).

A implantação de um geoparque deve seguir legislação ou regulamentação nacional, considerando a estrutura legal para o seu corpo gerencial, ferramentas de financiamento e apoio logístico, visando a preservação de exemplos significativos do patrimônio geológico, promovendo assim uma relação equilibrada entre a humanidade e a Terra, aumentando a consciência pública e o respeito do valor do Planeta e melhorando a compreensão da crosta terrestre e a capacidade de usá-la sabiamente (UNESCO, 2004). Como não há, na legislação brasileira amparo jurídico para os geoparques, se faz necessário que em sua área haja Unidades de Conservação que protejam o patrimônio existente. De acordo com a Rede Mundial de Geoparques da UNESCO (UNESCO, 2015), um geoparque representa uma área geográfica contígua, onde o patrimônio geológico faz parte de um conceito holístico de proteção, educação, pesquisa e desenvolvimento sustentável. Dentre os oito critérios para os Geoparks Globais da UNESCO dois pontuam a complexidade e a quanto holística é a integração e articulação do patrimônio e da comunidade no território:

(ii) Os Geoparques Globais da UNESCO devem usar esse patrimônio, em conexão com todos os outros aspectos do patrimônio natural e cultural da região, para promover a conscientização sobre os principais problemas que a sociedade enfrenta no contexto do planeta dinâmico em que vivemos, incluindo, entre outros, o aumento do conhecimento e compreensão de: geoprocessos; riscos geográficos; das Alterações Climáticas; a necessidade do uso sustentável dos recursos naturais da Terra; a evolução da vida e o empoderamento dos povos indígenas. (v) Os Geoparques Globais da UNESCO devem envolver ativamente as comunidades locais e os povos indígenas como principais partes interessadas no Geoparque. Em parceria com as comunidades locais, é necessário elaborar e implementar um plano de co-gerenciamento que atenda às necessidades sociais e econômicas das populações locais, proteja a paisagem em que vivem e conserve sua identidade cultural. Recomenda-se que todos os atores e autoridades locais e regionais relevantes sejam representados na gestão de um geoparque global da UNESCO. Sistemas de conhecimento, práticas e gestão locais e indígenas devem ser incluídos, juntamente com a ciência, no planejamento e gerenciamento da área (UNESCO, 2015, p. 8).

Dentro do Programa Internacional de Geociências e Geoparques (IGGP) os Geoparques Globais da UNESCO são o mecanismo de cooperação internacional. Áreas de patrimônio geológico de valor internacional, por meio de uma abordagem *bottom-up*, visam conservar esse patrimônio, contando com uma rede de cooperação para incentivar o envolvimento das comunidades locais, promovendo a

conscientização sobre esse patrimônio. A abordagem sustentável é utilizada para o desenvolvimento da área que possui uma forma de gestão própria (UNESCO, 2015).

Um projeto de geoparque anda lado a lado com o desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2015), relacionando-se diretamente com a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento em Nosso Futuro Comum, criada em 1987 e assim contribuindo para a Agenda 21 e para a Convenção 1972 (Proteção do Patrimônio Cultural e Natural) (UNESCO, 2004). Recentemente, a UNESCO elaborou uma nova Agenda, onde reviu os objetivos para o desenvolvimento sustentável. A Agenda 2030 (ONUBR, 2018) possui 17 objetivos para a promoção do desenvolvimento sustentável que são relacionados diretamente com parte do que se propõem em um geoparque, em função do potencial de interação entre desenvolvimento econômico e conservação do meio ambiente e a sociedade. Os Geoparques podem se relacionar com todos os objetivos.

No Brasil, as propostas de geoparques compõem uma nova iniciativa para a proteção do patrimônio geológico, relacionando características histórico-culturais e da biota. Em 2006, o *Geopark* Araripe foi reconhecido e é o único Geoparque no Brasil integrante à RGG. Vinculado ao Serviço Geológico do Brasil - CPRM existem várias propostas que integram o Projeto Geoparques⁶, algumas delas estão em processo bastante avançado de organização e inventariação do patrimônio, como por exemplo o geoparque Seridó-RN, Caminhos dos Cânions do Sul-RS/SC, Corumbataí-SP, Morro do Chapéu-BA, Costões e Lagunas-RJ. Uma dessas propostas é a do Geoparque Serra do Sincorá-BA, onde se deu o recorte espacial deste estudo.

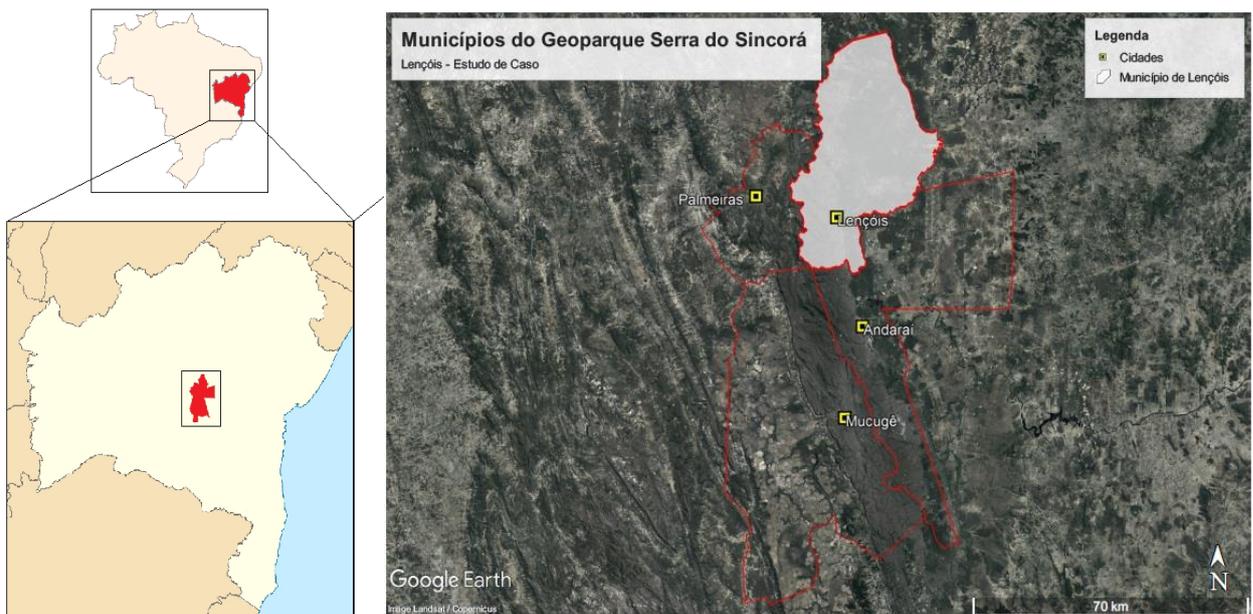
2.5 CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO DO PROJETO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ-BA

A área proposta para o Geoparque Serra do Sincorá (41°69'-40°69'O e 12°14'-13°42'S) localiza-se na zona térmica intertropical, porção central do estado da Bahia, “no setor centro-sudeste da Chapada Diamantina” (CPRM, 2017, p.12). A área pretendida se limita com o contorno dos municípios baianos de Andaraí, Lençóis,

⁶ O Projeto Geoparques do Brasil surgiu em 2006, havendo dois livros publicados com diversas propostas abarcadas pela CPRM. Hoje são aproximadamente 25 propostas.

Mucugê e Palmeiras com seus distritos⁷ (Figura 1). São 6.313 km² que ocupam 10% do território da Bahia, abrigando as nascentes do Rio Paraguaçu, que abastece Salvador, e as nascentes dos afluentes da margem direita do São Francisco (PEREIRA, 2016).

Figura 1 - Localização dos municípios integrantes do território do futuro Geoparque Serra do Sincorá-BA, Bahia.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Nessa extensa área se encontram sete Unidades de Conservação (UCs) sendo a maior delas o Parque Nacional da Chapada Diamantina, estando quase que totalmente inserido dentro dos limites da proposta para o geoparque. A Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara (APA) também contribui com parte significativa de sua área dentro do projeto. As demais UCs são o Parque Municipal de Mucugê, que possui o Projeto Sempre Viva; o Parque Municipal do Riachinho, no distrito de Caeté-Açu ou Vale do Capão em Palmeiras; o Parque Municipal de Lençóis (ou da Muritiba); o Parque Municipal do Pai Inácio, em Palmeiras e o Parque Urbano de Preservação Histórico Ambiental e de Lazer de Igatu, distrito de Andaraí.

Em função da especificidade da área quanto aos seus atributos geológicos, cênicos e históricos foi proposto um projeto de Geoparque. Em função de tal

⁷ Distritos de Lençóis-BA são Coronel Octaviano Alves, também conhecido por Tanquinho, onde está o aeroporto e Afrânio Peixoto. Igatu (de Andaraí-BA), Guiné (de Mucugê-BA), Caeté-Açu (ou Vale do Capão) de Palmeiras-BA.

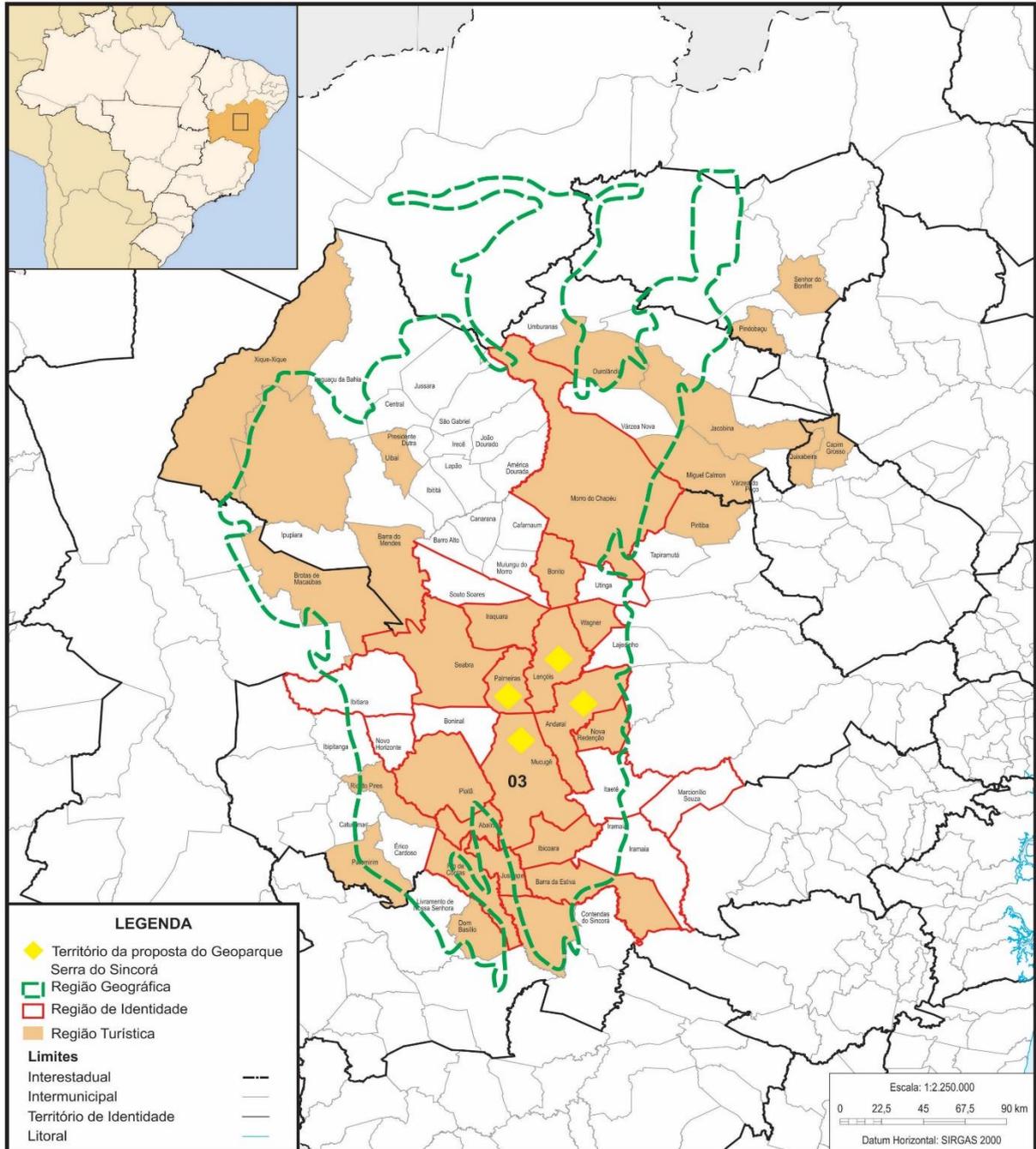
diversidade de atributos constituintes do espaço, desenvolveu-se uma infraestrutura turística diferente em cada município do território que apresenta características socioeconômicas distintas.

Para a descrição e análise dessa proposta inserida na Chapada Diamantina, propõem-se aqui uma perspectiva associativa entre região e território, considerando Haesbaert (2010). Será compreendido que o Geoparque Serra do Sincorá é um território, inserido na região Chapada Diamantina. A cidade de Lençóis está integrada a ambas áreas, sendo responsável por receber grande quantidade de turistas e emitir aos outros três municípios (ESCHILETTI; LANZER, 2019). Por isso, faz-se necessário, ao esclarecer sobre a distinção entre os dois conceitos apontando que “[...] território tem seu foco principal no campo das práticas e nas práticas [...] de poder, a região tem seu foco mais amplo, nos processos gerais de articulação, diferenciação e ‘recortamento’ do espaço [...]” (HAESBAERT, 2010, p. 178). Essa delimitação tem como objetivo entender que região e território estão integrados e articulados. Sendo assim, o governo do Estado, a(s) governança(s), as secretarias de Turismo das prefeituras e agentes privados deveriam pensar em práticas e ações para o turismo com conhecimento sobre as relações de poder que exercem sobre o recorte do espaço, trabalhando de forma integrada e articulada (HAESBAERT, 2010).

Há de se registrar que a Chapada Diamantina possui três formas diferentes de compreensão em função do significado do seu nome: uma como território de identidade da Bahia, definido pelo governo local, sobre o sentimento de pertencimento da população local (BAHIA, 2010); outra como região geográfica que considera a formação geológica e geomorfológica (PEREIRA, 2010) e outra, definida pelo Ministério do Turismo, como região turística⁸ (MTUR, 2016) (Figura 2). Considerando um olhar holístico para a área do futuro Geoparque, o projeto do Geoparque Serra do Sincorá está compreendido dentro dos três significados.

⁸ A Bahia, de acordo a regionalização proposta pelo Ministério do Turismo, possui 13 regiões turísticas e uma é a Chapada Diamantina, composta por 34 municípios (MTur, 2016).

Figura 2 - Sobreposição das regiões da Chapada Diamantina e o território da proposta do Geoparque Serra do Sincorá, BA.



Fonte: elaborada a partir de MTur (2016), Pereira (2010) e SEI (2016).

Entende-se que o desenvolvimento do turismo é de suma importância para este território; o desenvolvimento social e econômico associado à identidade da comunidade local, sem desconsiderar sua história, faz parte da composição conceitual de um Geoparque, além disso é necessário que as características geológicas e geomorfológicas sejam relevantes (UNESCO, 2015).

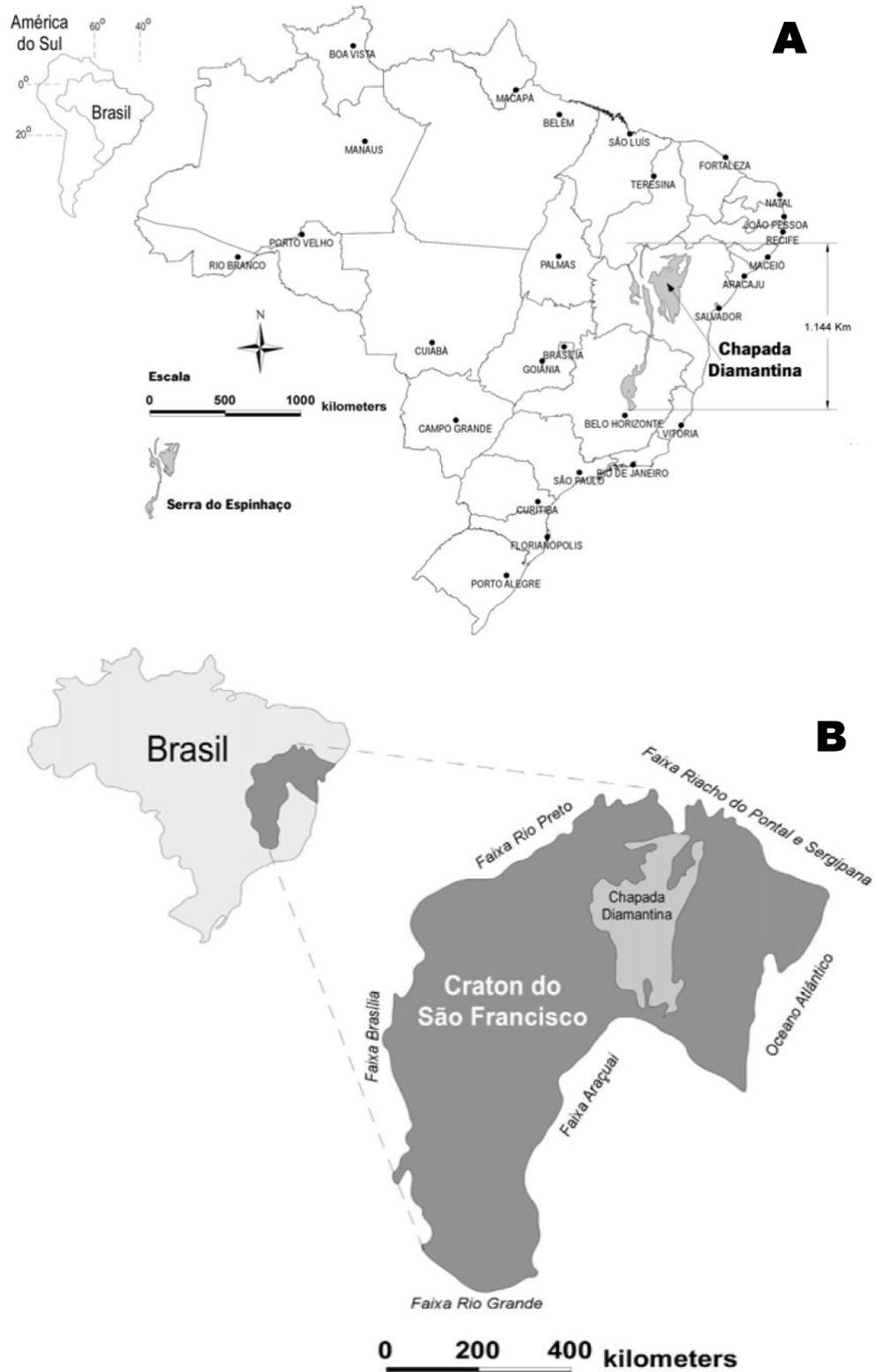
2.5.1 Geodiversidade

A Serra do Espinhaço é uma feição com grande importância geológica para a região leste brasileira, representando 8% da área territorial e estendendo-se por mais de 1.000 km desde o sul de Minas Gerais até o norte da Bahia. A Chapada Diamantina “representa a extremidade Norte da Serra do Espinhaço” (PEREIRA, 2010, p. 5). Pereira (2010) pontua que a Chapada Diamantina e a Serra do Espinhaço estão inseridas no Cráton São Francisco (Figura 3), porção do território brasileiro muito antiga que se consolidou desde o começo da história geológica do planeta. Sendo assim, a feição mais importante do território do futuro Geoparque é a Serra do Sincorá “[...] está localizada na borda centro-oriental da Chapada Diamantina.” (PEDREIRA, 2002), dando nome ao projeto e englobando a porção setentrional da Serra do Espinhaço.

A grande extensão da região apresenta um ambiente conhecido pelas belas paisagens, vales encaixados em relevo que oscila de plano a ondulado, com morros que alcançam altitude elevada (OLIVEIRA, 2008). A altitude ultrapassa os 1.200m (PEDREIRA, 2002) e chega aos 1.620 m na Serra do Sincorá (PEREIRA, 2010).

A área da Chapada Diamantina ocupa cerca de 10% da área de ocorrência das sequências sedimentares e metassedimentares (com baixo grau de metamorfismo) do país. Essas rochas têm idade Proterozoica e ilustram a sucessão de ambientes e a evolução da paisagem na Plataforma Sul-americana desde o Éon Proterozoico (PEREIRA, 2010, p.5). De acordo com Cezar e Camargo (2016), a formação geológica das rochas que deram início à área da Chapada Diamantina data de aproximadamente 1,7 bilhão de anos, quando nessa porção do território brasileiro havia um mar chamado Mar Espinhaço, área que se transformou no Deserto Tombador, e novamente mar, dessa vez chamado de Mar Caboclo. A formação do Mar Espinhaço apresenta relação com a formação da Chapada Diamantina (FUNCH, 2002) e a estratigrafia apresentada em Pereira (2010) compõem o Supergrupo Espinhaço, sendo denominado grupo Paraguaçu para esta característica.

Figura 3 - Localização da Serra do Espinhaço e da Chapada Diamantina no Brasil (A) e Localização do Cráton São Francisco e da Chapada Diamantina enquanto região geográfica (B).



Fonte: Pereira (2010).

Pereira (2010) descreve que as formações desse grupo são Ouricuri do Ouro, Formação Mangabeira e Formação Guiné. Os ambientes de sedimentação variavam de leque aluvial, desértico e fluvial a deltaico, respectivamente. As rochas da Formação Guiné podem ser visualizadas na base do Pai Inácio, importante atrativo turístico da área da proposta do Geoparque Serra do Sincorá e geossítio de relevância internacional, fazendo contato com os arenitos da Formação Tombador. O grupo Chapada Diamantina, ainda dentro do Supergrupo Espinhaço, possui as formações Tombador, Caboclo e Morro do Chapéu. Os ambientes de sedimentação do Mesoproterozoico do Grupo Chapada Diamantina, variaram de fluvial desértico e leque aluvial, passando por um ambiente marinho e novamente ambiente fluvial desértico na Formação Morro do Chapéu. A Formação Tombador é a mais visível nos principais atrativos turísticos e geossítios. Pode ser visualizada, por exemplo, no geossítio Serrano, em Lençóis, onde se observa a rocha conglomerática totalmente exposta; no Morro do Pai Inácio e na cachoeira da Fumaça, onde há o contato entre as formações Guiné e Tombador (PEREIRA, 2010) (Quadro 2).

Quadro 2 - Estratigrafia, sistemas deposicionais e tectônica dos Supergrupos Espinhaço e São Francisco.

Estratigrafia			Interpretação	
			Ambiente Sedimentar	Ambiente Tectônico
Supergrupo São Francisco	Grupo Una	Formação Salitre	Marinho	Quiescência Tectônica
		Formação Bebedouro	Glacial	Episódios esporádicos
Supergrupo Espinhaço	Grupo Chapada Diamantina	Formação Morro do Chapéu	Fluvial desértico	Rejuvenescimento da Antefossa
		Formação Caboclo	Marinho	Quiescência Tectônica
		Formação Tombador	Fluvial desértico e leque aluvial	Implantação e Preenchimento da Antefossa
	Grupo Paraguaçu	Formação Guiné	Deltaico	Sedimentação no Interior até a Margem Continental
		Formação Mangabeira	Desértico e fluvial	
		Formação Ouricuri do Ouro	Leque aluvial	
	Grupo Rio dos Remédios	Indiviso	Desértico	

Fonte: (PEREIRA, 2010, p.79)

A vida na Terra surgiu durante o Proterozoico, quando os estromatólitos⁹, colônias de microrganismos fotossintetizantes viveram. Entretanto, há 850 milhões de anos a área passou por um longo período glacial, que perdurou por 145 milhões de anos, quando voltou mais uma vez a ser Mar, denominado de Bambuí. Nesta era, a vida que voltou a existir se desenvolveu dentro d'água, consistindo ainda nos estromatólitos. Após diversas transformações do ambiente e do paleoclima, surgiu a Serra do Espinhaço há 650 milhões de anos. Nesse período, animais com corpo mole proliferavam nos oceanos e surgiram os “[...] animais de corpo duro, conchas, trilobitas e peixes primitivos.” (CEZAR; CAMARGO, 2016, p. 30).

Encurtando a história geológica, “recentemente”, há 24.500 anos teve início mais uma glaciação. Essa era do gelo, segundo Cezar e Camargo (2016) não chegou até a região da Chapada Diamantina, mas o clima era mais úmido e as temperaturas mais amenas. Foi nessa época que a megafauna habitou a região, fato comprovado pelas ossadas encontradas quase completas em alguns pontos da Chapada. Cezar e Camargo (2016) explicam que o relevo da Chapada Diamantina nessa época era praticamente o que existe hoje.

Estratigraficamente (Apêndice 3), a área da proposta do Geoparque apresenta três grupos de sequências sedimentares que são como grandes camadas antigas que em momentos diferentes podem ter subido, afundado, dobrado e se rompido por deformação rúptil ou dúctil-rúptil posterior. As sequências sedimentares foram depositadas nas margens passivas do Cráton São Francisco. São elas: Paraguaçu, Chapada Diamantina e Una. Possuindo rochas e ambientes de formação diferentes de acordo com as épocas (Quadro 2).

Pedreira da Silva (1994) explica que a Serra do Sincorá

[...] forma uma dobra anticlinal parcialmente flanqueada a oeste por um sinclinal. As ondulações do eixo do anticlinal são representadas por janelas erosivas onde aflora a Formação Guiné (topo do Grupo Paraguaçu), como acontece em Mundo Novo, Vale dos Pati (a leste de Guiné) e no morro do Pai Inácio, ao longo da BR-242 (PEDREIRA DA SILVA, 1994, p. 06)

Toda a área do projeto do Geoparque Serra do Sincorá está em uma área cratônica. Isso significa que essa porção do território brasileiro assistiu e guarda

⁹ Estromatólitos são os vestígios de vida mais antigos da Terra. Eles se desenvolvem como um tapete de colônia de cianobactérias dependentes da energia da luz solar para se alimentar e crescer, em mares rasos e quentes (CPRM, 2020b).

muitas alterações da história do planeta, possuindo uma grande geodiversidade. Em função da sua constituição, sendo uma porção de crosta continental diferenciada desde o arqueano, além de grande capacidade de resistência mecânica à orogenia, os crátons possuem uma “notável tendência em subsidir e concentrar deformações”, por isso são como “caixas pretas” do Planeta Terra (ALKMIM, 2004, p. 21). Por esse motivo, a área do futuro Geoparque Serra do Sincorá é tão específica e necessita de geoconservação a partir de um olhar cuidadoso.

2.5.2 Biodiversidade

Em função da heterogeneidade da vegetação apontada por Teixeira e Linsker (2005), o ICMBIO (2007) esclarece que decorrente do mosaico, de vários biomas, a cobertura vegetal da área da Chapada Diamantina recebe o nome de “Complexo da Chapada Diamantina” (ICMBIO, 2007, p. 20). Como a área proposta pelo Geoparque abrange quase totalmente os limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), aqui, a partir de uma generalização, subentende-se que a cobertura vegetal do futuro Geoparque se assemelhe muito as características descritas pelo ICMBIO, sendo necessário análises posteriores para identificar outros pormenores.

Sendo assim, o Plano de Manejo do parque caracteriza que os biomas predominantes na área possuem elementos de Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga (ICMBIO, 2007). Além disso, como uma grande porção da área encontra-se acima dos 800m de altitude, há a presença dos campos rupestres e os campos gerais. Por fim, também se encontram áreas alagadas e pantanosas. As áreas pantanosas são encontradas na região do Marimbus, onde há uma Área de Proteção Ambiental e à oeste da cidade de Mucugê¹⁰ (FUNCH, 2002, p. 175).

O ICMBIO (2007), esclarece ainda que:

Sob esta denominação estão incluídas as formações xerofíticas encontradas em altitudes que variam de aproximadamente 500m a 900m, típicas do bioma **Caatinga**; formações campestres encontradas de solos rasos até os solos profundos, desde formações florestais até desprovidas de árvores com intensa cobertura de gramíneas, normalmente associadas ao bioma **Cerrado**; formações com características decíduais, semidecíduais ou mesmo perenifoliadas, associadas a solos profundos ou a cursos e corpos d’água, associadas ao bioma **Mata Atlântica**; e, finalmente, formações rupestres, que ocorrem sobre rocha exposta ou sobre litossolos, em geral acima de 1000m,

¹⁰ Os rios que compõem o “pantanal Marimbus” são os rios Santo Antônio, Utinga e São José. O pantanal a oeste de Mucugê é formado pelos meandros do Rio Paraguaçu.

mas com ocorrências em altitudes menores (por exemplo, próximo a Andaraí), conhecidos como campos rupestres, cuja classificação depende de cada autor. [...] Complementam o quadro da vegetação diversas formações transicionais entre os tipos referidos anteriormente, algumas formações similares à restingas litorâneas, normalmente encontradas sobre solos arenosos, e áreas alagadas onde predominam macrófitas aquáticas (FUNCH *et al.*, 2005 apud ICMBIO, 2007, p. 20).

A Chapada Diamantina possui uma face mais úmida, a leste, que recebe ventos que trazem umidade e conseqüentemente mais chuvas, o que possibilita o desenvolvimento da vegetação arbórea. E uma face mais seca, a oeste, onde se localiza o Planalto do Espinhaço, apresentando uma vegetação espinhenta dotada de cactáceas e bromélias com solo raso e pedregoso. Nas áreas mais úmidas, descendo as serras, encontram-se matas e brejos, enquanto nas áreas mais secas está presente a formação da Caatinga, que circunda toda a Chapada Diamantina. No topo das serras encontra-se os campos rupestres, com as sempre-vivas, muito encontradas no topo das serras próximas à cidade de Mucugê, onde também há um projeto de proteção e conservação em uma Unidade de Conservação (UC) com o mesmo nome (TEIXEIRA; LINSKER, 2005).

Figura 4 – A - Sempre-vivas endêmicas da Chapada Diamantina e B – Gerais do Rio Preto e Morro Branco do Vale do Pati.



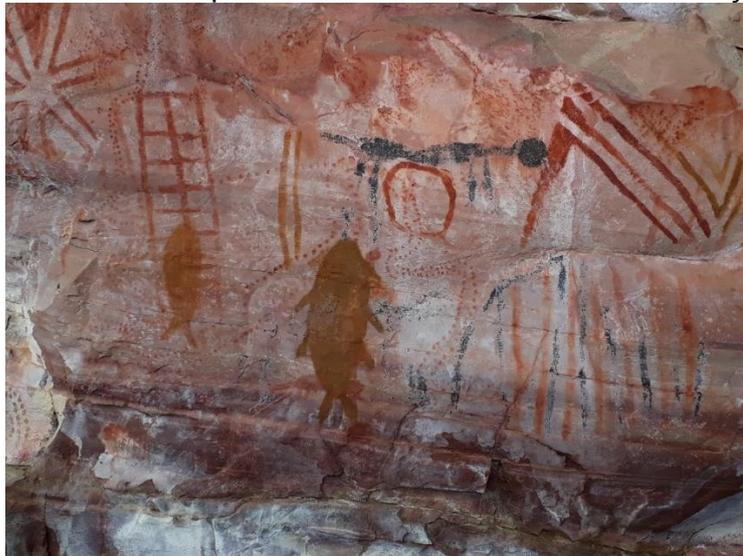
Fonte: arquivo da autora (2020).

De acordo com Funch (2002), nos campos rupestres, muitas espécies são endêmicas devido ao isolamento geográfico e a evolução para se adaptar ao ambiente. E ressalta que “[...] o campo rupestre é considerado pelos botânicos como a formação mais bonita e original de toda a Chapada Diamantina.” (FUNCH, 2002, p. 173) (Figura 4).

2.5.3 História e Cultura

Na Chapada Diamantina etnias indígenas pré-históricas habitavam o local entre 12 e 3 mil anos antes do presente. Essa presença deixou grafismos rupestres e artefatos (CEZAR; CAMARGO, 2016). A arte rupestre é encontrada nos municípios de Palmeiras, Lençóis e Mucugê e são caracterizadas por diferentes tradições pictóricas que trazem figuras zoomorfas, antropomorfas e geométricas (Figura 5). As cores variam do vermelho, preto, amarelo e branco. Esses sítios foram interpretados pela arqueologia como espaços de moradia transitória, onde eram pontos de passagem recorrentes e locais de acampamento (CPRM, 2017).

Figura 5 - Pinturas rupestres da Serra da Paridas em Lençóis-BA.



Fonte: Geoparque Serra do Sincorá (2019).

A Chapada Diamantina permaneceu habitada somente pela população indígena até meados do século XVII. Até então era espaço de diversas tribos indígenas, tais como os Payayá, Maracá, Aimoré, Topim, Tapuia e Botocudo (ICMBIO, 2007). Considera-se que “[...] a bandeira comandada pelo sertanista Belchior Dias como a principal responsável pela abertura de caminhos para o povoamento do interior da Bahia” (TEIXEIRA; LINSKER, 2005, p. 108), remontando uma história inicial de colonização de aproximadamente 350 anos. Os grandes latifúndios que existiam na face do ocidente da Chapada Diamantina eram de criação de gado, oriundos de sesmarias¹¹ ainda de acordo com os autores citados.

¹¹ Nolasco (2002) complementa que a sesmaria que englobava a região era a de Jacobina.

Teixeira e Linsker (2005) explicam que no primeiro quarto do século XVIII descobriram ouro ao norte, em Jacobina-BA, e no sul da Chapada Diamantina, dando grande impulso para a fixação de povoados. Entretanto, o ouro de aluvião, que fora proibido pela Coroa Portuguesa, durante os anos de 1703 a 1724, na Bahia, com menos de um século de exploração, entra em decadência por ter escasseado e o recolhimento do quinto¹² ter diminuído. As cidades de Rio de Contas, Santo Inácio, Gentio do Ouro, Livramento de Nossa Senhora e Piatã são cidades baianas que nasceram nesse momento da exploração das frentes do ouro¹³ (TEIXEIRA; LINSKER, 2005) dando início à colonização na Chapada Diamantina (NOLASCO, 2002).

Na primeira metade do século XIX, em 1844, os diamantes são descobertos nas margens do riacho das Cumbucas e do Rio Mucugê, dando início ao primeiro ciclo do garimpo, conduzido por migrantes vindos de Minas Gerais, de fora do Brasil e de bandeirantes paulistanos, com seu ápice em 1856. Nesse período as Lavras Diamantinas possuíam, aproximadamente, 58.800 habitantes, excluindo os negros que eram considerados objetos de posse. Com as migrações, os povoados baianos de Lençóis, Palmeiras, Mucugê, Andaraí e Igatu cresceram. O ciclo do diamante foi o principal fator de povoamento (TEIXEIRA; LINSKER, 2005). Esse ciclo teve dois momentos de baixa populacional, quando em 1859-1862 ocorreu uma severa seca seguida de cólera e, em 1867, a descoberta dos diamantes na África do Sul, trouxe a decadência do ciclo econômico nas Lavras Diamantinas acabando com a hegemonia que o Brasil detinha. Os casarios tombados remontam a esse período de apogeu da história (NOLASCO, 2002).

O povoado de Lençóis teve início às margens do Rio São José com uma expansão acelerada onde, em cada margem do rio, se estabeleceram dois núcleos primitivos, Serrano e São Félix. Os primeiros sobrados surgiram em 1847, em 1856 foi criada a Comercial Vila de Lençóis, que, em 1864, já seria elevada à categoria de cidade. A construção da ponte sobre o rio Lençóis, em 1860, foi o marco de unidade entre os núcleos (BONDUKI, 2010).

12 Conforme Teixeira e Linsker (2005) o quinto era o imposto cobrado pela Coroa Portuguesa. Ou seja, um quinto do ouro que fosse extraído deveria ser pago à Coroa. A mesma situação já procedia nas lavras de ouro de Minas Gerais.

13 A cidade de Jacobina-BA não faz parte da Chapada Diamantina, mas por fazer parte do contexto histórico de formação do espaço foi citada. Na região da cidade de Rio de Contas-BA há a proposta de outro Geoparque, com outro contexto. A cidade, assim como as demais citadas, mesmo que não façam parte da proposta de Geoparque foco desta pesquisa, fazem parte do contexto histórico, por esse motivo foram citadas e esclarecidas aqui.

Lençóis foi a capital das Lavras Diamantinas, sendo a maior produtora de diamantes do mundo entre 1845 e 1871 (IPHAN, 2014a) e no auge do período da mineração foi a terceira maior cidade da Bahia. Diferenciava-se das demais cidades de lavras por ser a maior produtora de diamantes e, além disso, suas pedras eram maiores e de maior qualidade (TEIXEIRA; LINKER, 2005).

O segundo ciclo do garimpo, por volta de 1871, mesmo com a inserção da agricultura que promoveu uma pequena diversificação da economia, se caracterizou pelo garimpo semimecanizado e a extração de carbonado¹⁴, utilizado em brocas e na construção do canal do Panamá e na Guerras Mundiais (NOLASCO, 2002). Foi também o período do domínio dos coronéis¹⁵. O ápice populacional foi em 1920, quando a população das Lavras alcançou 60.000 habitantes. Em 1932, houve outra grande seca seguida de um surto de impaludismo (malária) e nesse mesmo ano o Coronel Horácio de Matos, figura extremamente influente na região, foi assassinado, tais acontecimentos geraram emigração.

Durante o declínio do segundo ciclo do diamante, a Chapada Diamantina tornou-se palco de inúmeros conflitos pelo controle do poder político e econômico da região. Dessa forma, os senhores locais ou coronéis, donos de grandes extensões de terras “tornaram-se autoridades máximas em suas áreas de influência” (TEIXEIRA; LINKER, 2005, p. 124). O Coronelismo na Chapada Diamantina, no final do século XIX e começo do XX, teve como grande nome na cidade de Lençóis e nos municípios de sua zona de influência o Coronel Horácio de Matos. O Coronel possuía grande articulação política com o governo federal e um exército particular de jagunços que obedeciam a suas ordens, intimidando a população e comandando o poder público de acordo com seus interesses. A cidade foi dominada pelo Coronel Horácio de Matos durante a República Velha. Com a Revolução de 1930 o coronelismo “termina” na Chapada Diamantina e novas relações políticas foram estabelecidas por Getúlio Vargas.

Relacionado a esse momento histórico, durante os dois anos que a Coluna Prestes atravessou o Brasil (1925 a 1927), há a passagem do movimento, liderado por Luis Carlos Prestes, que se destacava pelas suas concepções comunistas, pela

¹⁴ O carbonado é um “[...] “agregado fino, criptocristalino de cores escuras composto essencialmente de diamante, grafite e carbono amorfo que compõem uma variedade de diamante de uso industrial.” (CPRM, 2020c).

¹⁵ Segundo Nolasco (2002) Lençóis era a cidade dos coronéis e Ipatu dos garimpeiros.

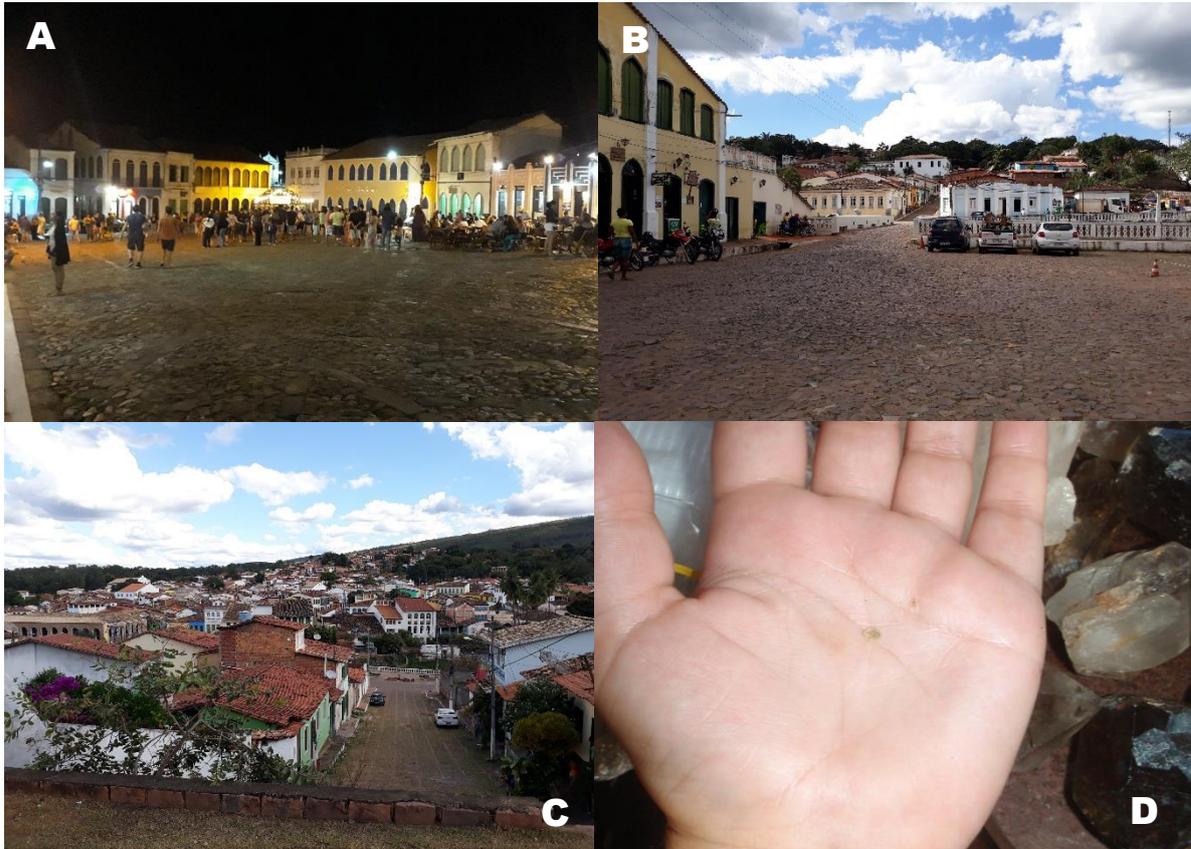
região. Eram contrários ao Governo da República Velha em função da “[...] falta de democracia, fraudes eleitorais, concentração de poder político nas mãos da elite agrária, exploração das camadas mais pobres pelos coronéis.” (SUAPESQUISA, 2018) que tinha como presidente Arthur Bernardes e foram perseguidos pelo batalhão de Horácio de Matos até a Bolívia como contam Teixeira e Linsker (2005).

Em 1961, houve a primeira iniciativa do poder público municipal para que o turismo fosse utilizado como alternativa econômica, objetivando reviver as antigas grandes chácaras e criando o conselho municipal de turismo de Lençóis. A atividade extrativista entrou em pleno declínio, em 1970, quando foi descoberto o uso do tungstênio para brocas o qual provocou a queda no preço do carbonado, tornando as cidades baianas de Mucugê, Lençóis e Igatu praticamente lugares fantasmas (NOLASCO, 2002). Andaraí manteve a maior população por ter a agricultura como atividade econômica (NOLASCO, 2002; BRITO, 2005).

A intervenção do poder público apoiou o tombamento da cidade de Lençóis em 1973, o que atraiu turistas, possibilitando em seguida, a instalação de equipamentos turísticos, como a pousada de Lençóis, atual Hotel de Lençóis, construído pelo poder público estadual para posteriormente serem repassados à iniciativa privada (BRITO, 2005; SANTOS, 2006). Devido à construção das rodovias na década de 1970, mais especificamente da BR-242, os turistas que se deslocavam de Brasília para o litoral nordestino passaram a pernoitar em Lençóis, o que aumentou o fluxo turístico. A partir disso, como faltavam leitos na cidade, os moradores passaram a ver o turismo como alternativa econômica, uma vez que alguns hospedavam turistas em suas casas. Brito (2005) ressalta que desde então Lençóis era visitada por estudantes universitários e pesquisadores, em função da diversidade biológica e geológica, técnicos do governo, aventureiros e pessoas em busca de qualidade de vida.

No ano de 1973, conforme pode ser observado na Figura 6, “[...] o conjunto arquitetônico e paisagístico de Lençóis foi tombado pelo Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.” (IPHAN, 2014a) recebendo o título de “Lençóis – Cidade Monumento Histórico Nacional” (BRITO, 2005) (Figura 6). A cidade de Mucugê (Figura 7) também tem o seu conjunto arquitetônico e paisagístico, que inclui o cemitério na encosta da colina, tombado pelo IPHAN no ano de 1980. Mucugê, de acordo com IPHAN (2014b) é uma das mais antigas cidades da Chapada Diamantina, viveu a história do ouro e do diamante.

Figura 6 - A - Praça Horácio de Matos; B- Largo das Nagôs; C - vista da cidade do Alto do Cajueiro e D- diamante (mosquito) ainda hoje encontrado.



Fonte: arquivo da autora (2020).

O terceiro ciclo do garimpo de diamantes foi marcado pela extração mineral com o uso de dragas e, simultaneamente, pela diversificação de atividades que incluíram a agricultura irrigada e principalmente o turismo em Lençóis.

A primeira draga, data de 1984, e eram previstas a extração de 1,6 milhões de quilates na região. Novamente houve migrações vindas dos estados de Goiás, Mato Grosso e Paraná. No ano seguinte foi oficialmente delimitado o Parque Nacional da Chapada Diamantina. Com isso os conflitos entre o poder econômico e o ambiente protegido tornaram-se mais intensos, pois por um lado o garimpo promovia empregos e por outro o ambiente era extremamente alterado, o que não condizia com a proposta de turismo de natureza ou ecoturismo pretendido para a região (BRITO, 2005).

Figura 7 – Mucugê e Igatu, Bahia. A - Praça do Coreto em Mucugê; B - Cemitério Santa Izabel (ou Bizantino) em Mucugê; C - vista de Igatu e D- Ruínas em Igatu.



Fonte: A – IPHAN (2015); B – arquivo da autora (2020); C e D – GUIACHAPADADIAMANTINA (2019).

Embora as riquezas não ficassem na área, pois os diamantes iam para Amsterdam, havia a geração de postos de trabalho. Entretanto, a existência do Parque Nacional proibia a atividade extrativista, pois os garimpos irregulares, buscando novas áreas de extração, poderiam adentrar nos limites de proteção do Parque. Por isso, na década de 1990, ecoando os resultados da Eco-92, as pressões para que os garimpos fossem interditados surtiram efeito. Mas, a proibição drástica do funcionamento aconteceu em 1994, sendo de fato cumprida em 1996, quando a polícia federal interveio, acabando com o garimpo de draga, de rio e de barranco (NOLASCO, 2002).

Até 1998 o garimpo de serra ainda se fazia presente até a polícia federal realizar mais uma intervenção. Moradores contam que muitos conhecidos foram presos e levados algemados pela polícia. Conseqüentemente, surgiram problemas econômicos e sociais como o desemprego, diminuição nas vendas de consumo direto das cidades, convergindo para uma política assistencialista de cestas básicas. Dois problemas foram gerados a partir disso. Os garimpeiros encontravam-se

marginalizados e os proprietários dos meios de produção aproveitaram a mão-de-obra excedente para pagar o preço que queriam pelo seu trabalho, principalmente destinado à construção civil, mas também para o turismo. Além disso, como fonte alternativa de renda, em Igatu-BA e Mucugê, passam a ser coletadas as sempre-vivas, espécie vegetal endêmica da Chapada Diamantina que entrou em processo de extinção, levando a criação do Parque Municipal de Mucugê, em 1999, para abrigar o Projeto Sempre-Viva (NOLASCO, 2002; BRITO, 2005; SOUSA 2006; ICMBIO, 2007).

O conjunto arquitetônico e paisagístico de Igatu (Figura 7), distrito de Andaraí, também foi tombado pelo IPHAN no ano de 2000. A cidade é conhecida por Xique-Xique de Igatu e Cidade de Pedra pelas casas de pedra, o que denota à cidade a comparação com Machu Picchu, sendo a “Machu Picchu Baiana” (IPHAN, 2014c). A cidade foi construída pelos garimpeiros que ali trabalhavam na época próspera do garimpo do diamante. Igatu neste período, chegou a ter mais de 10 mil habitantes e hoje possui aproximadamente 180 moradores (IPHAN, 2014c).

2.5.4 Atrativos, serviços e equipamentos turísticos

Eschiletti e Lanzer (2019) realizaram um levantamento para identificar a oferta de atrativos turísticos, serviços e equipamentos turísticos nos quatro municípios integrantes da proposta do Geoparque Serra do Sincorá. Os atrativos turísticos são a matéria-prima do turismo e podem ser naturais, culturais, atividades econômicas, realizações técnicas, científicas e artísticas e/ou eventos programados, sendo capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los (BRASIL, MTUR, 2007).

Os serviços e equipamentos turísticos compreendem a hospedagem, alimentação, agenciamento, transporte, eventos, lazer e todo o conjunto de serviços, edificações e instalações que existem em função da atividade turística e são indispensáveis para que esta ocorra (BRASIL, MTUR, 2007). O levantamento de Eschiletti e Lanzer (2019) corresponde aos meios de hospedagem e de alimentação registrados no Sistema de Cadastro de pessoas físicas e jurídicas que atuam no setor do turismo - Cadastur (MTUR, 2018) e uma comparação com o *website* Guia Chapada Diamantina (2018) que disponibiliza várias informações sobre alguns municípios da região da Chapada Diamantina, incluindo os que fazem parte do projeto do Geoparque (Quadro 3).

A maior quantidade de meios de hospedagem e de alimentação, registrados no Cadastur, encontram-se no município de Lençóis (Quadro 3). Os distritos do município de Lençóis, Afrânio Peixoto e Coronel Octaviano Alves (Tanquinho), não possuem registros de meios de hospedagem e de alimentação. Considerando o *website* Guia Chapada Diamantina (2018), a maior quantidade de meios de hospedagem divulgados se localiza em Palmeiras. O distrito de Palmeiras, Caeté-Açu (Vale do Capão), possui a maior parte dos 50 meios de hospedagem citados e dos 13 estabelecimentos de alimentação (Quadro 3) (GUIACHAPADADIAMANTINA, 2018). Grande quantidade de produtos oferecidos aos turistas no território não é formal e ainda vale ressaltar que os produtos divulgados no *website* Guia Chapada Diamantina (2018) e registrados no Cadastur (MTUR, 2018) não são os mesmos.

Quadro 3 - Quantidade de produtos turísticos da região do projeto do Geoparque Serra do Sincorá-BA.

MUNICÍPIOS GEOPARQUE	CADASTUR		GUIA CHAPADA DIAMANTINA		O QUE FAZER
	ONDE FICAR	ONDE COMER	ONDE FICAR	ONDE COMER	
Andaraí	0	0	12	12	38
Lençóis	44	11	43	16	53
Mucugê	15	9	18	12	39
Palmeiras	11	4	50	13	23
TOTAL	70	24	123	53	153

Fonte: (ESCHILETTI; LANZER, 2019, p.500)

No território é possível verificar que os produtos turísticos, relacionados com o alojamento, se caracterizam como hotéis, hostels, pousadas e um camping. Os produtos relacionados com a alimentação têm como característica elementos da cozinha italiana, brasileira e regional. Entretanto, os meios de hospedagem e de alimentação cadastrados no Cadastur configuram-se em uma minoria (Quadro 3). Dentre todos os meios de hospedagem, 70 são cadastrados, enquanto 123 são divulgados no Guia da Chapada Diamantina. E dentre os lugares para alimentação são 24 os registrados no Cadastur, enquanto 53 são divulgados no *website* Guia da Chapada Diamantina (ESCHILETTI; LANZER, 2019). Eschiletti e Lanzer (2019) inferem que boa parcela do turismo acontece de forma não regulamentada, uma vez que o Cadastur tem como funções comprovar que o empreendimento turístico está legalmente constituído, em funcionamento e em operação, além de disponibilizar informações ao turista sobre os prestadores de serviços cadastrados (MTUR, 2011). Portanto, as informações sobre a atividade turística em Lençóis não são geradas com

todo o seu potencial para que o setor seja gerido de maneira mais adequada. Além disso, frente aos vários atrativos, tem-se pouca oferta de meios de hospedagem e restaurantes cadastrados para atender a demanda de turistas. Sobre os atrativos, predomina a utilização do patrimônio natural abiótico (geodiversidade) para o uso turístico frente ao patrimônio biótico e cultural, possuindo a região uma grande disponibilidade de matéria-prima para o desenvolvimento do turismo em área natural. E neste aspecto, Lençóis se destaca mais uma vez pois, dos 153 atrativos pesquisados, 53 estão localizados no município (ESCHILETTI; LANZER, 2019).

É válido ressaltar que o produto turístico “[...] é composto de atrativos turísticos acrescidos de infraestrutura, serviços e equipamentos, comercializado de forma organizada, a fim de satisfazer às necessidades e aos desejos do turista.” (MTUR, 2011, p. 27). E que “Os produtos e roteiros turísticos, de modo geral, são definidos em função da oferta e da demanda, de modo a caracterizar segmentos turísticos específicos.” (MTUR, 2010, p. 74). Deste modo, visando desenvolver o geoturismo, deve-se atentar ao perfil de consumidor e a quais produtos serão criados, para que além de hospedagem, transporte e alimentação ao atrativo também seja desenvolvida e acrescida a imagem (MTUR, 2011) a partir de uma identidade geoturística, posicionando-se desta forma no mercado, com o intuito de desenvolver o geoturismo no destino turístico. Neste sentido, entende-se que um destino geoturístico deve ser composto de produtos geoturísticos que se estruturam a partir dos recursos ou atrativos existentes no lugar.

O Mtur indica que para a formatação de um produto (geo)turístico necessita-se:

Definir um conceito do produto (suas características); definir um mercado e perfil do público-alvo que se deseja alcançar; destacar as características diferenciais do produto que o tornam competitivos, tais como seus benefícios e vantagens em comparação a outros produtos semelhantes já existentes no mercado. (MTUR, 2010, p. 95)

Faz-se mister frisar o fato de que fortalecer a identidade local é um compromisso do geoturismo (AROUCA, 2011) e dos geoparques (UNESCO, 2015) que contribuem para o desenvolvimento regional.

3 METODOLOGIA

Para analisar os aspectos socioeconômicos dos municípios baianos de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras foi utilizado como base o estudo realizado por Eschiletti e Lanzer (2019) e ampliado por meio da inclusão de dados referentes a indicadores sociais obtidos a partir do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, produzido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fundação João Pinheiro (2013).

Para identificar a geodiversidade e associações com os patrimônios biótico e histórico-cultural nos elementos turísticos dos Geoparques UNESCO e da proposta do Geoparque Serra do Sincorá foi usado um instrumento adaptado de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014). Foi escolhido um Geoparque Mundial UNESCO em cada continente, sendo o continente americano subdividido em América Anglo-Saxônica e América Latina. Foi aplicado em cinco Geoparques UNESCO e no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá, o que possibilitou identificar a geodiversidade e associações com os patrimônios biótico e histórico-cultural nos elementos turísticos (Quadro 4).

O conceito de geodiveridade de Pereira (2010) foi considerado no instrumento dessa pesquisa, pois aborda, além das características geológicas e geomorfológicas, as relações sociais de uso próprias para a Chapada Diamantina:

O conjunto de elementos abióticos do planeta Terra, incluindo os processos físico-químicos associados, materializados na forma de relevos (conjunto de geoformas), rochas, minerais, fósseis e solos, formados a partir das interações entre os processos das dinâmicas interna e externa do planeta e que são dotados de valor intrínseco, científico, turístico e de uso/gestão (PEREIRA, 2010, p. 17).

O Quadro 5 explica a forma como esses atrativos foram entendidos durante a investigação e identificação em cada Geoparque. O levantamento dos atrativos foi obtido a partir de *websites* dos próprios Geoparques UNESCO e para o território do Geoparque Serra do Sincorá foi feito levantamento de campo.

Quadro 4 - Elementos e conteúdos associados ao uso turístico em Geoparques distribuídos nos cinco continentes.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	15	7	6

Fonte: adaptado de Manosso; Moreira; Silva Júnior (2014).

Para compilação e análise dos dados foi elaborado um formulário no *Google Docs* e a partir desse foi feita a tabulação das informações e a quantificação dos elementos/atrativos relacionados à geodiversidade, à biodiversidade e/ou histórico-cultural conforme Manosso, Moreira, Silva Júnior (2014).

Foram elaborados dois outros instrumentos, sendo um para avaliar a satisfação do turista (Apêndice 1) e outro para analisar o perfil do geoturista (Apêndice 2). A cidade de Lençóis foi escolhida por ser considerada a cidade portal para entrada de turistas na Chapada Diamantina (BRITO, 2005; SANTOS, 2006) e que possui a maior quantidade de equipamentos turísticos e prestadores de serviço conforme Eschiletti e Lanzer (2019).

Quadro 5 - Discriminação dos principais elementos encontrados nos Geoparques UNESCO e no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá.

Principais elementos encontrados	Descrição de como são compreendidos
Cachoeiras	“Queda d’água no curso de um rio.” (GUERRA, 1989, p. 64)
Rios	“Corrente líquida resultante da concentração do lençol freático em um vale. Um curso d’água pode em toda sua extensão, ser dividido em três partes: curso superior, curso médio e curso inferior”. (GUERRA, 1989, p. 372). Possui grande importância para a manutenção da vida pela presença d’água.
Lagos/ lagoas/ lagunas	“Depressões com acúmulos de água [...] possuem rios afluentes.” (SUERTEGARAY, 2008, p. 220). “Lagoas possuem pouca profundidade e pequena extensão.” (SUERTEGARAY, 2008, p. 221). “Lagunas são corpos de água separados do mar por uma barreira [...] mantem um canal de conexão com o mar.” (SUERTEGARAY, 2008, p. 190).
Rochas	“Conjunto de minerais ou apenas um mineral consolidado” (GUERRA, 1989, p. 375) consideraremos aqui a variação e diferenciação do aspecto apresentado no ambiente.
Vulcões	Relativo à vulcanologia. “Aparelho por onde ocorre o extravasamento do material magmático.” (SUERTEGARAY, 2008, p. 113).
Morros e montanhas	Formas de relevo pouco ou muito elevadas. Podendo apresentar grande variação de forma e feições complexas. (SUERTEGARAY, 2008)
Sítio paleontológico	Relativo à paleontologia, que é a “ciência que estuda os seres vivos que existiram nos diferentes períodos da história física da Terra. [...] A determinação da idade dos terrenos só pode ser feita com segurança a partir da paleontologia (GUERRA, 1989, p. 312).
Grutas/ Cavernas/ Furnas	Relativo à espeleologia. “Cavidades de formas variadas que aparecem mais frequentemente nas rochas calcárias.” (GUERRA, 1989, p. 224). Furnas “são cavidades que aparecem na encosta dos barrancos” (GUERRA, 1989, p. 196).
Cânions/ falésias	Formas geomorfológicas escavadas pelo intemperismo da água dos rios ou do mar (SUERTEGARAY, 2008).
Trilhas	Possibilidade de caminhadas ou trekkings.
Praias	“Depósitos de sedimentos acumulados por agentes de transporte marinho ao longo do litoral.” (SUERTEGARAY, 2008, p.188).
Vida animal	Observação da fauna.
Campos	Vegetação formada por gramíneas.
Florestas	Vegetação arbórea.
Aldeias	Aldeias indígenas ou quilombolas.
Sítio arqueológico	Referente à expressão humana no passado. Arqueologia.
Museus	Lugar que conta histórias e reúne coisas.
Minas	Atividade econômica onde há exploração mineral.

Fonte: elementos adaptados de Manosso, Moreira, Silva Júnior (2014).

O questionário com a pesquisa de satisfação (Apêndice 1), acerca da infraestrutura, dos atrativos, dos serviços prestados e equipamentos turísticos da cidade de Lençóis, foi adaptado de um instrumento do Observatório de Turismo da UnB (CET-UnB, 2008) com o objetivo de avaliar a satisfação do turista sobre os aspectos turísticos do município de Lençóis, com autopreenchimento. Esse

questionário foi entregue num primeiro momento em três restaurantes¹⁶ e, não sendo atingido o número esperado de 100 respondentes, a pesquisa foi realizada com a abordagem ao acaso nas ruas da Baderna, das Pedras, no largo da rua das Pedras e no largo da avenida Sete de Setembro (Praça Horário de Matos). Esse questionário foi aplicado em oito dias do segundo semestre de 2018, totalizando 147 participantes.

Para a análise dos dados obtidos foi usado o software IBM® SPSS® Statistics 21. A descrição dos resultados de cada um dos itens dos grupos infraestrutura, atrativos, serviços/equipamentos turísticos foi realizada considerando a média e o desvio padrão apenas das respostas válidas, ou seja, as respostas “não sei” e “não respondeu” foram desconsideradas. A avaliação se deu em função da escala qualitativa correspondendo à 1 “péssimo”, 2 “ótimo”, 3 “regular”, 4 “bom” e 5 “ótimo”. A normalidade de distribuição dos dados da pesquisa de satisfação foi verificada com o teste Shapiro-Wilk. O teste de Friedman foi usado para identificar a diferença entre os grupos. Para avaliar a melhor percepção dos turistas sobre a infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos em Lençóis foi usada a comparação entre os valores da média. O gráfico de intervalo de confiança para a média de cada um dos grupos, analisados e sobre a impressão geral de Lençóis, enquanto local de lazer e turismo a partir da avaliação dos turistas, foi utilizado para mostrar a confiança dos resultados de cada grupo. Os itens “transportes em Lençóis”, “qualidade no atendimento dos guias”, “qualidade das informações prestadas pelos guias” e “satisfação com o preço cobrado pelos transportes em Lençóis” tiveram respectivamente 85, 119, 118 e 73 respondentes.

O instrumento para analisar o perfil do geoturista apresenta três partes (Apêndice 2): a primeira parte, com 20 questões, foi elaborada a partir das atitudes, comportamentos, importância e preferência de viagem de Stueve, Cook e, Drew (2002) (Apêndice 3) visando a inclusão da geodiversidade de acordo com o conceito de Arouca (2011)

[...] deve ser definido como o turismo que sustenta e valoriza a identidade de um território, levando em consideração sua geologia, meio ambiente, cultura, estética, patrimônio e bem-estar de seus moradores. O turismo geológico é um dos múltiplos componentes do geoturismo (DECLARAÇÃO DE AROUCA, 2011, p. 1).

¹⁶ A escolha da aplicação deixando o questionário nos restaurantes se deu em função da pesquisadora conhecer a cidade e saber que os turistas, à noite, estão na rua para jantar e algumas pessoas não se hospedam na cidade.

Quadro 6 - Geossítios: nome do atrativo, município de localização, acessibilidade e valores do patrimônio da região da Chapada Diamantina-BA.

Atrativo	Município	Acessibilidade	Turístico	Científico	Didático
Bairro Luís Santos	Andaraí	fácil	alto	alto	alto
Cachoeira da Donana	Andaraí	fácil	alto	alto	alto
Cachoeira da Fumaça	Palmeiras	difícil	alto	alto	moderado
Cachoeira das Andorinhas	Mucugê	difícil	moderado	baixo	baixo
Cachoeira das Três Barras	Andaraí	difícil	moderado	baixo	baixo
Cachoeira do Ramalho	Andaraí	difícil	moderado	baixo	baixo
Cachoeira do Riachinho	Palmeiras	fácil	alto	moderado	moderado
Cachoeira do Tiburtino	Mucugê	fácil	alto	moderado	moderado
Caverna do Poço Encantado*	Itaeté	fácil	alto	alto	alto
Caverna Torras	Andaraí	difícil	moderado	alto	alto
Diamictitos da Formação Bebedouro	Palmeiras	fácil	baixo	alto	alto
Gruta da Paixão	Andaraí	fácil	moderado	moderado	moderado
Marimbus	Andaraí	fácil	alto	moderado	alto
Monte Tabor – Morrão do Capão	Palmeiras	fácil	alto	moderado	alto
Morro do Cruzeiro	Mucugê	moderada	moderado	baixo	moderado
Morro do Pai Inácio	Palmeiras	moderada	alto	alto	alto
Mucugezinho	Lençóis	fácil	alto	baixo	baixo
Poço Azul*	Nova Redenção	fácil	alto	alto	moderado
Rampa do Caim	Andaraí	difícil	alto	alto	moderado
Rio Paraguaçu – Balneário Mucugê	Mucugê	fácil	moderado	baixo	baixo
Serrano	Lençóis	fácil	alto	alto	alto
Sibéria	Mucugê	moderada	moderado	alto	moderado

Fonte: Elaborado a partir de Pereira (2010). Os atrativos assinalados com um asterisco (*) não estão dentro da área proposta para o Geoparque Serra do Sincorá, mas são atrativos muito comercializados em um roteiro que inclui o Morro do Pai Inácio pelas agências desde a cidade de Lençóis-BA, por isso não foram excluídos da seleção.

O questionário foi autopreenchido por meio da escala Likert (1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”). A segunda parte do instrumento foi elaborada a partir do instrumento para definição do perfil socioeconômico e de viagem do Observatório de Turismo da UnB (CET-UnB, 2008). A terceira parte do instrumento busca analisar o interesse e a afinidade com o geoturismo e foi elaborada a partir de Fonseca Filho e Moreira (2017). O perfil socioeconômico, de viagem e o interesse e afinidade com o geoturismo dos turistas foram avaliados por questões de múltipla escolha. Para listar os atrativos naturais visitados foi utilizado o inventário¹⁷ de geossítios¹⁸ de Pereira (2010) para a Chapada Diamantina (Quadro 6).

¹⁷ Esse inventário também foi utilizado na proposta do Geoparque entregue à CPRM, sendo que nesse documento não estava determinada a separação entre a importância científica, turística e pedagógica de cada geossítio, assim como não havia a acessibilidade a cada um dos geossítios.

¹⁸ A acessibilidade foi apontada por Pereira (2010) para conhecimento do quão acessível está o atrativo aos turistas.

Os questionários também foram distribuídos aos turistas nas ruas da Baderna, das Pedras, no largo da Rua das Pedras e no Largo da Avenida Sete de Setembro (Praça Horário de Matos), ao acaso, aos turistas que estavam sentados às mesas entre às 19h30min e 22h30min. A aplicação desses questionários aconteceu em 15 dias do segundo semestre de 2018, totalizando 135 participantes. Foram utilizadas 124 respostas, visto que de acordo com Brilha (2005) e Gray (2008), o geoturismo faz uso da geodiversidade para acontecer, então os turistas que não haviam visitado nenhum atrativo turístico inventariado por Pereira (2010) foram excluídos da amostra. A partir das respostas às primeiras 20 questões do instrumento, foi realizada uma análise de agrupamento hierárquica usando a similaridade e distância euclidiana. As outras duas partes do instrumento contribuíram na análise descritiva do perfil socioeconômico, de viagem e da afinidade e interesse no geoturismo. A análise de agrupamento com as três partes não foi possível pela diferença de variáveis.

Para verificar a distribuição dos dados foi realizado o teste de normalidade de Shapiro-Wilk para cada grupo. Em seguida, procedeu-se a realização do teste de Mann Whitney U, não paramétrico, para comparações múltiplas entre as dimensões de “atitudes gerais sobre viagens de lazer”, “atitudes ambientais/culturais”, “comportamento cultural”, “preferências de viagem e destino” e “importância dos aspectos de viagem” (STUEVE; COOK; DREW, 2002) entre os grupos.

Durante o período de julho 2018 a fevereiro de 2019 em que a pesquisadora permaneceu no município de Lençóis, foram realizadas observações no espaço da cidade assim como foi possível participar de reuniões da Associação Geoparque Serra do Sincorá (AGS) como membro associado, no Conselho Municipal de Turismo de Lençóis e na Secretaria de Turismo.

A experiência de estar na cidade proporcionou uma visão além daquela proporcionada aos turistas. Tal participação institucional gerou como resultado a contribuição no Planejamento Estratégico e no Plano de Ações da AGS que visa a implementação do Geoparque nos próximos quatro anos (2019-2022) (Anexo 1), no novo exercício do Planejamento Estratégico e no Plano de Ações da AGS de 2020 (Anexo 2), um folheto turístico elaborado pela Secretaria de Turismo (Anexo 3) e da contribuição para o planejamento estratégico do Conselho Municipal de Turismo de Lençóis, amparado pelo Sebrae-BA, obtendo-se como resultado, enquanto a autora estava presente, a elaboração da matriz Swot e o direcionamento estratégico com a missão, visão, linhas de ação estratégicas e resultados esperados até 2019 (Anexo

4). Além disso, a autora contribuiu produzindo e divulgando conteúdo referente ao Geoparque Serra do Sincorá em uma rede social (Anexo 5).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para entender o espaço e conhecer a contribuição do turismo no desenvolvimento socioeconômico e manutenção da integridade ambiental foi necessário realizar uma pesquisa de base com os indicadores sociais e econômicos dos municípios baianos de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras que integram o território do Geoparque Serra do Sincorá. A geodiversidade associada aos aspectos naturais e históricos foi identificada, analisada e discutida em territórios de Geoparques Mundiais UNESCO para vislumbrar a potencialidade do desenvolvimento do geoturismo na região da Chapada Diamantina.

A pesquisa de satisfação sob a percepção do turista possibilitou conhecer a situação do turismo sob a ótica da infraestrutura, dos atrativos e dos serviços e equipamentos e isso é importante para garantir a construção da identidade local, promovendo o que é autêntico e único no território e garantindo o efetivo envolvimento dos cidadãos e visitantes na construção da identidade local. Ações de planejamento e gestão são fundamentadas no conhecimento do perfil do turista que visita os geossítios e nas atividades que servem para cada demanda turística. Conhecer as atitudes, comportamentos, importância e preferência de viagem, bem como o perfil socioeconômico, de viagem e afinidade com os “geo’s” contribui para elaborar um produto geoturístico adaptado à oferta, com o intuito de qualificá-la e possivelmente incrementar o desenvolvimento turístico do território.

4.1 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E O TURISMO NO TERRITÓRIO DO GEOPARQUE

Dos quatro municípios, o que tem a data da fundação oficial mais antiga é Mucugê (1847), onde foi achado o primeiro diamante (NOLASCO, 2002), seguido por Lençóis (1856), Andaraí (1884) e Palmeiras (1890)¹⁹. Os quatro municípios tiveram sua história e colonização a partir das Lavras Diamantinas, enquanto o garimpo de diamante²⁰ era a atividade econômica mais próspera na segunda metade do século

¹⁹ Palmeiras-BA fazia parte do município de Lençóis-BA (NOLASCO, 2002).

²⁰ Nolasco (2002) compara o garimpo de diamantes com um jogo de azar. “O quilate corresponde a 0,2 gr. ou 100 pontos ou 4 grãos. Quando a pedra é gemológica e rara seu valor chega à casa dos milhões de dólares. Se junto à qualidade e raridade, acha-se num tamanho que ultrapasse os 5 quilates, torna-

XIX, passando por três ciclos de exploração mineral e sendo permeados por iniciativas de recuperação e diversificação da economia por meio da agricultura e do turismo.

A partir da história do desenvolvimento dos municípios, é possível compreender o contexto socioeconômico dos municípios integrantes da proposta do Geoparque Serra do Sincorá. Eschiletti e Lanzer (2019) realizaram uma análise dos dados divulgados pelo PNUD, IPEA, FJP (2013) em três décadas (1991-2000-2010). Tais dados apresentam o panorama de um período de mais de um século depois da fundação de cada cidade, em um contexto de ascensão e queda econômica em função da atividade mineral e o incentivo do turismo pelo governo do Estado (BRITO, 2005), tornando-se o principal “[...] responsável pela produção do espaço do turismo em Lençóis.” (SANTOS, 2006, p.147).

No trabalho de Eschiletti e Lanzer (2019) foram analisadas a Esperança de Vida ao Nascer, o Índice de Gini, a Renda Per Capita Média, a População Rural, Urbana e Total e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. No presente trabalho buscou-se complementar a análise das referidas autoras pela inclusão da Probabilidade de Sobrevivência até 60 anos, a Expectativa de Anos de Estudo, a Taxa de Analfabetismo dos 25 anos ou mais, a Taxa Média de Pessoas com 25 anos ou mais que completaram o Ensino Fundamental e a Proporção de Vulneráveis à Pobreza comparadas à Bahia e ao Brasil (Tabela 1).

Entre 1991 e 2010, mesmo com diminuição de 10,8% da População Total, o município de Andaraí²¹ apresentava o maior número de habitantes entre os quatro municípios analisados. Observou-se que a população no meio rural sofreu uma redução de 24,98%, enquanto a População Urbana teve um incremento de 33,44% no número de habitantes. O município de Lençóis embora tivesse maior População Rural na década de 1991 apresentou o maior êxodo rural entre os quatro municípios (44,75%). O total de habitantes cresceu 34,65%, sendo o aumento na zona urbana de 130,88%. Um incremento urbano muito superior à média baiana e brasileira, possivelmente consequência das políticas públicas que trataram Lençóis como portal

se de valor imprevisível, e a melhor forma de avaliar, e vender, é junto ao cartel de diamantes na Suíça (NOLASCO, 2002, p. 84).

²¹ De acordo com o Seu Amarildo, antigo morador de Igatu, quando foi realizada a contagem populacional da vila, em janeiro de 2016, Igatu tinha 373 habitantes e em abril de 2018 o número tinha aumentado para 386 moradores. Segundo o Seu Amarildo a pessoa passa a fazer parte da contagem quando passa algum tempo em Igatu.

da Chapada Diamantina, sobretudo na década de 1990, atraindo pessoas que buscavam melhor qualidade de vida (BRITO, 2005; SANTOS, 2006).

O município de Mucugê, ao contrário dos demais, manteve a população rural maior do que a urbana. A População Rural sofreu um incremento de 2,08%, enquanto a População Urbana cresceu 87,44%, o que pode ter sido consequência das políticas públicas direcionadas à Lençóis, as quais influenciaram Mucugê. O município de Palmeiras apresentou um decréscimo de 7,39% da População Rural, enquanto o incremento da População Urbana foi de 45,53%. Na área do município há o Distrito de Caeté-Açu, conhecido como Vila do Vale do Capão, que pode ser o principal responsável pelo incremento populacional. Nascimento (2008) relata que houve uma corrente migratória significativa para o povoado entre 1985-2007 e que no ano de 2000 eram aproximadamente 1.530 habitantes na Vila e nos arredores. Moraes e Acioly (2016) mencionam 1.655 habitantes no ano de 2016 (Tabela 1).

Analisando a Esperança de Vida²², conjuntamente com a Probabilidade de Sobrevivência até os 60 anos²³, em 1991, no município de Andaraí, as pessoas viviam em média 55,71 anos e somente 55,42% dos recém-nascidos, provavelmente, chegariam a essa idade. Em Lençóis a Esperança de Vida não chegava aos 60 anos (57,64 anos) e menos de 60% (58,84%) dos recém-nascidos provavelmente chegariam aos 60 anos. Em 19 anos a população de Andaraí ganhou uma sobrevida de 15,13 anos, Lençóis de 13,87 anos, Mucugê de 10,69 anos e Palmeiras de 12,03 anos. A Probabilidade de Sobrevivência também aumentou expressivamente nas três décadas tanto nos quatro municípios analisados como na Bahia, indicando que houve melhorias na qualidade de vida que incluem a saúde (Tabela 1).

No que se refere ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM houve uma melhora em todos os municípios. O IDH amplia a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, mas não contempla indicadores importantes como democracia, participação equidade e sustentabilidade (PNUDBR, 2020). O IDH foi publicado pela primeira vez em 1990, é medido de 0 a 1, sendo que o valor mais próximo a 1 indica o melhor valor para o desenvolvimento humano. Sendo assim, é

²² Número médio de anos que as pessoas deverão viver a partir do nascimento PNUD, IPEA, FJP (2013).

²³ Probabilidade de um recém-nascido viver até os 60 anos PNUD, IPEA, FJP (2013).

mensurado considerando a Esperança de Vida (saúde), Acesso ao Conhecimento²⁴ (educação) e o Padrão de Vida (renda) (PNUDBR, 2020). Dessa forma, conforme o conjunto de dados apresentados na Tabela 1, em 1991, o Brasil, a Bahia e os quatro municípios analisados apresentavam um IDHM considerado “muito baixo” (entre 0 e 0,499). No município de Andaraí, em 2010, o índice continuava sendo considerado “baixo” (0,555). Lençóis, Mucugê e Palmeiras apresentavam um IDHM médio (0,600 e 0,699). O IDH do estado em 2010 era considerado médio (0,660), enquanto o Brasil apresentava um IDH “alto” (0,727), apontando que nos municípios citados as dimensões de saúde, educação e renda devem ser melhoradas para que a população desses municípios tenha melhor qualidade de vida. Por exemplo, analisando o IDHM e a Proporção de Vulneráveis à Pobreza²⁵ fica muito claro perceber o quão desigual é a região abordada. Em 2010, Andaraí apresentava 92,45% das pessoas vivendo em situação de vulnerabilidade, pois recebiam menos de R\$ 255,00 reais mensais, o que na época correspondia a meio salário mínimo. Lençóis, por sua vez, tinha 76,90% de pessoas vulneráveis à pobreza no município, Mucugê 78,63% e Palmeiras 62,05%.

Considerando a Expectativa de Anos de Estudo aos 18 anos de Idade os quatro municípios estão abaixo do número médio brasileiro (9,54 anos). Isso significa que o Ensino Fundamental de nove anos²⁶ não tinha sido finalizado, em 2010, e que o Ensino Médio, com três anos, foi alcançado, mas não concluído no município de Palmeiras (9,12 anos), único município que apresenta expectativa maior do que a do estado do Bahia (8,63 anos). Sobre o Percentual da população de 25 anos ou mais com o Ensino Fundamental Completo e a Taxa de Analfabetismo da População de 25 anos ou mais de Idade, o número de jovens sem o Ensino Fundamental Completo aos 25 anos e analfabetos diminuiu, mas não satisfatoriamente, pois a população seguia não escolarizada e analfabeta em sua maioria. Entende-se como analfabetismo a pessoa que não sabe ler nem escrever um bilhete simples (INEP, 2003) (Tabela 1).

²⁴ i) média de anos de educação de adultos, que é o número médio de anos de educação recebidos durante a vida por pessoas a partir de 25 anos; e ii) a expectativa de anos de escolaridade para crianças na idade de iniciar a vida escolar, que é o número total de anos de escolaridade que um criança na idade de iniciar a vida escolar pode esperar receber se os padrões prevaletentes de taxas de matrículas específicas por idade permanecerem os mesmos durante a vida da criança PNUD, IPEA, FJP (2013).

²⁵ Proporção dos indivíduos com renda domiciliar per capita igual ou inferior a R\$ 255,00 mensais, em reais de agosto de 2010, equivalente a 1/2 salário mínimo nessa data. O universo de indivíduos é limitado àqueles que vivem em domicílios particulares permanentes.

²⁶ O Ensino Fundamental de nove anos deveria ter sido plenamente implementado até o ano de 2010 (BRASIL, 2006).

Tabela 1 - Dados econômicos e sociais dos municípios do projeto do Geoparque Serra do Sincorá.

ANO	Fund.	Município	Pop. Tot.	Pop. Urb.	Pop. Rur.	EspVid ²⁷	Sobre60 ²⁸	IDHM ²⁹	Pobres ³⁰	Estudo ³¹	Analf ³²	Fund25 ³³	Renda	Gini
1991		Andaraí	14072	5825	8247	55,71	55,42	0,279	94,16	5,53	64,67	5,82	141,95	0,67
2000	1884	Andaraí	13756	7166	6590	63,43	68,88	0,375	89,42	6,14	46,4	12,04	166,27	0,64
2010		Andaraí	13960	7773	6187	70,84	83,25	0,555	92,45	7,42	35,15	6,80	230,36	0,59
1991		Lençóis	7700	3481	4219	57,64	58,84	0,340	88,88	3,98	44,47	10,87	151,76	0,57
2000	1856	Lençóis	9038	6395	2643	63,74	69,41	0,478	85,54	7,17	36,09	10,49	227,73	0,6
2010		Lençóis	10368	8037	2331	71,51	84,36	0,623	76,9	8,31	24,2	23,77	362,74	0,61
1991		Mucugê	8465	2230	6235	61,51	65,81	0,327	85,82	6,1	57,97	9,62	140,07	0,61
2000	1847	Mucugê	12254	3317	8937	66,61	74,37	0,401	76,12	4,87	41,29	19,65	148,27	0,48
2010		Mucugê	10545	4180	6365	72,2	85,45	0,606	78,63	8,32	25,93	21,23	312,35	0,53
1991		Palmeiras	7027	3600	3427	60,31	63,64	0,351	64,21	5,62	40,81	38,59	165,3	0,65
2000	1890	Palmeiras	7391	3999	3392	66,61	74,37	0,511	60,65	8,3	28,88	30,16	230,73	0,58
2010		Palmeiras	8410	5239	3171	71,91	85	0,643	62,05	9,12	22,36	37,47	350,79	0,58
1991		Bahia	11.867.991	7.016.770	4.851.221	59,94	62,8	0,386	81,62	5,75	40,96	19,05	234,57	0,67
2000		Bahia	13.070.250	8.772.348	4.297.902	65,8	72,94	0,512	71,25	7,28	29,57	26,02	322,04	0,66
2010		Bahia	14.016.906	10.102.476	3.914.430	71,97	85,09	0,660	52,71	8,63	20,92	41,75	496,73	0,62
1991		Brasil	146.825.475	110.990.990	35.834.485	64,73	70,93	0,493	58,53	8,16	23,45	27,90	447,56	0,63
2000		Brasil	169.798.885	137.953.959	31.844.926	68,61	77,63	0,612	48,39	8,76	16,75	35,95	592,46	0,64
2010		Brasil	190.755.799	160.925.792	29.830.007	73,94	84,05	0,727	32,56	9,54	11,82	50,75	793,87	0,6

Fonte: elaborada a partir de PNUD, IPEA, FJP (2013) e Eschiletti e Lanzer (2019).

27 Esperança de vida ao nascer

28 Probabilidade de sobrevivência até 60 anos

29 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

30 Proporção de vulneráveis à pobreza

31 Expectativa de anos de estudo

32 Taxa de analfabetismo - 25 anos ou mais

33 Percentual da população de 25 anos ou mais com fundamental completo

Quanto à renda per capita média, em todos os municípios houve melhora, entretanto, em Lençóis, Mucugê e Palmeiras, essa foi maior que o dobro no período de 1991 a 2010. Por outro lado, o que chama atenção é que, apesar das melhorias sociais citadas, o Índice de Gini, que mede a diferença social, cujo valor ideal se aproxima de zero e o pior valor é “1”, em Lençóis há uma piora neste aspecto, enquanto Mucugê e Palmeiras apresentaram uma pequena melhora nesse aspecto (0,08 pontos e 0,07 pontos respectivamente) (Tabela 1).

Os municípios da proposta do Geoparque Serra do Sincorá, considerando os dados do censo 2010, apresentavam um cenário de grandes discrepâncias socioeconômicas e o turismo não estava contribuindo para que essa situação se transformasse. A desigualdade de renda era uma realidade como apontado pelo Índice de Gini, sobretudo em Lençóis, alvo de políticas públicas para o desenvolvimento do turismo desde a década de 70. Santos (2006, p. 195) apontou que “90% da população de Lençóis sobrevive do turismo” e o

[...] turismo ainda não é um fator de desenvolvimento local e sim, uma oportunidade de negócio principalmente para empresários que vêm de outras regiões e até mesmo de outros países, chegam na condição de turista e resolvem ficar (SANTOS, 2006, p. 195).

Considerando o índice de analfabetismo e escolaridade, a comunidade autóctone, despreparada e desqualificada acabava por ficar à margem do turismo, com o subemprego (SANTOS, 2006), mas não só em Lençóis, como nos demais municípios da proposta do Geoparque Serra do Sincorá. A autora ainda ressaltou que

[...] a produção do espaço pelo turismo em Lençóis caracteriza-se por uma dinâmica desigual em face da predominância do subsistema econômico sobre o ecológico, social e cultural, estabelecendo, desse modo, uma organização espacial onde a superestrutura define a infraestrutura e o conjunto de ações operacionais” - é possível ratificá-la a partir dos resultados obtidos (SANTOS, 2006, p.193).

Essa predominância econômica frente à socioambiental é citada também por Nolasco (2002) que pontua o crescimento do turismo de massa na região e que de ecológico não apresenta características claras ao não possuir diretrizes ambientais definidas ou explícitas, conscientização e normatização.

Embora a análise de Nolasco (2002) e Santos (2006) corresponda a dados censitários mais antigos e que os dados levantados nesta pesquisa se baseiam no

cenário identificado pelo censo 2010, somente após a realização do censo 2020 haverá a confirmação de que a situação se manteve ou não. Contudo, conforme percebido pela pesquisadora em campo, os conflitos entre os autóctones e os novos moradores, mais escolarizados, havia se mantido, sobretudo porque há um discurso sobre “nativos” e “forasteiros” que representa a diferença social na cidade e permanece, materializando-se, por exemplo, na disputa entre guias de turismo. Percebeu-se que os trabalhadores nos serviços do turismo são caracterizados por autóctones, geralmente mal remunerados pelos empreendedores que foram morar em Lençóis e, com maior poder aquisitivo, concentram-se no topo da cadeia produtiva, investindo em pousadas, restaurantes e agências de turismo.

4.2 A GEODIVERSIDADE COMO ATRATIVO

Para reconhecer a relevância da geodiversidade e suas associações ao potencial geoturístico, realizou-se uma análise dos atrativos/elementos existentes em cinco geoparques a fim de identificar a geodiversidade e associações com os patrimônios biótico e histórico-cultural nos elementos turísticos de Geoparques. A identificação dos atrativos relacionados à porção abiótica da natureza pode evidenciar a vocação turística e o principal potencial a visitação (MANOSSO; MOREIRA; SILVA JÚNIOR, 2014). Para, dessa forma, incrementar o geoturismo especialmente na proposta do Geoparque Serra do Sincorá.

O levantamento dos atrativos/elementos relevantes ao geoturismo que podem ser encontrados no território dos Geoparques, integrantes da RGG, foi realizado a partir da escolha de um representante de Geoparque em cada continente. O continente americano foi subdividido em América Anglo-Saxônica e América Latina, dessa forma foi analisado um representante em cada região (Quadro 7).

Quadro 7 - Áreas naturais de diferentes categorias de interesse ao turismo que reúnem atrativos ligados à geodiversidade.

Continente	Geoparques UNESCO e Proposta Geoparque Serra do Sincorá-BA	País
África	M'Goun UNESCO Global Geopark	Marrocos
América	Araripe Geoparque Mundial UNESCO	Brasil
	Tumbler Ridge Geoparque Mundial UNESCO	Canadá
Ásia	Longhushan Geoparque Mundial UNESCO	China
Europa	Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO	Portugal
América	Proposta do Geoparque Serra do Sincorá	Brasil

Fonte: elaborado pela autora (2020).

De acordo com Gray (2008) os atrativos com conteúdo geológico (geodiversidade – natureza não viva - abiótico) são, de forma geral, os mais explorados e os que menos recebem atenção para a conservação frente aos atrativos da biodiversidade (referente à natureza viva - biótico) e também podem se perder devido aos impactos antrópicos ao longo do tempo, o que um geoparque se propõe a não permitir que aconteça.

4.2.1 M’Goun Geoparque Mundial UNESCO (GMG)

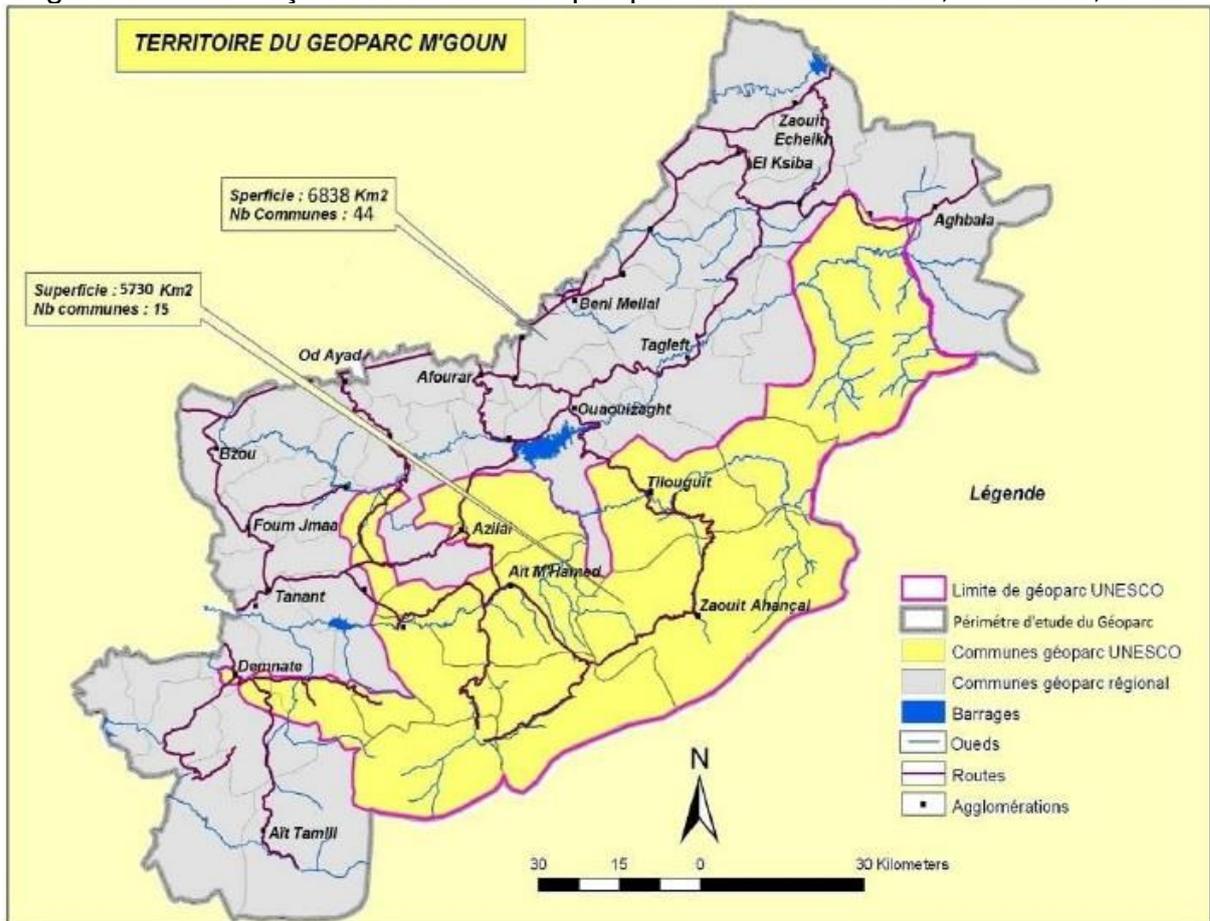
Localizado no Marrocos, o único geoparque africano reconhecido pela UNESCO possui área³⁴ de 5.700 km² (Figura 8). O Geoparque *M’Goun*, está situado no meio da Cordilheira do Atlas Central (TADLA AZILAL, 2013).

O território apresenta importante registro fóssil da Era Mesozoica sendo abundantes e variadas as pegadas dos dinossauros terópodes e saurópodes nos diferentes geossítios do Geoparque *M’Goun* (Figura 9). Quanto à formação geológica é possível observar rochas do Triássico (251 mi), Jurássico (199,6 mi) e Cretácio (145 mi). A região possui clima mediterrâneo com influências atlânticas e vegetação que varia de arbustos, plantas herbáceas a árvores conforme a altitude (Quadro 8). O *Geopark M’Goun* é gerenciado financeiramente pela *Association U Geoparc Du M’Goun* (A.G.M) e cientificamente por um conselho científico composto principalmente pelos membros da *Association pour la Protection du Patrimoine Géologique du Maroc* (APPGM) e está registrado no Conselho Regional da Região *Tadla-Azilal* (TADLA AZILAL, 2013). O site do Geoparque é sucinto e bastante intuitivo, apresentando informações completas sobre o território incluindo fotos e vídeos³⁵, embora poucas publicações científicas sejam encontradas.

³⁴ Por recomendação da UNESCO o território do Geoparque foi reduzido. Atualmente há o território reconhecido pela UNESCO (amarelo) e o território regional do geoparque (lilás) (Figura 8).

³⁵ O *website*, por vezes, apresenta erro e acesso indisponível.

Figura 8 - Localização do *M'Goun* Geoparque Mundial UNESCO, Marrocos, África.



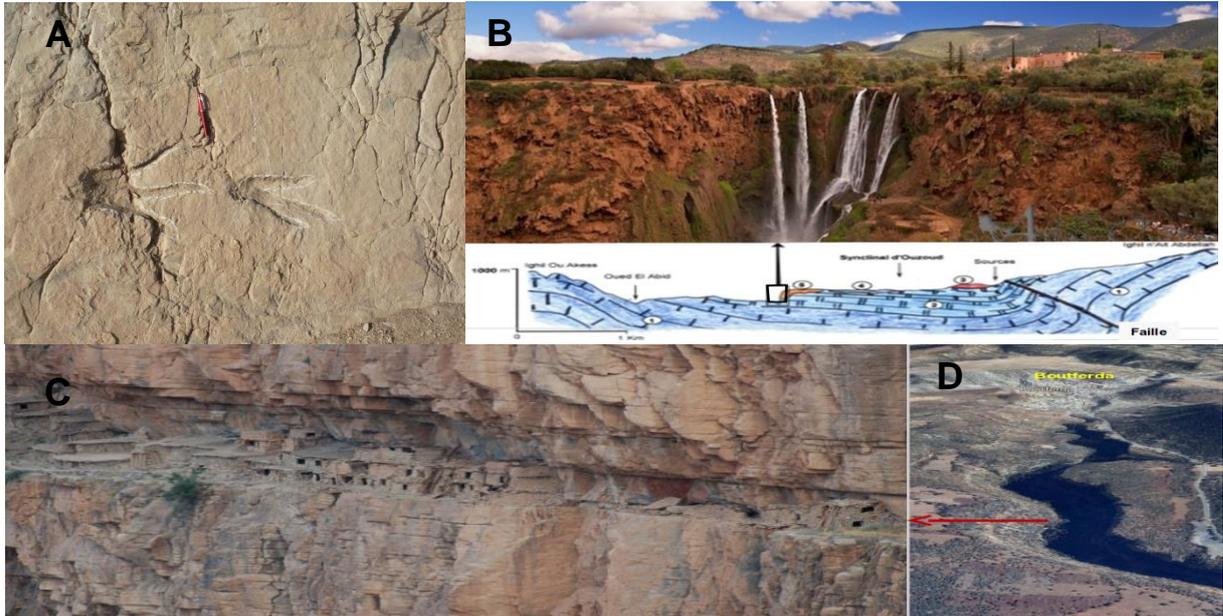
Fonte: Tadla Azilal (2013).

Quadro 8 - Elementos encontrados no *M'Goun* Geoparque Mundial UNESCO, Marrocos, África.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	10	6	4

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

Figura 9 – A - Pegadas de dinossauros; B - quedas da cachoeira *Ouzoud*; C - falésia com as habitações e D - localização da falésia em relação ao rio.



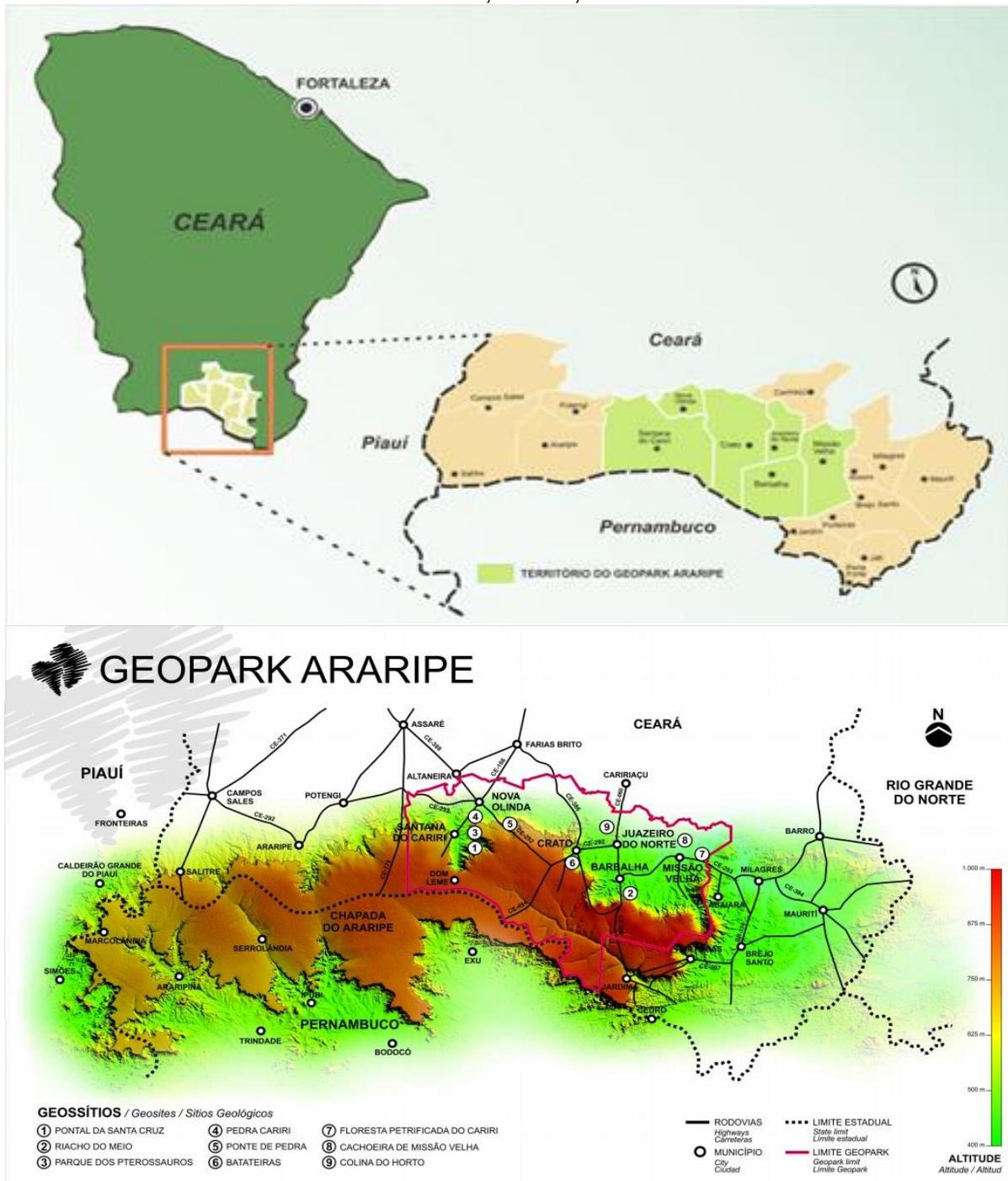
Fonte: Géoparc M'Goun (2019).

4.2.2 Araripe Geoparque Mundial UNESCO (GA)

O Geoparque Araripe (GA) localiza-se no nordeste brasileiro (Figura 10), ao sul do estado do Ceará, na Bacia Sedimentar do Araripe (Figura 10).

A área possui um importante registro paleontológico de pterossauros, aves e peixes do cretáceo em excelente estado de preservação. Em função da relevância paleontológica foi reconhecido como Geoparque pela UNESCO em 2006. Nos geossítios deste Geoparque é possível observar rochas do Pré-Cambriano (650 ma), Siluriano (420 ma), Jurássico Superior (146-147 ma), Cretáceo Inferior (135 a 100 ma) e Cretáceo Superior (98 ma), portanto variação de períodos e rochas. Possui características de clima tropical úmido, enquanto o entorno da região é semiárido (GEOPARK ARARIPE, 2014) (Quadro 9). Esse geoparque é administrado pela Universidade Regional do Cariri.

Figura 10 - Municípios (acima) e geossítios (abaixo) do Araripe Geoparque Mundial UNESCO, Ceará, Brasil.



Fonte: Dagnino (2012), Ceará (2012).

Quadro 9 - Conteúdos encontrados no Araripe Geoparque Mundial UNESCO, Brasil.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	9	3	3

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

No único Geoparque brasileiro reconhecido pela UNESCO são encontrados elementos que possuem associação com a geodiversidade, a biodiversidade e com as características histórico-culturais (Quadro 9). Possuem relação exclusiva com a geodiversidade as cachoeiras, rios, rochas, morros situados e localizados na Chapada do Araripe e os sítios paleontológicos onde são encontrados os fósseis de animais e vegetais (Figura 11). No geossítio Pedra Cariri, por exemplo, é possível visualizar um estrato com um nível de mortandade e encontrar alguns fósseis de pequenos peixes (Figura 11). A biodiversidade é representada pelos biomas Cerrado e Caatinga e até remanescentes da Mata Atlântica (GEOPARK ARARIPE, 2014). O soldadinho do Araripe, é uma ave endêmica ameaçada de extinção. Com o intuito de contribuir para sua preservação e proteção foi criada a Unidade de Conservação Municipal Refúgio da Vida Silvestre Soldadinho-do-Araripe (LEMONS, 2019). Recentemente foi descrita uma nova espécie de caranguejo (*Kingsleya attenboroughi*), o “Guajá do Araripe”, sendo reintroduzido em seu habitat natural. Também foi descrita uma espécie de anfíbio (*Proceratophrys ararypedescoberta*) (RODRIGUES, 2019).

Figura 11 - Geossítio Pedra Cariri. Pannel interpretativo à esquerda em cima, fóssil de um peixe à esquerda embaixo; calcário fossilífero, à direita, com um nível de mortandade a esquerda.



Fonte: arquivo da autora (2020).

Os conteúdos possuem associação entre as características histórico-culturais e a geodiversidade, como no caso das inscrições rupestres que podem ser vestígios dos índios Kariris e do grupo de cangaceiros que se abrigava em cima das pedras do geossítio Riacho do Meio (GEOARK ARARIPE, 2014). Nas trilhas é possível observar a relação da geodiversidade, com a biodiversidade e os aspectos históricos e culturais. A geodiversidade se destaca como principal atrativo nesse Geoparque.

O site do Geoparque Araripe é pouco intuitivo, não apresenta informações científicas e didáticas. Há um vídeo promocional³⁶ divulgando o patrimônio do geoparque na página inicial do site que é de sete anos atrás. Há predominância de textos explicando geoconservação, educação ambiental e oficinas pedagógicas

³⁶ Geopark Araripe (2013).

realizadas, geossítios e quem são os integrantes da equipe do geoparque. Não há um mapa de localização, mas tem uma indicação para o “livro Geopark Araripe”³⁷.

4.2.3 *Tumbler Ridge* Geoparque Mundial UNESCO (GTR)

O *Tumbler Ridge* passou a integrar a RGG da UNESCO em 2014. Está localizado no oeste do Canadá, onde vive a pequena comunidade *Tumbler Ridge*³⁸, na província Colúmbia Britânica, distante aproximadamente 1.300 km da Capital da Província Victória (Figura 12). Possuindo uma área de 7.822 km², o território do Geoparque está nas encostas orientais das Montanhas Rochosas do Norte e possui importante diversidade de sítios geológicos de origem sedimentar e paleontológicos marcados pela presença de dinossauros que viveram em ambientes terrestres e marinhos do Cretáceo (TUMBLER RIDGE, 2015).

Devido a formação geológica no ambiente também são encontrados recursos minerais fósseis, como carvão mineral e gás natural. A vegetação na região é caracterizada pela floresta de coníferas (Taiga) e o clima é temperado. É administrado pela *Tumbler Ridge Global Geopark Society*, uma associação sem fins lucrativos liderada por um conselho de administração. Nesse geoparque são encontradas rochas do Neoproterozoico (1 bi) – ardósia e diamictito – de quando o planeta estava congelado no Criogeniano em função da era glacial que aconteceu em âmbito planetário (TUMBLER RIDGE, 2015). Essas rochas são encontradas na parte Oeste do *Monkman Provincial Park* (Figura 13) (TUMBLER RIDGE, 2015).

³⁷ Livro disponível: <https://www.passeidireto.com/arquivo/17897024/livro-geopark-araripe-completo?utm-medium=link>

³⁸ De acordo com Conuma Coal Resources (2020) a comunidade Tumbler Ridge possui aproximadamente de 2.200 habitantes e mesmo sendo considerada pequena, todos os serviços como clínica médica, grande supermercado, restaurantes, bares, hotéis, escolas e instalações para faculdades, além de oportunidade de recreação são encontrados.

Figura 12 - Localização do *Tumbler Ridge* Geoparque Mundial UNESCO, Canadá.



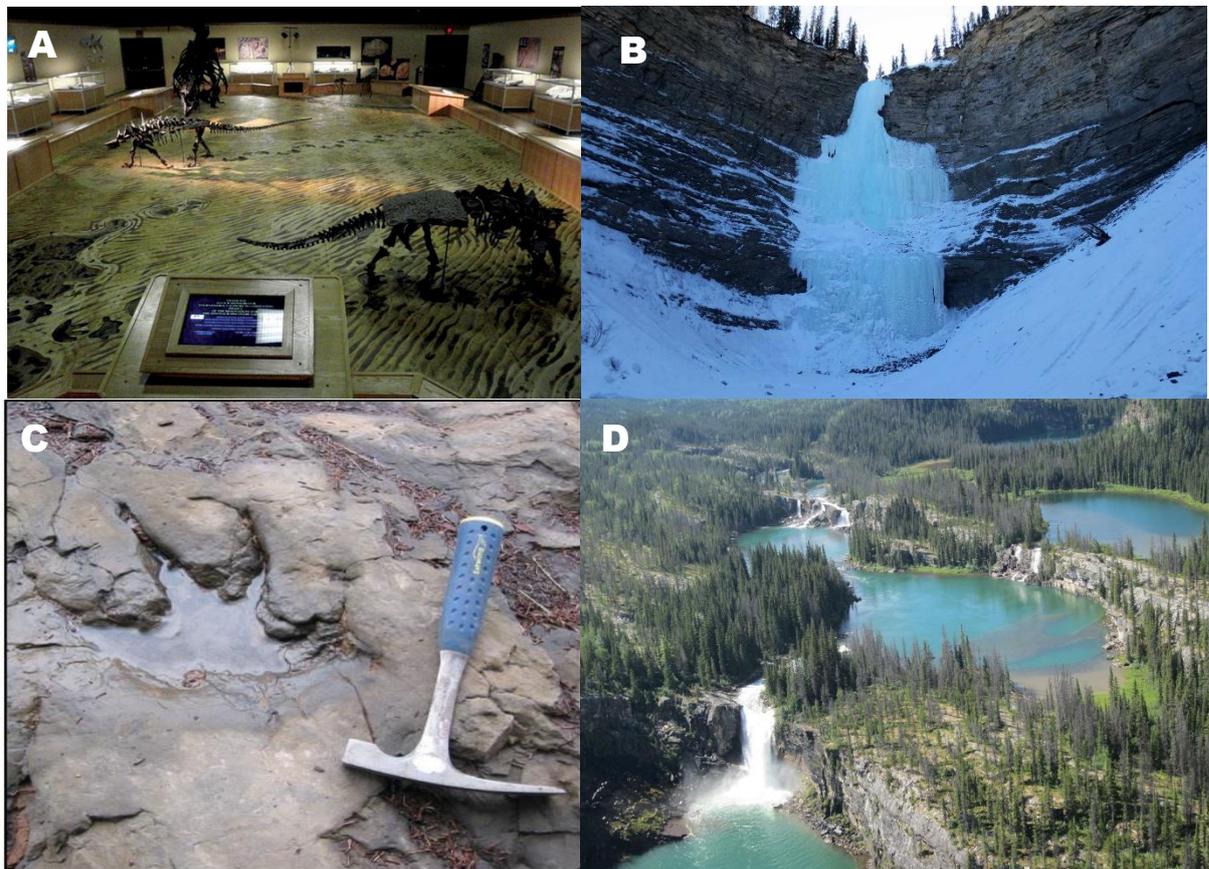
Fonte: Tumbler Ridge (2015).

No *website* do geoparque é possível encontrar os geossítios mais importantes e um guia de visitantes para cada um deles com informações sobre como se faz para chegar ao geossítio, dificuldade da caminhada, informações detalhadas sobre o tipo de conteúdo presente no geossítio e sobre a trilha, fotos, se é usado para esportes, mapa com a trilha e localização e ainda outros lugares que podem ser interessantes para a visita com informações complementares, muito completo e didático. Ainda está posto que “[...] você pode ver e aprender mais com um guia, mas você pode visitar o geossítio por si só.” (TUMBLER RIDGE, 2015).

O *website* também apresenta muitas informações relacionadas à pesquisa científica sobre o território do *Tumbler Ridge*, inclusive, em um vídeo promocional, aparecem os pesquisadores comentando que foram realizadas pesquisas a partir das pegadas dos dinossauros para saber o quão rápido os animais se movimentavam (TUMBLER RIDGE, 2015). Os dinossauros desse território são do Cretáceo Superior,

mas também são encontrados ossos e esqueletos dos dinossauros, peixes, trilobitas e moluscos do triássico. Alguns exemplos de pegadas são dos terópodes, saurópodes, ornitópodes e anquilossauros. Na Figura 13 é possível observar o museu que conta com um acervo paleontológico, uma pegada de Therapode, a cachoeira *Bergeron* que durante o inverno fica congelada e é promovida a escalada no gelo e a cachoeira *Brooks* no Parque Provincial *Monkman*, onde à oeste desse parque são encontradas as rochas mais antigas do território do Geoparque (TUMBLER RIDGE, 2015).

Figura 13 – A - Museu dos dinossauros; B - cachoeira *Bergeron* durante o inverno; C - pegada de Terápode e D - Vista aérea da *Brooks Falls* no parque provincial de *Monkman*.



Fonte: Tumbler Ridge (2015), Helm (2016).

O território do *Tumbler Ridge Geopark* é diversificado tanto em geodiversidade como em biodiversidade e aspectos histórico-culturais (Quadro 10) e que a geodiversidade é um importante atrativo turístico. Manifestada, por exemplo, nas cachoeiras “*Kinuseo Falls*”, “*Bergeron Falls*” e “*Brooks Falls*” (Figura 13). Os rios

Murray e *Wolverine* são os principais do território e a comunidade de *Tumbler Ridge* está situada na confluência desses dois rios, no sopé do Monte *Bergeron* e das Montanhas Rochosas (TUMBLER RIDGE, 2015; 2020). O lago principal que dá nome ao Parque Provincial *Bearhole Lake* é o habitat de nidificação de cisnes trompetistas, e nessa área também vivem alces, caribus, ursos pretos, veados de cauda branca e numerosos pequenos mamíferos e pássaros. Além disso, é considerada área de uso tradicional pelas Primeiras Nações Tribais do Tratado 8 (BRITISH COLUMBIA, 2019a). As Oito Primeiras Nações (TREATY 8, 2019) correspondem ao agrupamento etno-linguístico Sicannie (Sikanni), Slavey, Beaver (Dunne-za), Cree e Saulteau, sendo patrimônio cultural da região. No *Wapiti Lake Provincial Park* além do lago e do ambiente alpino são encontrados muitos fósseis de vertebrados marinhos do Triássico e é o habitat de Alces, caribus, Ursos pretos e pardos, Ovelhas da montanha, Lobos, coiotes, lincos e muitos pequenos mamíferos (BRITISH COLUMBIA, 2019b).

Quadro 10 - Conteúdos encontrados no *Tumbler Ridge* Geoparque Mundial UNESCO, Canadá.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	13	6	5

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

A comunidade *Tumbler Ridge* foi construída e cresceu em função da atividade mineira de extração de carvão, minério que era comprado por um consórcio de siderúrgicas japonesas (COMUNA GOAL RESOURCES, 2020, WIKIPEDIA, 2019). No ano 2000 foram descobertas pegadas dos dinossauros por crianças e a partir de

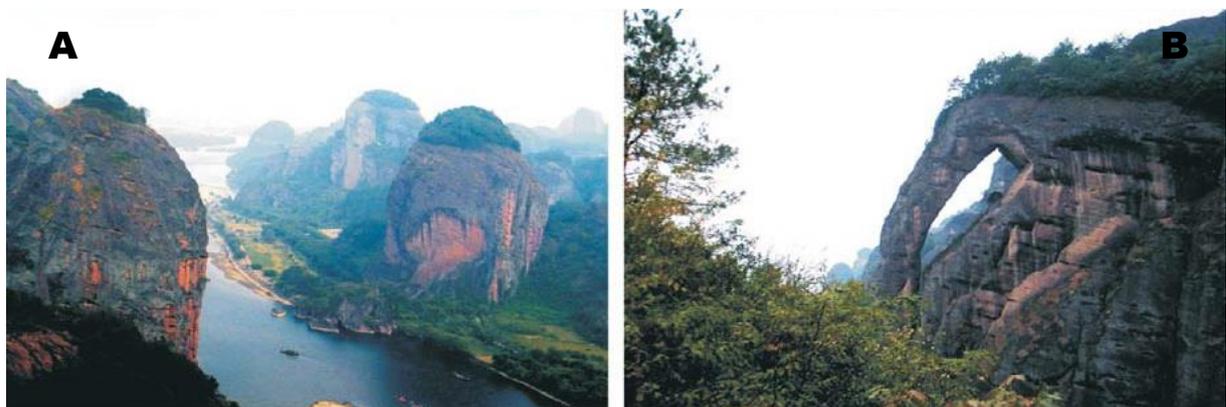
Quadro 11 - Conteúdos encontrados no *Longhushan* Geoparque Mundial UNESCO, China.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	11	6	4

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

A história geológica do *Longhushan* está intimamente ligada à evolução das formas de vida avançadas na Terra e o Geoparque é rico em registros fósseis (Quadro 11). O Geoparque também contém geomorfologia espetacular (Figura 15), que consiste em penhascos de arenito vermelho e vales de linhas estreitas e corroídas pela água, conhecidos na China como paisagens e formas de relevo de *Danxia* (PENG, 2001), tornando, predominante, os elementos utilizados pelo turismo com conteúdo referente à geodiversidade (Quadro 11).

Figura 15 – A - Rio Luxi e os picos de Danxia e B - a rocha com forma de elefante.



Fonte: Kusky et al. (2010)

Associado à geodiversidade estão os aspectos culturais, pois nessa área nasceu o taoísmo e, pelas trilhas, é possível ter contato com o elemento cultural-religioso, fauna, flora e geodiversidade. O Geoparque é gerido pelo comitê *Longhushan Global Geopark Administrative Committee*³⁹ (LONGHUSHAN, 2020a).

4.2.5 Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO (GN)

O Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO (GN) localiza-se no centro-leste de Portugal, às margens do Rio Tejo, quase na fronteira com a Espanha, distante aproximadamente 260 km da capital Lisboa (Figura 16).

Figura 16 – Localização do Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO, Portugal.



Fonte: Naturtejo (2014).

³⁹ Parece que o governo chinês bloqueia algumas informações sobre o geoparque e dados em geral, pois, seguidamente, as páginas apresentam erro de navegação.

Foi o primeiro Geoparque de Portugal a integrar a rede e possui diversos sítios geológicos de relevância e beleza paisagística, compondo 16 geomonumentos que variam com características paleontológicas, minas e cascatas (Quadro 12). As rochas possuem origem sedimentar (conglomerado), metamórfica (quartzitos) e magmática (granito) dentre outros afloramentos em um substrato Neoproterozoico (NATURTEJO, 2018; RODRIGUES et al., 2011). As características paleontológicas (Quadro 12) se dão pela presença de fósseis de trilobitas, icnofósseis⁴⁰ e de árvores fossilizadas (Figura 18) que indicam o vestígio de um antigo mar, quando os continentes se encontravam unidos no Polo Sul, formando o Gondwana e essa região encontrava-se a noroeste desse supercontinente.

Quadro 12 - Conteúdos encontrados no Naturtejo Geoparque Mundial UNESCO, Portugal.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	10	4	4

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

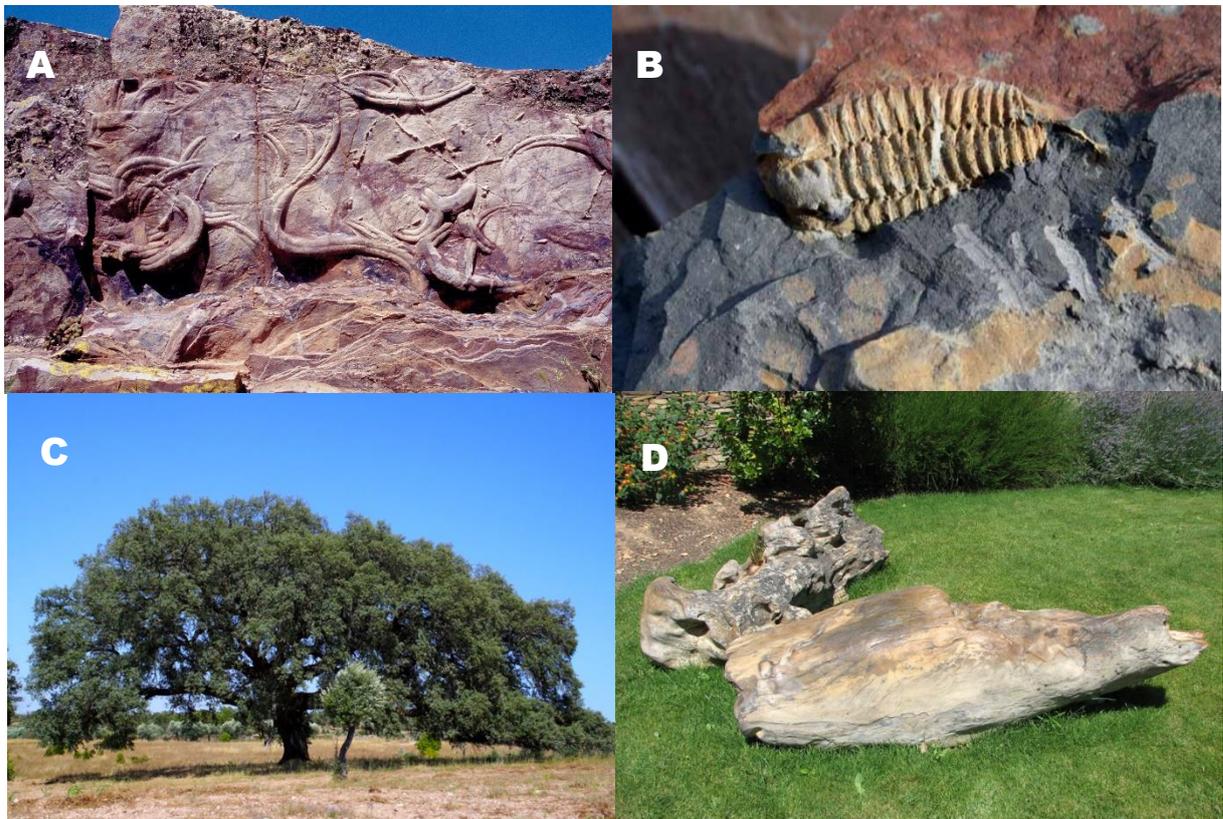
Sobre a biodiversidade (Quadro 12) é possível ver árvores monumentais (Figura 17), protegidas como Monumentos Vivos de Interesse Público em função da idade e porte das árvores (NATURTEJO, 2018). As trilobitas, de acordo com Naturtejo (2018), tinham ampla distribuição geográfica. Essas espécies viveram um curto espaço de tempo o que facilita⁴¹ comprovar com precisão a idade dos sedimentos.

40 Vestígios, marcas ou “rastros” deixadas pela atividade dos seres vivos passados (PROGEO, 2018).

41 Enquanto menor o tempo de existência de uma espécie, mais fácil definir com precisão a idade do estrato onde se encontram os fósseis.

Embora tenham sido abundantes no Ordoviciano foram extintas no final do Paleozoico (251 Ma), quando ocorreu a extinção de mais de 95% das espécies dando fim ao Permiano. As hipóteses para tal extinção são, ou choque de um objeto celeste ou atividade vulcânica, que gerou muito CO₂, aumento do efeito estufa, tornando o planeta mais quente. Esse Geoparque é administrado pela empresa intermunicipal Naturtejo (NATURTEJO, 2018).

Figura 17 – A - Parque Icnológico de Penha Garcia com icnofósseis e B - trilobita; C - Troncos Fósseis de Vila Velha de Ródão e D - Árvores monumentais (azinheira) de Vila Velha de Ródão



Fonte: Naturtejo (2020) e Naturtejo (2016).

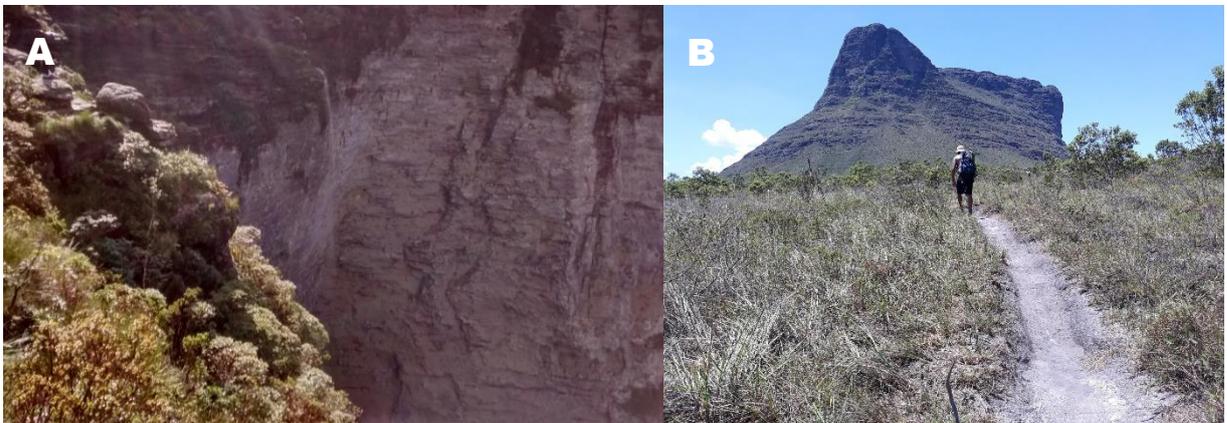
No Naturtejo percebe-se uma quantidade considerável de elementos diretamente associados à geodiversidade, sendo utilizados como atrativo turístico e também elementos da biodiversidade e histórico-culturais (Quadro 12) tais como sítios arqueológicos do paleolítico, museu e minas, que também estão associados à geodiversidade (NATURTEJO, 2018).

O site é pouco intuitivo e bastante confuso quanto a visualização das informações. Muitas vezes não é fácil voltar à uma informação acessada anteriormente.

4.2.6 Proposta do Geoparque Serra do Sincorá (GSS)

O território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá encontra-se na região central do estado da Bahia, no Brasil. A capital Salvador-BA está distante, aproximadamente, 450 km da principal cidade, Lençóis. A Chapada Diamantina é uma região com grande beleza e variedade paisagística, apresentando rochas de 1,5 bilhão de anos, sendo de grande relevância a geodiversidade lá encontrada. Nesse território composto por quatro municípios encontram-se formas esculpidas pelo tempo, como o Monte Tabor – Morrão do Capão (Figura 18), que representa um Morro Testemunho (PEREIRA, 2010), corredeiras e cachoeiras como a da Fumaça (Figura 19), cavernas e grutas que esculpem rochas sedimentares (Quadro 13). Além disso, é um ambiente com grande biodiversidade, uma vez que está em uma área que apresenta características do Cerrado, da Caatinga e da Mata Atlântica (TEIXEIRA e LINSKER, 2005). Para a administração desse futuro geoparque foi criada a Associação Geoparque Serra do Sincorá.

Figura 18 – A - Cachoeira da fumaça e B – Monte Tabor ou Morrão.



Fonte: arquivo da autora (2020).

Outros atrativos possuem conteúdos associados como as grutas e cavernas. O Pantanal Marimbus⁴², uma área alagada conectada com lagoas e com cobertura do Neoproterozoico, recebeu mais sedimentos na época do garimpo em função de estar na confluência dos rios Santo Antônio e São José e ser receptor da descarga de vários afluentes. O Marimbus sofreu interferência antrópica o que alterou a paisagem atual e apresenta uma vegetação única (Nolasco, 2002). Os sítios arqueológicos, como a

⁴² No Quadro 13 o pantanal Marimbus foi incluído nos elementos lagos/lagoas/lagunas.

Serra das Paridas, os museus e os ambientes que foram garimpados hoje compõem a paisagem a exemplo do geossítio Serrano. Nas trilhas é possível encontrar os três conteúdos associados. As aldeias são representadas pelos quilombos existentes, por exemplo no Remanso, e pela população residente no Vale do Pati, dentro da área do Parque Nacional Chapada Dimantina. O território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá ainda não possui um *website*, mas é possível encontrar informações e imagens em duas redes sociais⁴³.

Quadro 13 - Conteúdos encontrados no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá, Brasil.

Principais elementos encontrados	Conteúdos presentes nos atrativos		
	Geodiversidade	Biodiversidade	Histórico e Cultural
Cachoeiras			
Rios			
Lagos/ lagoas/ lagunas			
Rochas			
Vulcões			
Morros e montanhas			
Sítio paleontológico			
Grutas/ Cavernas/ Furnas			
Cânions/ falésias			
Trilhas			
Praias			
Vida animal			
Campos			
Florestas			
Aldeias			
Sítio arqueológico			
Fortes			
Museus			
Minas			
TOTAL	11	6	6

Fonte: elaborado pela autora a partir de Manosso, Moreira e Silva Júnior (2014).

Concluindo, o principal conteúdo do atrativo ou elemento da paisagem nos Geoparques é a geodiversidade, sendo a atração turística principal em todos como já esperado, bem como no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá (Tabela 2). Inclusive a história geológica da proposta do Geoparque Serra do Sincorá é mais antiga do que a dos Geoparques Araripe, *M'Goun* e Naturtejo (Apêndice 4). Entretanto, o geoturismo é uma atividade de combina elementos naturais e culturais (MANTESSO-NETO et al., 2012). E como os Geoparques são lugares onde o geoturismo acontece por excelência, é necessário observar se esses territórios

⁴³ @geoparqueserradosincorá no *Instagram* e no *Facebook*.

apresentam associações entre a geodiversidade e os conteúdos da biodiversidade e das características histórico-culturais (Tabela 2).

Tabela 2 - Comparativo com a associação entre conteúdos e elementos dos geoparques e da proposta.

Conteúdos	GMG	GA	GTR	GL	GN	GSS
Geodiversidade	6	6	6	5	5	5
Biodiversidade	3	2	2	3	2	3
Histórico-cultural	1	0	1	0	1	1
Geobio	1	1	2	2	2	1
Geohist	1	2	2	3	3	3
Biogeohist	2	1	2	1	0	2
TOTAL	14	12	15	14	13	15
Associações	4	4	6	6	5	6

GMG – Geoparque M’Goun; GA – Geoparque Araripe; GTR – Geoparque Tumbler Ridge; GL – Geoparque Longhushan; GN – Geoparque Naturtejo; GSS – Proposta Geoparque Serra do Sincorá. Fonte: elaborada pela autora (2020).

Os elementos exclusivamente relacionados com a biodiversidade e com as características histórico-culturais são presentes em quantidade semelhante aos já Geoparques. Nos Geoparques *Tumbler Ridge* (GTB), *Longhushan* (GL) e *Naturtejo* (GN) a geodiversidade em associação com a biodiversidade, enquanto elemento turístico, se destaca frente aos demais. A geodiversidade em associação com as características-histórico culturais se destacam nos Geoparques *Longhushan* (GL), *Naturtejo* (GN) e na proposta para o Geoparque Serra do Sincorá (GSS).

Os três conteúdos associados podem ser observados pelos turistas nos Geoparques *M’Goun* (GMG), *Tumbler Ridge* (GTR) e na proposta do Geoparque Serra do Sincorá (GSS). A maior contagem do total de elementos/atrativos está no Geoparque *Tumbler Ridge* e na proposta do Serra do Sincorá. Na contagem das associações entre os elementos, a proposta do Geoparque Serra do Sincorá se destaca assim como o *Tumbler Ridge* e o *Longhushan* (Tabela 2).

Tais características, a exemplo dos Geoparks, indicam que o território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá tem vocação para o geoturismo, uma vez que a geodiversidade é o principal atrativo turístico e está associada às características bióticas da natureza e histórico-culturais, uma vez que as Lavras Diamantinas se desenvolveram em função do uso da geodiversidade durante o ciclo do diamante, sendo esse o principal fator de povoamento (TEIXEIRA; LINSKER, 2005). Portanto, na Chapada Diamantina, pela forma como os conteúdos identificados no território

proposto para o Geoparque Serra do Sincorá se associam, possuem grande potencial de se tornar um Geoparque em função da diversidade de atrativos. Entretanto, há de se saber se a área está preparada para receber os turistas com a qualidade exigida para chancela da UNESCO. Dessa forma, é importante identificar se os turistas estão satisfeitos com o que o território oferece e se podem ser reconhecidos como turistas que buscam conhecer a geodiversidade, os geoturistas.

4.3 SATISFAÇÃO DOS TURISTAS EM LENÇÓIS

De acordo com o CET-UnB (2008), considerar a satisfação dos turistas para planejar a atividade consoante às aspirações do consumidor, contribui com o aprimoramento da qualidade na prestação dos serviços turísticos, da infraestrutura e dos atrativos. Aspectos ligados à infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos foram avaliados, sob a perspectiva do turista, no município de Lençóis. O instrumento foi aplicado nas ruas de Lençóis, durante o segundo semestre de 2018, totalizando 147 respondentes. A descrição dos resultados foi realizada a partir da média e desvio padrão das respostas fornecidas pelos turistas em uma escala onde 1 equivale a péssimo, 2 (ruim), 3 (regular), 4 (bom) e 5 (ótimo).

4.3.1 Infraestrutura

A infraestrutura turística é todo “[...] o conjunto formado por obras e instalações de estrutura física e de serviços, indispensáveis ao desenvolvimento do turismo e existentes em função dele.” (MTUR, 2007, p. 50). No grupo infraestrutura, são considerados “bom” os itens “limpeza urbana”, seguido de “segurança pública” (Tabela 3). Os demais itens foram avaliados como “regular”.

Tabela 3 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre a infraestrutura de Lençóis-BA.

Itens	Média	Desvio Padrão
Limpeza urbana	4,13	0,81
Segurança pública	4,04	0,79
Vias de acesso a Lençóis (estradas, aeroporto, rodoviária)	3,88	0,82
Sinalização de acesso a Lençóis	3,84	0,77
Iluminação pública	3,75	0,85
Média do grupo	3,71	0,51
Sinalização em Lençóis	3,60	0,85
Fluidez no trânsito	3,51	0,97
Transportes em Lençóis (táxi, ônibus, van)	3,47	0,88
Telecomunicações/internet	3,00	1,13

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Considerando a “limpeza urbana” (Figura 19), os turistas não perceberam o quão suja é a cidade, possivelmente por ficarem em média de 4 a 5 dias⁴⁴, mas sugerem que há a necessidade de distribuição de lixeiras pelas ruas como constatado nessas passagens escritas pelos turistas em cinco ocasiões: “Mais lixeiras espalhadas pela cidade”, “Mais lixeiras”, “Mais lixeiras na cidade”, “Mais lixeiras” e “Aumentar o número de lixeiras espalhadas pela cidade”. De fato, nas principais ruas de Lençóis encontram-se pouquíssimas lixeiras e os moradores convivem diariamente com uma quantidade enorme de lixo em algumas esquinas⁴⁵, além das fezes dos animais que perambulam na rua e, em tempos de seca, o mau cheiro que tudo isso ocasiona. Entretanto, grande parte dos respondentes (44,4%) considerou a limpeza urbana como “bom” (Figura 19).

No que se referia a “segurança pública” (Figura 19), a liberdade de caminhar na rua em qualquer horário é percebida pelos turistas e a aparência de maior segurança é ampliada com a presença dos policiais que fazem curso na cidade de Lençóis. Por outro lado, foi possível encontrar no espaço de “sugestões” as seguintes passagens escritas pelos turistas, que corroboram com o que os moradores anunciam sobre a cidade não ser mais a mesma, em questões de segurança pública, comparando com o que fora no passado: “Poderia haver mais policiamento” e “A

⁴⁴ Esse resultado foi encontrado na pesquisa do Perfil do Turista que consta detalhadamente no próximo subcapítulo.

⁴⁵ O lixo é encontrado frequentemente nas esquinas: Rua dos Patriotas com Rua Afrânio Peixoto; no beco que faz esquina com a Rua São Francisco e Rua Miguel Calmon na praça Afrânio Peixoto; na escadaria da Rua Coqueiro que dá para a Rua Alto do Cajueiro; Rua Afrânio Peixoto e antiga Rua dos Negros, nos fundos do Lumiar; para citar alguns exemplos.

segurança tem se tornado um problema nos últimos anos”. Durante o período em que a pesquisadora morou na cidade, ocorreram pelo menos duas execuções, sendo uma em frente ao hospital e outra na gameleira, poço do Rio Lençóis, no Serrano. Contudo, grande parte dos respondentes (46,6%) considerou esse item “bom”. A grande maioria dos turistas avaliaram a limpeza urbana e a segurança pública entre ótima e boa (80,5% e 76,7%), como pode ser observado, na Figura 19.

As “vias de acesso a Lençóis (estradas, aeroporto, rodoviária)”, “sinalização de acesso a Lençóis” e “iluminação pública”, também receberam valoração acima da média do grupo (Tabela 3), mas são apontadas como “regulares”. Considerando as “vias de acesso a Lençóis” (Figura 19), a estrada que liga Lençóis à BR recentemente foi recapeada⁴⁶, apresentando asfalto sem acostamento e grande fluxo de caminhões, o que se pode associar com a média regular para esse item.

Há alguns anos, as condições das rodovias eram bem diferentes, com estradas muito esburacadas e irregulares. Importante frisar que a maioria dos turistas chega à Lençóis, conforme o questionário do perfil do geoturista (Apêndice 2), por via terrestre e não por via aérea. Os voos para o aeroporto que se localiza no distrito de Tanquinho, em Lençóis, acontecem somente duas vezes por semana⁴⁷, o que também pode estar associado com a média regular para as “vias de acesso”. Ainda existem “sugestões” escritas pelos turistas a respeito das vias de acesso verificadas nestas três passagens: “Melhorar as estradas de acesso via Tanhaçu/Ituaçu (localizados ao sul do Parque Nacional da Chapada Diamantina – BA-142)”, “Melhor qualidade nas ruas e vias de acesso” e “Mais opções de voo para a cidade”. A maioria dos respondentes (52,9%) considerou esse item “bom”.

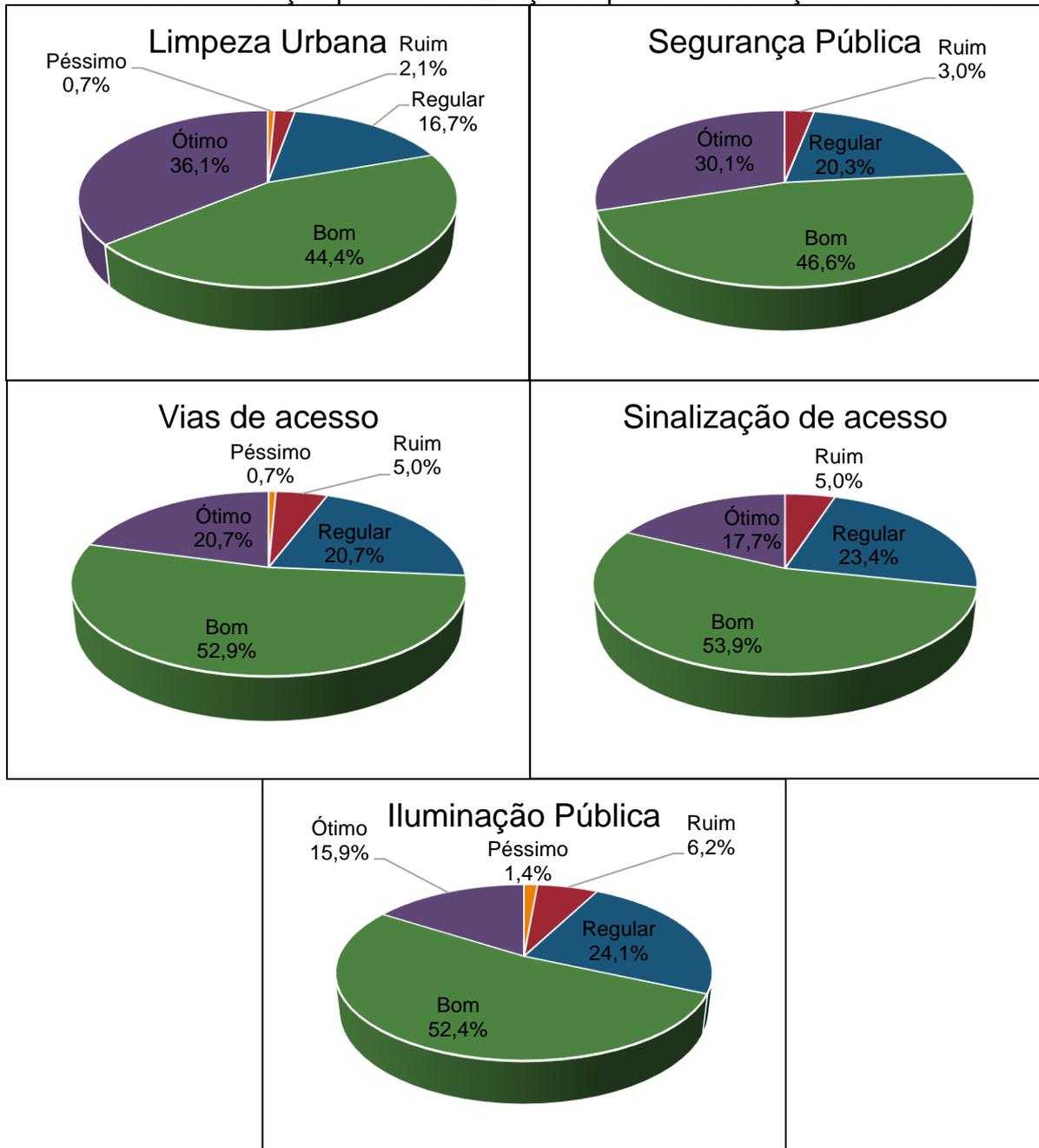
Quanto à “sinalização de acesso” à cidade (Figura 19) que, por vezes, apresentava informações desatualizadas ou equivocadas, como placas indicativas da quilometragem mostrando números distintos (BA-850). Uma placa indicava uma quilometragem e mais a frente outra mostrando quilometragem superior à anterior. Em nome da prefeitura, a secretária de turismo disse que retirariam a placa em janeiro de 2019. Além disso, a falta de sinalização para acesso à Lençóis foi percebida por este

⁴⁶ A pesquisa foi realizada em 2018/2.

⁴⁷ Os voos são realizados pela companhia aérea Azul nas quintas-feiras e domingos do e para o Aeroporto Internacional Dep. Luís Eduardo Magalhães em Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador.

turista: “Mais placas de indicações para quem vem dos estados do Nordeste”. Mesmo assim, a maioria dos respondentes (53,9%) considera esse item “bom”.

Figura 19 - Limpeza urbana, segurança pública, vias de acesso, sinalização de acesso e iluminação pública em Lençóis a partir da avaliação dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

As valorações abaixo da média ocorreram para “sinalização em Lençóis”, “fluidez do trânsito”, “transportes em Lençóis (táxi, ônibus, van)” e telecomunicações/internet, consideradas “regulares” (Tabela 3).

A “iluminação pública” (Figura 19) encontra-se melhor distribuída no centro da cidade e insuficiente nas áreas periféricas. Corroborando com tal indicativo seguem as “sugestões” dos turistas nestas quatro passagens: “Maior iluminação em direção às pousadas distantes do centro”, “Melhoria da iluminação pública”, “Alguns lugares não possuem uma iluminação apropriada quando longe do centro da cidade”, “a iluminação é precária em vários pontos da cidade”. Depreende-se, a partir dessas sugestões, que alguns turistas percebem a presença ou a falta da iluminação pública de acordo com os lugares por onde passam e/ou se hospedam.

Conforme observação da pesquisadora, na ladeira que dá acesso à Embasa, a lâmpada estava queimada e da rua do outro lado da ponte atrás da Igreja Católica também, permanecendo sem providências durante o período da pesquisa. Além disso, quando a cidade operou com grande volume de turistas, há queda de luz, como pode-se confirmar a partir destas duas citações: “Melhoria em relação a queda de energia” e “melhoria na rede elétrica”. Ainda assim, a maioria dos respondentes (52,4%) considerou esse item “bom”, mas 7,6% considerou “péssimo” ou “ruim”. Referente ao grande número de turistas, pode-se observar que nos feriados quando a cidade operou acima de 44% da ocupação dos leitos (Quadro 14), foi possível perceber que os problemas urbanos tais como distribuição de água, luz, internet e fluidez no trânsito se acentuam.

Quadro 14 - Taxa média de ocupação dos meios de hospedagem em Lençóis-BA.

Períodos	Festividade	Taxa média de ocupação	Alcance da pesquisa
22/06/2018	São João	50,93%	100%
16/07/2018	Segunda quinzena de julho	50,82%	100%
01/08/2018	Ocupação Agosto 2018	sem dados	sem dados
07/09/2018	7 de setembro	64,33%	100%
12/10/2018	Nossa Senhora Aparecida	71,77%	98,33%
02/11/2018	Finados 2018	44,89%	100%
15/11/2018	Proclamação da República 2018	75,06%	99,77%
21/12/2018	Natal 2018	44,10%	66,51%
28/12/2018	Reveillon 2019	83,06%	99,54%
15/01/2019	Segunda quinzena de janeiro	29,44%	99,30%
09/02/2019	Janeiro alta estação	67,22%	100%
09/02/2019	Primeira quinzena de fevereiro	37,60%	46%

Fonte: informações cedidas pela Secretaria de Cultura e Turismo de Lençóis.

A “sinalização em Lençóis”, inclusive de trânsito, começou a ser incluída no começo de 2019 e uma das “sugestões” de um turista é a “melhorar a sinalização nas ruas”. Grande parte dos respondentes considera “bom” (Figura 20). A “fluidez no

trânsito” sofre interferência quando a cidade operou com grande volume de turistas, conforme já referido. Sobre isso um turista comentou: “Tive dificuldade de estacionar, quem sabe criar uma "zona azul"?”. Entretanto, para resolver esse problema, já que a maioria das pessoas anda a pé, o ideal seria deixar o carro no local onde está hospedado, livrando-se do hábito urbano e aproveitando a agradável caminhada na cidade, que é pequena. Além disso, o centro histórico é acessível apenas por uma ponte. Pode-se frisar que há, por parte da prefeitura, um projeto para realizar uma outra ponte, próximo de onde se localiza o começo da trilha para o Serrano e ao local onde as lavadeiras trabalham (Figura 21). Porém, causaria menos impacto se houvesse investimento em transporte público para as regiões mais afastadas. É um investimento tanto para o turismo como para a comunidade local⁴⁸. Pelas observações feitas no local, na opinião da autora, a prefeitura poderia iniciar uma campanha associada à segurança pública para que os turistas se desloquem a pé, disponibilizando transporte público para as áreas mais afastadas. Grande parte dos respondentes (40,7%) considera esse item “bom”, mas a fluidez no trânsito é apontada como “péssima” ou “ruim” por 13,6% dos turistas (Figura 20).

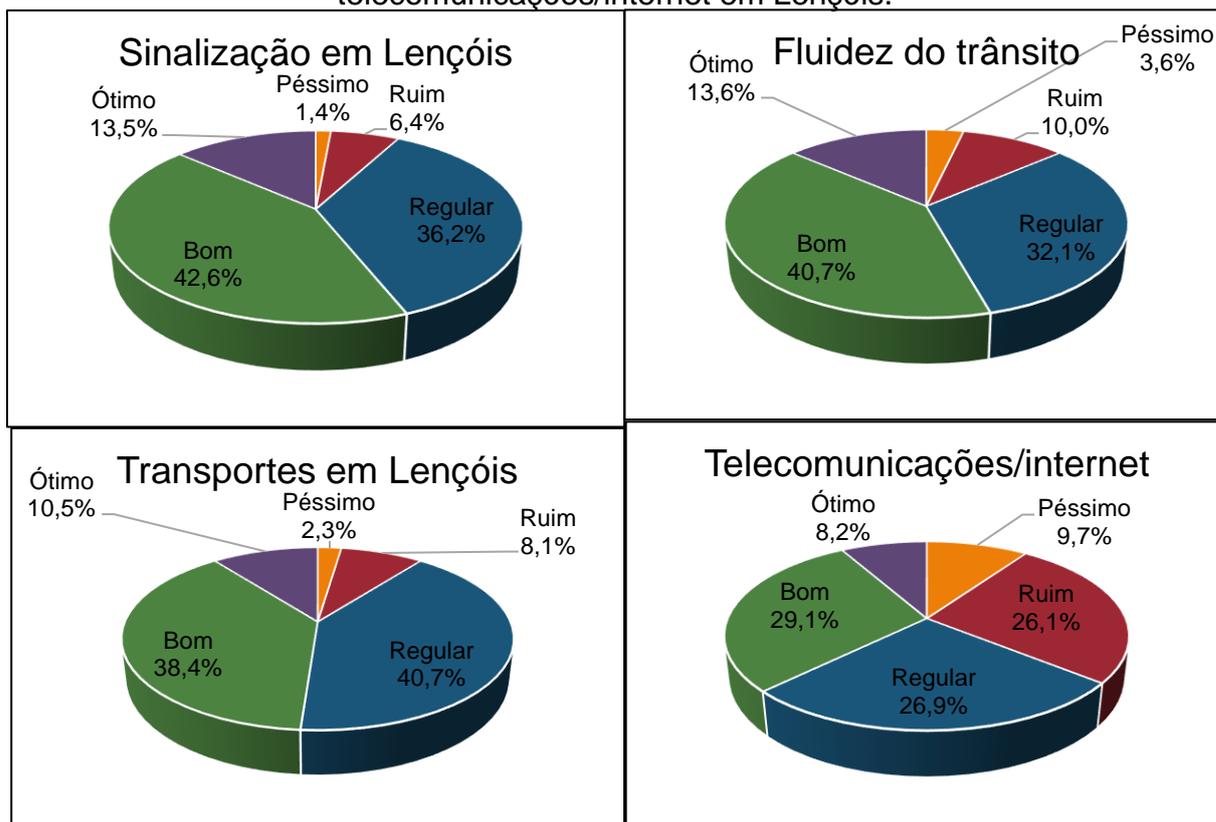
A média e o desvio padrão das classes de valor atribuídas aos “transportes em Lençóis” foram calculadas sem considerar as respostas “não sei” e “não responderam”. Sendo assim, é necessário comentar que um resultado chamou atenção para o item “transportes em Lençóis” no grupo infraestrutura, pois dos 147 respondentes 57 turistas responderam que “não sabiam” e cinco “não responderam”, possivelmente por não terem tido acesso aos transportes e por haver pouca disponibilidade.

Foi possível perceber a inexistência desse serviço urbano, sendo a mobilidade realizada por táxis, mototáxis, vans, carros alugados e por carro próprio. Há alguns horários de ônibus que saem da rodoviária e percorrem alguns trechos com horário aproximado, o que é percebido pelos turistas nessas duas sugestões: “Melhorar a logística de transportes na Chapada” e “Melhoria no transporte público” uma vez que é realmente difícil a mobilidade na cidade e entre os municípios integrantes à proposta do Geoparque Serra do Sincorá. Para ir até Igatu, distrito de Andaraí, por exemplo, é necessário o uso de uma van que se desloca uma vez por dia ou um táxi até a rodoviária de Tanquinho. A partir daí o usuário necessita pegar o ônibus para a

⁴⁸ A autora não teve acesso ao projeto, mas como participou das reuniões institucionais do Conselho Municipal de Turismo ouviu esse projeto ser citado algumas vezes.

rodoviária de Andaraí, de onde ou espera o transporte escolar, ou uma carona em carro privado. Isso acarreta perda de tempo aos turistas, o que dificulta a mobilidade entre os municípios. Uma porção elevada dos turistas considera esse item “regular” e 10,4% “ruim” ou “péssimo” (Figura 20).

Figura 20 - Sinalização em Lençóis, fluidez do trânsito, transportes e telecomunicações/internet em Lençóis.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Figura 21 - Local onde as lavadeiras se localizam e projeto da construção da ponte.



Fonte: A – arquivo da autora (2020); B – Lençóis-BA (2019).

Referente às “telecomunicações/internet”, além da média mais baixa para o grupo, constatou-se as respostas mais dispersas. É válido comentar que existiam somente duas empresas que forneciam o sinal de *Wi-Fi* para toda a cidade e que há poucos anos a cidade passou a possuir sinal 3G de quatro operadoras de telefonia. No entanto, a internet era intermitente e caía em função das intempéries atmosféricas. O sinal de telefonia também sofre interrupções, conforme observado pela autora. Os turistas apontam nas “sugestões” a melhoria da internet como se observou nessas passagens apontadas por turistas: “melhoria internet”, “Melhoria da internet”, “Melhorar a qualidade da internet”. De toda a forma, grande parte dos respondentes considerou as telecomunicações/internet “ruim” ou “péssimo” (Figura 20). Essas carências referentes à infraestrutura turística, ao serem identificadas, contribuem para a qualificação da oferta turística (MTUR, 2007, 2011).

4.3.2 Atrativos

Os atrativos têm a capacidade de fazer os turistas se deslocarem para determinada localidade (MTUR, 2007). Da mesma forma como na infraestrutura, o valor médio da escala 1 a 5 foi usado como referência para avaliar a satisfação do turista. Quanto aos atrativos avaliados a média foi 4,15, indicando uma maior satisfação dos turistas quanto a este requisito. Ainda que em média os atrativos foram considerados “bom”, diversos itens analisados, como “patrimônio natural/geológico”, “gastronomia local”, “patrimônio histórico-cultural”, “Limpeza nas trilhas”, “Atendimento nos atrativos” e “Limpeza nos atrativos” apresentaram valores acima da média do grupo (Tabela 4).

Compreende-se que o “patrimônio natural/geológico” apresenta relação com o motivo da viagem – natureza, geologia - e com as atividades desenvolvidas - caminhadas/trekkings – (Apêndice 2) ao ar livre e associados, diretamente, com a geodiversidade (Figura 23), pois as atividades desenvolvidas podem ser entendidas como ações, desencadeadas pelo motivo, dos visitantes durante a visita (BRAGHIROLI; PEREIRA; RIZZON, 2011) que objetivam conhecer o patrimônio. A partir disso, pode-se depreender que a satisfação dos turistas esteja relacionada com a relevância e beleza do patrimônio natural e geológico encontrada em Lençóis e no território do futuro Geoparque Serra do Sincorá (ver 3.4, Tabela 10). Também se configura como o principal elemento para que o geoturismo se desenvolva, uma vez

que este acontece em função da geodiversidade (BRILHA, 2005) (Figura 22). Esse item é considerado ótimo por 60,1% dos respondentes (Figura 23).

Tabela 4 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre os atrativos de Lençóis-BA.

Itens dos atrativos	Média	Desvio Padrão
Patrimônio natural/geológico	4,54	0,61
Gastronomia local	4,51	0,67
Patrimônio histórico-cultural	4,37	0,74
Limpeza nas trilhas	4,32	0,75
Atendimento nos atrativos	4,21	0,82
Limpeza nos atrativos	4,20	0,75
Média do grupo	4,15	0,49
Segurança nos atrativos	4,09	0,88
Acesso aos atrativos	3,96	0,81
Informação sobre os atrativos	3,82	0,89
Sinalização até os atrativos	3,49	0,88

Fonte: elaborada pela autora (2020).

A cidade de Lençóis possui um cenário gastronômico diversificado, com vários restaurantes que servem pratos com os mais diferentes estilos de culinária que variam desde gastronomia italiana à comida regional (MTUR, 2018). Sendo, desfrutar da “gastronomia”, a terceira principal atividade turística desenvolvida em Lençóis, conforme resultados desta pesquisa (ver 3.4). De acordo com a infraestrutura turística disponível em Lençóis, referente à “onde comer”, esta cidade é a que tem a maior variedade de opções entre os quatro municípios integrantes do projeto do Geoparque Serra do Sincorá (ESCHILETTI; LANZER, 2019). A maioria dos respondentes (60,4%) consideraram “ótima” a gastronomia em Lençóis (Figura 23).

O conjunto arquitetônico e paisagístico de Lençóis é tombado pelo IPHAN desde 1973 (IPHAN, 2018a), portanto, a cidade é rica em história, cultura e em exemplares arquitetônicos. Entretanto, o patrimônio cultural/arquitetônico poderia ser melhor aproveitado se fossem usadas placas indicativas com o significado dos exemplares, como as que existem em Ouro Preto no estado de Minas Gerais e Barbalha no Ceará. O patrimônio cultural representa um atrativo importante como recurso turístico, especialmente como alternativa ao turista quando não é possível sair para as trilhas.

Figura 22 - Patrimônio natural/geológico visitado a partir de Lençóis no território do Geoparque Serra do Sincorá. A – Morro do Pai Inácio, B – Serrano e C – Monte Tabor.



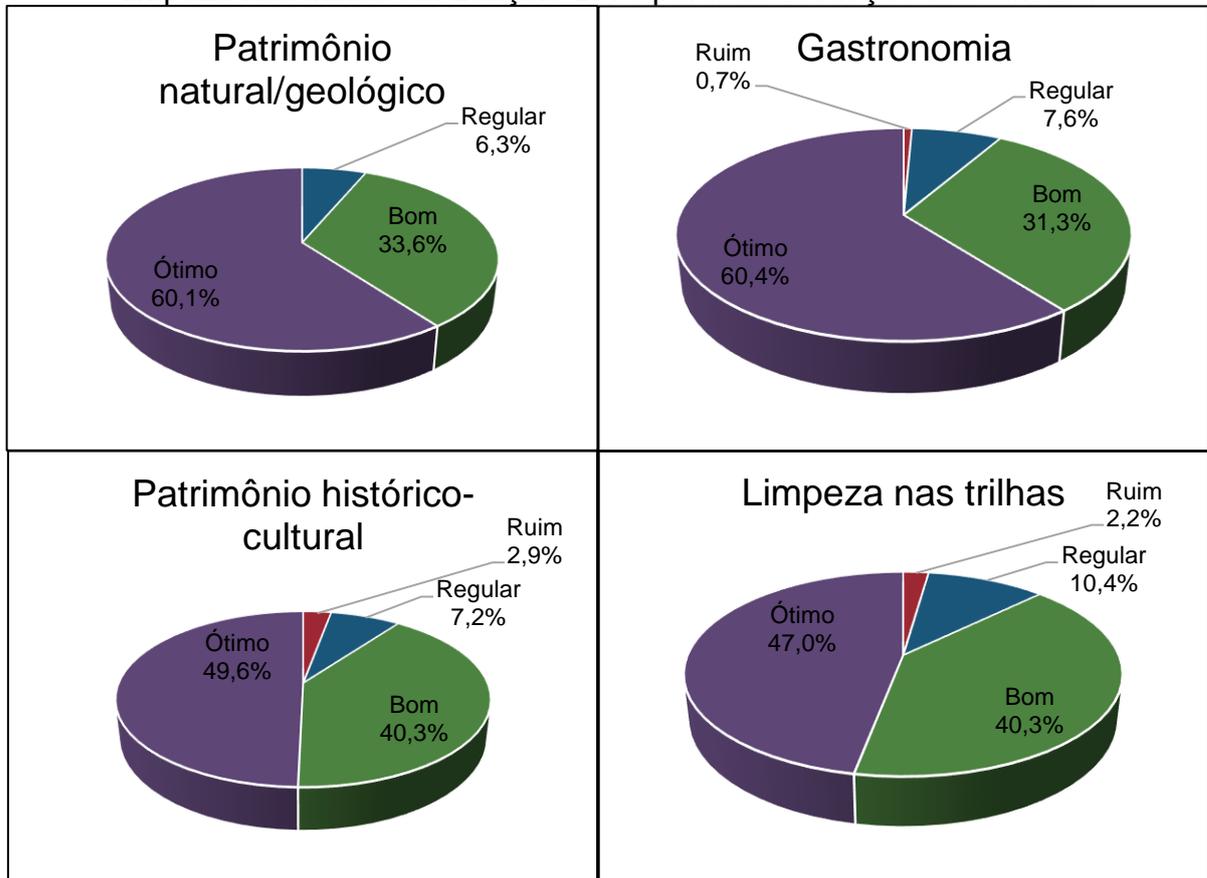
Fonte: arquivo da autora (2020).

No campo “sugestões”, dois turistas indicaram que deveria ser feito um “Melhor aproveitamento do galpão antigo” onde funcionava a feira de artesanato e a “Revitalização de casarões antigos da praça principal (após a ponte)”. O galpão a que se refere o turista é o Mercado Municipal ou Mercado Cultural, localizado na Praça Aureliano Sá ou Praça das Nagôs, que foi reabilitado pelo Projeto Monumenta em 2003. A partir de então, houve a “[...] eliminação do comércio tradicional, transformando o antigo edifício num espaço cultural, vazio de conteúdo e sem a alma e a vida que caracterizam os mercados.” (BONDUKY, 2010, p. 15). A partir do fechamento do Mercado, para novas reformas, a feira de artesanato foi transferida para uma travessa da Praça Horário de Matos, próximo da quadra do Banco do Brasil. Os casarões apontados pelo turista são aqueles localizados na Avenida Rui Barbosa, onde existem muitos estilos arquitetônicos diferentes na mesma rua e alguns casarões estão abandonados em péssimo estado de conservação. Vale ressaltar que o Mercado Cultural fica às margens do rio Lençóis e se destaca na paisagem urbana da cidade (Figura 24). Quanto ao patrimônio histórico-cultural, 49,6% dos respondentes considerou “ótimo” (Figura 23).

A “limpeza nas trilhas” é satisfatória aos turistas, pois sem um olhar mais detalhista e/ou frequente não percebem resíduos nos atrativos, nem a ausência de

lixeiros que mesmo que existissem não haveria mão-de-obra para a retirada dos resíduos. Esse item foi considerado “ótimo” por 47% dos respondentes (Figura 23).

Figura 23 - Patrimônio natural/geológico, gastronomia, patrimônio histórico-cultural, limpeza nas trilhas em Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.



Fonte: elaborado pela autora (2020).

Dentre os atrativos turísticos naturais inventariados, em Lençóis, por Pereira (2010), somente no balneário do Mucugezinho existe infraestrutura para receber os turistas constituída por bares e restaurantes, e no Serrano, onde há vendedores ambulantes próximo ao cano e a barraquinha do “é o rei”. Fora de Lençóis, os atrativos inventariados que possuem algum tipo de atendimento aos turistas, são: o Morro do Pai Inácio (quiosque onde há a cobrança da taxa), o Poço Azul (com receptivo e guia de turismo) e a Cachoeira da Fumaça (com controle de entrada e saída, mas sem guiamento). É curioso que embora poucos lugares tenham receptivo, no item “atendimento nos atrativos”, 41,1% dos respondentes considerou “ótimo”, enquanto 41,8% assinalou “bom”, o que indica que os turistas estão satisfeitos com o atendimento junto aos locais turísticos. Quanto à “Limpeza nas trilhas”, 46,8% dos respondentes considerou “bom” e 13,5% indicou “regular”. É interessante observar

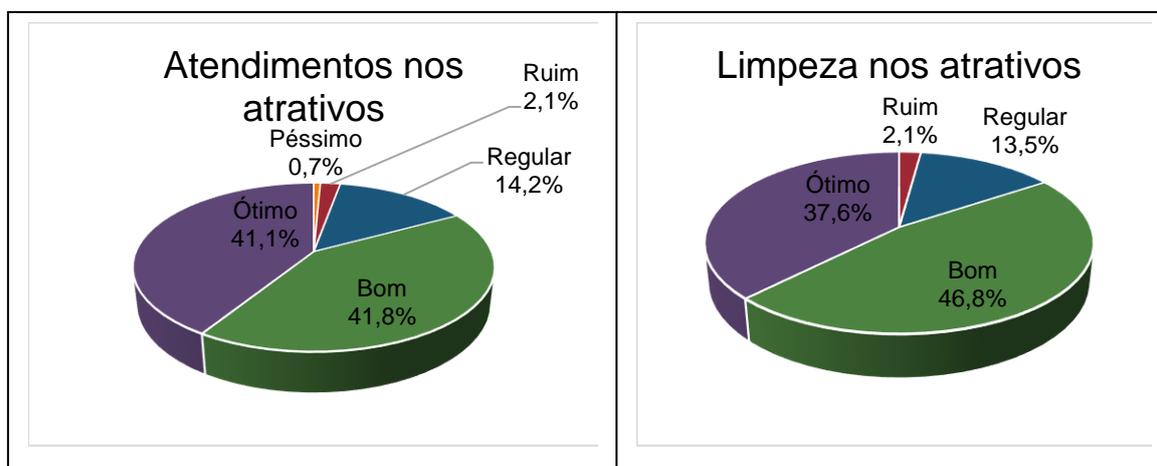
que a limpeza nas trilhas tem uma média maior do que a limpeza nos atrativos, provavelmente por ser onde os turistas deixam seus resíduos (Figura 25).

Figura 24 - Patrimônio histórico e cultural de Lençóis. A – Mercado Cultural e Rio Lençóis à esquerda do mercado; B – Roda de capoeira dentro do Mercado Cultural; C – Casarão antigo abandonado na Avenida Rui Barbosa e D – Festa do Senhor dos Passos, padroeiro dos garimpeiros.



Fonte: arquivo da autora (2020).

Figura 25 - Atendimento e limpeza nos atrativos em Lençóis a partir da avaliação dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Por outro lado, os itens “Segurança nos atrativos”, “Acesso aos atrativos”, “Informação sobre os atrativos”, “Sinalização até os atrativos” estão abaixo da média

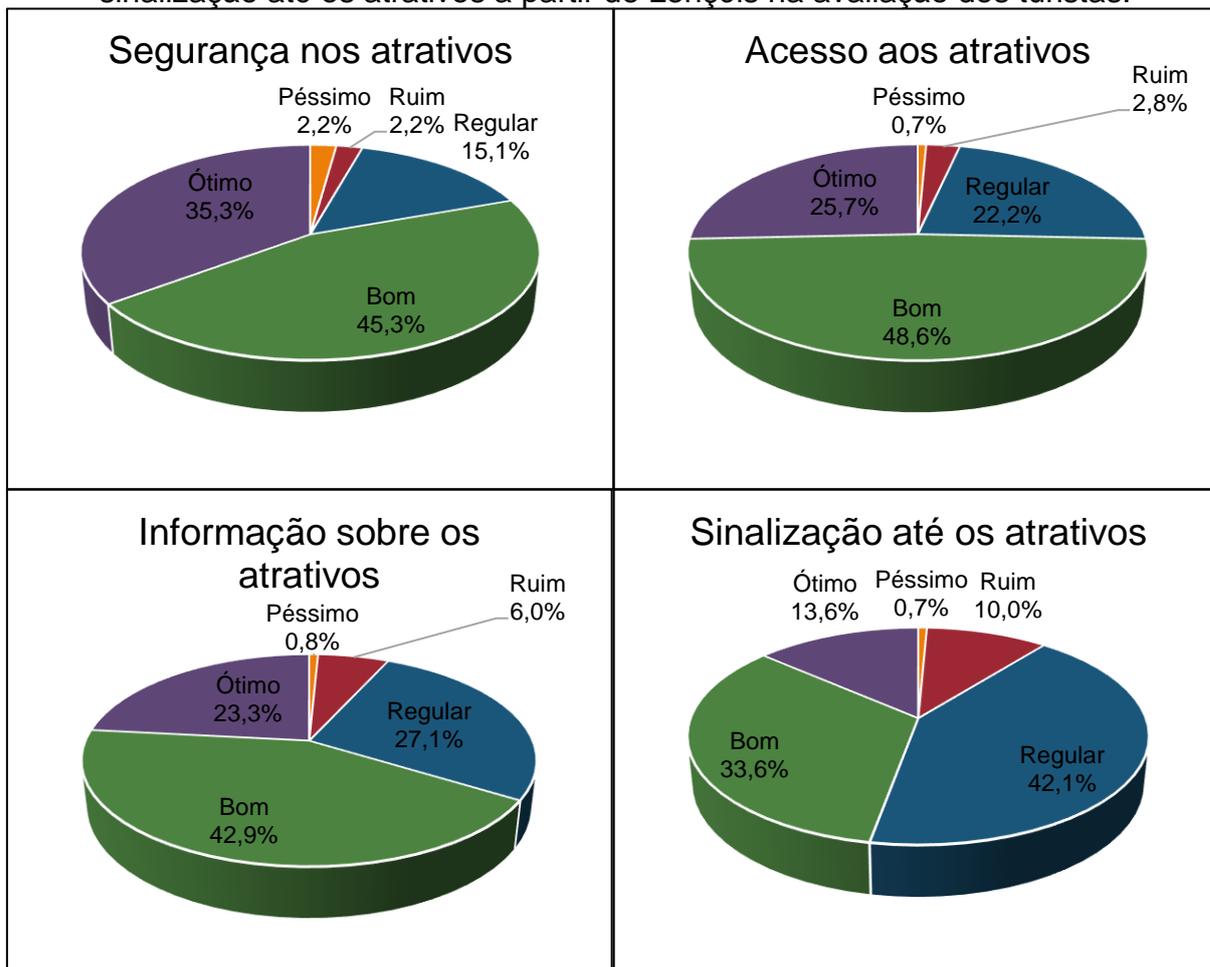
do grupo (Tabela 4), portanto requerem atenção especial por parte do poder público com vistas à melhoria desses aspectos e, conseqüentemente, à satisfação dos turistas.

Considerando a “Segurança nos atrativos”, 45,3% dos respondentes apontou como “bom” (Figura 26). Nesse caso, pode-se inferir que Lençóis e os atrativos não ofereciam perigo grande parte dos turistas. Entretanto, a questão da segurança é negligenciada pelo poder público, uma vez que não existem bombeiros salva-vidas em nenhum dos atrativos balneáveis como o Ribeirão de Baixo, Ribeirão de Cima, Poço do Diabo, Cachoeira do Mosquito, Serrano, assim como estrutura para caso de acidentes. Este item chamou a atenção de dois turistas que sugeriram “Melhoria na segurança nos pontos turísticos” e que houvesse um “Pronto Socorro próximo ao atrativo turístico pelo alto risco de acidente”.

O “acesso aos atrativos” foi considerado bom por 48,6% dos turistas (Figura 26). Três turistas sugeriram “Melhorar as estradas de chão para alguns atrativos”, “Melhor acessibilidade nos passeios e atrativos turísticos, portadores de necessidades especiais ou reduzidas não conseguem acessar alguns lugares” e “Que tenha acessibilidade para visitar os pontos turísticos, que tem lugares íngremes.” Sobre a acessibilidade aos que tem mobilidade reduzida, uma agência de Lençóis desenvolve um projeto que promove passeios com uma cadeira de rodas adaptada. É importante frisar que a grande maioria dos atrativos em Lençóis são alcançados por meio de caminhada, o que dificulta o acesso para quem possui restrição de mobilidade.

A maioria dos respondentes (42,9%) percebeu que a “informação sobre os atrativos” é boa, enquanto 27,1% considera regular (Figura 26). O atendimento ao turista em Lençóis é realizado no mesmo espaço da Secretaria de Turismo e Cultura, fato percebido por dois turistas ao sugerir um “Centro de atendimento ao turista” e que “Deveria haver um órgão público, onde pudéssemos ver todas as atrações turísticas. Só temos particulares”. A Chapada Diamantina é uma região que aparece em redes sociais como o *Instagram* (@geoparqueserradosincora) e o *Facebook* (@geoparqueserradosincora) e em *websites* (como o Guia Chapada Diamantina) que prestam informações de todos os tipos. Enquanto as agências de turismo são uma fonte de informações associadas a pacotes.

Figura 26 – Segurança, acesso aos atrativos, informação sobre os atrativos e sinalização até os atrativos a partir de Lençóis na avaliação dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A “sinalização até os atrativos” (Figura 26) recebeu a maior parte das respostas “regular” (42,1%) em função de não existir sinalização adequada até os atrativos. Quando há o investimento em placas de sinalização, os guias de turismo retiram por considerarem uma ameaça ao trabalho deles, conforme observação da autora nos sete meses em que esteve em Lençóis. Quanto à sinalização, é válido ressaltar, que também serve para manutenção da segurança dos moradores e dos turistas que podem e têm o direito de andarem sozinhos na trilha se quiserem. Esse item chamou a atenção de oito turistas que sugeriram: “Sinalização dos locais”, “Melhor sinalização para as trilhas simples”, “Uma melhor sinalização para alguns pontos turísticos”, “Melhor sinalização das belezas naturais”, “Mais sinalização nas trilhas”, “Melhorar a sinalização até os atrativos (indicando desde a entrada na cidade)”, “Sinalizar a entrada para o Morro do Pai Inácio” e “Falta sinalização indicando pontos turísticos”.

Os atrativos têm o potencial de atrair turistas para o destino (MTUR, 2007) e em Lençóis, de acordo o resultado dessa pesquisa, os atrativos turísticos naturais, históricos e gastronômicos têm uma boa avaliação. Entretanto, mesmo que a média do grau de satisfação dos turistas seja considerada “boa”, o poder público deve ter um olhar mais cuidadoso quanto aos itens iluminação pública, sinalização, fluidez no trânsito, transportes e telecomunicações para que sejam ainda melhores em Lençóis, focando o interesse em qualificar seus atrativos a fim de melhorar a oferta turística (MTUR, 2007), além de incentivar e promover o patrimônio histórico e cultural que pode ser melhor aproveitado e a cidade tem muito a oferecer.

4.3.3 Serviços e equipamentos turísticos

Os serviços e equipamentos compõem a oferta turística bem como o conjunto de atrativos turísticos e toda a infraestrutura de apoio ao turismo de um determinado destino turístico (MTUR, 2007). A qualificação dos serviços e equipamentos envolve o cadastramento dos prestadores de serviços turísticos para que possam ser classificados e fiscalizados a fim de manter um padrão de qualidade. É necessário frisar que os serviços turísticos são perecíveis, não podendo ser estocados, então o estabelecimento de tarifas adequadas contribui para que não haja prejuízos pela não ocupação dos meios de hospedagem ou de alimentação, por exemplo (MTUR, 2007). Dessa forma, considerando a relevância da qualidade dos serviços e equipamentos para a satisfação do turista, esta análise contribui com o conhecimento sobre o que existe em Lençóis. A média deste grupo é 4,11, considerada “boa” pela percepção dos turistas. Os itens “hospitalidade”, “qualidade das informações prestadas pelos guias”, “entretenimento e lazer”, “qualidade no atendimento dos guias”, “qualidade do atendimento nos hotéis, pousadas, albergues, campings”, “qualidade da diversão noturna” e “qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes” apresentam as maiores médias para o grupo serviços e equipamentos turísticos de Lençóis (Tabela 5).

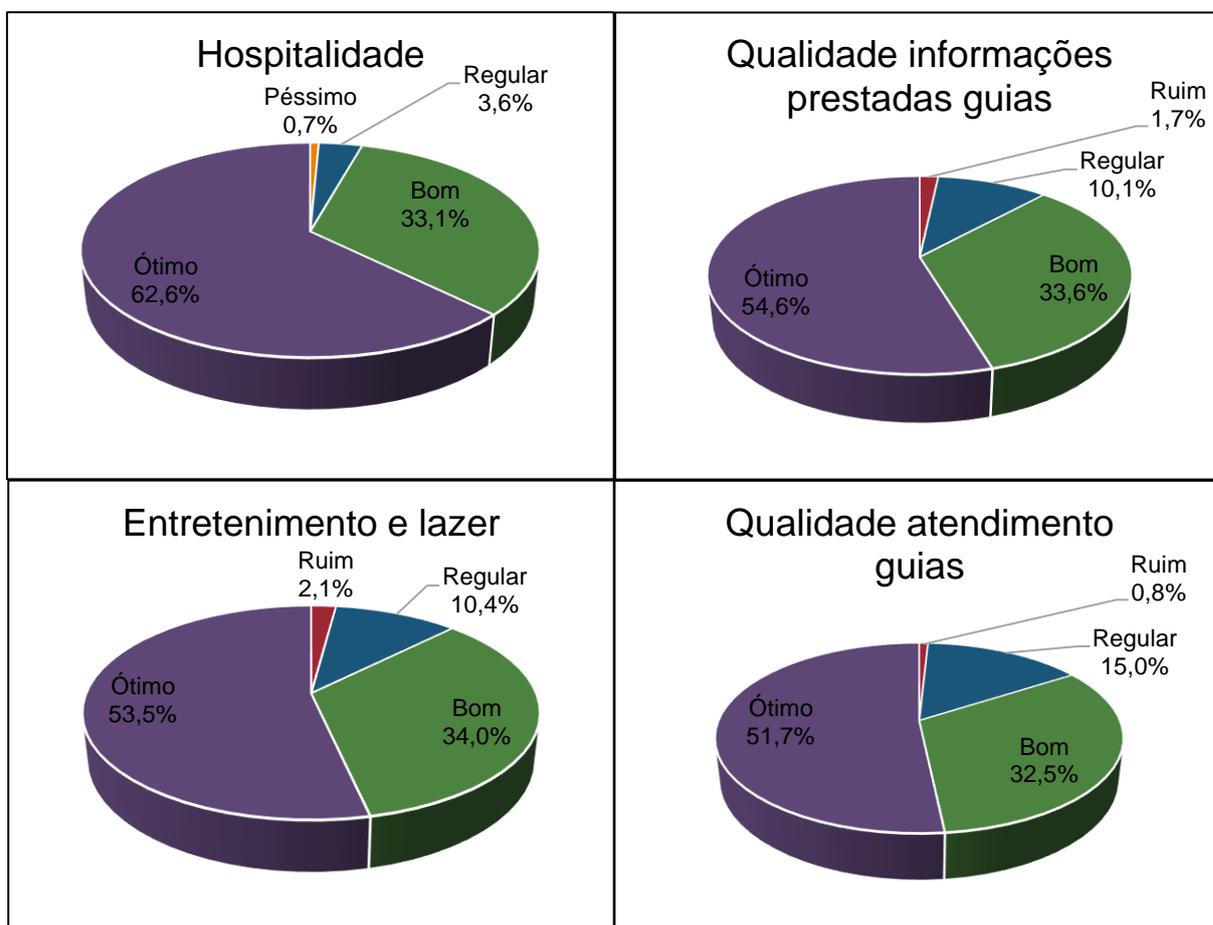
Tabela 5 - Média e desvio padrão da escala (1 a 5) da percepção dos turistas sobre serviços/equipamentos turísticos de Lençóis-BA.

Itens dos serviços e equipamentos turísticos	Média	Desvio padrão
Hospitalidade	4,57	0,64
Qualidade das informações prestadas pelos guias	4,41	0,74
Entretenimento e lazer	4,39	0,76
Qualidade no atendimento dos guias	4,35	0,76
Qualidade do atendimento nos hotéis, pousadas, albergues, campings	4,28	0,75
Qualidade da diversão noturna	4,24	0,78
Qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes	4,21	0,79
Média do grupo	4,11	0,51
Qualidade das instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes	4,10	0,78
Qualidade das instalações dos hotéis, pousadas, albergues, campings	4,02	0,86
Qualidade das informações a respeito dos atrativos/entretenimento	4,00	0,80
Satisfação com o preço cobrado nos restaurantes, bares e lanchonetes considerando custo x benefício	3,64	0,99
Satisfação com o preço cobrado nos hotéis, pousadas, albergues, campings considerando custo x benefício	3,58	0,90
Satisfação com o preço cobrado pelos transportes em Lençóis	3,58	0,94

Fonte: elaborada pela autora (2020).

O alto valor indicado pela média verificada para o item hospitalidade (Tabela 5), que apresentou o maior valor médio dentre todos os itens avaliados, demonstra a satisfação dos turistas quanto a este importante componente do turismo. O padrão de acolhimento na hospitalidade está relacionado ao “[...] estado de desejo, de disposição para o novo trazido pelo outro, por parte de um ou dos dois polos da relação (turista – comunidade).” (SANTOS; PERAZZOLO, 2012, p. 13), pode-se depreender a partir disto que o turista quer estar em Lençóis e a comunidade ou quer receber porque gosta, ou precisa receber os turistas, por isso os acolhe com tamanha hospitalidade. A maioria dos respondentes (62,6%) considera a hospitalidade “ótima” (Figura 27). Possivelmente, essa é a principal marca que a experiência do turismo em Lençóis deixa para os turistas. Ao sentirem-se acolhidos o turista fala bem da cidade e quer voltar, como pode ser confirmado na Tabela 10, subcapítulo 3.4.

Figura 27 – Hospitalidade, qualidade das informações prestadas pelos guias, entretenimento e lazer e qualidade do atendimento dos guias na cidade de Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.



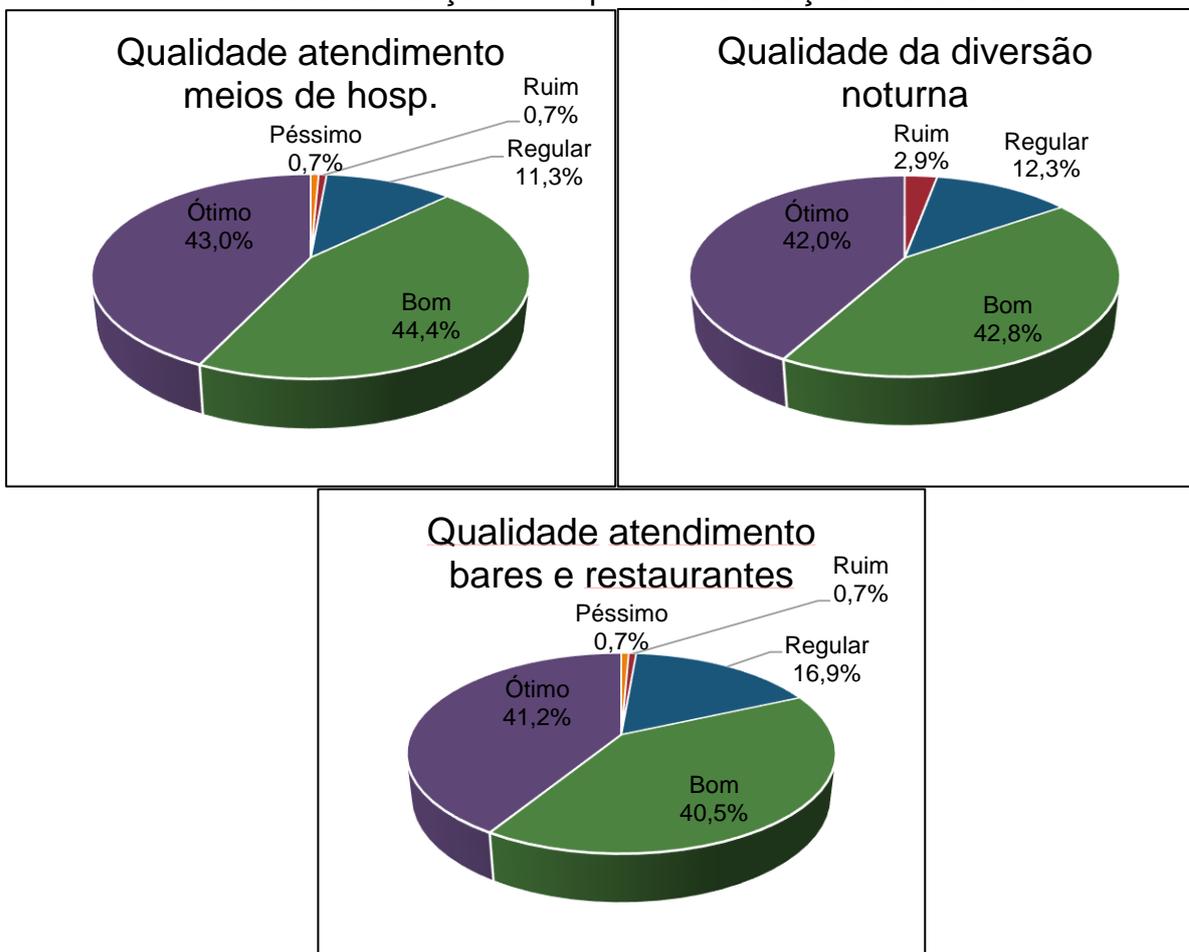
Fonte: elaborada pela autora (2020).

Sobre a “qualidade das informações prestadas pelos guias” a maioria dos respondentes (54,6%) considera “ótimo” e o item “qualidade no atendimento dos guias” é avaliado como “ótimo” pela maioria dos turistas respondentes (Figura 27). Entretanto, é necessário observar que 29 e 28 turistas, respectivamente, não sabem ou não opinaram sobre esse item, possivelmente por não terem realizado atividades com guias.

Considerando o item “entretenimento e lazer”, mais da metade dos respondentes (53,5%) considerou como “ótimo” (Figura 27). Em duas situações os turistas sugerem que “Em noites como de feriados longos poderíamos ter apresentação de teatro infantil, feira cultural, música na praça [...]” e que seria interessante “Promover também shows que valorizem a cultura local (samba de roda, manifestações culturais, algo que vá mais além de shows de pop rock e forró arrocha).”.

No que se refere a “qualidade do atendimento nos hotéis, pousadas, albergues, campings” a grande maioria dos respondentes avalia como “ótimo” e “bom” (Figura 28). Chama atenção a dispersão das respostas e a quantidade de respostas regular (11,3%) neste item, possivelmente em função dos períodos em que a cidade operou recebendo grande quantidade de turistas, havendo prejuízo quanto à qualidade no atendimento.

Figura 28 - Qualidade no atendimento dos meios de hospedagem, qualidade da diversão noturna e qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes na cidade de Lençóis-BA a partir da avaliação dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

O item “qualidade da diversão noturna” é considerado “ótimo” e “bom” por 84,8% (Figura 28), entretanto, chamou a atenção de cinco turistas que sugeriram: “Mais atrações noturnas”, “mais locais para diversão noturna”, “No quesito ‘qualidade da diversão noturna’ acho que deve investir em músicas como axé e samba de roda, ritmos que remetem à Bahia”, “Mais opções para dançar” e “Falta um forrózinho pé de

Serra cedo para possibilitar os passeios no outro dia”. O que indica que mesmo que no dia seguinte os turistas realizem passeios eles procuram por diversão noturna.

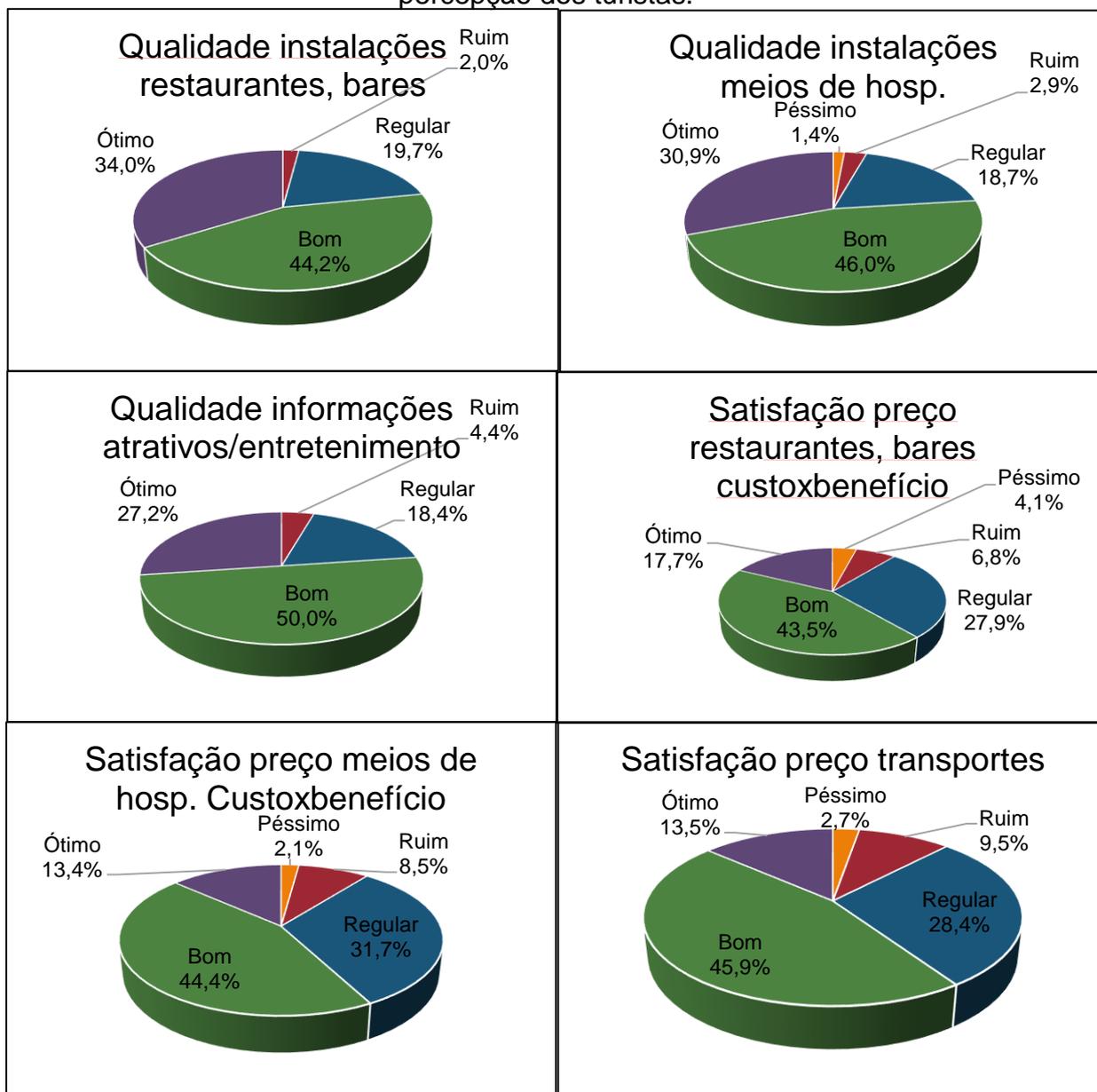
Ao considerar a “qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes” três turistas se manifestaram sugerindo que “os funcionários dos bares não ataquem o visitante para entrar no bar. É chato e desagradável”, “Melhorar a qualidade do atendimento nos restaurantes (agilidade e rapidez)”, que realmente fica prejudicada nos períodos de máxima ocupação da cidade e disseram que existem “Muitos restaurantes sem indicativos das comidas (sem tradução para outras línguas)”, ou seja, no cardápio não há a descrição exata do prato e está só em língua portuguesa. Grande parte dos respondentes (41,2%) considera esse item “ótimo” (Figura 33). Chama a atenção as respostas dispersas, influenciadas, possivelmente, pelos dias em que a cidade operou com grande volume de turistas. Nesses dois itens mesmo que a maioria tenha considerado “ótimo” ou “bom”, as respostas “regular” são superiores aos 10%.

Já os itens “Qualidade das instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes”, “qualidade das instalações dos hotéis, pousadas, albergues, campings”, “qualidade das informações a respeito dos atrativos/entretenimento”, “satisfação com o preço cobrado nos restaurantes, bares e lanchonetes considerando o custo x benefício”, “satisfação com o preço cobrado nos hotéis, pousadas, albergues, campings considerando o custo x benefício” e “satisfação com o preço cobrado pelos transportes em Lençóis” receberam valorações baixas em relação à média do grupo ficando entre 3,58 e 4,1 (Tabela 5).

A “qualidade das instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes” foi considerada por grande parte dos respondentes como “boa” (Figura 29). Mas chamou a atenção de dois turistas “A disposição das mesas dos restaurantes nas ruas fica comprometida pela infraestrutura das ruas, que apresentam desníveis. Acaba comprometendo o conforto de quem está se utilizando do serviço dos restaurantes” e “rever a disposição das mesas dos bares nas ruas”. Essa questão apontada por esses dois turistas é, realmente, um fato em Lençóis e que remete ao charme da cidade, pois as refeições são realizadas ao ar livre, entretanto, conforme observação da pesquisadora, realmente quando a cidade opera com grande quantidade de turistas, o maior número de mesas e de pessoas atrapalha o conforto de quem utiliza o serviço dos restaurantes e de quem transita na rua. É interessante frisar que a Secretaria de Turismo e Cultura fez um acordo e cada bar e restaurante pode ter um número restrito

de mesas dispostas na rua, mas na alta temporada esse acordo não é respeitado por alguns comerciantes, o que agrava o problema. Mais um ponto a ser frisado é que o estilo colonial das casas não proporciona grande espaço em seu interior, principalmente para a atividade comercial, o que impossibilita que as pessoas sejam atendidas dentro dos estabelecimentos (Figura 30).

Figura 29 - Qualidade nas instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes e qualidade das instalações dos meios de hospedagem em Lençóis-BA a partir da percepção dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

A “qualidade das instalações dos hotéis, pousadas, albergues, campings” foi avaliada como “boa” por 46% dos respondentes (Figura 29). Lençóis, por ser

considerada portão de entrada da Chapada Diamantina (BRITO, 2005; SANTOS, 2006) apresenta diversidade de opções de meios de hospedagem e, segundo informações da Secretaria de Turismo e Cultura são disponibilizados, em torno de, 4.000 leitos. A dispersão das respostas pode indicar insatisfação pelo comprometimento das instalações oferecidas em períodos em que a cidade operou recebendo muitos turistas (Figura 29).

Considerando a “qualidade das informações a respeito dos atrativos e entretenimento”, em função da falta de centro de visitantes, percebe-se que existem lacunas sobre onde encontrar informações sobre os atrativos, programação cultural da cidade e diversão noturna, como foi observado por esse turista: “[...] ofertar mais opções e fáceis informações de festas noturnas, ressaltando a cultura popular local.”. Metade dos respondentes avaliaram este item como “bom” (Figura 30).

Figura 30 - Disposição das mesas nas ruas e movimentação de turistas em alta temporada.



Fonte: arquivo da autora (2020).

Ao considerar a “Satisfação com o preço cobrado nos restaurantes, bares e lanchonetes considerando custo x benefício” é possível observar que as respostas

são dispersas e mesmo que o maior número de respondentes avalie esse item como “bom” (43,5%), as respostas “péssimo” e “ruim” somam 10,9%, indicando insatisfação com esse aspecto (Figura 29). Um turista observou que o preço e o custo x benefício são incongruentes: “Comida com valor elevado e baixa qualidade”.

A “Satisfação com o preço cobrado nos hotéis, pousadas, albergues, campings considerando custo x benefício” também apresenta respostas dispersas e com 10,6% dos turistas tendo avaliado como “ruim” e “péssimo”, ainda que a maior parte dos respondentes considerou este item como “bom” (Figura 29).

No que se refere a “satisfação com o preço cobrado pelos transportes em Lençóis” foi considerada “boa” por grande parte dos respondentes, mas 12,2% considera “péssima” e “ruim” (Figura 29). Um turista observou que “falta ajuda para aqueles que precisam usar o serviço de táxi”. É necessário frisar que esse item, à semelhança do item “transportes em Lençóis” no grupo infraestrutura, teve 74 turistas que não sabem ou não opinaram. Possivelmente, porque não tiveram acesso ou não utilizaram o transporte público em Lençóis. Segundo observações da autora, existe uma van que faz o transporte Lençóis-Andaraí uma vez por dia, cujo ponto de encontro é em frente à Igreja do Senhor dos Passos em Lençóis e na rodoviária em Andaraí. Essa van transporta principalmente moradores.

Outras sugestões e observações relevantes foram pontuadas por seis turistas, fazendo relação ao preço e ao custo x benefício, sobre o atendimento de forma geral, sobre a falta de comida em dias em que a cidade operou com muitos turistas e sobre a promoção do artesanato local: “Minimizar a exploração financeira dos turistas!”, “Pontos turísticos extremamente caros, e a natureza não recebe nada em troca do preço absurdo cobrado. Preço médio atrai turistas por mais tempo”, “É preciso mais agilidade no atendimento”, “Não há comida suficiente para atender a população em dias festivos. Na maioria dos bares/restaurantes acaba tudo muito cedo”, “Poderiam promover mais o artesanato local” e “Melhorar urgentemente A CADEIA PRODUTIVA DO ARTESANATO⁴⁹, concedendo espaço para o produtor”.

Dessa forma, é necessário frisar que os itens relacionados à satisfação foram considerados “regulares” e salienta-se que nos dias anteriores aos quais a cidade tinha expectativa de receber muitos turistas, como nos feriados e no final de ano já esperando os meses de alta temporada de janeiro e fevereiro, o preço das

⁴⁹ Grifo do turista.

mercadorias aumenta nos dois principais mercados da cidade, conseqüentemente, ocasionando alta na cadeira produtiva do mercado turístico. Sendo assim, cabe ao poder público normatizar os preços abusivos decorrentes da espera pela alta temporada do turismo e cabe à iniciativa privada planejar e estruturar o produto oferecido nos meios de hospedagem e restauração.

4.3.4 Impressão geral do turista quanto ao turismo em Lençóis-BA

O instrumento de satisfação do turista a respeito da infraestrutura, dos atrativos e dos serviços e equipamentos (Apêndice 1), foi aplicado a 147 turistas. Por meio de análises estatísticas buscou-se mostrar qual dos grupos apresentou maior valor para a satisfação geral do turista com o turismo praticado em Lençóis. A normalidade de distribuição dos dados foi avaliada pelo teste Shapiro-Wilk, sendo constatada distribuição não-paramétrica. O teste, não paramétrico, de Friedman mostrou haver diferença significativa dos valores entre os grupos atrativos e serviços e equipamentos a partir da opinião dos turistas (Tabela 6).

Tabela 6 - Resultados da análise estatística dos testes Shapiro-Wilk e Friedman.

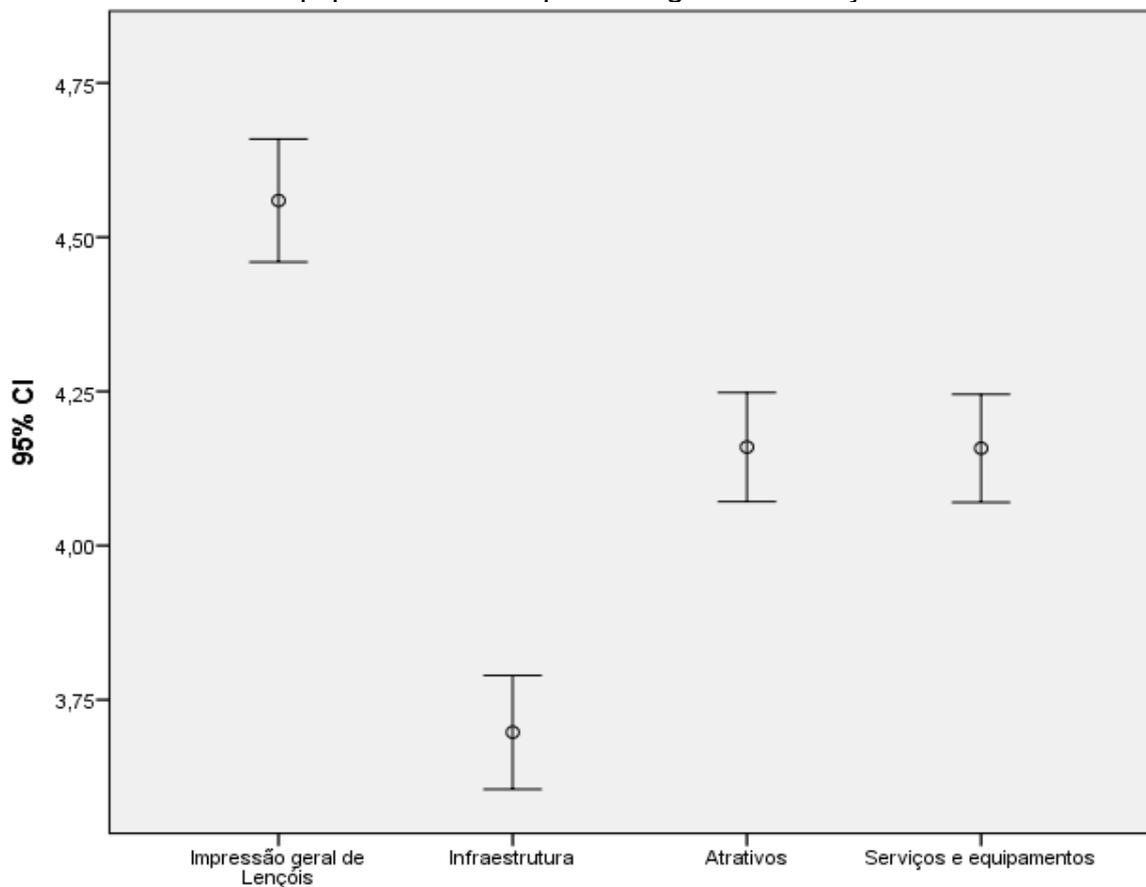
Testes	Grupos	p-valor (<0,05)
Shapiro-Wilk (n=147)	Infraestrutura	0,829
	Atrativos	0,022
	Serviços e equipamentos	0,009
Friedman (n=147)		0,000

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Os turistas fizeram melhor avaliação sobre os atrativos (média=4,15) e os serviços e equipamentos (média=4,11) do que sobre a infraestrutura turística (média=3,71) em Lençóis. O gráfico de intervalo de confiança mostra barras com 95% de confiança para a média dos grupos infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos e a impressão geral do turismo em Lençóis pela perspectiva do turista (Figura 31). É possível perceber que os grupos atrativos e serviços e equipamentos apresentam média e confiança com pequena diferença entre si. E, ainda que a infraestrutura tenha sido considerada “regular” pelos turistas, a impressão geral de Lençóis, enquanto local de lazer e turismo teve a maioria das respostas “ótima” (Figura 32).

Mesmo que os turistas saiam satisfeitos com o conjunto de atrativos turísticos, serviços e equipamentos e toda infraestrutura de apoio ao turismo de Lençóis, a oferta turística possui algumas falhas na elaboração dos produtos, como por exemplo, na relação custo versus benefício nos meios de hospedagem e nos bares e restaurantes. Para o Mtur (2007) a elaboração dos produtos turísticos deve considerar o preço apropriado para ser ofertado.

Figura 31 - Intervalo de confiança para a média das respostas fornecidas pelos turistas quanto a satisfação referente à infraestrutura, atrativos, serviços e equipamentos e impressão geral de Lençóis.

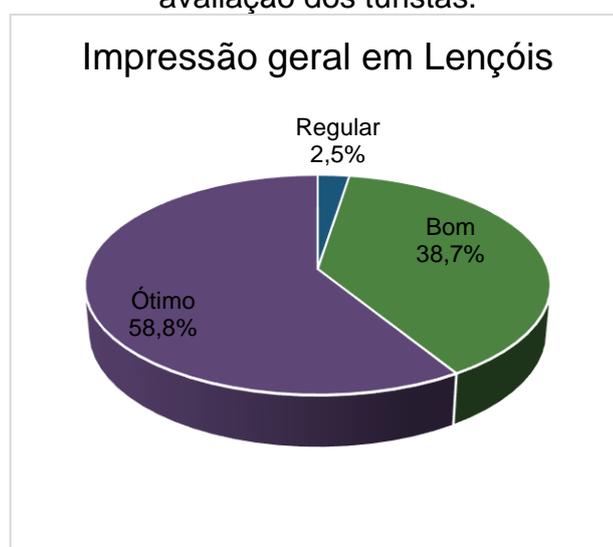


Fonte: elaborada pela autora (2020).

Para o Mtur (2007, 2011) o conjunto dos atrativos turísticos, dos serviços e equipamentos e de toda a infraestrutura de apoio ao turismo, é considerado a oferta turística de um destino. Os turistas avaliam Lençóis, enquanto local de lazer e turismo muito satisfatório, ressaltando em sugestões tais como essas duas: “Maior divulgação dentro e fora da Bahia” e “Maior divulgação em outras regiões do Brasil. Usar exemplo de outras cidades em como gerenciar o turismo e criar atrações/festas durante o ano.”. A satisfação dos respondentes também é manifestada com o comentário “Local

belíssimo e encantador. Não conhecia, agora que conheço quero voltar muitas vezes.” e com a exclamação “Visite!”. Uma vez que 97,5% atribui “ótimo” ou “bom” em suas respostas (Figura 32), isso indica que os itens necessários para que o turismo seja utilizado como ativo econômico para o desenvolvimento do território de um geoparque (UNESCO, 2015) já existem em Lençóis. Os Geoparques Globais UNESCO devem usar o patrimônio geológico em associação com o cultural e outros aspectos do patrimônio natural, criando vínculos entre eles (UNESCO, 2015), como já existe no território do Geoparque Serra do Sincorá. A história do garimpo de diamantes, que deu origem às cidades integrantes do território do geoparque, está intimamente ligada com a geodiversidade.

Figura 32 - Impressão geral de Lençóis enquanto local de lazer e turismo a partir da avaliação dos turistas.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Bons exemplos de planejamento da atividade turística com a elaboração de produtos turísticos podem ser encontrados nas trilhas do Geoparque *Tumbler Ridge* (TUMBLER RIDGE, 2015) e no Geoparque *Naturtejo* que apresenta roteiros turísticos com a geodiversidade, biodiversidade e o patrimônio histórico-cultural associados (NATURTEJO, 2018).

Ao planejar o turismo e os produtos geoturísticos é necessário que se conheça a oferta e a demanda. Assim concordando com Pereira (2010), quantificar e caracterizar o perfil dos turistas que visitam os geossítios da área proposta para o futuro Geoparque Serra do Sincorá é fundamental para que, efetivamente, haja a implementação e gestão adequada do referido geoparque.

4.4 GEOTURISTAS EM LENÇÓIS

Conhecer o perfil do turista que frequenta o espaço geográfico contribui para o planejamento da gestão do turismo, objetivando minimizar impactos negativos provenientes desta atividade, fomentar os impactos positivos e a experiência turística (CET-UnB, 2008). As informações referentes ao perfil do turista contribuem para a elaboração de produtos turísticos adequados às preferências e necessidades desse segmento da demanda (CASTRO et al., 2017).

Visando analisar a afinidade do turista com a prática do geoturismo e defini-lo como geoturista, o questionário (Apêndice 2) foi dividido em três partes: a percepção sobre o turismo praticado a partir das respostas de 124 turistas, os quais haviam visitado algum geossítio inventariado, foi verificada pela análise de agrupamento usando a similaridade das respostas das primeiras 20 questões do instrumento. Esse instrumento foi elaborado a partir de Stueve, Cook e Drew (2002) que definiram afirmações para medir as atitudes gerais, atitudes ambientais/culturais, comportamento cultural, preferências de viagem e importância dos aspectos de viagem (Apêndice 2) e adaptado ao conceito de Arouca (2011) com o intuito de incluir a geodiversidade. Dessa forma, foram gerados quatro grupos, dispostos no dendograma (Figura 33). Os dados não apresentaram distribuição normal (Apêndice 6) e o teste não-paramétrico Mann-Whitney U indicou diferença entre os grupos

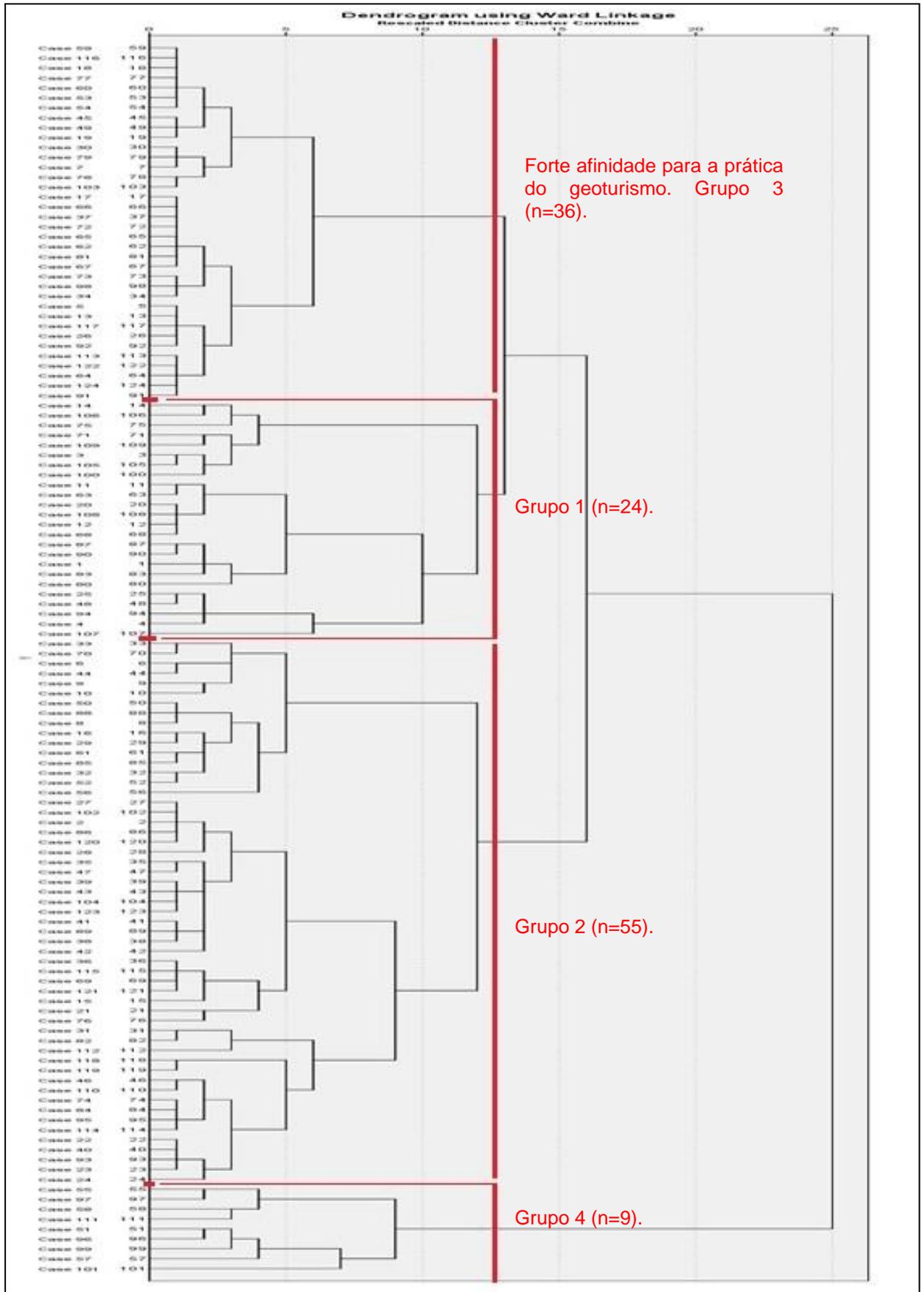
Tabela 7). A partir desse teste foi verificada diferença no que se refere a todas as dimensões entre o grupo 3 (n=36) e o grupo 4 (n=9).

Tabela 7 - Teste Mann Whitney U e significância por grupos.

Grupos	p-valor (<0,05)				
	Atitudes gerais sobre viagens de lazer	Atitudes ambientais e culturais	Comportamento cultural	Preferências viagem e destino	Importância aspectos viagem
1 e 2	0,487	0,005	0,596	0,336	0,007
1 e 3	0,000	0,068	0,001	0,003	0,091
1 e 4	0,041	0,001	0,347	0,029	0,062
2 e 3	0,000	0,414	0,000	0,000	0,000
2 e 4	0,062	0,000	0,499	0,069	0,909
3 e 4	0,000	0,000	0,011	0,000	0,001

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Figura 33 - Dendograma com os quatro grupos elaborados.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Os resultados evidenciam que o grupo 3 (n=36), ao ser comparado com os demais por meio da medida de tendência central, apresentou maior valor nas dimensões “atitudes gerais”, “comportamento cultural”, “preferências de viagem e destino entre viajantes” e “importância dos aspectos de viagem” (Tabela 8). Os demais grupos não foram considerados com forte afinidade para a prática do geoturismo porque não apresentaram valores significativos para todas as dimensões. Ao comparar o grupo 1 (n=24) com o grupo 2 (n=55), percebeu-se que os dois apresentaram diferenças significativas entre as dimensões “atitudes ambientais e culturais” e “importância dos aspectos de viagem”. O grupo 1 tem maior valor do que o grupo 2 para a “importância dos aspectos de viagem”, isso indica que a educação e a aprendizagem durante as viagens são importantes para os turistas desse grupo. Enquanto o grupo 2 tem as “atitudes ambientais e culturais” com valor superior ao grupo 1. Ao comparar o grupo 4 (n=9) com os demais verificou-se que este apresentou valores inferiores em todas as dimensões (Tabela 8) e é o que apresentou a menor afinidade.

Tabela 8 - Média, mediana e desvio padrão das atitudes, comportamentos, preferências e importância de viagem por grupo.

Dimensões	Métricas	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Atitudes gerais sobre viagens de lazer	Média	4,52	4,48	4,83	4,10
	Mediana	4,57	4,57	4,86	4,14
	Desv. Pad.	0,30	0,29	0,16	0,56
Atitudes ambientais e culturais	Média	4,48	4,68	4,63	3,98
	Mediana	4,60	4,80	4,60	4,00
	Desv. Pad.	0,29	0,23	0,25	0,39
Comportamento cultural	Média	3,71	3,58	4,26	3,26
	Mediana	3,67	3,67	4,33	3,33
	Desv. Pad.	0,62	0,63	0,54	1,13
Preferências viagem e destino	Média	3,88	3,75	4,22	3,42
	Mediana	3,88	3,75	4,25	3,25
	Desv. Pad.	0,48	0,53	0,35	0,48
Importância aspectos viagem	Média	4,67	4,11	4,83	4,22
	Mediana	5,00	4,00	5,00	4,00
	Desv. Pad.	0,48	0,92	0,45	0,67

Fonte: elaborada pela autora (2020).

O maior valor para as dimensões dos grupos foi considerado relevante pois entende-se que “[...] o comportamento de uma pessoa, costumeiramente, é coerente com suas atitudes.” (BRAGHIROLI; PEREIRA; RIZZON, 2011, p. 69) e que “[...] conhecer a atitude de alguém a respeito de algo, pode auxiliar a compreender e, até certo ponto, a prever suas ações em relação a esse ‘algo’.” (BRAGHIROLI; PEREIRA; RIZZON, 2011, p. 69). Com isso, as dimensões apresentadas foram

consideradas para apontar a tendência à prática do geoturismo (Apêndice 6). Portanto, os turistas que apresentam mais forte afinidade para a prática do geoturismo também tem afinidade com o conceito de Arouca (2011) que leva em consideração a busca por sustentar e valorizar a identidade do território, abrangendo a geologia, o meio ambiente, a cultura, a estética, o patrimônio e o bem-estar dos moradores do território. Acrescenta-se que os turistas desse grupo têm o interesse em experiências educativas, de acordo com o que indica a “importância dos aspectos de viagem” o que é desejável à prática do geoturismo (HOSE, 1995; HOSE, 2000; STUEVE; COOK; DREW, 2002; STOKES, COOK, DREW, 2003; NEWSOME; DOWLING; 2006; NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008, MAO; ROBINSON; DOWLING, 2009). Dessa forma, estes 36 turistas (grupo 3), da amostra de 124 respondentes, encontrados em Lençóis, são considerados os geoturistas (Figura 33).

Em seguida foram calculadas a média e o desvio padrão para cada uma das 20 questões, a fim de descrever quais são as afirmações que os turistas têm maior concordância para o valor da média do agrupamento (Apêndice 6). As demais 33 questões, que compõem as outras duas partes do instrumento (Apêndice 2), possibilitaram a análise descritiva do perfil socioeconômico, de viagem e das afinidades e interesse no geoturismo em cada um dos grupos (CET-UnB, 2008; FONSECA FILHO; MOREIRA, 2017).

O perfil sociodemográfico do grupo com “forte afinidade para a prática do geoturismo” é caracterizado pela maioria serem mulheres (58,3%), na faixa etária entre 25 a 34 anos (52,8%), solteiras (66,7%), possuem renda superior a 3 salários mínimos (72,3%) e pós-graduação (52,8%). A maioria é proveniente do Nordeste (57,1%), indicando predominância do turismo regional, enquanto 31,4% vivem no Sudeste do país. A maioria (51,4%) vem de núcleos urbanos superiores na hierarquia urbana. Grande parte vive nas metrópoles⁵⁰ (25,7%) Salvador-BA, Belo Horizonte-MG e Curitiba-PR e na Grande Metrópole Nacional (20%), São Paulo-SP (Tabela 7). O perfil sociodemográfico referente ao gênero, escolaridade, estado civil e local de

⁵⁰ Metrópoles são os 12 principais centros urbanos do país, “caracterizam-se por seu grande porte e por fortes relacionamentos entre si, além de, em geral, possuírem extensa área de influência direta.” São três subníveis: Grande Metrópole da Nacional, São Paulo, é o primeiro nível da hierarquia urbana brasileira em função de possuir o maior conjunto urbano do país e os fortes relacionamentos entre as demais cidades da hierarquia urbana, Metrópole Nacional (Brasília e Rio de Janeiro) e as metrópoles. (IBGE, 2007, p. 11).

residência se assemelha ao perfil encontrado por Stueve, Cook e Drew (2002), Hurtado, Dowling e Sanders (2013) e Vasiljevic et al. (2018).

Tabela 9 - Perfil sociodemográfico dos turistas considerados com forte afinidade para a prática do Geoturismo.

FORTE AFINIDADE PARA A PRÁTICA DO GEOTURISMO – PERFIL SOCIOECONÔMICO						
Variáveis	Categoria	%	Variáveis	Categoria	%	
Gênero	Feminino	58,3	Profissão	Administrador(a)	5,6	
	Masculino	30,6		Advogado(a)	2,8	
	Prefiro não dizer	11,1		Analista de Sistemas	5,6	
Faixa etária	20 a 24 anos	11,1		Analista de teste de software	2,8	
	25 a 29 anos	30,6		Analista de TI	2,8	
	30 a 34 anos	22,2		Assistente administrativo	2,8	
	35 a 39 anos	8,3		Designer	2,8	
	40 a 44 anos	13,9		Empresário	5,6	
	45 a 49 anos	2,8		Enfermeira	2,8	
Faixa etária	50 a 54 anos	8,3		Engenheiro	8,3	
	Acima de 60 anos	2,8		Esteticista	2,8	
	Estado civil	Solteiro		66,7	Estudante	8,3
		Casado/união estável		16,7	Funcionário(a) Público(a)	5,6
Separado/divorciado		13,9		Médico(a)	2,8	
Outro		2,8		Pedagoga	2,8	
Renda	Até 1 sm	5,6		Professor(a)	13,9	
	Mais de 1 sm a 2 sm	2,8		Programadora Cultural	2,8	
	Mais de 2 sm a 3 sm	19,4	Psicóloga	8,3		
	Mais de 3 sm a 5 sm	41,7	Químico Industrial	2,8		
	Acima de 5 sm	30,6	Técnico(a)	2,8		
Escolaridade	Ensino Médio	2,8	Terapeuta ocupacional	2,8		
	Ensino Superior Incompleto	25,0	Turismóloga	2,8		
	Ensino Superior Completo	19,4	Local de origem	Grande Metrôpole Nacional	20,0	
Pós-Graduação	52,8	Metrôpole Nacional		2,9		
Região do BR	Sul	8,6		Metrôpole	25,7	
	Sudeste	31,4		Capital Regional A	17,1	
	Centro-oeste	2,9		Capital Regional B	8,6	
	Nordeste	57,1		Capital Regional C	2,9	
			Centro Sub-Regional B	5,7		
			Centro de Zona B	11,4		
			Centro Local	5,7		

Fonte: elaborada pela autora (2020).

As profissões mais frequentes no grupo dos turistas com maior afinidade para a prática do geoturismo são: professor, estudante, engenheiro, psicólogo, o que pode indicar o motivo pelo qual sejam importantes as viagens que promovam experiências educativas e pela possível afinidade com as geociências (MAO; ROBINSON; DOWLING, 2009), mas que outros turistas sem essa afinidade profissional também apresentam os critérios anteriormente citados para serem geoturistas. Essas mulheres apresentam interesse em aprender as características geológicas e geográficas do destino, com atitudes e comportamentos que se repetem em casa e quando viajam, características similares às apontadas por Stueve, Cook e Drew

(2002) e de experiência por Aquino, Schänzel e Hyde (2017) para o perfil dos geoturistas. A média de idade desses turistas (25 aos 34 anos) é inferior aos estudos que retratam o perfil do geoturista (STUEVE; COOK; DREW, 2002; ROBINSON, 2008, MAO; ROBINSON; DOWLING, 2009) e à faixa de idade, dos 31 aos 55 anos, encontrada pelo Sebrae-BA (2018) em Lençóis. Os resultados desta pesquisa corroboram com Sebrae-BA (2018) no que se refere ao gênero e a proveniência regional (Tabela 9).

O perfil de viagem (Tabela 10) dos turistas indicou que a maior parte se hospeda em pousadas (47,2%) em concordância com o Sebrae-BA (2018) ou em hotéis (27,8%). Dentre os três perfis classificados por Stokes, Cook e Drew (2003) como sendo dos geoturistas podem ser encontrados características que variam desde acomodações de pequena escala, geridas pela comunidade local, a acomodações de alta qualidade, opções existentes em Lençóis. Mas, a discordância quando à afirmação “Muito/extremamente importante que a viagem ofereça a oportunidade de estar em luxo e ser mimado (ou seja, hotéis de luxo, bons restaurantes)”, inserida na dimensão “preferência de viagem e destino” (Apêndice 6), corroborou com Božić e Tomić (2015) que afirmam que os geoturistas puros exigem infraestrutura básica no destino, dando mais importância aos geossítios sem grandes infraestruturas turísticas e protegidos. Embora esses turistas não tenham preferência pelo luxo (indicado pela satisfação regular) apontaram relevância ao que tange a infraestrutura turística básica, como o que foi evidenciado no subcapítulo 4.3 quanto às vias de acesso e a sinalização à Lençóis e aos atrativos, a iluminação pública, a informação sobre atrativos, os transportes e o custo e o benefício dos produtos turísticos.

A viagem é organizada pela internet (30,6%) ou por agências de viagem (30,6%). Os gastos por dia em Lençóis variam entre R\$ 101,00 e R\$ 300,00 (62,9%), de modo que a satisfação com o custo versus benefício dos meios de hospedagem e alimentação são pontos a serem adequados na oferta turística de Lençóis. Um produto turístico, quando bem elaborado, considera o perfil da demanda e adequa o produto oferecido (MTUR 2010; 2011).

Diferindo do resultado obtido por Mao, Robinson e Dowling (2009) que indica que os geoturistas gostam de viajar sozinhos e sem grupos de excursão, em Lençóis, 37,1% dos turistas considerados com “forte afinidade para a prática do geoturismo” viajam acompanhados de grupos de excursão ou do cônjuge/companheiro (34,3%). Esse resultado corrobora com os estudos sobre o perfil do geoturista realizados no

Brasil por Fonseca Filho e Ribeiro (2016), Fonseca Filho e Moreira (2017), Fonseca Filho et al. (2018) e Eschiletti e Lanzer (2019), que sinalizam que uma minoria de geoturistas viaja só. O Sebrae-BA (2018) apontou diferenças entre os turistas em Lençóis na alta e na baixa temporada, no que se refere ao acompanhante de viagem, sendo que na baixa há maior relevância quanto à quantidade de turistas que viaja só, período em que a presença de estrangeiros também é maior.

Tabela 10 - Perfil de viagem dos turistas com forte afinidade para a prática do Geoturismo.

FORTE AFINIDADE PARA A PRÁTICA DO GEOTURISMO – PERFIL DE VIAGEM					
Variáveis	Categoria	%	Variáveis	Categoria	%
Onde se hospeda	Albergue	5,6	Primeira vez	Sim	83,3
	Casa de amigos/familiares	5,6		Não	16,7
	Hotel	27,8	Retornaria à Lençóis	Sim	94,1
	Outro	13,9		Não	5,9
		Pousada	47,2	Recomenda Lençóis	Sim
Organização da viagem	Agência de viagem	30,6	Visitará outro município	Andaraí	25
	Internet	30,6		Mucugê	53,6
	Monta seu pacote	19,4		Palmeiras	50
	Outro	19,4		Não	10,7
Gasto por dia em Lençóis	Menos de R\$ 100	8,6	Frequência de viagem	Pelo menos 1x ao ano	17,6
	De R\$ 101 a R\$ 300	62,9		Pelo menos 2x ao ano	55,9
	De R\$ 301 a R\$ 500	20		Pelo menos 4x ao ano	2,9
	Acima de R\$ 501	8,6		Mais de 4x ao ano	23,5
Acompanhante	Cônjuge/companheiro	34,3	Motivo da viagem	Arqueologia	2,9
	Filhos	2,9		Arquitetura	11,4
	Grupo de excursão	37,1		Esporte	17,1
	Outros familiares	11,4		Geologia	8,6
	Sozinho	14,3		História	11,4
Meio de transporte em Lençóis	A pé	38,9		Lazer	97,1
	Carro alugado	27,8		Natureza	37,1
	Ônibus	8,3		Negócios/trabalho	2,9
	Van	27,8		Saúde	5,7
	Veículo emprestado	8,3		Visita parentes/amigos	14,3
Meio de transporte para chegar em Lençóis	Avião	16,7	Atividades realizadas	Caminhadas/Trekkings	97,1
	Carro	44,4		City tour	42,9
	Ônibus	52,8		Contemplação da beleza cênica	34,3
	Van	2,8		Ecoturismo	62,9
Tempo de estada em Lençóis	1 dia	3	Espeleologia	8,6	
	2 a 3 dias	30,3	Gastronomia	54,3	
	4 a 5 dias	42,4	Geoturismo	11,4	
	6 a 7 dias	9,1	Turismo cultural	34,3	
	Mais de 7 dias	15,2	Turismo rural	8,6	

Fonte: elaborada pela autora (2020).

O ônibus é o meio de transporte mais citado para a chegada em Lençóis (52,8%), característica muito diferente da apontada por Stueve, Cook e Drew (2002)

para os geoturistas estadunidenses, mas que caracteriza o perfil de viajantes no Brasil (MTUR, 2017). Uma vez em Lençóis, esse grupo de turistas desloca-se a pé (38,9%) e seu tempo de estada é de 4 a 5 dias (42,4%). Retornariam a Lençóis (94,1%) e todos recomendam a cidade como destino turístico, confirmando a percepção positiva quanto à satisfação e que as suas necessidades, enquanto turistas, foram atendidas (ALLAN; DOWLING; SANDERS, 2015). Além disso, “[...] o ‘*status quo*’ do geoturismo como uma nova forma de turismo requer mais foco nas visitas repetidas.” (ALLAN; DOWLING; SANDERS, 2015, p. 150) (Tabela 10).

A maioria viaja pelo menos duas vezes ao ano (55,9%) enquanto 26,4% são viajantes frequentes, pois viajam pelo menos quatro vezes ao ano ou mais. Corroborando com esse resultado, o Mtur (2017) apontou que os turistas do nordeste têm maior frequência de viagem. Percebe-se que a maioria das viagens são motivadas pelo lazer, principal motivo, correspondendo a 97,1% de ocorrência nas respostas dos turistas. Como motivos indiretos para que o geoturismo aconteça aparece a natureza (37,1%), o esporte (17,1%), visita a parentes/amigos (14,3%), história (11,4%) e arquitetura (11,4%), indicando que os turistas desse grupo têm motivação variada. A geologia, que seria a motivação direta para a prática do geoturismo, aparece em 8,6% das respostas. Esses resultados sobre a motivação vão ao encontro do que Allan (2011) identificou como motivos nos geoturistas que variam desde escapar da agitação da vida cotidiana, relaxamento, prazer, sensação de admiração a adquirir conhecimento.

Para Braghirolli, Pereira e Rizzon (2011), os motivos desencadeiam a ação de visitar, enquanto as atitudes predispõem à visita. Dessa forma, considerando as “atitudes gerais para viagens de lazer” que não apresentaram dispersão de respostas e possuem média elevada, pode-se observar a alta concordância dos turistas para as afirmações a “Minha experiência de viagem é melhor quando meu destino preserva seus locais e atrações naturais, históricas e culturais” e “Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre os costumes, a geografia a cultura do meu destino” (Apêndice 6). Os aspectos sociais e culturais são relevantes aos turistas, mesmo que haja uma motivação geológica em função da visitação aos atrativos da geodiversidade (FONSECA FILHO; MOREIRA, 2017). Ao deslocarem-se de suas cidades de origem, esses turistas estão motivados também pela história, arquitetura e pela natureza, ademais consideram que “É importante que minha visita não danifique seu ambiente” (Apêndice 6).

Somado a isso, tem-se nesses turistas a importância da experiência educativa e o aumento de conhecimentos durante a viagem, o que é muito desejável aos geoturistas identificado pela dimensão “importância dos aspectos de viagem” e pela concordância de que é “Muito/extremamente importante que a viagem proporcione experiências educativas para mim e para minha família” (Apêndice 6) (HOSE, 1995; HOSE, 2000; STUEVE; COOK; DREW, 2002; STOKES, COOK, DREW, 2003; NEWSOME; DOWLING, 2006; NASCIMENTO; RUCHKYS; MANTESSO-NETO, 2008, MAO; ROBINSON; DOWLING, 2009). Para Braghirolli, Pereira e Rizzon (2011) quando se tem atitudes positivas a respeito de algo “[...] nos expomos mais, e nos dispomos melhor, à aprendizagem daquilo que não é dissonante com nossas atitudes.” (p. 82), isso significa que os turistas em Lençóis apresentam atitudes consonantes a aspectos do geoturismo.

A motivação referente ao esporte, pode ser identificada ao se considerar as atividades desenvolvidas, uma vez que as caminhadas/trekkings tem destaque, pois essa opção aparece em 95,1% das respostas dos turistas. Durante essa atividade, é o momento onde a geodiversidade, a biodiversidade e as características histórico-culturais podem ser observadas pelos turistas. Para Stueve, Cook e Drew (2002) o perfil dos geoturistas que possuem menos de 35 anos tem um toque de aventura, corroborando com o resultado das atividades desenvolvidas (Tabela 11).

Entre as atividades desenvolvidas o ecoturismo apareceu em 62,9% das respostas, a gastronomia em 54,3%, bem como o *city tour* (42,9%), a contemplação da beleza cênica (34,3%) e o turismo cultural (34,3%). É necessário frisar que o geoturismo ainda não é um segmento turístico (MTUR, 2010), nem um “novo” produto do ecoturismo (ROBINSON, 2008), uma vez que pode acontecer tanto em ambientes urbanos, naturais (NEWSOME; DOWLING, 2006) e culturais e não depende da sazonalidade (HOSE, 1995). Sendo também mais amplo do que o turismo geológico que privilegia as formações rochosas em sua atividade. As três últimas atividades referidas apresentam relação com os motivos “arquitetura”, “natureza” e “história”, os quais se relacionam às “atitudes gerais para viagens de lazer”. O geoturismo (11,4%), a espeleologia (8,6%) e o turismo rural (8,6%) são as atividades que aparecem com menor destaque pela escolha dos turistas com “forte afinidade para a prática do geoturismo”. Mesmo que atividades turísticas com enfoque na porção abiótica da natureza não foram as mais frequentes os turistas concordam que “Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre a paisagem e a geologia

do meu destino” (Apêndice 6). Nessa afirmação há o motivo geológico de forma direta, entretanto, é possível depreender que o conhecimento sobre a forma e os processos geológicos (NEWSOME; DOWLING, 2006 e DOWLING, 2011) são de mais difícil compreensão pelos turistas, possivelmente pela linguagem que não é acessível como bem pontua Hose (1995, 2000), ou porque esse conhecimento ainda é um gargalo a ser alargado ao que se refere às geociências e ao alcance à sociedade. Ademais, como identificado no subcapítulo 4.3, há falta de informações turísticas em Lençóis e nos atrativos, o que demanda ao poder público e ao *trade* turístico do destino, o investimento em infraestrutura turística. Para Dowling (2011) a educação da Terra e a geointerpretação são importantes ferramentas na criação de uma agradável e significativa experiência turística e segundo Hose (2000) a preparação e apresentação adequada da informação incluem a adaptação a uma linguagem simples de ser compreendida e dispendidos em trilhas e em painéis interpretativos que são classificados de acordo com a necessidade de informar. Salienta-se que cabe ao órgão municipal de turismo “[...] dotar e zelar pela infraestrutura turística e de apoio ao turismo do município.” (MTUR, 2007, p. 26).

Quanto às atitudes ambientais e culturais, há concordância positiva sem dispersão nas respostas quanto ao financiamento público e privado para a preservação dos locais históricos, da fauna e da flora e conservação do patrimônio geológico e monumentos naturais do país (Apêndice 6). Desse modo, tal concordância corrobora com a criação de um geoparque, onde há de se ter a articulação público-privada para planejamento e gestão do território, além disso, o caráter geológico e sociocultural, aparece novamente como fundamental, relacionando a não dissociação da geologia, da geografia e da história no contexto da Chapada Diamantina. “As atitudes incluem um componente comportamental [...]” (BRAGHIROLI; PEREIRA; RIZZON, 2011, p. 82) e se uma pessoa tem atitude favorável aos aspectos naturais e culturais é mais provável que tenha um comportamento coerente. Essa pesquisa mediu a concordância para comportamentos culturais realizados no local de origem dos turistas (STUEVE; COOK, DREW, 2002), evidenciando concordância positiva para participação de eventos artísticos e visitação de museus no local de origem, depreendendo-se então que são turistas com escolaridade que apreciam a cultura e o aprendizado nas suas distintas possibilidades.

Dos 22 geossítios que são considerados atrativos turísticos, 18 foram visitados pelos turistas. O município de Mucugê, onde estão localizados o Cemitério Santa

Isabel e o Morro do Cruzeiro, foi citado em 53,6% das respostas, mas, contraditoriamente, os atrativos naturais e culturais localizados nesse município são pouco visitados (Tabela 11).

O Morro do Pai Inácio foi visitado por todos os turistas e está localizado no município de Palmeiras, mesmo município onde encontra-se a cachoeira do Fumaça e o Vale do Capão que também foram visitados. Os dois atrativos mais visitados do município de Lençóis foram o balneário do rio Mucugezinho e o Serrano que fica no coração da cidade. Além disso, o Poço Azul⁵¹, localizado fora dos limites do projeto do geoparque, foi bastante visitado.

É possível depreender desse resultado que há carência, por parte das agências de turismo, de informação sobre os municípios que os turistas visitam e, do poder público, de sinalização turística, o que confirma a situação de deficiência da infraestrutura apontada pelos turistas na pesquisa de satisfação (subcapítulo 4.3) e a falta de planejamento dos produtos, pois mesmo utilizando o ônibus como meio de transporte para chegar em Lençóis os geoturistas têm grande alcance aos geossítios da proposta do geoparque. Uma vantagem para o território do futuro geoparque é que, como citado por Stueve, Cook, Drew (2002), um dos perfis de geoturista, prefere visitar cidades pequenas, como é o caso das cidades do território do Geoparque Serra do Sincorá e áreas rurais.

Considerando a afinidade com os “geo’s” (Tabela 11), para Fonseca Filho e Moreira (2017) os atrativos da geodiversidade associam-se com a motivação geológica e esses atrativos/geossítios são muito visitados pelos turistas, variando de cachoeiras, rios, grutas, cavernas, morros e locais com rochas expostas. Ao passo que a natureza, a história, a arqueologia, a arquitetura e os esportes podem figurar como motivações indiretas para que o geoturismo aconteça.

Ao considerar a acessibilidade enquanto “atitude geral” é possível perceber que há concordância positiva na afirmação “É importante para mim que os atrativos de meu interesse sejam facilmente acessíveis para mim e para quem está comigo.” (Apêndice 6). O que na prática não se confirma plenamente, pois alguns turistas visitam atrativos com acesso difícil (ver Quadro 5), enquanto outros são pouco

⁵¹ Tanto o Poço Azul e a Caverna do Poço Encantado são atrativos que não estão dentro do território da proposta para o Geoparque Serra do Sincorá, entretanto, fazem parte do roteiro 1, muito vendido pelas agências. São, também, atrativos que possuem receptivo, então os turistas podem fazer esse roteiro individualmente, desde que tenham a mobilidade garantida por um carro, o que é característica desse cluster.

acessados, mesmo que de fácil acesso, como o Bairro Luís Santos, a cachoeira da Donana, o pantanal Marimbus e o Monte Tabor. Possivelmente, isso ocorre por falta de planejamento do produto turístico e divulgação. Há de se considerar que dependendo da infraestrutura e da fragilidade do geossítio que é atrativo turístico é melhor que não seja acessado até que seja elaborado um projeto de geoconservação.

Tabela 11 - Afinidade com os Geo's dos turistas considerados com forte afinidade para a prática do Geoturismo.

FORTE AFINIDADE PARA A PRÁTICA DO GEOTURISMO – AFINIDADE COM OS GEO'S						
Variáveis	Categoria	%	Variáveis	Categoria	%	
Atrativos naturais visitados	Bairro Luís Santos	2,8	Fonte informação geológica	Boca a boca	16,7	
	Cachoeira da Donana	2,8		Guia do parque	41,7	
	Cachoeira da Fumaça	30,6		Internet	47,2	
	Cachoeira das Andorinhas	2,8		Nenhuma	16,7	
	Cachoeira do Riachinho	16,7		Trabalhos/artigos	5,6	
	Cachoeira do Tiburtino	8,3		Universidade	8,3	
	Caverna do Poço Encantado	16,7		Degradação nos atrativos	Sim	42,9
	Caverna Torras	2,8		Não	57,1	
	Diamictitos da Form. Bebedouro	2,8		Tipo de degradação	Depredação	16,7
	Gruta da Paixão	5,6	Erosão		33,3	
	Marimbus	2,8	Lixo		61,1	
	Monte Tabor – Morrão do Capão	2,8	O que é Patrimônio Geológico	Pichação	38,9	
	Morro do Cruzeiro	2,8		Sim	58,3	
	Morro do Pai Inácio	100,0		Não	13,9	
	Mucugezinho	63,9	Já ouvi falar	27,8		
Atrativos culturais visitados	Poço Azul	55,6	Conhecer mais sobre o PG da CD	Sim	100,0	
	Rio Paraguaçu – Balneário	5,6	Sabe o que é um Geoparque	Sim	44,4	
	Mucugê			Não	19,4	
	Serrano			Já ouvi falar	36,1	
	Cemitério	23,1	Área da proposta para o GSS	Sim	22,2	
	Centro histórico	46,2		Não	77,8	
	Feira	38,5	O que é geoturismo	Sim	38,9	
	Museu	19,2		Não	16,7	
	Nenhum	19,2	Criação do GSS para a conservação	Já ouvi falar	44,4	
	Conhecimento sobre a geologia da região	Sim		5,6	Sim	91,4
Não	41,7	Não		8,6		
Um pouco	52,8					

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Ao considerar os atrativos culturais, chama a atenção que dez turistas não responderam a essa questão, indicando um possível desconhecimento sobre esses atrativos, tão necessários a um geoparque e que podem ser melhor aproveitados. Os atrativos culturais (materiais e imateriais como a festa do Senhor dos Passos) são pouco utilizados por Lençóis e nos demais municípios da proposta, embora sejam potenciais atrativos turísticos, que envolveriam a comunidade e fortaleceriam a

identidade da sociedade. Esse é o ponto de conexão entre a geologia e a cultura, ao mesmo tempo os turistas apontam concordância positiva sobre as “preferências de viagem e destino”: “Fazer viagens para destinos que tenham áreas naturais e aspectos geológicos autênticos” e “Destinos que tenham edifícios e locais históricos ou arqueológicos autênticos” (Apêndice 6). O geoturista seria aquele com interesse em aprender que a construção e transformação do espaço geográfico se deu em função das ações do ser humano no objeto natural geodiversidade, modificado pela técnica ao longo da história, tanto durante o ciclo do garimpo de diamantes (NOLASCO, 2002; IPHAN, 2014abc), como com o turismo (BRITO, 2005; SANTOS, 2006). Esse destino visitado é um lugar com características únicas como manifestado em “Minha experiência de viagem é melhor quando estou vendo ou fazendo algo único.” (Apêndice 6) onde os turistas podem “Experimentar pessoas, estilos de vida e culturas muito diferentes dos meus.” (Apêndice 6).

No que se refere ao conhecimento sobre a geologia da região, a maioria dos entrevistados afirmaram ter pouco ou nenhum conhecimento (94,5%), o que vem de encontro do que foi posto por Hose (1995) e por Fonseca Filho e Moreira (2017). O conhecimento sobre a geologia é relevante pois essa “[...] auxilia na compreensão da paisagem.” (FONSECA FILHO et al., 2018, p. 520). Sobre informação geológica, foi referida a internet (47,2%), ou os guias de turismo (41,7%), evidenciando a importância da elaboração de conteúdo geoturístico nas redes sociais e em *websites* e da capacitação dos guias de turismo no território do futuro geoparque. A universidade e a comunidade científica, por sua vez, têm pouco alcance aos turistas, pois apenas 13,6% destes tiveram acesso à informação geológica por meio da universidade ou de artigos/trabalhos científicos.

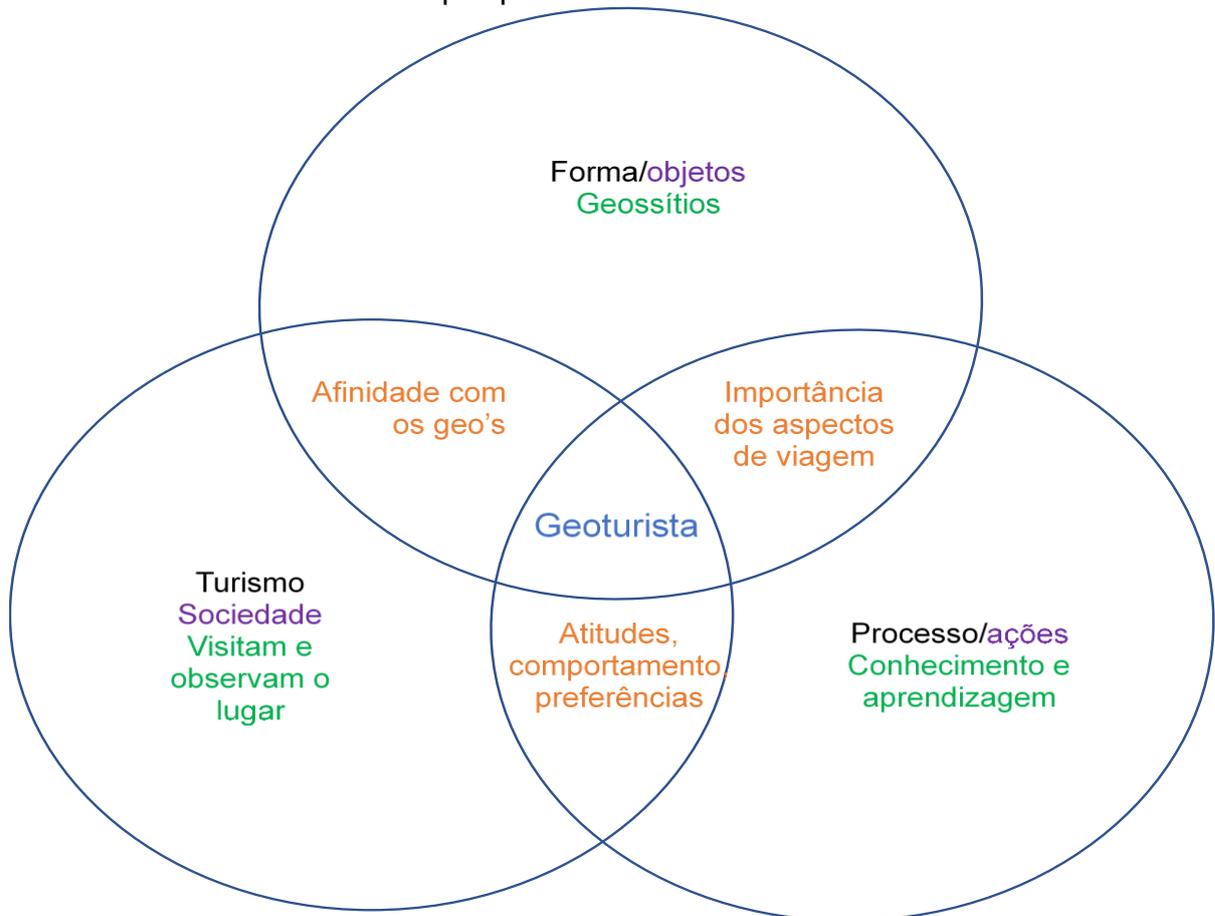
Os turistas do grupo com “forte afinidade para a prática do geoturismo” concorda totalmente com a afirmação “É importante para mim que minha visita a um destino não danifique seu ambiente” (Apêndice 6) e a maioria dos turistas não percebem a degradação dos atrativos (57,1%). Entretanto, quando questionados sobre o tipo de degradação, respondem com mais frequência que o lixo (61,1%) e a pichação (38,9%) são notáveis. Fonseca Filho e Moreira (2017) e Fonseca Filho et al. (2018) acrescentam que a degradação do patrimônio diminui a atratividade da paisagem seja no sentido de depredação, pichação ou perda da percepção estética.

Quanto ao conhecimento acerca do que vem a ser um patrimônio geológico, 58,3% dos turistas dizem saber o que é ou já ter ouvido falar (27,8%), resultado que

corroborar com o encontrado por Fonseca Filho e Moreira (2017). Todos os turistas com “forte afinidade para a prática do geoturismo” gostariam de conhecer mais sobre o patrimônio geológico da Chapada Diamantina. Essa é uma ótima oportunidade para qualificar o tipo de turismo praticado por lazer, uma vez que os turistas na sua grande maioria afirmam o interesse em obter e ampliar conhecimento. Neste grupo, sobre geoparques, 44,4% afirma saber o que é, mas desconhecem que estão no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá (77,8%), o que indica a necessidade de divulgação nos meios de comunicação e em ações no município de Lençóis, onde os turistas foram abordados e em Andaraí, Mucugê e Palmeiras. Embora o geoturismo não seja uma atividade amplamente praticada dentre esses turistas que apresentam atitudes, comportamentos, preferências e importância de viagem condizentes com o perfil desejado para o geoturismo, a maioria (83,3%) afirma que já ouviu falar ou sabe o que é o geoturismo, resultado que vem de encontro com o geoturista encontrado por Fonseca Filho e Moreira (2017). A maioria dos respondentes (91,4%) acredita que a criação do Geoparque Serra do Sincorá contribuirá para a conservação do local. Fonseca Filho e Moreira (2017) acrescentam que os geoturistas do Parque Estadual do Itacolomi-MG, “[...] acreditam que o geoparque traz benefícios para a comunidade, em especial com fins de ensino e de pesquisa.” (p.18).

Associando-se à perspectiva de Stueve, Cook e Drew (2002) e a compreensão de Braghirolli, Pereira e Rizzon (2011) que para a ação de visitar é necessário um conjunto de atitudes, comportamentos e preferências de viagem, pode-se concordar com a afirmação de Allan (2012) de que a experiência em geoturismo consiste na ida dos geoturistas a um lugar com características geológicas ou geomorfológicas para observar e ganhar conhecimento. Mas, acrescentando uma perspectiva mais abrangente do geoturismo, onde o turismo geológico é mais um dos componentes agregados ao ambiente, cultura e estética (Martini et al., 2012), em Lençóis, foi constatado pelo valor da média, que os turistas têm concordância positiva para “comportamentos culturais” ao “visitar museus, lugares de história e eventos artísticos” (Apêndice 6), bem como para “aprender o máximo possível sobre a paisagem, geologia, costumes, geografia e cultura do destino” (Apêndice 6). E isso coloca o geoturismo em uma abordagem mais ampla, pois o garimpo, neste território, moldou, ao longo do tempo, a cultura e a sociedade, bem como a paisagem atualmente visitada pelos turistas.

Figura 34 - Integração do geoturismo e geoturista no território da proposta do Geoparque Serra do Sincorá-BA.



Fonte: elaborada pela autora a partir de Stueve, Cook e Drew (2002); Dowling (2011), Santos (2011), Allan (2012) e Fonseca Filho e Moreira (2017).

Para Newsome e Dowling (2006) e Dowling (2011) a forma (paisagem e materiais), o processo (dinâmica da Terra) e o turismo (dimensão humana que reflete a atividade turística) são os componentes do geoturismo (NEWSOME; DOWLING, 2006 e DOWLING, 2011) restritos ao componente abiótico. Todavia, acredita-se que para acontecer uma forma mais abrangente como sugere Martini et al. (2012) que não promova perdas e sim ganhos ao segmento, haja vista ser uma atividade econômica, o número de pessoas interessadas em geologia é baixo. Para que o geoturismo aconteça, pelos preceitos de Arouca (2011) é levado em consideração a busca por sustentar e valorizar a identidade do território, abrangendo a geologia, o meio ambiente, a cultura, a estética, o patrimônio e o bem-estar dos moradores do território. Pode-se relacionar as formas e os processos geológicos (NEWSOME; DOWLING, 2006; DOWLING, 2011) aos sistemas de objetos e ações, enquanto componente geográfico (SANTOS, 2011), uma vez que em Lençóis e nas demais cidades do

território do Geoparque Serra do Sincorá o desenvolvimento da sociedade foi pautado no uso da geodiversidade (Figura 34).

Numa perspectiva socioespacial, onde o uso principal do geoturismo é a geodiversidade (BRILHA, 2005; GRAY, 2008) e essa porção abiótica da natureza (GRAY, 2004) é utilizada pelo turismo como atração (MANOSSO; MOREIRA; SILVA JÚNIOR, 2014) as cidades das Lavras Diamantinas nasceram a partir do uso da geodiversidade durante o garimpo nos séculos XVIII e XIX. Hoje, o turismo utiliza esses objetos geográficos (naturais ou culturais) manifestados na paisagem, que “[...] exprimem heranças que representam sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (SANTOS, 2011, p.103) e que o “[...] espaço são essas formas mais a vida que as anima.” (SANTOS, 2011, p.103), por isso, a geografia, a geologia e a história, no território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá são indissociáveis.

Sendo assim, o envolvimento da sociedade que recebe os turistas beneficia a comunidade e o meio ambiente, além de melhorar a qualidade da experiência turística, pois à medida que a comunidade local se envolve com o geoturismo gera benefícios como empoderamento social e renda (DOWLING, 2011). Os turistas, a partir de sua motivação, exercem a ação de visitar os geossítios, precisam interpretar e compreender o que a paisagem que observam tem para contar. O geoturista deve estar no centro de todas essas relações que existem no geoturismo, dentro de uma noção recortada do espaço no território da proposta do geoparque Serra do Sincorá (Figura 34). De acordo com a amostra de 124 turistas abordados em Lençóis, 29% apresentaram “forte afinidade para a prática do geoturismo”, e os demais turistas abordados têm potencial para serem geoturistas desde que o destino seja formatado como geoturístico.

É possível evidenciar que Lençóis e os municípios do território do futuro Geoparque Serra do Sincorá possuem vocação para o geoturismo, uma vez que a geodiversidade está presente tanto nas formas da paisagem, como na história e na arquitetura dos quatro municípios. Buscando esse sentido, o planejamento articulado e integrado para o geoturismo que associa patrimônio natural ao cultural, fortalecendo a cultura e sem descaracterizar o lugar, pode propiciar ao turista uma experiência enriquecedora e única no território do futuro Geoparque Serra do Sincorá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O geoturismo é um nicho/segmento de turismo novo no Brasil e mesmo que de forma embrionária, já acontece no território do Geoparque Serra do Sincorá baseado nas características da geodiversidade e na história do garimpo de diamantes. A cidade Lençóis tem potencial e vocação para o geoturismo, entretanto ainda não se apropriou dessa compreensão, uma vez que não há conhecimento conceitual por parte dos gestores. Por ser um novo produto no mercado turístico, a caracterização da demanda é fundamental, pois sem saber quem é esta demanda não se consegue planejar a oferta. A proposta do Geoparque Serra do Sincorá deve ter segurança conceitual e epistemológica sobre o que é o turismo, para planejar o geoturismo, atuando dessa forma junto com a gestão pública, numa parceria público-privada.

O território do projeto Geoparque Serra do Sincorá tem tantas associações entre a geodiversidade, a biodiversidade e o patrimônio histórico-cultural quanto outros Geoparques UNESCO já instituídos, em especial à presença de rochas afloradas muito bem preservadas de um passado geológico de 1,5 bilhões de anos. Comparado aos Geoparques Mundiais analisados, o território do Geoparque Serra do Sincorá confirma a vocação para um geoturismo de excelência por apresentar atrativos geológicos e também históricos associados, indicando que o espaço desse território se desenvolveu a partir do uso histórico da geodiversidade. Mais estudos aprofundados podem ser realizados nesse sentido, buscando analisar a identidade da sociedade com a geodiversidade.

O município de Lençóis, ao contrário dos demais municípios envolvidos no território do futuro Geoparque, apresentou maior desigualdade social como demonstrado pelo Índice de Gini no período de 19 anos. Pode-se considerar, como reflexão, que o desenvolvimento do turismo, de forma não formalizada, está contribuindo para que a diferença social se acentue uma vez que o turismo tem o papel, ou deveria ter, de inserir a comunidade local em suas atividades, capacitando-a e, assim, contribuindo para a igualdade no território que exerce influência. A concepção do turismo, trazido pela RGG, é que os territórios dos Geoparques se proponham a integrar e articular a comunidade local, econômica e socialmente, considerando sua história e trabalhando de forma a que todos tenham a possibilidade de acesso ao desenvolvimento econômico e social, sem perda da identidade local.

Embora, em Lençóis, existam problemas na infraestrutura que devam ser solucionados pelo governo municipal, os turistas se mostraram satisfeitos, de forma geral, com o que é oferecido. A hospitalidade é uma marca importante na experiência turística, conforme pode ser observado, e no entanto, nenhum sentido de acolher e agradecer à comunidade lençoense por tratarem tão hospitaleiramente e acolherem tão bem os turistas que ali estão foi realizado pela prefeitura, principalmente após Lençóis ter ganho o título de melhor destino no Brasil, em 2019.

No que diz respeito aos serviços e equipamentos turísticos, dos quatro municípios integrantes à proposta do Geoparque Serra do Sincorá, Lençóis é o que possui maior quantidade de meios de hospedagem, bares e restaurantes, porém, ao se implementar o geoparque, é necessário fomentar o empreendedorismo local, distribuindo de forma mais equitativa a infraestrutura turística entre todos os municípios. Tal situação é bastante delicada e complexa, pois a população do território do geoparque possui baixa renda, baixa escolaridade e elevada taxa de analfabetismo, confirmando desigualdade social ao observar os índices de Gini e a proporção de vulneráveis à pobreza.

O município de Andaraí, o mais populoso dentre os quatro que integram a proposta, apresenta a mais baixa esperança de vida e a menor renda per capita, evidenciando-se a necessidade de políticas públicas voltadas também ao desenvolvimento do turismo a fim de garantir o desenvolvimento econômico sustentável, justiça social bem como a obtenção da integridade ambiental construindo a identidade local dos municípios e a promoção do que é autêntico e único no território. Ou seja, para que a comunidade tenha condições de empreender é necessário melhorar a educação. Assim como o projeto Geoparque Serra do Sincorá deve focar em capacitar os guias de turismo, mas mais que isso, atuar proporcionando a elevação do índice educacional da comunidade e empoderamento para que possam se tornar vetores de disseminação da informação geológica também para a comunidade.

Contudo, conhecer a demanda contribui para planejar e melhorar a oferta de geoturismo em Lençóis e pode servir de referência para os outros municípios. O estudo permitiu identificar 29% dos turistas envolvidos na pesquisa correspondendo aos critérios usados para distinguir geoturistas. Isso indica que a presença do geoturista com forte afinidade para a prática do geoturismo é ainda incipiente e pode ser incrementada. O território ao receber a chancela da UNESCO como Geoparque tende a aumentar a demanda de geoturistas e por isso conhecer as atitudes,

comportamentos, preferências, importância de viagem, afinidade com os conceitos geo's, bem como sua satisfação com o que é oferecido contribui para gerir e planejar a oferta e os produtos do destino. Como foi identificado nesta pesquisa e verificado em outros estudos, a dominância do gênero feminino aponta para uma demanda diferenciada que melhor venha a atender as expectativas como não procurar luxo nem ambientes elitizados, e sim locais únicos e autênticos, com o ambiente protegido, bom serviço turístico com preço justo e infraestrutura básica nos atrativos.

Esta dissertação foi concluída em meio à pandemia de Corona Vírus. Ainda não é mensurável o impacto social e econômico que tal situação desenvolverá a curto, médio e longo prazo nos quatro municípios integrantes da proposta do Geoparque Serra do Sincorá. Em decorrência disso, não se sabe o quanto o turismo será afetado, mas no presente momento, a mobilidade acerca do turismo é inexistente, mesmo que ocorram campanhas para que as pessoas não cancelem suas viagens e sim remarquem-nas.

Finalizando, com esse cenário economicamente desfavorável à prática do turismo, a autora deseja, de forma muito otimista, que haja uma conscientização a respeito do pertencimento que temos ao lugar, à comunidade e ao planeta, haja visto que ficou claro que nossas pequenas e individuais ações têm impacto em larga escala. Uma proposta de geoparque, que se destina ao desenvolvimento territorial, à conservação do que é único e ao bem-estar da comunidade local tem grande possibilidade de atuar, articulando o território e minimizando os impactos econômicos negativos para uma comunidade que já vive do turismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Fernando Flecha. O que faz de um Cráton um Cráton? O Cráton do São Francisco e as revelações Almeidianas ao delimitá-lo. In: MANTESSO-NETO, Virginio et al. (Org.). **Geologia do Continente Sul-Americano: evolução da obra de Fernando Flávio Marques de Almeida**. São Paulo: Beca, 2004. 17-35p. Disponível em: <http://www.sbgeo.org.br/home/pages/40>. Acesso em: 29 mai. 2018.

ALLAN, Mamoon. **Toward a better understanding of motivations for a geotourism experience: a self-determination theory perspective**. 2011. Tese (School of Marketing, Tourism and Leisure, Faculty of Business and Law). 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254592042_Toward_a_better_understanding_of_motivations_for_a_geotourism_experience_a_self-determination_theory_perspective/stats. Acesso em: 15 jan 2020.

ALLAN, Mamoon; DOWLING, Ross; SANDERS, Dale. The motivations for visiting geosites: The case of crystal cave, Western Australia. **GeoJournal of Tourism and Geosites**. Vol.16, núm.2, 2015, p. 141-152. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279981277_The_motivations_for_visiting_geosites_The_case_of_crystal_cave_Western_Australia. Acesso em: 29 abr 2020.

AQUINO, Richard S.; SCHÄNZEL, Heike A., HYDE, Kenneth F. Unearthing the geotourism experience: Geotourist perspectives at Mount Pinatubo, Philippines. **Tourist Studies**. Vol. 18, núm.1,2017, p.1-22. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1468797617717465>. Acesso em 29 abr 2020.

AROUCA. **Arouca Declaration**. International Congress Arouca 2011. UNESCO: 2011. Disponível em: aroucageopark.pt/documents/78/Declaration_Arouca_EN.pdf. Acesso em 30 jun. 2018.

BAHIA. 2010. Decreto nº 12.354 de 25 de agosto de 2010. Institui o Programa Territórios de Identidade e dá outras providências. Disponível em: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/1024959/decreto-12354-10>. Acesso em: 13 jan 2020.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos**. Programa Monumenta, Iphan. Brasília: DF, 2010. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColArq3_Intervencoes_Urbanas_na_Recuperacao_de_Centros_Historicos_m.pdf. Acesso em: 29 abr 2020.

BOŽIĆ, Sanja; TOMIĆ, Nemanja. Canyons and gorges as potential geotourism destinations in Serbia: Comparative analysis from two perspectives - general geotourists' and pure geotourists'. **Open Geosciences**. Vol.7, núm.1, p.531-546. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282978506_Canyons_and_gorges_as_potential_geotourism_destinations_in_Serbia_Comparative_analysis_from_two_perspectives_-_general_geotourists'_and_pure_geotourists'. Acesso em: 29 abr 2020.

BRAGHIROLI, Elaine Maria; PEREIRA, Siloé; RIZZON, Luiz Antonio. **Temas de psicologia social**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil: promulgada em 16 de julho de 1934. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 26 jul 2018.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, § 1o, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Brasília, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm. Acesso em: 13 jan 2020.

BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Brasília, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm. Acesso em: 13 jan 2020.

BRILHA, José. **Patrimônio Geológico e Geoconservação**: a conservação da natureza na sua vertente geológica. 1. Ed. Braga: Palimage Editores, 2005. Disponível em: http://www.dct.uminho.pt/docentes/pdfs/jb_livro.pdf. Acesso em: 29 abr 2020.

BRITISH COLUMBIA. BC Parks. Bearhole Lake Provincial Park and protected area. 2019a. Disponível em: http://www.env.gov.bc.ca/bcparks/explore/parkpgs/bearhole_lk/. Acesso em: 29 abr 2020.

BRITISH COLUMBIA. Wapiti Lake. 2019b. Disponível em: http://www.env.gov.bc.ca/bcparks/explore/parkpgs/wapiti_lake/wapiti_brochure.pdf. Acesso em: 29 abr 2020.

BRITO, Francisco Emanuel Matos. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Salvador, BA: EDUFBA, 2005. 418 p.

BUCKLEY, Ralf. Environmental inputs and outputs in ecotourism: geotourism with a positive triple bottom line? **Journal of Ecotourism**. Vol. 2, No. 1, 2003, p. 76-82.

CARVALHO, Carlos Neto de; RODRIGUES, Joana De Castro. Avaliação da geodiversidade e do património geológico (sessão prática): casos de estudo no Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – Geopark Global da UNESCO. IN: VII CONGRESSO JOVENS INVESTIGADORES EM GEOCIÊNCIAS, 7., 2017, Estremoz: Universidade de Évora. p. – 17-35. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/321360879_Avaliacao_da_Geodiversidade_e_do_Patrimonio_Geologico_Sessao_Pratica_Casos_de_Estudo_no_Geopark_Naturtejo_da_Meseta_Meridional_-_Geoparque_Global_da_UNESCO/figures?lo=1. Acesso em: 29 abr 2020.

CASTRO, Virgínia Aparecida; SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira; GARCIA, GIMENES-MINASSE, Maria Henriqueta Sperandio; GIRALDI, Janaina de Moura Engracia. Práticas de visitação nas vinícolas da Serra Gaúcha: unindo vitivinicultura e turismo no sul do Brasil. **Revista Turismo em Análise – RTA**. v. 28, n. 3, p. 380-402, 2017.

CEARÁ. 2012. **Termo de referência**. Contratação de serviços de consultoria para elaboração do Plano de Negócios do Geopark Araripe no âmbito do Projeto de Desenvolvimento Econômico Regional do Ceará Cidades do Ceará – Cariri Central. 2012. Disponível em: <http://licita.seplaq.ce.gov.br/pub/174489/TERMOS%20DE%20REFER%C3%8ANCIA%20-%20TDR%20-%20PLANO%20DE%20NEG%C3%93CIO%20GEOPARK.pdf>. Acesso em 29 abr 2020.

CEBALLOS-LASCURÁIN, Héctor. **Ecoturismo**: naturaleza y desarrollo sostenible. México: Diana, 1998.

CET-UNB. **Pesquisa do perfil e da satisfação do turista de lazer e de negócios em Brasília**. Observatórios para o turismo sustentável. Brasília: UNB, 2008. Disponível em: http://cet.unb.br/attachments/796_relatorio_final_pesquisa_perfil.pdf. Acesso em: 29 abr 2020.

CEZAR, Rodrigo Valle; CAMARGO, Vanessa Aparecida. **História natural da Chapada Diamantina**. 1. ed. São Paulo: Gregory, 2016.

CONUMA COAL RESOURCES. **Our communities**. Tumbler Ridge and Chetwynd, BC. 2020. Disponível em: <https://www.conumacoal.com/our-communities>. Acesso em: 29 abr 2020.

COSTA, Patrícia Côrtes. **Unidades de conservação**: matéria-prima de ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002. 163 p.

CPRM. 2006. Serviço Geológico do Brasil. **Geodiversidade do Brasil**. Conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/1210>. Acesso em: 29 abr 2020.

CPRM. 2016. **Breve história da Terra**. Geocientífico. Acesso à informação. 2016. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Breve-Historia-da-Terra-1094.html>. Acesso em: 29 abr 2020.

CPRM. 2017. Ministério de Minas e Energia. **Geoparque Serra do Sincorá-BA: proposta**. 2017. Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/18230?show=full>. Acesso em: 29 mai. 2017.

CPRM. 2020a. Serviço Geológico do Brasil. **Geocientífico**. Saiba Mais – Geoparques. 2020a. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Gestao->

[Territorial/Gestao-Territorial/Saiba-Mais---Geoparques-5415.html](#). Acesso em: 13 jan 2020.

CPRM 2020b. Serviço Geológico do Brasil. **Glossário geológico**. Estromatólitos. 2020b. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/estromatolito.htm>. Acesso em: 29 abr 2020.

CPRM. 2020c. Serviço Geológico do Brasil. **Glossário geológico**. Carbonado. 2020c. Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/carbonado.htm>. Acesso em: 29 abr 2020.

DAGNINO, Ricardo. Geoparque do Araripe (sul do Ceará). **Profissão: Geógrafo** 14 agosto 2012. Disponível em: <http://profissaogeografo.blogspot.com/2012/08/geoparque-do-araripe-sul-do-ceara.html>. Acesso em: 29 abr 2020.

DIAS, J. Alveirinho. Reconstituições Paleogeográficas da Terra. **Geologia Ambiental**. Março 2000. Disponível em: http://w3.ualg.pt/~j dias/GEOLAMB/GA2_SistTerra/204Evolucao/Paleomap.html. Acesso em: 29 abr 2020.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. 169 p.

DOWLING, Ross K. Geotourism's Global Growth. **Geoheritage**. Vol. 3, núm. 1, 2011, p. 1–13. Disponível em: <https://link.springer.com/journal/12371/3/1>. Acesso em: 15 jan 2020.

ESCHILETTI, Natália Augusta Rothmann; LANZER, Rosane Maria. Turismo na Chapada Diamantina: Considerações sobre a Proposta do Geoparque Serra do Sincorá. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**. Vol. 11, núm. 2, 2019, p. 492-506. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/6507>. Acesso em: 13 jan. 2020.

ESCHILETTI, Natália Augusta Rothmann; RODRIGUES, Flávio Henrique; LANZER, Rosane Maria. In: PROGEO Congresso Brasileiro de Profissionais de Geociências, 2019, São Paulo. **Anais [...]**. Jaboticabal: Fábio Augusto Gomes Vieira Reis, 2019. v. 1. Disponível em: <http://schenautomacao.com.br/progeo/envio/files/92.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FONSECA FILHO, Ricardo; MOREIRA, Jasmine Cardoso. O perfil do geoturista do Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto e Mariana (MG). **Revista Espacios**. Vol. 38, núm. 47, 2017, p. 18-33. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p18.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2018.

FONSECA FILHO, Ricardo Eustáquio; RIBEIRO, Gabriela Sousa. Perfil do geoturista do Parque Estadual da Serra do Rola-Moça (MG). **Revista Brasileira de Ecoturismo**. São Paulo, vol.9, núm.3, 2016, p.471-496. Disponível em:

<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/974>.

Acesso em: 30 jun. 2018.

FONSECA FILHO, Ricardo Eustáquio; CASTRO, Paulo de Tarso Amorim; VARAJÃO, Angélica Fortes Drummond Chicarino; FIGUEIREDO, Múcio do Amaral. Percepção dos Visitantes do Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) para o Geoturismo. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Rio de Janeiro, vol. 41, núm. 2, 2018, p. 520-537. Disponível em:

<http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/13011>. Acesso em: 29 abr 2020.

FUNCH, Roy. **Um guia para a Chapada Diamantina**. 3. ed. Cruz das Almas: Gráfica e Editora Nova Civilização, 2002.

GÉOPARC M'GOUN. **Les Greniers de Falaise D'Aoujgal**. Géoparc M'Goun. 2019. Disponível em: <http://www.geoparc-mgoun.ma/aoujgal.php>. Acesso em: 30 abr 2020.

GEO PARK ARARIPE. **Documentário sobre o Geopark Araripe - Ceará – Brasil**. 2013. (14m53s). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=k9Y97dEaTho&feature=emb_lo
[go](https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=k9Y97dEaTho&feature=emb_lo). Acesso em: 30 abr 2020.

GEO PARK ARARIPE. **Geopark Araripe**. Brasil: 2014. Disponível em:

<http://geoparkararipe.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 148 p.

GRAY, M. **Geodiversity: Valuing and Conserving Abiotic Nature**. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd, 2004.

GRAY, Murray. Geodiversity: the origin and evolution of a paradigm. **Geological Society London Special Publications**. Londres. Vol. 300, núm 1, p. 31-36. 2008.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/249552177_Geodiversity_The_origin_and_evolution_of_a_paradigm. Acesso em: 29 mai. 2018.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987. 446 p.

GUIA TURÍSTICO CHAPADA DIAMANTINA (2018). **Guia Chapada Diamantina**.

Disponível em: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/> Acesso em: 03 mar 2018.

GUIACHAPADADIAMANTINA. 2020. Iगतु. Disponível em:

<http://www.guiachapadadiamantina.com.br/cidades-e-vilas/cidades-e-vilas-igatu/>.

Acesso em: 13 jan 2020.

GUO, Fu-sheng; CHEN, Liu-qin; XU, Huan; LIU, Xin. Origin of beaded tafoni in cliffs of Danxia landscapes, Longhushan Global Geopark, South China. **Journal of Mountain Science**. China. Vol. 15, núm. 11, p. 2398-2408. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/328996610_Origin_of_beaded_tafoni_in_cliffs_of_Danxia_landscapes_Longhushan_Global_Geopark_South_China. Acesso em: 30 abr 2020.

HAESBAERT, Rogério. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**. Vol. 9, núm. 17, p.19-45. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>. Acesso em 15 jan 2020.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HELM, Charles. New updates to Tumbler Ridge thanks to the Park Enhancement Fund. **British Columbia**. 2016. Disponível em: <https://engage.gov.bc.ca/bcparksblog/2016/06/30/wnms-partners-with-bc-parks-to-enhance-parks-in-tumbler-ridge-area/>. Acesso em: 29 abr 2020.

HOSE, Thomas A. Selling the Story of Britain's Stone. **Environmental Interpretation**, Vol. 2, p. 16-17, 1995.

HOSE, Thomas A. Mountains of fire from the present to the past - or effectively communicating the wonder of geology to tourists. **Geologica Balcanica**, vol. 28, núm.3-4, 1998. p. 77-85. Disponível em: https://www.geologica-balcanica.eu/sites/default/files/articles/GB%281998%29_28_3-4_pp.77-85%20%28Hose%29.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

HOSE, Thomas. A. "Geoturismo" europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: BARRENTINO, Daniel; WIMBLEDON, W.A.P.; GALLEGRO, Ernesto. **Patrimonio geológico: conservación y Gestión**. Madrid: Instituto Tecnológico Geominero de España, p. 137-159, 2000.

HOSE, Thomas A. 3G's for Modern Geotourism. **Geoheritage**. Vol. 4, núm. 1, 2012, p. 7-24. Disponível em: <https://link.springer.com/journal/12371/4/1>. Acesso em 15 jan 2020.

HURTADO, Hasoly; DOWLING, Ross; SANDERS, Dale. An exploratory study to develop a geotourism typology model. **International Journal of Tourism Research**. Volume 16, núm. 6, 2014. p. 608-613. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/jtr.1954>. Acesso em: 30 abr 2020.

IBGE 2007. **Regiões de influência das cidades 2007**. Disponível em: <https://loja.ibge.gov.br/regioes-de-influencia-das-cidades-2007.html>. Acesso em 15 jan 2020.

IBGE 2018. **Síntese de Indicadores Sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira 2018. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>. Acesso em 15 jan 2020.

ICMbio. 2007. **Plano de manejo do Parque Nacional da Chapada Diamantina**. Instituto Chico Mendes. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2007. Disponível em:

http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/parna_chapada_diamantina.pdf. Acesso em: 29 mai. 2018.

INEP. 2013. **Mapa do analfabetismo no Brasil**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. Brasil. 2013. Disponível em:

<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>. Acesso em: 30 abr 2020.

GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ. **Hoje, 21/07/2019, a Associação Geoparque Serra do Sincorá (AGS), em parceria com a Associação Comercial de Lençóis (ACEL) e a gestão do Parque Nacional da Chapada Diamantina participou do evento nacional “Um dia no parque”, uma iniciativa da Coalizão Pró-Unidades de Conservação da Natureza...** Lençóis, 21 jul. 2019. Instagram:

@geoparqueserradosincorá. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/B0Ms03mpxSh/>. Acesso em: 30 abr 2020.

IPHAN. 2014a. **Lençóis-BA**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/115>. Acesso em: 18 mai. 2018.

IPHAN. 2014b. **Mucugê-BA**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/239>. Acesso em: 18 mai. 2018.

IPHAN. 2014c. **Igatu-BA**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/113>. Acesso em 18 mai. 2018.

IPHAN. 2015. Conjunto arquitetônico e paisagístico de Mucugê completa 35 anos de tombamento. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ba/noticias/detalhes/3299/conjunto-arquitetonico-e-paisagistico-de-mucuge-completa-35-anos-de-tombamento>. Acesso em: 13 jan 2020.

KIM, Samuel Seongseop; KIM, Miju; PARK, Jungwoong; GUO, Yingzhi. Cave tourism: tourists' characteristics, motivations to visit, and the segmentation of their behavior. **Asia Pacific Journal of Tourism Research**. Vol. 13, núm. 3, p. 299-318. Disponível em:

https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10941660802280448?journalCode=rap_t20. Acesso em: 20 abr 2020.

KUBALÍKOVÁ, Lucie. Geomorphosite assessment for geotourism purposes. **Czech Journal of Tourism**. Vol 2, núm. 2, p. 80-104. 2013. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/270175354_Geomorphosite_assesment_for_geotourism_purposes. Acesso em 29 mai. 2018.

KUSKY, Timothy M; MINGHE, Ye; JUNPENG, Wang; LU, Wang. Geological evolution of Longhushan World Geopark in relation to global tectonics. **Journal of Earth Science**. China, Vol. 21, Núm. 1, p. 001–018. 2010. Disponível em:

<https://link.springer.com/article/10.1007/s12583-010-0009-0> . Acesso em: 30 abr 2020.

LEMOS, Weberte (2019). Governo do Ceará cria Unidade de Conservação para preservar o Soldadinho-do-Araripe. Imprensa Governo do Estado do Ceará. Fortaleza, 21 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2019/07/21/governo-do-ceara-cria-unidade-de-conservacao-para-preservar-o-soldadinho-do-araripe/>. Acesso em 29 abr 2020.

LENÇÓIS, Marcão (Marcão Lençóis). **Prefeito do Futuro** - Um sonho poderá ser realizado muito bacana - Novo acesso para Lençóis para desobstruir o centro e oferecendo maior segurança para a população. Lençóis, 8 mai 2019. Facebook Marcão Lençóis. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1067086236822249&set=pb.100005626487825.-2207520000.&type=3&theater>. Acesso em: 29 abr 2020.

LONDERO, Maria Alice Antonello. **Meio Ambiente: uma questão de cidadania. Pós-modernidade, política e educação: 1999.** Disponível em: <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/meioambiente.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.

LONGHUSHAN. 2020a. **Longhushan Geopark will make all effort to improve daily work to meet the criterion of a UNESCO Global Geopark.** Longhushan UNESCO Global Geopark. Disponível em: <http://dzgy.longhushan.com.cn/n8.html>. Acesso em: 30 abr 2020

LONGHUSHAN. 2020b. **A general survey of the park.** Longhushan UNESCO Global Geopark. Disponível em: http://dzgy.longhushan.com.cn/lhsdzgy_ch/news.html. Acessível em: 30 abr 2020.

LOURENÇO, Sandrina Henriques. **Perfil do consumidor dos estabelecimentos de restauração no Concelho de Peniche.** 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Marketing e Promoção Turística) – IPL, Programa de Pós-Graduação em Marketing e Promoção Turística, 2012.

MANOSSO, Fernando César; MOREIRA, Jasmine Cardoso; DA SILVA JUNIOR, Edvaldo Dias. A Geodiversidade como atratividade turística nos Parques Nacionais brasileiros e Parques Estaduais dos Estados do Paraná e Pernambuco. **Caderno de Geografia.** vol. 24, núm. 2, 2014, p. 39-55. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=333231478003>. Acesso em: 29 mai. 2018.

MANTESSO-NETO, Virginio; MANSUR, Kátia Leite; RUCHKYS, Úrsula; NASCIMENTO, Marcos Antonio Leite do. O que há de geológico nos atrativos turísticos convencionais no Brasil. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ.** Rio de Janeiro. Vol. 35, núm. 1, 2012, p.49-57. Disponível em: <http://www.ppegeo.igc.usp.br/index.php/anigeo/article/view/5925>. Acesso em: 20 abr 2020.

MAO, Iris; ROBINSON, Angus M.; DOWLING, Ross. Potential geotourists: an australian case study. **ECU Publications Australian University**, 2009. Disponível

em:<http://www.leisuresolutions.com.au/wp-content/uploads/2015/02/Potential-Geotourists-An-Australian-Case-Study.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

MARTINI, Gui; ALCALÁ, Luis.; BRILHA, José.; IANTRIA Linnea; SÁ, Arthr; TOURTELLOT, Jonathan. Reflections about the geotourism concept. In: Sá, Arthr; ROCHA, Daniela; PAZ, Alexandra; CORREIA, Vânia (eds.). **Proceedings of the 11th European Geoparks Conference. AGA – Associação Geoparque**. Arouca: Gráfica M Vide, 2012. (p. 187-188)

MMA. 2020. **Usos permitidos**. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/areas-protegidas/unidades-de-conservacao/usos-permitidos.html>. Acesso em: 13 jan 2020.

MODICA, Rosaria. As redes europeia e global dos geoparques (EGN e GGN): Proteção do Patrimônio Geológico, oportunidade de desenvolvimento local e colaboração entre territórios. **Revista do Instituto de Geociências – USP**. Geol. USP, Publ. espec., São Paulo, v. 5, p. 17-26, outubro 2009. Disponível em: www.igc.usp.br/geologiausp. Acesso em: 13 jan 2020.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima; ACIOLY, Matí Marques. Pra lá do mundo existe um mundo comum: um estudo sobre relações entre turistas e moradores do Vale do Capão (Bahia/Brasil). **Turismo & Sociedade**. Curitiba. Vol. 11, núm. 1. 2018. p.1-21.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Geoturismo**: uma abordagem histórico-conceitual. Turismo e paisagens cársticas. Vol. 3, num. 1, p. 5-10, 2010. Disponível em: http://www.sbe.com.br/ptpc/tpc_v3_n1_005-010.pdf. Acesso em 30 jun. 2018.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Patrimônio Geológico em Unidades de Conservação**: Atividades interpretativas, educativas e geoturísticas. 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

MTUR. 2007. **Programa de regionalização do turismo - Roteiros do Brasil**: Módulo operacional 7. Ministério do Turismo. Brasil: Brasília, 2007. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/roteiros_brasil/roteirizacao_turistica.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

MTUR. 2010. **Segmentação do turismo e o mercado**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. Brasil: Brasília, 2010. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Segmentaxo_do_Mercado_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

MTUR. 2011. **Estudo de competitividade de produtos turísticos**. Brasília: DF, SEBRAE, 2011. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Estudo_de_Competitividade_de_Produtos_Turxsticos.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

MTUR. 2016. **Bahia tem novo mapa turístico**. Ministério do Turismo. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6466-bahia-tem-novo-mapa-tur%C3%ADstico.html>. Acesso em: 29 mai. 2018.

MTUR (2017). Moradores do sudeste são os que mais viajam pelo Brasil. Ministério do Turismo. 26 abr 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/7736-sudeste-concentra-maioria-dos-turistas-brasileiros.html>. Acesso em: 30 abr 2020.

MTUR. Ministério do Turismo (2018). **Cadastur**. Disponível em: <http://www.cadastur.turismo.gov.br/cadastur/PesquisarEmpresas.mtur>. Acesso em: 03 mar. 2018.

NASCIMENTO, Maria Medrado. Do urbano ao rural: um estudo sobre a relação entre "nativos ", os "de fora " e o movimento alternativo no Vale do Capão - Bahia. **Soc. estado.**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 493-494, 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8308/1/2008_MariaMedradoNascimento_0_rig.pdf. Acesso em: 13 jan 2020.

NASCIMENTO, Marcos Antonio Leite do; RUCHKYS, Úrsula A; MANTESSO-NETO, Virginio. **Geodiversidade, geoconservação e geoturismo**: trinômio importante para a proteção do patrimônio geológico. S.l: s.n, 2008. 82 p.

NATURTEJO. **Naturtejo Geopark**. Portugal: 2018. Disponível em: <https://www.naturtejo.com/>. Acesso em 30 jun. 2018.

NATURTEJO. 2014. **Bem-estar e cultura**. Rotas pelo Geopark Naturtejo da Meseta Meridional. Disponível em: https://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/bem_estar_cultura_2014-.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

NATURTEJO. 2016. Rotas pelo Geopark Naturtejo da Meseta Meridional. Disponível em: [https://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/Naturtejo%202016%20PT\(2\).pdf](https://www.naturtejo.com/ficheiros/conteudos/files/Naturtejo%202016%20PT(2).pdf). Acesso em: 30 abr 2020.

NATURTEJO. 2020. **O que visitar**. Geopark Naturtejo. Disponível em: <https://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-visitar&id=15>. Acesso em: 30 abr 2020.

NEWSOME, David K.; DOWLING, Ross. The scope and nature of geotourism. In: NEWSOME, David K.; DOWLING, Ross (Edits.) **Geotourism**: sustentability, impacts and management. Oxford: Elsevier, 2006. p.3-25.

NOLASCO, Marjorie Csekö. **Registros Geológicos Gerados pelo Garimpo, Lavras Diamantinas – Bahia**. 2002. 363f. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Geociências, 2002.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo de. **Iconicidade toponímica na Chapada Diamantina: estudo de caso.** 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, 2008.

ONU. **Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural.** Paris: 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ONUBR. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** Nações Unidas no Brasil: 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

PEDREIRA DA SILVA, Augusto José de C.L. **O Supergrupo Espinhaço na Chapada Diamantina Centro-Oriental, Bahia: Sedimentologia, Estratigrafia e Tectônica.** Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade de São Paulo. Instituto de Geociências, 1994.

PEDREIRA, Augusto. Serra do Sincorá, Chapada Diamantina, BA Beleza paisagística e paleoplácetes de diamante. *In*: SCHOBENHAUS, Carlos et al. **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil.** Brasília: DNPM, 2002. (187-194). Disponível em: <http://sigep.cprm.gov.br/sitio085/sitio085.pdf>. Acesso em: 13 jan 2020.

PENG, Hua. Danxia geomorphology of China: A review. **Chinese Science Bulletin.** vol. 46, p. 38–44, 2001. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2F2F03187234>. Acesso em: 30 abr 2020.

PEREIRA, Ricardo Galeno Fraga de Araújo. **Geoconservação e desenvolvimento sustentável na Chapada Diamantina (Bahia - Brasil).** 2010. 318 f. Tese (Doutorado em Ciências com Especialidade em Geologia) – Universidade do Minho, Programa de Doutorado em Ciências, 2010.

PEREIRA, Ricardo Galeno Fraga de Araújo. **Inventário do patrimônio geológico e geoconservação na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil.** Salvador: CBPM, 2016.

PEREIRA, Ricardo Galeno Fraga de Araújo; BRILHA, José; PEDREIRA, Augusto José; SCHOBENHAUS, Carlos; KARMANN, Ivo. Geopark and Geotourism in Chapada Diamantina (North-Eastern Brazil): strategies and perspectives. **Anais Proceedings European Geoparks Conference.** Portugal. p. 104-107, 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO; INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (Minas Gerais). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil.** 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>. Acesso em: 04 maio 2020.

PNUDBR. **O que é o IDH.** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2020. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idh.html>. Acesso em: 13 jan 2020.

PROGEO. **Glossário: Icnofósseis**. Portugal: 2018. Disponível em: <http://www.progeo.pt/cigc/glossario/icnofosseis.html>. Acesso em: 30 jun. 2018.

REDE DE GEOPARCOS GLOBAIS. **Longhushan Geopark**. China: 2018. Disponível em: <http://www.globalgeopark.org/aboutGGN/list/China/6410.htm>. Acesso em: 30 jun. 2018.

RIBEIRO, Wagner Costa; ZANIRATO, Silvia Helena. Ordenamento jurídico para a proteção do patrimônio natural no Brasil. **Revista de História**. núm. 158, 1^o semestre de 2008, p. 277-300. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19082>. Acesso em: 30 jun. 2018.

ROBINSON, Angus M. **Geotourism: who is a geotourist?**©. Leisure Solutions. Austrália: 2008. Disponível em: <http://www.leisuresolutions.com.au/index.php/geotourism-industry-groups/>. Acesso em: 30 jun. 2018.

RODRIGUES, Antonio (2019). Espécie de caranguejo encontrada na Chapada do Araripe, no Ceará, é reintroduzida na natureza. Globo Comunicação e Participações S.A. 13 nov 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/11/13/nova-especie-de-caranguejo-encontrada-na-chapada-do-araripe-no-ceara-e-reintroduzida-na-natureza.ghtml>. Acesso em: 30 abr 2020.

RODRIGUES, Joana; CANILHO, Sara; CARVALHO, Carlos Neto de. Património Geológico do Geopark Naturtejo: Aplicações ao Ensino de Hidrogeologia e Geoquímica. **VIII Congresso Ibérico de Geoquímica - XVII Semana de Geoquímica**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266968248_Patrimonio_Geologico_do_Geopark_Naturtejo_aplicacoes_ao_ensino_de_Hidrogeologia_e_Geoquimica/references. Acesso em: 30 abr 2020.

RUCHKYS, Úrsula. **Patrimônio Geológico e Geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais**: Potencial para a criação de um Geoparque da UNESCO. 2007. 211 f. Tese (Doutorado em Geologia) – UFMG, Programa de Pós-Graduação em Geologia, 2007.

SANTOS, Líliam Margarida De Andrade. **Do diamante ao turismo, o espaço produzido no município de Lençóis – BA**. 2006. 205 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFBA, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

SANTOS, M. M. C. D.; PERAZZOLO, O. A. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: O corpo coletivo acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 1, p. 3-15, 2012. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/7273/hospitalidade-numa-perspectiva-coletiva--o-corp--->. Acesso em: 30 abr 2020.

SEBRAE-BA. **Pesquisa de demanda turística.** Baixa e alta estações. Lençóis-BA. Serviço de apoio à Micro e Pequenas Empresas SEBRAE-BA. Jul 2018.

SEI (Bahia). **Territórios de Identidade.** Estado da Bahia. Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia, 2016. Escala 1:2.250.000. Disponível em: https://www.sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/territ_ident_2v25m_2016.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

SHARPLES, Charles. **Concepts and Principles of Geoconservation.** [S.l: s.n.], 2002. Disponível em: <http://dpiipwe.tas.gov.au/Documents/geoconservation.pdf>. Acesso em: 29 de mai. 2018.

SHARPLES, Chris. **A Methodology for the Identification of Significant Landforms and Geological Sites for Geoconservation Purposes.** [S.l: s.n.], 1993. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266617978_A_Methodology_for_the_Identification_of_Significant_Landforms_and_Geological_Sites_for_Geoconservation_Purposes. Acesso em: 29 mai. 2018.

STANLEY, Mick. Geodiversity. **Earth Heritage 14** p. 15–18, 2000. Disponível em: <http://www.earthheritage.org.uk/wp/wp-content/uploads/2018/03/EH14-2000.pdf>. Acesso em 29 maio 2018.

STUEVE, Andrea M.; COOK, Suzanne D.; DREW, Dawn. **The Geotourism Study: Phase I. Executive Summary.** Travel Industry Association of America and National Geographic Traveler. Washington, D.C.: 2002. Disponível em: <https://www.crt.state.la.us/downloads/Atchafalaya/GeoTourismStudy.pdf>. Acesso em 29 maio 2018

STOKES, Andrea M.; COOK, Suzanne D.; DREW, Dawn. **Geotourism: the new trend in travel.** Travel Industry Association of America and National Geographic Traveler. Washington, D.C.: 2003. Disponível em: <http://www.egret.us/clinton/Geotourism%20The%20New%20Trend%20in%20Travel.pdf>. Acesso em 29 maio 2018

SUA PESQUISA. **Coluna Prestes.** 2004. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/coluna_prestes.htm. Acesso em: 18 mai. 2018.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (Org.). **Terra: feições ilustradas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

TADLA AZILAL (2013). **Dossier de Candidature Presente a La Division de L'ecologie et Des Sciences de La Terre de L'UNESCO Pour Demander L'integration Du Geoparc Du M'goun, Royaume du Maroc, Dans Le Reseau International des Geoparcs Conseil Regional.** Disponível em: http://mgoun-geoparc.technoskillspro.com/DOWNLOAD/monographies/Candidature_G%C3%A9oparc-M'goun_UNESCO_2013.pdf. Acesso em: 30 abr 2020.

TEIXEIRA, Wilson; LINSKER, Roberto. **Chapada Diamantina: águas no sertão**. São Paulo: Terra Virgem, 2005.

TREATY 8 (2019). **Communities**. Affiliated First Nations. Treaty 8 Tribal Association. Disponível em: <http://treaty8.bc.ca/cultural-section/>. Acesso em 30 abr 2020.

TUMBLER RIDGE (2005). **Generalized Geology of the Tumbler Ridge Global Geopark Area**. Canadá. Escala 1:1.000.000. Disponível em: <http://tumblerridgegeopark.ca/wp-content/uploads/2016/01/Large-Geopark-geology-map.pdf>. Acesso em: 30 abr 2020.

TUMBLER RIDGE. **Tumbler Ridge Global Geopark**. Canadá: 2015. Disponível em: <http://tumblerridgegeopark.ca>. Acesso em: 30 jun. 2018.

TUMBLER RIDGE. **Getting to Know Tumbler Ridge**. Canadá: 2020. Disponível em: <https://www.tumblerridge.com/>. Acesso em: 30 abr 2020.

UEDA, Vanda; VIGO, Maria Alda. Recuperação do ambiente natural e urbano da Lagoa dos Patos em benefício do desenvolvimento da atividade turística em Pelotas/RS. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Ambiente**. Reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1999. (98-107).

UNESCO. **Operational Guideline for National Geoparks seeking UNESCO's assistance**. Global UNESCO Network of Geoparks. Paris, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001503/150332eo.pdf>. Acesso em: 30 jun 2018.

UNESCO. **Estatutos del Programa Internacional de Ciencias de La Tierra y Geoparks**. 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260675spa.page=4>. Acesso em: 13 jan 2020.

UNESCO. 2020. **EARTH SCIENCES**. List of UNESCO Global Geoparks (UGGp). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/list-of-unesco-global-geoparks/>. Acesso em: 13 jan 2020.

UNWTO. **Annual Report World Tourism Organization**. OMT: 2017. Disponível em: <http://www2.unwto.org/publication/unwto-annual-report-2017>. Acesso em: 30 jun 2018.

VASILJEVIĆ, Dordžije A., VUJIČIĆ, Miroslav D., BOŽIĆ, Sanja, JOVANOVIĆ, Tamara, MARKOVIĆ, Slobodan B., BASARIN, Biljana, LUKIĆ, Tin, ČARKADŽIĆ, Jana. Trying to underline geotourist profile of National park visitors: Case study of NP Fruška Gora, Serbia (Typology of potential geotourists at NP Fruška Gora). **Open Geosciences**. Vol. 10, núm, 1. 2018. Disponível em: <https://www.degruyter.com/view/journals/geo/10/1/article-p222.xml>. Acesso em: 13 jan 2020.

WIKIPEDIA (2019). **Tumbler Ridge**. Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/Tumbler_Ridge. Acesso em: 30 abr 2020.

XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA A COLETA DE DADOS DE SATISFAÇÃO

Avaliação da infraestrutura de Lençóis	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sei
Vias de acesso a Lençóis (estradas, aeroporto, rodoviária)						
Sinalização de acesso a Lençóis						
Sinalização em Lençóis						
Iluminação pública						
Segurança pública						
Limpeza urbana						
Transportes em Lençóis (táxi, ônibus, van)						
Fluidez do trânsito						
Telecomunicações/internet						
Avaliação dos atrativos de Lençóis	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sei
Acesso aos atrativos						
Sinalização até os atrativos						
Informação sobre os atrativos						
Patrimônio histórico-cultural						
Patrimônio natural/geológico						
Gastronomia local						
Atendimento nos atrativos						
Segurança nos atrativos						
Limpeza nos atrativos						
Limpeza nas trilhas						
Avaliação dos serviços/equipamentos turísticos	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sei
Qualidade do atendimento nos hotéis, pousadas, albergues, campings						
Qualidade das instalações dos hotéis, pousadas, albergues, campings						
Satisfação com o preço cobrado pelos hotéis, pousadas, albergues, campings considerando custo x benefício						
Qualidade do atendimento nos restaurantes, bares e lanchonetes						
Qualidade das instalações dos restaurantes, bares e lanchonetes						
Satisfação com o preço cobrado nos restaurantes, bares e lanchonetes considerando custo x benefício						
Qualidade no atendimento dos guias						
Qualidade das informações prestadas pelos guias						
Hospitalidade						
Entretenimento e lazer						
Satisfação com o preço cobrado pelos transportes em Lençóis						
Qualidade das informações a respeito dos atrativos/entretenimento						
Qualidade da diversão noturna						
A minha impressão geral de Lençóis enquanto local de lazer e turismo é:	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	

Alguma sugestão sobre o turismo em Lençóis e na Chapada Diamantina?

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA A COLETA DE DADOS DO PERFIL

Prezado (a) participante: Essa pesquisa é parte integrante de uma Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. Sua participação é voluntária e de grande importância para a realização deste trabalho. Lembramos que as informações são anônimas. Responda o questionário considerando que 5 significa “concordo totalmente”, o valor 4 significa “concordo parcialmente”, o valor 3 significa “indiferente”, o valor 2 significa “discordo parcialmente” e o valor 1 significa “discordo totalmente”. Desde já agradecemos.

PERCEPÇÃO DO(A) TURISTA SOBRE O TURISMO PRATICADO		5	4	3	2	1
01.	Minha experiência de viagem é melhor quando meu destino preserva seus locais e atrações naturais, históricas e culturais.					
02.	Minha experiência de viagem é melhor quando estou vendo ou fazendo algo único.					
03.	Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre os costumes, a geografia e a cultura do meu destino.					
04.	Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre a paisagem e a geologia do meu destino.					
05.	É importante para mim que as empresas de viagens que eu uso empreguem moradores locais e apoiem a comunidade local.					
06.	É importante para mim que minha visita a um destino não danifique seu ambiente.					
07.	Eu penso que o desenvolvimento urbano é um grande problema					
08.	É importante para mim que os atrativos de meu interesse sejam facilmente acessíveis para mim e para quem está comigo.					
09.	Concordo que deve haver mais financiamento público e/ ou privado para a preservação dos locais históricos, da fauna e flora do país.					
10.	Concordo que deve haver mais financiamento público e/ou privado para a conservação do patrimônio geológico e monumentos naturais do país.					
11.	Deve haver uma fiscalização mais cuidadosa do uso de nossos Parques Nacionais e terras públicas.					
12.	Apoio o controle do acesso aos Parques Nacionais e terras públicas para que o meio ambiente possa ser preservado e protegido.					
13.	Muito/ extremamente importante que a viagem proporcione experiências educativas para mim/ família.					
14.	Muito/ extremamente importante que a viagem ofereça a oportunidade de estar em luxo e ser mimado (ou seja, hotéis de luxo, bons restaurantes).					
15.	Muito/ extremamente propenso a comprar produtos e serviços de empresas específicas, porque eu sei que eles doam parte de seus lucros para organizações de caridade.					
16.	Muito/ muito propenso a participar de eventos artísticos (por exemplo, teatro, sinfonia, ópera, balé, etc.) na minha área local.					
17.	Muito / extremamente propenso a visitar sítios de história e/ou museus na minha área local.					
18.	É muito provável que faça viagens a lugares onde possa experimentar pessoas, estilos de vida e culturas muito diferentes dos meus.					
19.	Muito/ extremamente propenso (a) a fazer viagens para destinos que tenham edifícios e locais históricos ou arqueológicos autênticos.					
20.	Muito/ extremamente propenso (a) a fazer viagens para destinos que tenham áreas naturais e aspectos geológicos autênticos.					

PERFIL DO SOCIOECONÔMICO E DE VIAGEM	
21. Cidade de Origem: 22. Gênero: _____	23. Faixa etária: <input type="checkbox"/> 18-19 <input type="checkbox"/> 20-24 <input type="checkbox"/> 25-29 <input type="checkbox"/> 30-34 <input type="checkbox"/> 35-39 <input type="checkbox"/> 40-44 <input type="checkbox"/> 45-49 <input type="checkbox"/> 50-54 <input type="checkbox"/> 55-59 <input type="checkbox"/> Acima de 60
24. Estado civil: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado/ União estável <input type="checkbox"/> Separado/ Divorciado <input type="checkbox"/> Outro	25. Qual sua renda em salários mínimos? (1 salário mínimo: R\$954,00) <input type="checkbox"/> Até 1 SM <input type="checkbox"/> Mais de 1 SM a 2 SM <input type="checkbox"/> Mais de 2 SM a 3 SM <input type="checkbox"/> Mais de 3 SM a 5 SM <input type="checkbox"/> Acima de 5 SM
26. Escolaridade: <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Ensino Superior (completo) <input type="checkbox"/> Superior (incompleto) <input type="checkbox"/> Pós-graduação	27. Onde está hospedado? <input type="checkbox"/> Casa de amigos/familiares <input type="checkbox"/> Pousada <input type="checkbox"/> Hotel <input type="checkbox"/> Albergue <input type="checkbox"/> Camping <input type="checkbox"/> Outros. Qual _____
28. Profissão:	
29. Como organizou a sua viagem? <input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> Agência de Viagem <input type="checkbox"/> Montou seu pacote <input type="checkbox"/> Outros: _____	30. Quanto gasta por dia em Lençóis? (inclua despesas com hospedagem, alimentação, passeios, transporte na cidade, artesanato)? <input type="checkbox"/> Nada <input type="checkbox"/> Menos de R\$100,00 <input type="checkbox"/> R\$101 a R\$300,00 <input type="checkbox"/> R\$301 a R\$500,00 <input type="checkbox"/> Acima de R\$501,00
31. Quem lhe acompanha na viagem? <input type="checkbox"/> filhos <input type="checkbox"/> cônjuge/companheiro <input type="checkbox"/> outros familiares <input type="checkbox"/> grupo de excursão N° de pessoas do grupo (incluindo você) _____ <input type="checkbox"/> sozinho	32. Qual o meio de transporte que utiliza na cidade? <input type="checkbox"/> Carro alugado <input type="checkbox"/> Táxi <input type="checkbox"/> Van <input type="checkbox"/> Ônibus <input type="checkbox"/> A pé <input type="checkbox"/> Veículo emprestado <input type="checkbox"/> Moto <input type="checkbox"/> Táxi <input type="checkbox"/> Outros
33. Qual o meio de transporte que utilizou para chegar a Lençóis? <input type="checkbox"/> Carro <input type="checkbox"/> Ônibus <input type="checkbox"/> Moto <input type="checkbox"/> Van <input type="checkbox"/> Avião <input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____	34. É a primeira vez em Lençóis? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não. Quantas? _____
35. Qual o tempo de sua estada em Lençóis? <input type="checkbox"/> 1 dia <input type="checkbox"/> 2 a 3 dias <input type="checkbox"/> 4 a 5 dias <input type="checkbox"/> 6 a 7 dias <input type="checkbox"/> mais de 7 dias	36. Pretende retornar? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Por quê? _____
37. Recomenda Lençóis para amigo/familiar? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO. Por quê? _____	38. Visitará algum outro município da Chapada Diamantina? <input type="checkbox"/> Andaraí <input type="checkbox"/> Lençóis <input type="checkbox"/> Mucugê <input type="checkbox"/> Palmeiras <input type="checkbox"/> Outro. Qual: _____
39. Com qual frequência costuma viajar? <input type="checkbox"/> 1 vez por mês <input type="checkbox"/> 1 vez por ano <input type="checkbox"/> 2 vezes por ano <input type="checkbox"/> Outro. Especifique: _____	40. Motivo da viagem <input type="checkbox"/> Lazer <input type="checkbox"/> Saúde <input type="checkbox"/> Visita parentes/amigos <input type="checkbox"/> Estudos ou cursos <input type="checkbox"/> Negócios/trabalho <input type="checkbox"/> Religião <input type="checkbox"/> Arquitetura <input type="checkbox"/> Arqueologia <input type="checkbox"/> História <input type="checkbox"/> Moda <input type="checkbox"/> Esporte <input type="checkbox"/> Natureza <input type="checkbox"/> Geologia <input type="checkbox"/> Outro: _____

INTERESSE E AFINIDADE COM O GEOTURISMO	
<p>41. Que atrativos naturais conhece dentro da área proposta para o Geoparque? (Andaraí, Lençóis, Mucugê, Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Bairro Luís Santos (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira da Donana (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira das Três Barras (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira do Ramalho (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Caverna Torras (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Marimbus (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Gruta da Paixão (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Rampa do Caim (Andaraí)</p> <p><input type="checkbox"/> Mucugezinho (Lençóis)</p> <p><input type="checkbox"/> Serrano (Lençóis)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira da Fumaça (Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira das Andorinhas (Mucugê)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira do Tiburtino (Mucugê)</p> <p><input type="checkbox"/> Morro do Cruzeiro (Mucugê)</p> <p><input type="checkbox"/> Rio Paraguaçu – Balneário Mucugê (Mucugê)</p> <p><input type="checkbox"/> Sibéria (Mucugê)</p> <p><input type="checkbox"/> Cachoeira do Riachinho (Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Diamictitos da Formação Bebedouro (Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Monte Tabor – Morrão do Capão (Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Morro do Pai Inácio (Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Caverna do Poço Encantado (Itaeté)</p> <p><input type="checkbox"/> Poço Azul (Nova Redenção)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros:</p>	
<p>42. Que atrativos culturais conhece dentro da área proposta para o Geoparque? (Andaraí, Lençóis, Mucugê, Palmeiras)</p> <p><input type="checkbox"/> Museu. Qual?</p> <p><input type="checkbox"/> Centro histórico. Qual?</p> <p><input type="checkbox"/> Feira. Qual?</p> <p><input type="checkbox"/> Cemitério Santa Isabel (ou Bizantino)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros. Quais?</p>	
<p>43. Conhecimento sobre a geologia da região do Geoparque?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Um Pouco <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Não respondeu</p>	<p>44. Fonte da informação geológica</p> <p><input type="checkbox"/> Internet <input type="checkbox"/> Boca a boca <input type="checkbox"/> Guia do Parque</p> <p><input type="checkbox"/> Trabalho ou artigos <input type="checkbox"/> Universidade <input type="checkbox"/> Nenhuma</p>
<p>45. Você percebeu degradação nos atrativos?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>	<p>46. Que tipo de degradação?</p> <p><input type="checkbox"/> Pichação <input type="checkbox"/> Erosão <input type="checkbox"/> Depredação <input type="checkbox"/> Lixo</p> <p><input type="checkbox"/> Esgoto</p>
<p>47. Você sabe o que significa um Patrimônio Geológico?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Já ouvi falar <input type="checkbox"/> Não</p>	<p>48. Gostaria de conhecer mais sobre Patrimônio Geológico da chapada Diamantina?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>49. Você sabe o que é um Geoparque?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Já ouvi falar <input type="checkbox"/> Não</p>	<p>50. Sabia que está na área da proposta do Geoparque Serra do Sincorá?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>51. Você sabe o que é Geoturismo?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Já ouvi falar <input type="checkbox"/> Não</p>	<p>52. Você acredita que a criação do Geoparque Serra do Sincorá contribuiria para a conservação da área?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>53. Atividades desenvolvidas na região da Chapada Diamantina <input type="checkbox"/> Caminhadas/Trekkings</p> <p><input type="checkbox"/> Canoagem/Stand Up Paddle <input type="checkbox"/> City tour <input type="checkbox"/> Contemplação da beleza cênica <input type="checkbox"/> Ecoturismo</p> <p><input type="checkbox"/> Escalada/rapel <input type="checkbox"/> Espeleologia <input type="checkbox"/> Gastronomia <input type="checkbox"/> Geoturismo <input type="checkbox"/> Religião/esoterismo/misticismo</p> <p><input type="checkbox"/> Turismo cultural <input type="checkbox"/> Turismo rural <input type="checkbox"/> Voo livre <input type="checkbox"/> Outros</p>	

**APÊNDICE 3 – QUESTÕES CORRESPONDENTES A CADA DIMENSÃO PARA A
DEFINIÇÃO DO PERFIL DO GEOTURISTA.**

Atitudes gerais sobre viagens de lazer (AG)	Q1	Minha experiência de viagem é melhor quando meu destino preserva seus locais e atrações naturais, históricas e culturais.
	Q2	Minha experiência de viagem é melhor quando estou vendo ou fazendo algo único.
	Q3	Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre os costumes, a geografia e a cultura do meu destino.
	Q4	Minha experiência de viagem é melhor quando aprendi o máximo possível sobre a paisagem e a geologia do meu destino.
	Q5	É importante para mim que as empresas de viagens que eu uso empreguem moradores locais e apoiem a comunidade local.
	Q6	É importante para mim que minha visita a um destino não danifique seu ambiente.
	Q8	É importante para mim que os atrativos de meu interesse sejam facilmente acessíveis para mim e para quem está comigo.
Atitudes ambientais e culturais (AC)	Q7	Eu penso que o desenvolvimento urbano é um grande problema
	Q9	Concordo que deve haver mais financiamento público e/ ou privado para a preservação dos locais históricos, da fauna e flora do país.
	Q10	Concordo que deve haver mais financiamento público e/ou privado para a conservação do patrimônio geológico e monumentos naturais do país.
	Q11	Deve haver uma fiscalização mais cuidadosa do uso de nossos Parques Nacionais e terras públicas.
	Q12	Apoio o controle do acesso aos Parques Nacionais e terras públicas para que o meio ambiente possa ser preservado e protegido.
Comportamento Cultural (CC)	Q15	Muito/ extremamente propenso a comprar produtos e serviços de empresas específicas, porque eu sei que eles doam parte de seus lucros para organizações de caridade.
	Q16	Muito/ muito propenso a participar de eventos artísticos (por exemplo, teatro, sinfonia, ópera, balé, etc.) na minha área local.
	Q17	Muito / extremamente propenso a visitar sítios de história e/ou museus na minha área local.
Preferência de Viagem e Destino entre viajantes	Q14	Muito/ extremamente importante que a viagem ofereça a oportunidade de estar em luxo e ser mimado (ou seja, hotéis de luxo, bons restaurantes).
	Q18	É muito provável que faça viagens a lugares onde possa experimentar pessoas, estilos de vida e culturas muito diferentes dos meus.
	Q19	Muito/ extremamente propenso (a) a fazer viagens para destinos que tenham edifícios e locais históricos ou arqueológicos autênticos.
	Q20	Muito/ extremamente propenso (a) a fazer viagens para destinos que tenham áreas naturais e aspectos geológicos autênticos.
Importância dos Aspectos de Viagem	Q13	Muito/ extremamente importante que a viagem proporcione experiências educativas para mim/ família.

APÊNDICE 4 – ESTRATIGRAFIA E LOCALIZAÇÃO DOS ATRATIVOS NATURAIS INVENTARIADOS

(continua)

stratigrafia		Sedimentos, estruturas e ambientes de sedimentação	Eras/Idades	Atrativos naturais inventariados no território do Geoparque Serra do Sincorá	
Supergrupo São Francisco	Grupo Una	Formação Salitre	Neoproterozoico	774±20 Ma	Marimbus, Gruta da Paixão, Caverna do Poço Encantado, Poço Azul
		Formação Bebedouro		667±30 Ma	Marimbus, Diamictitos da Formação Bebedouro
Supergrupo Espinhaço	Grupo Chapada Diamantina	Formação Morro do Chapéu	Mesoproterozoico		
		Formação Caboclo		1140±140 Ma	

					(continua) Marimbus, Cachoeira da Fumaça, Monte Tabor - Morrão do Capão, Morro do Pai Inácio, Bairro Luís Santos (Andaraí), Cachoeira da Donana (Andaraí), Cachoeira das Três Barras (Andaraí), Rampa do Caim (Andaraí), Cachoeira do Ramalho (Andaraí), Caverna Torras (Andaraí), Mucugezinho (Lençóis), Serrano (Lençóis), Cachoeira das Andorinhas (Mucugê), Cachoeira do Tiburtino (Mucugê), Morro do Cruzeiro (Mucugê), Rio Paraguauçu – Balneário Mucugê (Mucugê), Sibéria (Mucugê), Cachoeira do Riachinho (Palmeiras).
	Formação Tombador	da base para o topo da formação encontra-se conglomerado oligomítico, pelitos, arenitos com estratificação cruzada, planoparalela e marcas onduladas, seguido de conglomerado polimítico com imbricamento de seixos e arenito feldspático com estratificação cruzada, e no topo arenito de granulometria bimodal, com estratificações cruzadas tabulares e acanaladas de grande porte. Os ambientes na sequência se caracterizam por barras longitudinais, transversais e depósitos de topo de barra de rios entrelaçados, leques aluvionares e dunas eólicas.			
Grupo Paraguauçu	Formação Guiné	conglomerado intraformacional com granocrescência positiva, metassiltitos argilosos e intercalações de metassiltitos finos com estratificações wavy & linsen, metassiltitos com laminação plano-paralela (zonas interdistributárias, frente deltáica e prodelta) e arenitos com estratificação plano-paralelas, cruzada de baixo ângulo e sigmoidal (interpretadas como de canais distributários em planície deltáica).			Cachoeira da Fumaça, Monte Tabor - Morrão do Capão, Morro do Pai Inácio
	Formação Mangabeira	argilitos com estratificação plano-paralela e marcas onduladas, arenitos com estratificação cruzada acanalada, depósitos de barras transversais e de topo de barra em rios entrelaçados. Arenitos bimodais com estratificações cruzadas tabulares e acanaladas cuneiformes de grande porte, típicas de dunas eólicas, níveis de seixos de areia, siltitos e argilitos. Outras estruturas são marcas onduladas e lentes de fluxo de grãos (sistemas desérticos com campos de dunas, interdunas eólicas e wadis).			
	Formação Ouricuri do Ouro	conglomerados polimítico, sustentado por matriz com seixos de quartzitos, rochas efusivas e gnaisses, arenitos seixosos com estratificações cruzadas e marcas onduladas e arcóseos. Depósitos em leque aluvial (planícies aluviais com rios entrelaçados).			

Grupo Rio dos Remédios	Indiviso	Indiviso com a presença de arenitos com estratificações cruzadas acanaladas, conglomerados, siltitos e argilitos, rochas efusivas ácidas (riolitos). Esses depósitos estão associados a sistemas fluviais, desérticos e marinhos, com a presença de vulcanismo subaéreo. Além dos riolitos, traquitos, dacitos, tufitos, aglomerados e brechas vulcânicas caracterizam derrames vulcânicos através de rifteamento da crosta, princípio de abertura abortada em seguida.	Paleoproterozoico		(conclusão)
------------------------	----------	---	-------------------	--	-------------

Fonte: elaborado a partir de Pereira (2010).

APÊNDICE 5 – TABELA GEOLÓGICA COM OS PERÍODOS DOS GEOPARQUES PESQUISADOS

		Período	Época	Idade (MA)	Principais eventos		Geoparques						
Eon Fanerozoico	Era Cenozoica	Quaternário	Holoceno	0,01	Humanos	Idade dos mamíferos		GL					
			Pleistoceno	1,8	Glaciação				Era do Gelo				
		Neogeno	Plioceno	5,3	Primeiros utensílios de pedra				Elevação dos Alpes e Himalaia				
			Mioceno	23	Hominídeos				Fecho do Mediterrâneo				
		Paleogeno	Oligoceno	33,9	Proliferação dos primatas				Elevação dos Andes				
			Eoceno	55,8	Primeiros roedores				Elevação dos Pirineus				
			Paleoceno	65,5	Primeiros cavalos				Máximo térmico paleoceno/Eoceno				
										GN			
				Período	Época				Idade (MA)	Principais eventos		Geoparques	
		Eon Fanerozoico	Era Mesozoica	Cretáceo	Superior				99,5	Plantas com flores	Idade dos répteis		GMG
Inferior	145				Abertura do Atlântico sul								
Jurássico	Superior			161	Primeiros pássaros e mamíferos	Afastamento da Laurásia de Gondwana, separação Austrália+Antártida e da Índia de Gondwana	GA						
	Médio			175									
	Inferior			199,6									
Triássico	Superior			228	Primeiros dinossauros	Início fragmentação do Pangea	GTR						
	Médio			245									
	Inferior			251									
								GL					
				Período	Época	Idade (MA)	Principais eventos		Geoparques				
Eon Fanerozoico	Era Paleozoica	Permiano	Lopingiano	260	Extinção dos trilobitas	Pangeia							
			Guadalupiano	270									
			Cisuraliano	299									
		Carbonífero	Pennsylvaniano	318	Primeiros répteis	Glaciação			Idade dos anfíbios				
			Mississipiense	359	Grandes árvores primitivas								
		Devoniano	Superior	385	Primeiros anfíbios	Idade dos peixes			GTR				
			Médio	397									
										GN			

Eon Proterozoico	Pré-Cambriano	Siluriano	Inferior	416	Primeiras plantas terrestres	Idade dos invertebrados	Glaciação	Ciclo brasileiro	Geoparques	
			Pridoli	419						
			Ludlow	423						
			Wenlock	428						
		Llandovery	443							
		Ordoviciano	Superior	461	Primeiros peixes e gimnospérmicas/ Gondwana					
			Médio	472						
			Inferior	488						
		Cambriano	Furongiano	501	1 ^{as} conchas/trilobitas dominantes					
			Médio	513						
			Inferior	542						
		Era	Período	Idade (MA)	Principais eventos					Geoparques
	NEO	Edacarano	630	Fauna de Edicara	Ciclobrasiliano	GA	GTR	GL	GN	GSS
		Criogeniano	850	Glaciação						
		Toniano	1.000	Reprodução sexuada						
MESO	Esteniano	1.200	Primeiros depósitos de carvão (algas)	Ciclo Sunsás	GA	GTR	GL	GN	GSS	
	Ectasiano	1.400								
	Calimiano	1.600								
PALEO	Estateriano	1.800	Oxigênio livre na atm		GA	GTR	GL	GN	GSS	
	Orosiriano	2.050	Formação do 1 ^o supercontinente	Aparecimento de organismos eucariontes						
	Riaciano	2.300	Organismos fotossintéticos	Ciclo Transamazônico						
	Sideriano	2.500								

Fonte: elaborado a partir de Dias (2000); Tumbler Ridge (2005); CPRM (2006); Pereira (2010); Kuskky et al. (2010); Geopark Araripe (2014); Tadla Azilal (2013); Carvalho e Rodrigues (2017).

APÊNDICE 6 – ESTATÍSTICA

Teste de normalidade Shapiro-Wilk para os quatro Clusters.

Dimensões	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
	p-valor (<0,05)			
Atitudes gerais sobre viagens de lazer	0,278	0,116	0,000	0,251
Atitudes ambientais e culturais	0,086	0,000	0,003	0,364
Comportamento cultural	0,115	0,153	0,014	0,716
Preferências viagem e destino	0,535	0,209	0,023	0,060
Importância aspectos viagem	0,000	0,000	0,000	0,028

Fonte: elaborada pela autora (2020).

Médias e desvio padrão das primeiras 20 questões ordinais do instrumento por grupo.

Dimensões	Questões ordinais	Grupo 1 - n=24		Grupo 2 – n=55		Grupo 3 – n=36		Grupo 4 – n=9	
		Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão
Atitudes gerais	Q1	4,38	0,82	4,98	0,13	5	0	4,67	0,5
	Q2	4,25	0,79	4,36	1,08	4,58	0,69	4	1,12
	Q3	4,71	0,55	4,47	0,54	5	0	4	1
	Q4	4,5	0,66	4,22	0,74	4,83	0,38	3,67	1,12
	Q5	4,63	0,65	4,62	0,78	4,92	0,28	3,78	0,97
	Q6	4,71	0,62	5	0	5	0	4,78	0,67
	Q8	4,5	0,78	3,73	1,22	4,47	0,74	3,78	1,09
	Atitudes ambientais/ culturais	Q7	3,54	1,18	3,55	1,09	3,17	1,23	3
Q9		4,96	0,2	5	0	5	0	3,44	0,53
Q10		4,92	0,28	4,96	0,19	5	0	4,22	0,44
Q11		4,54	0,83	4,98	0,13	5	0	4,67	0,5
Q12		4,46	0,59	4,89	0,31	5	0	4,56	0,53
Comportamento cultural	Q15	2,92	1,06	3,35	1,06	3,61	1,27	2,56	1,74
	Q16	3,83	1,13	3,45	1,02	4,47	0,97	3,67	1,32
	Q17	4,38	0,65	3,95	0,93	4,69	0,62	3,56	1,24
Preferências de viagem	Q14	1,96	1,3	2,2	1,21	2,22	1,29	1,44	0,73
	Q18	4,79	0,51	4,24	0,9	4,86	0,42	4,44	0,73
	Q19	4,08	0,93	3,96	0,94	4,89	0,32	3,44	1,24
	Q20	4,67	0,56	4,62	0,62	4,92	0,28	4,33	0,87
Importância	Q13	4,67	0,48	4,11	0,92	4,83	0,45	4,22	0,67

Fonte: elaborada pela autora (2020).

ANEXO 1 – PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA ASSOCIAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ. PRODUÇÃO TÉCNICA.



Plano Estratégico e Plano de Ação 2019-2022

Associação Geoparque Serra do Sincorá

29 de março de 2019

ASSOCIAÇÃO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ PLANO ESTRATÉGICO e PLANO DE AÇÃO 2019-2022

1. Introdução

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) promove globalmente três programas oficiais de proteção ao patrimônio natural: *Reserva da Biosfera*, *Patrimônio da Humanidade* e *Geoparques Globais da UNESCO*. O programa de Geoparques Globais compreende atualmente uma rede de 140 geoparques espalhados pelo mundo, e distribuídos em 38 países, localizados predominantemente no continente europeu e China.

Os principais objetivos de um geoparque são a conservação do patrimônio natural (com ênfase no geológico), a educação das comunidades e visitantes em Ciências da Terra e a promoção do geoturismo, este último como forma de gerar renda para as populações locais e promover o desenvolvimento territorial.

No Brasil, até o momento, as propostas de definição de geoparques têm sido coordenadas pela CPRM (Serviço Geológico do Brasil), responsável pelo levantamento do inventário do patrimônio geológico brasileiro. No momento, o Brasil tem como integrante ativo da rede global da UNESCO, somente o *Aranha Geopark*, localizado no estado do Ceará. Entretanto, já foram colocadas três dezenas de propostas de geoparques para a proteção e conservação do patrimônio geológico brasileiro e sua geodiversidade, dentre as quais cerca de quinze estão efetivamente sendo trabalhadas.

Sete dessas propostas são localizadas geograficamente no estado da Bahia, sendo que a Chapada Diamantina, devido a sua imensa riqueza natural (geológica e biológica), acrescida de um exuberante patrimônio geológico (ciclos do ouro e diamantes), cultural, arquitetônico, histórico e arqueológico, abriga quatro delas.

Na Chapada Diamantina um grupo importante de locais de interesse geológico (ou geossítios) está localizado no território do Geoparque Serra do Sincorá. Essa proposta de Geoparque mereceu recentemente a criação de uma associação sem fins lucrativos, a AGS – Associação Geoparque Serra do Sincorá, que assumiu a tarefa de planejar e implantar o projeto, que abrange o território unificado dos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. As ações ainda estão em uma fase inicial, com as atividades concentradas no planejamento dos trabalhos e na divulgação do conceito.

A Chapada Diamantina, por atrair turistas do Brasil e do resto do mundo, fornece as bases para a implantação de geoparques.

2. Associação Geoparque Serra do Sincorá

A AGS, Associação Geoparque Serra do Sincorá, foi criada em 2017, como uma associação de Sociedade Civil, sem fins lucrativos, visando desenvolver ações no sentido da implantação do geoparque homônimo.

A associação foi concebida com o seguinte objetivo principal e as competências que emanam de seu estatuto:

A AGS tem por objetivo o desenvolvimento sustentável e a proteção de áreas classificadas de Geoparque Serra do Sincoré (Serra do Sincoré Geopark), incluindo sítios de geodiversidade e geossítios, além de equipamentos e infraestruturas, nas áreas de ciência, educação, formação, cultura, tecnologia e turismo, podendo:

- a) promover e realizar ações de fomento a um desenvolvimento sustentável da região da Serra do Sincoré, pautado por critérios socioeconômicos, culturais e ambientais;
- b) conservar, promover e valorizar o seu patrimônio cultural, natural e geológico;
- c) promover turismo sustentável, educativo focado nos elementos da geodiversidade;
- d) potencializar o desenvolvimento de atividades econômicas locais, estimular e apoiar o empreendedorismo e fomentar as atividades tradicionais;
- e) promover e desenvolver programas e oficinas de caráter educativo e/ou científico;
- f) promover e desenvolver investigação científica;
- g) promover e desenvolver formação, empreendedorismo e a qualificação profissional;
- h) promover e realizar ações de sensibilização ambiental e de animação cultural e turística;
- i) proceder a recolha, tratamento e divulgação de informação sobre os recursos da região;
- j) realizar ações de proteção, conservação e divulgação do patrimônio natural, particularmente da geodiversidade e da biodiversidade com especial ênfase no patrimônio geológico;
- k) promover e realizar ações de cooperação com outras entidades que possam contribuir para a realização dos objetivos da Associação;
- l) participar em entidades públicas ou privadas que se integram no âmbito das atribuições do Geoparque e ainda prestar serviços aos associados, agentes locais ou a outros, bem como promover, certificar e facilitar o comércio do artesanato regional, produtos locais ou outros;
- m) manter diálogo permanente e produtivo com os gestores do território;
- n) gestão e promoção da marca "Serra do Sincoré Geopark", com vistas a uma futura submissão de candidatura ao programa da UNESCO Global Geoparks.

Os atuais integrantes dos órgãos sociais da AGS, foram eleitos e empossados em 14 de setembro de 2018. Como primeira tarefa, a Direção Executiva da entidade iniciou em 22 de outubro os trabalhos de planeamento das atividades da organização com a formação de um Grupo de Trabalho que apresentou o Plano de Negócios ora apresentado.

O Plano de Negócios foi construído através de discussões estratégicas que abrangem um horizonte de quatro anos (Plano Estratégico 2019-2022), incluindo análise qualitativa de cenários, e culmina com o Macro Plano de Ação 2019 e seu respectivo orçamento anual, além de um exercício orçamental preliminar até 2022.

Este relatório apresenta de forma condensada todo o trabalho desenvolvido para a elaboração do Plano Estratégico e Macro Plano de Ação e, como prevê nossos estatutos, é submetido para apreciação da Assembleia Geral da AGS, visando sua aprovação.

3. Equipe Envolvida

Este exercício de planeamento foi conduzido durante quatro reuniões do Grupo de Trabalho de Planeamento, todas com a participação pontual de membros dos Conselhos Gestor e Fiscal, além de convidados.

Associação Geoparque Serra do Sincoré

REUNIÕES	DATA	LOCAL
1ª	22/10/2018	Lençóis
2ª	29/10/2018	Mucugê
3ª	26/11/2018	Anderai
4ª	18/02/2019	Lençóis

Participaram diretamente destas reuniões e seus debates, as seguintes pessoas:

Ana Cristina Moreira
 Cecília Maria Ribeiro da Silva
 Delmar Alcantara
 Dioclides Lopes Araujo (Xikiu)
 Domingos Noves Araujo (*)
 Emílio Carlos Ribeiro Tapioca
 Euvaldo Ribeiro Junior
 Lilian Andrade Facilitadora
 Natália Augusta Rothmann Eschiletti
 Renato Pimenta de Azevedo Patrocinador
 Ricardo Galeno Fraga Pereira
 Roberta Ribeiro de Carvalho Ferraz
 Siriene Rosa de Souza
 Vera Weigand

4. Metodologia Adotada

Segundo STONER, (1983) Planejamento Estratégico (PE)

"É o processo por meio do qual a microempresa se mobiliza para atingir o sucesso e construir o seu futuro, por meio de um comportamento proativo, considerando seu ambiente atual e futuro".

Na aplicação deste método, constatamos suas vantagens não só para o mundo dos negócios como também para outros organismos e instituições, a exemplo de cooperativas e associações onde a metodologia foi aplicada com sucesso, uma vez que:

- prevê uma direção para a instituição;
- desenvolve uma visão compartilhada sobre o futuro;
- alinha todos os setores;
- otimiza os recursos reais e financeiros;
- constrói o futuro.

Utilizamos a metodologia de Planejamento Estratégico, conforme expressa na figura abaixo, para planejar a implantação do Geoparque Serra do Sincoré e desenvolver um Plano de Ações a partir de uma análise prévia e ampla dos fatores externos e internos da Associação Geoparque Serra do Sincoré, com o intuito de estabelecer objetivos e ações para alcançá-los.

No primeiro encontro, enfatizamos que o Planejamento Estratégico possibilita detalhar os passos necessários para alcançar os objetivos estabelecidos pela instituição em uma projeção futura; estruturar o pensamento sobre o que efetivamente se deseja para o futuro; além de efetuar uma reflexão sobre a interação entre o negócio, missão e valores imprescindíveis para traçar os objetivos futuros. Através de mini oficinas com os membros dos corpos diretivos da associação e com a

Associação Geoparque Serra do Sincoré

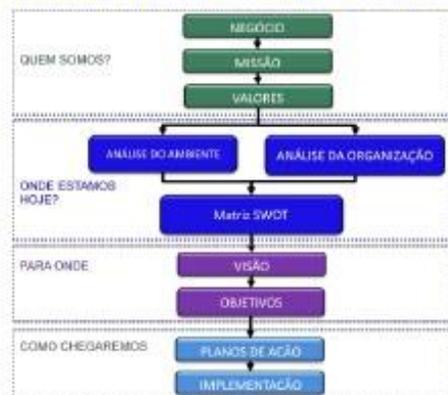
participação de convidados, executamos as diversas etapas do PE. Na primeira, realizada na UEFS - CACD, em Lençóis, identificamos “QUEM SOMOS” enquanto instituição e território, e definimos o NEGÓCIO, a MISSÃO e os VALORES da Instituição.

Na segunda mini oficina, realizada na sede do Projeto Sempre-viva, no Parque Municipal de Mucugê, abordamos a análise do ambiente e da organização como imprescindíveis para estruturar o PE; associada à busca de informações necessárias para fazer a análise do seu ambiente de atuação e da organização e finalmente estruturar um roteiro que possibilite a instituição obter as informações necessárias para fazer a análise SWOT. Assim, definimos ONDE ESTAMOS HOJE, através da ANÁLISE DO AMBIENTE e da MATRIZ SWOT. Não foi possível analisar a organização em profundidade uma vez que a mesma está ainda em fase de formação, concomitante com este PE.

No terceiro momento, a mini oficina aconteceu no auditório da Biblioteca Pública de Andaraí, onde definimos a VISÃO e os OBJETIVOS da AGS, a partir da compreensão da importância de partir da definição da visão e objetivos da instituição para delimitar onde e como alcançar o que se deseja, predispondo-se a tomar decisões alinhadas às oportunidades e ameaças do ambiente externo e aos pontos fortes e fracos da organização. E, finalmente, reunir todos os elementos do planejamento estratégico para auxiliar na definição de visão, objetivos e planos de ação da organização.

Na quarta e última etapa do PE, realizada no auditório do Hotel Portal de Lençóis, construímos e validamos o Macro Plano de Ações e o Mapa Estratégico, conhecendo os elementos indispensáveis e as ações necessárias para a implementação e controle do PE, utilizando-se para isso da técnica de SW 1H. O Plano de Ações foi elaborado a partir dos objetivos estratégicos definidos no PE visando estabelecer a estratégia de desenvolvimento da AGS e a orientação para a sequência de atividades dessa associação e das instituições parceiras e apoiadoras. O Plano de Ação incorporou também conceitos da metodologia BSC (*Balanced Score Card*) com a introdução de indicadores e metas para permitir a métrica de aferição do progresso de sua implantação. Desta forma, demos por encerrada a fase de construção do Planejamento Estratégico dando sequência para a implantação do Plano de Ações.

Etapas do Planejamento Estratégico



5. Plano Estratégico 2019 – 2022

Nos debates estratégicos foi considerado o horizonte temporal de quatro anos (2019-2022), quando pensamos o Geoparque possa alcançar a fase de postulante (aspirante) e integrar a rede global da UNESCO.

As estratégias e ações foram desenvolvidas em conformidade com as declarações de Missão, Visão e Valores da organização, embora muitas vezes esta abordagem seja negligenciada, sem uma construção clara e divulgada sobre qual é a Missão da Organização e a sua Visão. É muito importante estar claro o que a organização pretende vir a ser no horizonte temporal do plano, como pretende ser conhecida, lembrada pela comunidade na qual está inserida e em quais valores se pautarão as decisões a serem tomadas ao longo do processo. Sem isso, corre-se o sério risco de planejar sem saber a direção correta e ser seguida. Em outras palavras, como registrado de forma humorística nos referenciais de planejamento, seguir o exemplo de Colombo, que saiu sem saber para onde ia, chegou sem saber onde estava e com dispêndio de recursos alheios.

Portanto, preferimos então adotar Sêneca (4 AC – 31 DC), filósofo romano, que é frequentemente citado pela expressão:

“Se você não sabe para que porto está navegando, nenhum vento lhe será favorável!”

5.1 Declaração de Missão

“Fortalecer a identidade das comunidades que habitam o território, as ações de conservação dos elementos naturais e estimular novas formas de geração de renda, utilizando-se do patrimônio geológico, associado aos patrimônios biológico, sócio ambientais e suas conexões histórico-culturais e econômicas.”

5.2 Declaração de Visão

“Ser um Geoparque de referência nacional no desenvolvimento sustentável dos municípios integrados ao seu território.”

5.3 Quadro de Valores da Associação

Nas discussões sobre o quadro de valores que são e devem ser refletidos nos comportamentos esperados dos associados da AGS foram destacados:

- proatividade nas ações
- ética nas relações
- pertencimento ao território
- cooperação com a sociedade civil
- integração entre ciência e saberes regionais
- sustentabilidade do desenvolvimento
- qualidade na oferta de produtos e serviços
- inovação nos processos

3.4 Avaliação do Ambiente Externo

Em termos gerais considerou-se que o cenário externo é favorável à intensificação das atividades da AGS. O ambiente foi analisado sob a perspectiva dos diversos atores potencialmente intervenientes nos processos de implantação do geoparque: clientes, investidores, beneficiários, colaboradores, grupos reguladores e concorrentes.

PERSPECTIVA	ATORES
Clientes	Turistas Comunidade docente Pesquisadores Comunidades tradicionais e urbanas Poder público municipal
Investidores	Poder público municipal: Prefeituras de Andaraí, Lençóis Mucugê e Palmeiras Poder Público Estadual Empresas privadas (nacionais, multinacionais e atuantes no território) Ministério Público Agências multilaterais Terceiro Setor
Beneficiários	Comunidades tradicionais Guias de turismo e condutores de visitantes Trade turístico em geral
Colaboradores	Veículos de comunicação Instituições de ensino P&P Pesquisadores Lideranças comunitárias Voluntários
Grupos Reguladores	UNESCO ICMBio INEMA Órgãos ambientais municipais Ministério Público Defesa Civil Instância de Governança Regional (Comitê Gestor CC) Consórcio Chapada Forte Conselhos Municipais de Turismo, Meio Ambiente, Educação e Cultura.
Concorrentes	13 outros projetos de geoparques em atividade no Brasil 6 outros projetos de geoparques no estado da Bahia

As oportunidades e ameaças consideradas mais relevantes foram incluídas na matriz SWOT que pode ser observada na seção 3.5 abaixo.

3.5 Análise SWOT

É o processo de identificação de Oportunidades e Ameaças, Forças e Fraquezas que afetam a organização no cumprimento de sua missão.



A avaliação das Ameaças, Oportunidades, Forças e Fraquezas foi feita de forma convencional e se refletiu diretamente nos temas e objetivos estratégicos dos itens 3.6 e 3.7.

MATRIZ SWOT	
Pontos Fortes	Poderosa ferramenta de desenvolvimento regional Multidisciplinaridade dos Associados Comprometimento Expansão da experiência do Parque Municipal de Mucugê – Projeto Sempre Viva Visitas técnicas com guias e condutores Ações desenvolvidas <ul style="list-style-type: none"> • Reuniões da Comissão Instaladora • Divulgação no território iniciada através dos conselhos e secretarias de turismo, meio ambiente e cultura, associações comerciais e sociedade civil • Concurso para desenvolvimento de marca • Ações pontuais de Geoeducação
Pontos Fracos	Comunicação insuficiente Dependência do trabalho voluntário dos associados Falta de recursos financeiros UCs sem plano de manejo ou sem plano de manejo atualizado
Oportunidades	Novo formato para o segmento de turismo no território Inovação Envolvimento direto das comunidades Diálogo permanente e cooperativo com UCs existentes no território Redes sociais facilitando a comunicação Melhoria do perfil do visitante Conservação dos geossítios
Ameaças	Omissão de informações do trade turístico Falta de participação da comunidade Omissão das autoridades Políticas partidárias Crise econômica

3.6 Objetivos Estratégicos

Segundo a metodologia aplicada, dez (10) objetivos estratégicos foram definidos. Os objetivos estratégicos discutidos foram agrupados por temas estratégicos de acordo com a dimensão na qual estes objetivos podem ser classificados. Seis desses objetivos estão organizados sob três temas que representam os pilares do conceito de geoparques; Geoconservação, Geodificação e Geoturismo. Capital Humano e Articulação de Poderes são também importantes temas estratégicos. Nesta metodologia, cada uma das dimensões inferiores suporta as superiores na consecução dos seus objetivos, sendo, entretanto, por se tratar de uma associação sem fins lucrativos, a dimensão financeira representada pela arrecadação de fundos, objetivo que irá permitir a execução da maior parte das ações.

DIMENSÃO	TEMA ESTRATÉGICO	OBJETIVO ESTRATÉGICO
Financeira		F1 - Captar recursos financeiros
Clientes	Geodificação	C1 - Envolver comunidades do território com divulgação e resgate cultural
		C2 - Difundir educação geoambiental
	Geoturismo	C3 - Estimular empreendedorismo ligado ao geoturismo
Processos	Articulação	P1 - Integrar e articular os poderes constituídos dos municípios e órgãos do Estado
		P2 - Organizar conselho científico
	Geoconservação	P3 - Desenvolver o inventário de locais de interesse geológico e geossítios
		P4 - Estabelecer programa de monitoramento dos geossítios
Aprendizado e Crescimento	Capital Humano	AC1 - Montar equipe de gestão permanente e multidisciplinar

3.7 Mapa Estratégico

O Mapa Estratégico abaixo emergiu das discussões e representa o caminho que a associação deve percorrer para realizar sua Missão e cumprir seus objetivos.



Observar que os 3 (três) pilares básicos do conceito de geoparque estão contemplados com objetivos estratégicos definidos; Geoconservação, Geodificação e Geoturismo.

3.8 Indicadores e Metas

O quadro anterior de Temas e Objetivos Estratégicos é complementado pelos Indicadores e Metas que, em conjunto compõem o “painel de bordo” de controle da metodologia, o BSC. Cabe lembrar que o horizonte temporal do plano é de quatro anos, entretanto, os indicadores e metas referem-se ao primeiro ano.

Em relação aos objetivos estratégicos definidos, elaborou-se um sistema de medidas composto por indicadores quantitativos e um conjunto de metas julgadas desafiadoras, porém factíveis.

TEMA	OBJETIVO ESTRATÉGICO	INDICADOR	Significado do INDICADOR	PERIODICIDADE	META 2019	
	F1	Captar recursos financeiros	\$/ano	Recursos captados por ano	anual	R\$100mil
Geoeducação	C1	Envolver comunidades do território	Nº pessoas/ano	Número de pessoas envolvidas por ano nas diversas ações	anual	1000 pessoas
	C2	Difundir educação geoambiental	Nº eventos /trimestre	Número de cursos, palestras, oficinas, etc. por trimestre	trimestral	2
Geoturismo	C3	Estimular empreendedorismo ligado ao geoturismo	Nº eventos /semestre	Número de cursos, palestras, oficinas, etc. por semestre	semestral	2
	P1	Integrar e articular os poderes constituídos dos municípios e órgãos	Nº de parcerias formalizadas/ano	Número de parcerias assinadas por ano	anual	4
	P2	Organizar Conselho Científico	Nº de reuniões/ano	Número de reuniões do conselho científico por ano	anual	1
Geoconservação	P3	Desenvolver inventário de locais de interesse geológico e geossítios	Nº de geossítios incorporados ao cadastro/ano	Número de geossítios incorporados ao cadastro por ano	anual	3
	P4	Estabelecer programa de monitoramento de geossítios	Nº de inspeções /trimestre	Número de geossítios inspecionados por trimestre	trimestral	12
	AC2	Replicar a experiência do Parque Municipal de Mucugê	Nº de centros incorporados/ ano	Número de centros de visitação incorporados por ano	anual	1
	AC1	Montar equipe de gestão permanente e multidisciplinar	Nº de pessoas do staff/ano	Número de pessoas com contrato de trabalho por ano	anual	2

Associação Geoparque Serra do Sincorá

6. Plano de Ação 2019-2022

O Plano Estratégico precisa ser traduzido em ações reais para que a organização atinja seus objetivos estratégicos. Neste sentido, foi discutido e elaborado um Plano de Ação que se constitui num conjunto de projetos, eventos e programas que formam um conjunto de ações estratégicas, ou programa de trabalho, idealizadas para que a organização atinja seus objetivos dentro dos prazos estabelecidos. A tabela abaixo lista as 34 ações estratégicas discutidas e acordadas, compatibilizadas com o questionário de autoavaliação da UNESCO.

TEMA	OBJETIVOS ESTRATÉGICOS	AÇÕES ESTRATÉGICAS ¹	
Geoeducação	F1	Captar recursos financeiros	
		F1.1 Identificar potenciais financiadores	
		F1.2 Elaborar projetos individuais	
	C1	Envolver comunidades do território	C1.1 Programar realização do I Seminário Geoparque Serra do Sincorá
			C1.2 Envolver comunidades do território
			C1.3 Apoiar manifestações culturais de raiz
			C1.4 Elaborar plano de comunicação e marketing
			C1.5 Estabelecer presença permanente em todos os canais de comunicação
			C1.6 Oficializar parcerias estratégicas
	C2	Difundir educação geoambiental	C2.1 Elaborar programa de educação geoambiental (todos os níveis de formação)
			C2.2 Apoiar e criação de um museu municipal em cada município
			C2.3 Produzir painéis interpretativos, folhetos e trilhas para locais de interesse
C2.4 Desenvolver material educacional de apoio aos programas			
Geoturismo	C3	Estimular empreendedorismo ligado ao geoturismo	
			C3.1 Promover oficinas de arte e artesanato
			C3.2 Criar feiras de produtos do território
			C3.3 Desenvolver material promocional multilíngue
		C3.4 Desenvolver marca para produtos do território	
		C3.5 Formar rede de cooperadores no território do geoparque	
Articulação	P1	Integrar e articular os poderes constituídos dos municípios e órgãos	
			P1.1 Realizar reunião com os gestores dos 4 municípios
			P1.2 Estabelecer parcerias formais com Unidades de Conservação
			P1.3 Apresentar o geoparque nas Câmaras municipais, conselhos e secretarias
		P1.4 Promover visitas de autoridades responsáveis pelo território ao PMM	

¹ Versão consolidada com inclusão de requisitos de Unesco Global Geoparks expressos no documento EV_UGGEvaluation_Doc4_Saj/Evaluation_FINAL_12Feb2016_PR

Associação Geoparque Serra do Sincorá

	P2	Organizar Conselho Científico	P2.1	Preparar lista de pesquisadores e professores com trabalhos no território
			P2.2	Selecionar e convidar conselheiros
			P2.3	Promover a pesquisa científica no âmbito do território
Geoconservação	P3	Desenvolver inventário de locais de interesse geológico e geossítios	P3.1	Criar projeto para complementação do inventário do patrimônio geológico
			P3.2	Estimular projetos universitários em patrimônio geológico e geodiversidade
	P4	Estabelecer programa de monitoramento de geossítios	P4.1	Criar sistema de monitoramento de conservação dos geossítios
			P4.2	Acompanhar e estimular legislação protetiva contra danos aos geossítios
AC2	Replicar a experiência do Parque Municipal de Mucugê	AC2.1	Investigar opções de um novo parque no território	
		AC2.2	Realizar estudos de acessibilidade aos atrativos com foco na geoconservação	
Capital Humano	AC1	Montar equipe de gestão permanente e multidisciplinar	AC1.1	Elaborar descrição de funções e perfis desejados
			AC1.2	Recrutar talentos
			AC1.3	Desenvolver plano de gestão do geoparque contemplando acesso e instalações
			AC1.4	Criar GTs para discussão da promoção do patrimônio natural e cultural

6.1 Cronograma de Atividades

As 34 ações previstas nesse Plano de Ação foi aplicada a metodologia SW1H, que resultou no seguinte quadro geral:

Associação Geoparque Serra do Sincorá

	AÇÕES ESTRATÉGICAS	PORQUE?	COMO?	QUEM?	QUANDO?	ONDE?
F1.1	Identificar potenciais financiadores	Necessidade de levantamento de recursos	Pesquisando na mídia e nos estabelecimentos financeiros	Renato	Imediato	Brasil
F1.2	Elaborar projetos específicos	Atendimento a condições e exigências específicas de financiamento	Redigindo projetos de execução	Equipe	Imediato	Território
C1.1	Programar realização do I Seminário Geoparque Serra do Sincorá	Divulgação de saberes e ciência	Organizando seminário formal	Ricardo	Novembro	Território
C1.2	Envolver comunidades do território	Modelo "bottom-up"	Realizando ações de conscientização	Equipe	Imediato	Território
C1.3	Apoiar manifestações culturais de raiz	Apropriação	Prestando apoio institucional	Equipe	Imediato	Território
C1.4	Elaborar plano de comunicação e marketing	Efetividade da comunicação institucional	Definindo o que comunicar, veículos, timing e responsáveis pela geração de conteúdo e manutenção	ND	Imediato	Território
C1.5	Estabelecer presença permanente em todos os canais de comunicação	Maximização da visibilidade do trabalho	Desenvolvendo conteúdos e promovendo a publicação nas redes	ND	Após C1.4	Internet/TV/Rádio
C1.6	Oficializar parcerias estratégicas	Operação em rede	Celebrando Convênios e Memorandos de Entendimentos	Renato/ Vera Weigand	Imediato	Brasil
C2.1	Elaborar programa de educação geoambiental (todos os níveis de formação)	Fundamento da gestão do patrimônio	Desenvolvendo grade de cursos, treinamentos e oficinas e definindo parcerias	Renato/ Equipe	Em andamento	Território
C2.2	Apoiar a criação/refundação de um museu municipal em cada município	Preservação do patrimônio e acesso à informação	Apoiando a formação de curadorias no território	Renato	Imediato	Território

Associação Geoparque Serra do Sincorá

AGS – Estratégia e Ação

14

C2.3	Produzir painéis interpretativos, folhetos e triplas para locais de interesse	Popularização das ciências da Terra	Elaborando produtos específicos	Equipe	em andamento	Território
C2.4	Desenvolver material educacional de apoio aos programas	Fornecimento de conteúdo aos programas	Elaborando produtos específicos	ND	Após C2.1	Território
C3.1	Promover oficinas de arte e artesanato	Desenvolvimento do empreendedorismo	Elaborando produtos específicos	Lilian	Imediato	Território
C3.2	Criar feiras de produtos do território	Apoio ao empreendedorismo	Realizando feiras associadas à eventos turísticos	Lilian	Junho (São João)	Território
C3.3	Desenvolver material promocional multilíngue	Aumento da visibilidade além-fronteiras	Elaborando produtos específicos	ND	Após C1.4	Território
C3.4	Desenvolver marca para produtos do território	Diferenciação	Definindo marca comercial	ND	Após C1.4	Território
C3.5	Formar rede de cooperadores no território do geoparque	Modelo de trabalho em rede	Elaborando e firmando Memorandos de Entendimento e parcerias	Renato/ Vera Weigand	Imediato	Território
P1.1	Realizar reunião com os gestores dos 4 municípios	Conscientização, formalização de parcerias e captação de recursos	Agendando reunião	Renato	março	Território
P1.2	Estabelecer parcerias formais com Unidades de Conservação	Gestão do território	Elaborando e assinando Memorandos de Entendimento ou Convênios	Renato	Imediato	Território
P1.3	Apresentar o Geoparque nas Câmaras municipais, conselhos e secretarias	Divulgação do projeto	Realizando palestras	Renato	em andamento	Território
P1.4	Promover visitas de autoridades responsáveis pelo território ao PMM	Conscientização e visão prática do conceito	Agendando visitas guiadas	Renato/ Euvaldo	2019	Mucugê
P2.1	Preparar lista de pesquisadores e professores com trabalhos no território	Formação de cadastro de acadêmicos com interesse no território	Pesquisando nas instituições	Ricardo/ Renato/ Euvaldo	em andamento	Brasil

Associação Geoparque Serra do Sincorá

AGS – Estratégia e Ação

15

P2.2	Selecionar e convidar conselheiros	Formação do Conselho Científico	Reconhecendo perfis acadêmicos desejados e efetuando convites	Ricardo/ Renato	março	virtual
P2.3	Promover a pesquisa científica no âmbito do território	Valorização do patrimônio e divulgação	Fomentando e apoiando a pesquisa nas universidades da região	Ricardo	abril	Brasil
P3.1	Criar projeto para complementação do inventário do patrimônio geológico	Consolidação do inventário do PG	Elaborando projeto para captação de recursos	Ricardo	março	UFBA/ UEFS
P3.2	Estimular projetos universitários em patrimônio geológico e geodiversidade	Aprofundamento do conhecimento científico	Apoiando trabalhos de pesquisa no território	Ricardo	em andamento	UFBA/ UEFS
P4.1	Criar sistema de monitoramento da conservação dos geossítios	Incremento da possibilidade de geoconservação	Preparando plano de monitoramento detalhado	Ricardo/ Renato	maio	Território
P4.2	Acompanhar e estimular legislação protetiva contra danos aos geossítios	Proteção legal	Consultando diários oficiais e apoiando projetos legislativos e do executivo	Vera Weigand	imediato	Território
AC2.1	Investigar opções de um novo parque no território	Desenvolvimento de novo atrativo turístico	Fazendo levantamento e diagnóstico sobre o tema	Renato	agosto	Território
AC2.2	Realizar estudos de acessibilidade aos atrativos com foco na geoconservação	Fornecimento de subsídios à gestão	Contratando consultoria especializada	Equipe	novembro	Território
AC1.1	Elaborar descrição de funções e perfis desejados	Montagem de equipe permanente	Elaborando plano de contratações	Equipe	junho	Território
AC1.2	Recrutar talentos	Montagem de equipe permanente	Efetivando contratações	Renato	agosto	Território
AC1.3	Desenvolver plano de gestão do Geoparque contemplando acesso e instalações	Organização de gestão operacional do geoparque	Desenvolvendo e aprovando PG junto à AGS	Equipe permanente	jan/20	Território
AC1.4	Criar GTs para discussão da promoção do patrimônio natural e cultural	Aprofundamento das questões operacionais	Estudando e propondo soluções para questões específicas	Equipe permanente	fevereiro	Território

Associação Geoparque Serra do Sincorá

7. Orçamento 2019

O conjunto de ações que deverão se iniciar em 2019 vai requerer recursos financeiros de aproximadamente R\$ 100.000,00 (cem mil Reais), excluídos eventuais patrocínios e apoios de ordem geral.

	AÇÕES ESTRATÉGICAS	R\$ 2019
F1.1	Identificar potenciais financiadores	-
F1.2	Elaborar projetos individuais	-
C1.1	Programar realização do I Seminário Geoparque Serra do Sincorá	5.000
C1.2	Envolver comunidades do território	7.000
C1.3	Apoiar manifestações culturais de raiz	2.000
C1.4	Elaborar plano de comunicação e marketing	-
C1.5	Estabelecer presença permanente em todos os canais de comunicação	2.000
C1.6	Oficializar parcerias estratégicas	1.200
C2.1	Elaborar programa de educação geoambiental (todos os níveis de formação)	18.000
C2.2	Apoiar a criação de um museu municipal em cada município	1.000
C2.3	Produzir painéis interpretativos, folhetos e trilhas para locais de interesse	3.000
C2.4	Desenvolver material educacional de apoio aos programas	5.000
C3.1	Promover oficinas de arte e artesanato	2.000
C3.2	Criar feiras de produtos do território	2.000
C3.3	Desenvolver material promocional multilíngue	2.000
C3.4	Desenvolver marca para produtos do território	1.500
C3.5	Formar rede de cooperadores no território do Geoparque	1.000
P1.1	Realizar reunião com os gestores dos 4 municípios	1.000
P1.2	Estabelecer parcerias formais com Unidades de Conservação	600
P1.3	Apresentar o geoparque nas Câmaras municipais, conselhos e secretarias	1.000
P1.4	Promover visitas de autoridades responsáveis pelo território ao PMM	1.000
P2.1	Preparar lista de pesquisadores e professores com trabalhos no território	-
P2.2	Selecionar e convidar conselheiros	-
P2.3	Promover a pesquisa científica no âmbito do território	-
P3.1	Criar projeto para complementação do inventário do patrimônio geológico	-
P3.2	Estimular projetos universitários em patrimônio geológico e geodiversidade	-
P4.1	Criar sistema de monitoramento da conservação dos geossítios	3.000
P4.2	Acompanhar e estimular legislação protetiva contra danos aos geossítios	500
AC2.1	Investigar opções de um novo parque no território	500
AC2.2	Realizar estudos de acessibilidade aos atrativos com foco na geoconservação	15.000
AC1.1	Elaborar descrição de funções e perfis desejados	-
AC1.2	Recrutar talentos	20.000
AC1.3	Desenvolver plano de gestão do Geoparque contemplando acesso e instalações	-
AC1.4	Criar GT's para discussão da promoção do patrimônio natural e cultural	-
	Total	97.300

8. Plano de Investimentos 2019 - 2022

Um exercício orçamental para o horizonte de quatro anos (2019-2022) foi preparado considerando várias premissas de despesas:

8.1 Premissas

- 1) O prazo de implantação do empreendimento é estimado em 4 anos, um ano a mais do que foi observado em geoparques similares.
- 2) O modelo de gestão adotado para a implantação é o de uma Associação sem fins lucrativos, apoiada por órgãos do Poder Público e outras organizações da Sociedade Civil.
- 3) As Parcerias Público Privadas serão o mecanismo básico de arrecadação de fundos para o desenvolvimento das atividades programadas.
- 4) Para a execução das tarefas de implantação prevê-se a necessidade de uma pequena equipe com qualificações diversificadas e dedicação exclusiva. Essa equipe será remunerada e o contingente de pessoal será crescente partindo com duas pessoas no primeiro ano e chegando a um máximo de 8 membros ao final do período de implantação.
- 5) A Sede do Geoparque e das possíveis subedes nos diversos municípios em princípio serão alugadas ou cedidas sem ônus, sendo que só se prevê aquisição de Sede própria somente após o 4º ano do projeto.

8.2 Entrega e Orçamento

Nesse exercício considerou-se a entrega, ao final de 2022, de pelo menos 6 (seis) geossítios com infraestrutura de recepção de visitantes implantada, um sistema de monitoramento da conservação de todos os geossítios com visitação significativa, sinalização turística nos geossítios e acessos, a execução ao longo do período de 38 cursos e/ou oficinas de educação ambiental e empreendedorismo, e a realização de pelo menos uma feira de produtos regionais e um seminário científico-cultural por ano de atividade.

Esse exercício revelou um orçamento mínimo total em torno de R\$ 4.300.000,00 para implantação do Geoparque Serra do Sincorá. Espera-se que desse total pelo menos 30% seja financiado com recursos privados, através de doações, patrocínios, parcerias e fundos de investimento, com a seguinte distribuição no tempo:

ANO	INVESTIMENTO
2019	R\$ 90.000,00
2020	R\$ 830.000,00
2021	R\$ 1.430.000,00
2022	R\$ 2.160.000,00

8.2 Retorno do Investimento

Espera-se por analogia com geoparques de mesma natureza instalados em Portugal, que o retorno desse investimento ocorra na forma da duplicação da visitação ao território do Geoparque Serra do Sincorá, com turismo qualificado, e do fluxo financeiro e fiscal oriundo desse aumento.

ORÇAMENTO PRELIMINAR PARA A FASE DE IMPLANTAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ						
	ANO	2019	2020	2021	2022	TOTAIS
CUSTEIO	Sub-total	78.400	403.280	740.880	941.556	2.164.116
Salários e encargos ^{a)}		20.000	168.000	336.000	448.000	
Despesas de viagens		10.000	60.000	80.000	100.000	
Eventos e Representação ^{b)}		2.000	16.800	33.600	44.800	
Consultorias ^{c)}		10.000	50.000	120.000	120.000	
Aluguel de Sede ^{d)}		7.200	14.400	15.120	15.876	
Oficinas de geoeeducação ^{e)}		18.000	24.000	36.000	36.000	
Publicações		10.000	60.000	100.000	150.000	
Despesas gerais ^{f)}		1.200	10.080	20.160	26.880	
INVESTIMENTO	Sub-total	10.000	430.000	715.000	1.215.000	2.370.000
Veículos ^{g)}		0	120.000	0	0	
Infraestrutur nos geossítios ^{h)}		0	300.000	600.000	900.000	
Informática ⁱ⁾		10.000	10.000	15.000	15.000	
Sinalética dos geossítios		0	0	100.000	300.000	
Total		88.400	833.280	1.455.880	2.156.556	4.534.116
Total em 4 anos						
Bases de cálculo		Premissas				
a) Pessoas por ano: 2, 4, 6 e 8 com salário médio-encargos de R\$5.000,00/mês		1) Custo total de implantação = R\$ 4.500.000,00				
b) 10% do custo anual da folha		2) Prazo de implantação = 4 anos				
c) Planos de gestão, comunicação, licenciamentos e candidatura UNESCO		3) Modelo de gestão: Associação sem fins lucrativos				
d) R\$2.000,00/mês com aumento de 5%aa		4) Parcerias Público Privadas				
e) R\$3.000,00/oficina		5) Contingente crescente de pessoal (8 pessoas no 4º ano)				
f) 6% da folha de pagamento anual		6) Aquisição de Sede própria somente após o 4º ano				
g) 1 veículos 4x4 para trabalhos de campo						
h) R\$300.000,00/geossítio - total de 6 em 4 anos						
i) R\$5.000,00/estação de trabalho						

9. Comentários Finais

Esse exercício de planejamento estratégico, juntamente com o Plano de Ação associado, foi preparado pela equipe reunida pela AGS e pretende-se que norteie todas as ações a serem desenvolvidas no âmbito do Geoparque Serra do Sincorá.

O exercício deverá ser revisto em bases anuais de maneira a ajustar o seu direcionamento e corrigir desvios das metas estabelecidas.

O desafio é grande, mas conhecendo o caminho, fica mais fácil atingir-se o fim almejado, cujo maior benefício intangível será a contribuição para o desenvolvimento regional e a consequente melhoria da qualidade de vida das populações do território.

10. Referências

- STONER, J. A.F. (1983). Administração. Rio de Janeiro, Prentice-Hall do Brasil.
- UNESCO (2016) - EN_UGGevaluation_DocA_Self-evaluation_FINAL_12Feb2016_PR (<http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/revalidation-process/>).

ANEXO 2 - PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DA ASSOCIAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ. EXERCÍCIO 2020. PRODUÇÃO TÉCNICA.



ASSOCIAÇÃO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ

PLANO ESTRATÉGICO 2020 - 2022

1. Introdução

A UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) promove globalmente três programas oficiais de proteção ao patrimônio natural: *Reserva da Biosfera*, *Patrimônio da Humanidade* e *Geoparques Globais da UNESCO*. O programa de Geoparques Globais compreende atualmente uma rede de 147 geoparques espalhados pelo mundo, e distribuídos em 41 países, localizados predominantemente no continente europeu e China (UNESCO, 2017).

Os principais objetivos de um geoparque são a conservação do patrimônio natural (com ênfase no geológico), a educação das comunidades e visitantes em Ciências da Terra e a promoção do geoturismo, este último como forma de gerar renda para as populações locais e promover o desenvolvimento territorial (UNESCO, 2004 e 2013).

No momento, o Brasil tem como integrante ativo da rede global da UNESCO, somente o *Aranjuez Geopark*, localizado no estado do Ceará. Entretanto, já foram colocadas três dezenas de propostas de geoparques para a proteção e conservação do patrimônio geológico brasileiro e sua geodiversidade, dentre as quais cerca de quinze estão efetivamente sendo trabalhadas. Em 2019 duas iniciativas lançaram-se candidatos, o Geoparque Seridó, no Rio Grande do Norte, e Geoparque Canyons do Sul, entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina e são considerados geoparques "aspirantes" pela UNESCO (UNESCO, 2020).

Sete dessas propostas são localizadas geograficamente no estado da Bahia, sendo que a Chapada Diamantina, devido a sua imensa riqueza natural (geológica e biológica), acrescida de um exuberante patrimônio garimpeiro (ciclos do ouro e diamantes), cultural, arquitetônico, histórico e arqueológico, origina quatro delas.

Na Chapada Diamantina um grupo importante de locais de interesse geológico (ou geossítios) está localizado no território do Geoparque Serra do Sincorá (CPRM, 2017). Essa proposta de Geoparque mereceu a criação de uma associação sem fins lucrativos, a AGS – Associação Geoparque Serra do Sincorá, que assumiu a tarefa de planejar e implantar o projeto, que abrange o território unificado dos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. As ações ainda estão em uma fase inicial, com as atividades concentradas no planejamento dos trabalhos, na divulgação do conceito e na realização de cursos e oficinas nas áreas das Ciências da Terra, Ambientais e Empreendedorismo.

A Chapada Diamantina, por atrair turistas do Brasil e do resto do mundo, fornece as bases para a implantação bem-sucedida de geoparques.

Este relatório consolida as discussões estratégicas desenvolvidas na revisão anual do planejamento estratégico da Associação Geoparque Serra do Sincorá.



2. Associação Geoparque Serra do Sincorá

A AGS, Associação Geoparque Serra do Sincorá, foi criada em 2017, como uma associação da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, visando desenvolver ações no sentido da implantação do geoparque homônimo.

A associação foi concebida com o seguinte objetivo principal e as competências que emanam de seu estatuto:

A AGS tem por objetivo o desenvolvimento sustentável e a proteção da área classificada de Geoparque Serra do Sincorá (*Serra do Sincorá Geopark*), incluindo sítios da geodiversidade e geossítios, além de equipamentos e infraestruturas, nas áreas de ciência, educação, formação, cultura, tecnologia e turismo, podendo:

- a) promover e realizar ações de fomento a um desenvolvimento sustentável da região da Serra do Sincorá, pautado por critérios socioeconômicos, culturais e ambientais;
- b) conservar, promover e valorizar o seu patrimônio cultural, natural e geológico;
- c) promover turismo sustentável, educativo focado nos elementos da geodiversidade;
- d) potencializar o desenvolvimento de atividades econômicas locais, estimular e apoiar o empreendedorismo e fomentar as atividades tradicionais;
- e) promover e desenvolver programas e oficinas de caráter educativo e/ou científico;
- f) promover e desenvolver investigação científica;
- g) promover e desenvolver formação, empreendedorismo e a qualificação profissional;
- h) promover e realizar ações de sensibilização ambiental e de animação cultural e turística;
- i) proceder a coleta, tratamento e divulgação de informação sobre os recursos da região;
- j) realizar ações de proteção, conservação e divulgação do patrimônio natural, particularmente da geodiversidade e da biodiversidade com especial ênfase no patrimônio geológico;
- k) promover e realizar ações de cooperação com outras entidades que possam contribuir para a realização dos objetivos da Associação;
- l) participar em entidades públicas ou privadas que se integram no âmbito das atribuições do Geoparque e ainda prestar serviços aos associados, agentes locais ou a outros, bem como promover, certificar e facilitar o comércio do artesanato regional, produtos locais ou outros;
- m) manter diálogo permanente e produtivo com os gestores do território;
- n) gestão e promoção da marca "Serra do Sincorá Geopark", com vistas a uma futura submissão de candidatura ao programa da UNESCO Global Geoparks.

Os atuais integrantes dos órgãos sociais da AGS, foram eleitos e empossados em 14 de setembro de 2018, para um mandato de quatro anos.

Como primeira tarefa, a Direção Executiva da entidade iniciou os trabalhos de planejamento das atividades da organização com a formação de um Grupo de Trabalho que apresentou e aprovou em Assembleia Geral o Plano de Negócios em março de 2019.

Um ano decorridos desse primeiro exercício de planejamento, fez-se a hora de uma revisão do plano estratégico.

A revisão que ora apresentamos, foi desenvolvida através de discussões estratégicas que abrangem um horizonte de três anos (Plano Estratégico 2020-2022), mantendo-se a meta de se apresentar uma candidatura à UNESCO em 2022. Inclui-se uma análise qualitativa de ambiência interna e externa. O exercício também gerou subsídios para o Plano de Ação 2020, que será apresentado em separado.



Além disso, faz-se aqui um exercício de projeção orçamentária plurianual ainda em caráter preliminar até 2022.

3. Equipe Envolvida

Este exercício de revisão do planejamento estratégico foi conduzido durante uma reunião de um Grupo de Trabalho espontaneamente constituído, com a participação de membros dos Conselhos Gestor e Fiscal, além de convidados. A reunião ocorreu de maneira intensiva nos dias 17 e 18 de janeiro no Hotel de Lençóis.

Participaram diretamente ou indiretamente desta revisão, as seguintes pessoas:

Cândido Salles (enviando sugestões)
Cecília Maria Ribeiro da Silva
Dioclides Lopes Araujo (Kikiu)
Dário Campos
Eduardo Silveira Bernardes
Emílio Carlos Ribeiro Tapioca
Lilian Andrade ----- Facilitadora
Marjorie Cseko Nolasco (enviando sugestões)
Natália Augusta Rothmann Eschiletti (enviando sugestões)
Osvaldo Araujo
Reginaldo Marinho
Renato Pimenta de Azevedo ----- Patrocinador
Ricardo Fraga Pereira
Rodrigo Valle Cesar
Sirlene Rosa de Souza

4. Metodologia Empregada

Nesta revisão do Plano Estratégico da AGS foi aplicada uma versão expedita da metodologia utilizada no ano passado, que segue os passos delineados na figura abaixo:



Na primeira parte do trabalho, procuramos debater se as declarações de Missão, Visão e Valores da AGS se mantiveram ou precisavam ser revistas. A conclusão foi que deveríamos colocar mais foco na declaração de missão, separando-a do “como” atingi-la, que havia ficado claro na declaração que emergiu do trabalho do ano passado. As declarações de Visão e o quadro de Valores se mantiveram inalterados. Na próxima seção informa-se o resultado.

No segundo bloco de discussões, abordamos a análise do ambiente externo e da organização, e assim, definimos onde nos encontramos hoje, através da análise dos ambientes e da matriz SWOT. A organização já pode ser melhor analisada do que no passado uma vez que a mesma já completou dois anos de existência.

No terceiro momento, revimos os objetivos estratégicos da AGS para realizar a sua missão e alcançar a nossa visão, a partir da compreensão da importância de partir da definição da visão e objetivos da instituição para delimitar onde e como alcançar o que se deseja, predispondo-se a tomar decisões alinhadas às oportunidades e ameaças do ambiente externo e aos pontos fortes e fracos da organização. E, finalmente, reunimos todos os elementos do planejamento estratégico para auxiliar na definição das ações estratégicas a executar.

Na quarta e última etapa da revisão, construímos e validamos o Plano de Ações 2020, utilizando-se para isso da técnica de 3W 1H. O Plano de Ação incorporou também conceitos da metodologia BSC (*Balanced Score Card*) com a introdução de indicadores e metas para permitir a métrica de aferição do progresso de sua implantação.

5. Plano Estratégico 2020 – 2022

Nos debates estratégicos foi mantido o horizonte temporal de quatro anos (2019-2022), quando pensamos o geoparque possa alcançar a fase de postulante (aspirante) a integrar a rede global da UNESCO. Foi avaliado que as ações não executadas em 2019 não impactam o cronograma do projeto.

As estratégias e ações foram desenvolvidas em conformidade com as declarações de Missão, Visão e Valores da organização.

5.1 Declaração de Missão

A declaração de missão foi julgada apropriada e mereceu apenas uma separação da primeira parte da sentença, que realmente define a missão, daquele complemento que apenas ilustra com o fazer para se realizar a missão:

“Fortalecer a identidade das comunidades que habitam o território, as ações de conservação dos elementos naturais e estimular novas formas de geração de renda”

Como fazer para se realizar a missão:

“Utilizando-se do patrimônio geológico, associado aos patrimônios biológico, sócio ambientais e suas conexões histórico-culturais e econômicas.”

5.2 Declaração de Visão

“Ser um Geoparque de referência nacional no desenvolvimento sustentável dos municípios integrados ao seu território.”

5.3 Quadro de Valores da Associação

Nas discussões sobre o quadro de valores que são e devem ser refletidos nos comportamentos esperados dos associados da AGS foram destacados:

- proatividade nas ações
- ética nas relações
- pertencimento ao território
- cooperação com a sociedade civil
- integração entre ciência e saberes regionais
- sustentabilidade do desenvolvimento
- qualidade na oferta de produtos e serviços
- inovação nos processos

5.4 Avaliação do Ambiente Externo

Em termos gerais considerou-se que o cenário externo é favorável à intensificação das atividades da AGS. Foi considerado que os diversos atores potencialmente intervenientes nos processos de implantação do geoparque: clientes, investidores, beneficiários, colaboradores, grupos reguladores e concorrentes, são sofrerem alterações consideráveis.



PERSPECTIVA	ATORES
Cientes	Turistas Comunidade docente Pesquisadores Comunidades tradicionais e urbanas Poder público municipal
Investidores	Poder público municipal: Prefeituras de Andaraí, Lençóis Mucugê e Palmeiras Poder Público Estadual Empresas privadas (nacionais, multinacionais e atuantes no território) Ministério Público Agências multilaterais Terceiro Setor
Beneficiários	Comunidades tradicionais Guias de turismo e condutores de visitantes Trade turístico em geral
Colaboradores	Veículos de comunicação Instituições de ensino P&P Pesquisadores Lideranças comunitárias Voluntários
Grupos Reguladores	UNESCO ICMBio INEMA Órgãos ambientais municipais Ministério Público Defesa Civil Instância de Governança Regional (Comitê Gestor CC) Consórcio Chapada Forte Conselhos Municipais de Turismo, Meio Ambiente, Educação e Cultura.
Concorrentes	13 outros projetos de geoparques em atividade no Brasil 6 outros projetos de geoparques no estado da Bahia

3.3 Análise SWOT

Análise SWOT é o processo de identificação de Oportunidades e Ameaças, Forças e Fraquezas que afetam a organização no cumprimento de sua missão. Foi feita uma discussão fundamentada sobre esses elementos e o cenário considerado segue-se:

MATRIZ SWOT	
Pontos Fortes	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Poderosa ferramenta de desenvolvimento regional ✓ Multidisciplinaridade dos Associados ✓ Envolvimento ✓ Parque Municipal de Mucugê – Projeto Sempre Viva como referência ✓ Visitas técnicas com guias e condutores ✓ Expansão das atividades da AGS ✓ Adesão crescente da população e do Poder Público



Pontos Fracos	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicação insuficiente ✓ Dependência exclusiva do trabalho voluntário dos associados ✓ Falta de formalização da associação ✓ Dificuldade de captação de recursos financeiros ✓ Baixa realização das ações planejadas
Oportunidades	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Novo formato para o segmento de turismo no território ✓ Inovação ✓ Envolvimento direto das comunidades ✓ Diálogo permanente e cooperativo com UCs existentes no território ✓ Redes sociais facilitando a comunicação ✓ Diversificação do perfil do visitante ✓ Conservação dos geossítios ✓ Transformação da associação em OSCIP ✓ Reconhecimento pelas autoridades através de título de utilidade pública ✓ Prêmio de melhor destino turístico do Brasil 2019 ✓ Agregar universidades através das parcerias ✓ Firmar novas parcerias
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dificuldades na obtenção de informações do trade turístico ✓ UCs sem plano de manejo ou sem plano de manejo atualizado ✓ Pequena participação da comunidade ✓ Interesses políticos diversos ✓ Crise econômica ✓ Falta de políticas públicas específicas

3.6 Objetivos Estratégicos

Segundo a metodologia aplicada, onze (11) objetivos estratégicos foram definidos, um a mais que na edição de 2019. A adição foi um sinal de reconhecimento de que a função “Comunicação” é bem mais estratégica do que pensado originalmente.

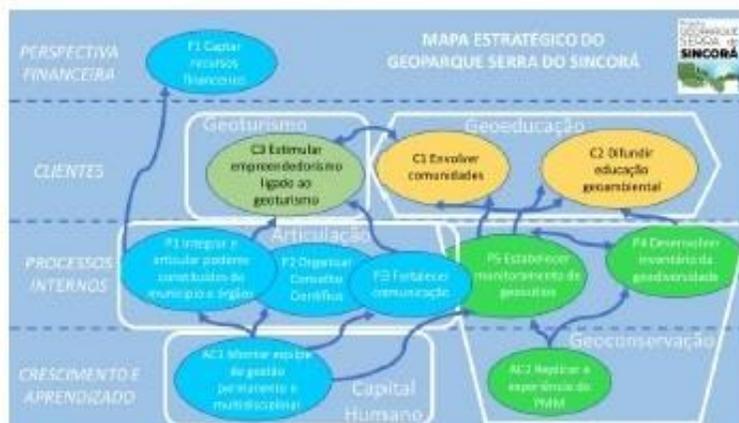
Os objetivos estratégicos discutidos foram agrupados por temas estratégicos de acordo com a dimensão na qual estes objetivos podem ser classificados. Seis desses objetivos estão organizados sob três temas que representam os pilares do conceito de Geoparques: Geoconservação, Geoeducação e Geoturismo. Capital Humano e Articulação de Poderes são também importantes temas estratégicos e agregam 3 objetivos.

Nesta metodologia, cada uma das dimensões inferiores suporta as superiores na consecução dos seus objetivos, sendo que, entretanto, por se tratar de uma associação sem fins lucrativos, a dimensão financeira, representada pela captação de recursos, o objetivo estratégico que irá permitir a execução da maior parte das ações planejadas.

DIMENSÃO	TEMA ESTRATÉGICO	OBJETIVO ESTRATÉGICO
Financeira	Finanças	F1 - Captar recursos financeiros
Clientes	Geoeducação	C1 - Envolver comunidades do território com divulgação, fortalecimento e resgate cultural C2 - Difundir educação geoambiental
	Geoturismo	C3 - Estimular empreendedorismo ligado ao geoturismo
Processos	Articulação	P1 - Integrar e articular os poderes constituídos dos municípios e órgãos do Estado P2 - Organizar conselho científico P3 - Fortalecer comunicação interna e externa
	Geoconservação	P4 - Desenvolver o inventário de locais de interesse geológico e geossítios P5 - Estabelecer programa de monitoramento dos geossítios
Aprendizado e Crescimento	Capital Humano	AC2 - Replicar a experiência do Parque Municipal de Mucugê AC1 - Montar equipe de gestão permanente e multidisciplinar

3.7 Mapa Estratégico

O Mapa Estratégico abaixo emergiu das discussões e representa o caminho que a associação deve percorrer para realizar sua Missão e cumprir seus objetivos.



Observar que os 3 (três) pilares básicos do conceito de geoparque estão contemplados com seus objetivos estratégicos definidos; Geoconservação, Geoeducação e Geoturismo.

3.8 Indicadores e Metas

O quadro anterior de Temas e Objetivos Estratégicos é complementado pelos Indicadores e Metas que, em conjunto compõem o “painel de bordo” de controle de metodologia, o BSC. Cabe lembrar que o horizonte temporal do plano é agora de três anos, entretanto, os indicadores e metas referem-se somente ao primeiro ano.

Em relação aos temas estratégicos definidos, elaborou-se um sistema de medidas composto por indicadores quantitativos e um conjunto de metas julgadas desafiadoras, porém factíveis.

TEMA	OBJETIVO ESTRATÉGICO	INDICADOR	Significado do INDICADOR	PERIODICIDADE	META 2020
Finanças	F1 Captar recursos financeiros	\$/ano	Recursos captados por ano	anual	R\$170mil
Geoducção	C1 Envolver comunidades do território	Nº pessoas/ano	Número de pessoas envolvidas por ano nas diversas ações	anual	2000 pessoas
	C2 Difundir educação geoambiental	Nº eventos /trimestre	Número de cursos, palestras, oficinais, etc. por trimestre	trimestral	2
Geoturismo	C3 Estimular empreendedorismo ligado ao geoturismo	Nº eventos /semestre	Número de cursos, palestras, oficinais, etc. por semestre	semestral	2
Articulação	P1 Integrar e articular os poderes constituídos dos municípios e órgãos	Nº de parcerias formalizadas/ano	Número de parcerias assinadas por ano	anual	8
	P2 Organizar Conselho Científico	Nº de reuniões/ano	Número de reuniões do conselho científico por ano	anual	1
	P3 Fortalecer comunicação interna e externa	Nº peças publicitárias veiculadas	Número de peças publicitárias veiculadas por ano em todos os canais de mídia	anual	15
Geoconservação	P4 Desenvolver inventário de locais de interesse geológico e geossítios	Nº de geossítios incorporados ao cadastro/ano	Número de geossítios incorporados ao cadastro por ano	anual	3
	P5 Estabelecer programa de monitoramento de geossítios	Nº de inspeções /trimestre	Número de geossítios inspecionados por trimestre	trimestral	12
	AC2 Replicar a experiência do Parque Municipal de Mucugê	Nº de centros incorporados/ ano	Número de centros de visitação incorporados por ano	anual	1
Capital Humano	AC1 Montar equipe de gestão permanente e multidisciplinar	Nº de pessoas do staff/ano	Número de pessoas com contrato de trabalho por ano	anual	2

6. Plano de Investimentos 2020 - 2022

Um exercício orçamental para o horizonte de quatro anos (2019-2022) foi preparado no ano passado considerando várias premissas de despesas. Nesta revisão, foram feitos alguns ajustes de premissas e base de cálculos baseados na realização de 2019.

6.1 Premissas

- O prazo de implantação do empreendimento é ainda estimado para 2020, um ano a mais do que foi observado em geoparques similares.
- O modelo de gestão adotado para a implantação é o de uma Associação sem fins lucrativos, apoiada por órgãos do Poder Público e outras organizações da Sociedade Civil.
- As Parcerias Público Privadas e os editais públicos serão os mecanismos básicos de arrecadação de fundos para o desenvolvimento das atividades programadas.
- Para a execução das tarefas de implantação prevê-se a necessidade de uma pequena equipe com qualificações diversificadas e dedicação exclusiva. Essa equipe será remunerada e o contingente de pessoal será crescente partindo com duas pessoas em 2020, chegando a um máximo de 8 membros ao final do período de implantação.
- A Sede do Geoparque e das possíveis subdeses nos diversos municípios em princípio serão alugadas ou cedidas sem ônus, sendo que só se prevê aquisição de Sede própria somente após o 4º ano do projeto.

Bases de cálculo	
a)	Pessoas por ano: 0, 2, 5 e 8 com salário médio+encargos de R\$5.000,00/mês
b)	10% do custo anual da folha
c)	Planos de gestão, licenciamentos e candidatura UNESCO
d)	R\$2.000,00/mês com aumento de 5%aa
e)	R\$3.000,00/oficina
f)	6% da folha de pagamento anual
g)	1 veículos 4X4 para trabalhos de campo
h)	R\$300.000,00/geossítio - total de 6 em 3 anos
i)	R\$5.000,00/estação de trabalho
Premissas	
1)	Custo total de implantação < R\$ 4.500.000,00
2)	Prazo de implantação = 4 anos
3)	Modelo de gestão: Associação sem fins lucrativos
4)	Parcerias Público Privadas
5)	Contingente crescente de pessoal (8 pessoas no 4º ano)
6)	Aquisição de Sede própria somente após o 4º ano

6.2 Entrega e Orçamento

Nessa revisão do PE, considerou-se mantida a entrega, ao final de 2022, de pelo menos 6 (seis) geossítios com infraestrutura de recepção de visitantes implantada, um sistema de monitoramento da conservação de todos os geossítios com visitação significativa, sinalização turística nos geossítios e



acessos, a execução ao longo do período de 38 cursos e/ou oficinas de educação ambiental e empreendedorismo, e a realização de pelo menos uma feira de produtos regionais e um seminário científico-cultural por ano de atividade.

Esse exercício revelou um orçamento mínimo total em torno de R\$ 4.200.000,00 para implantação do Geoparque Serra do Sincorá. Espera-se que desse total pelo menos 50% seja financiado com recursos privados, através de doações, patrocínios, parcerias e fundos de investimento, com a seguinte distribuição no tempo:

ANO	INVESTIMENTO
2020	R\$ 546.000,00
2021	R\$ 1.489.000,00
2022	R\$ 2.101.000,00

6.3 Retorno do Investimento

Espera-se por analogia com geoparques de mesma natureza instalados em Portugal, que o retorno desse investimento ocorra na forma da duplicação da visitação ao território do Geoparque Serra do Sincorá, com turismo qualificado, e do fluxo financeiro e fiscal oriundo desse aumento.



ORÇAMENTO PRELIMINAR PARA A FASE DE IMPLANTAÇÃO DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ						
	ANO	2019	2020	2021	2022	TOTAIS
CUSTEIO	Sub-total	R\$ 5.922,91	236.240	653.920	886.356	1.782.439
Salários e encargos ^{a)}		R\$ -	84.000	280.000	448.000	
Despesas de viagens ^{b)}		ND	8.400	28.000	44.800	
Eventos e Representação		R\$ 2.250,00	8.400	28.000	44.800	
Consultorias ^{c)}		ND	50.000	120.000	120.000	
Aluguel de Sede ^{d)}		R\$ 2.500,00	14.400	15.120	15.876	
Oficinas de geodução ^{e)}		R\$ 700,00	36.000	36.000	36.000	
Comunicação e Publicações		R\$ 464,36	30.000	130.000	150.000	
Despesas gerais ^{f)}		R\$ 8,55	5.040	16.800	26.880	
INVESTIMENTO	Sub-total	R\$ -	310.000	835.000	1.215.000	2.360.000
Veículos		R\$ -	0	120.000	0	
Infraestrutura nos geossítios ^{h)}		R\$ -	300.000	600.000	900.000	
Informática		R\$ -	10.000	15.000	15.000	
Sinalética dos geossítios		R\$ -	0	100.000	300.000	
Total		R\$ 5.922,91	546.240	1.488.920	2.101.356	4.142.439



9. Comentários Finais

Essa revisão do exercício de planejamento estratégico, juntamente com o Plano de Ação associado, foi preparada pela equipe reunida pela AGS e pretende-se que norteie todas as ações a serem desenvolvidas no âmbito do Geoparque Serra do Sincorá.

O exercício deverá ser revisto em bases trimestrais e anuais de maneira a ajustar o seu direcionamento e corrigir desvios das metas estabelecidas.

O desafio é grande, mas conhecendo o caminho, fica mais fácil atingir-se o fim almejado, cujo maior benefício intangível será a contribuição para o desenvolvimento regional e a consequente melhoria da qualidade de vida das populações do território.

10. Referências

- UNESCO, 2004. Operational Guideline for National Geoparks seeking UNESCO's assistance. Global UNESCO Network of Geoparks. Paris, 2004. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001503/150332eo.pdf>>. Acesso em: 30 jun 2018.
- UNESCO, 2016 - EN UGGEvaluation DocA Self-evaluation FINAL 12Feb2016 PR (<http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/reevaluation-process/>).
- UNESCO, 2015. Estatutos del Programa Internacional de Ciencias de La Tierra y Geoparks. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pt0000260673_spa.page=4. Acesso em: 13 jan 2020.
- UNESCO, 2017. EARTH SCIENCES. List of UNESCO Global Geoparks (UGGp). Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/list-of-unesco-global-geoparks/>. Acesso em: 13 jan 2020.
- UNESCO, 2020. New UNESCO Global Geopark Applications. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/natural-sciences/environment/earth-sciences/unesco-global-geoparks/new-applications/>. Acesso em: 31 jan 2020.
- CPRM, 2017. Ministério de Minas e Energia. Geoparque Serra do Sincorá/BA: proposta. 2017. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/18230?show=full>>. Acesso em: 29 mai. 2017.
- STONER, J. A.F. (1985). Administração. Rio de Janeiro, Prentice-Hall do Brasil.

ANEXO 4 – DIRECIONAMENTO ESTRATÉGICO DO CONSELHO MUNICIPAL DE TURISMO DE LENÇÓIS-BA.

DIRECIONAMENTO ESTRATÉGICO - CONTUR	
LENÇÓIS – BAHIA	
MISSÃO	VISÃO 2025
<p>Desenvolver o turismo sustentável em Lençóis, representando os interesses da sociedade de forma participativa.</p>	<p>Somos um conselho deliberativo, atuante e íntegro, que articula os diversos atores do turismo, contribuindo para o desenvolvimento sustentável de Lençóis e da Chapada Diamantina.</p>
LINHAS DE AÇÃO ESTRATÉGICAS	RESULTADOS ESPERADOS ATÉ 2019
<p>ARTICULAÇÃO →</p> <p>INTELIGÊNCIA →</p> <p>COMUNICAÇÃO →</p> <p>GESTÃO →</p>	<p>ARTICULAÇÃO: criar e aprovar a Lei Municipal de Turismo de Lençóis; Curso de Qualificação dos Condutores de Turismo e Guias de Turismo de Lençóis; Revisar e aprovar a Lei do CONTUR e FUMTUR de Turismo de Lençóis;</p> <p>- Moção para fiscalização do uso, ordenamento e ocupação do solo no Mucugezinho; Ampliar o orçamento plurianual da pasta de turismo; Implantar o Monitoramento da Visitação no Parque Municipal Natural da Muritiba e Ribeirão do Meio, incluindo a Tarifa de Visitação na forma de contribuição voluntária;</p> <p>INTELIGÊNCIA: Observatório do Turismo de Lençóis, com metodologia e instrumentos definidos para coleta e análise dos dados relacionados ao perfil de demanda e oferta turística; Elaborar o Plano Municipal de Desenvolvimento do Turismo de Lençóis; Projeto de Qualificação Empresarial e Profissional para o Turismo; Projeto "Jovem Aprendiz" Lençóis;</p> <p>COMUNICAÇÃO: Calendário de Eventos 2020 publicado nas mídias nacionais e internacionais, com visibilidade nas redes sociais; Elaborar e executar o Plano de Marketing Turístico de Lençóis; Participação de Lençóis nas Feiras e Eventos de turismo;</p> <p>GESTÃO: Divulgação periódica de Boletins Informativos sobre as atividades do conselho e do turismo no município e na região; Planejamento do CONTUR com calendário de atividades estabelecido com antecedência; FUMTUR implementado com fontes de recursos pré-definidas e orçamento do CONTUR instituído; Criar diretório online centralizando o acervo digital do CONTUR;</p>

ANEXO 5 – REDE SOCIAL COM PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E DIVULGAÇÃO DA PROPOSTA DO GEOPARQUE SERRA DO SINCORÁ

Instagram | geoparqueserradosincora

61 publicações | 367 seguidores | 137 seguindo

Geoparque Serra do Sincorá
O território proposto para o Geoparque Serra do Sincorá abrange os municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras. Chapada Diamantina. Bahia. [se](#)

Publicações: QUESTIONÁRIO ONLINE LENÇÓIS, CONCURSO DE LOGO, Geoparques da América Latina, Lençóis, Lençóis dos Diamantes, Lençóis, Lençóis dos Diamantes, Lençóis dos Diamantes, Lençóis dos Diamantes, Lençóis dos Diamantes.

Projeto GEOPARQUE SERRA do SINCORÁ

SOBRE | AJUDA | IMPRENSA | API | CARRERAS | PRIVACIDADE | TERMOS | LOCALIZAÇÕES | CONTAS MAIS RELEVANTES | HASHTAGS | IDIOMA

© 2020 INSTAGRAM DO FACEBOOK

geoparqueserradosincora

Ver informações | Promover

Curtido por [geoparque_serido](#) e outras pessoas

geoparqueserradosincora Vista incrível, da chameira do antical do Pai Inácio, a partir dos Gerais do Rio Preto (flanco ocidental da dobra) no Vale do Pati. Ao fundo, o morro testemunho conhecido como Morro do Capão (Monte Tabor). Tanto o Vale do Pati, como o Monte Tabor, são acessíveis por trilhas longas, e estão dentro dos limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina e do território do Geoparque Serra do Sincorá.

Geólogos:
Chameira é a parte mais convexa de um anticlineo, nesse caso está erodida.
Anticinal é uma dobra convexa, nesse caso em grandes proporções.
Flanco é a parte lateral de uma dobra.
Morro testemunho é a porção resistente que testemunha o passado geológico. [@romarqxs](#)
[#geoparqueserradosincora](#)
[#geopark](#)
[#globalgeoparksunesco](#)
[#chapadadiamantina](#)
[#parquenacionaldachapadadiamantina](#)
[#geoturismo](#)
[#geotourism](#)
[#geodiversity](#)
[#geology](#)
[#geomorphology](#)
[#geoconservation](#)
[#geoeducation](#)
[#patrimoniocultural](#)
[#patrimoniounatural](#)
[#patrimoniogeológico](#)
[#garimpo](#)
[#cultura](#)
[#saberestracionais](#)
[#bahia](#)
[#turismo](#)
[#trekkingbrasil](#)
[#trekking](#)
[@historianaturaldabahia](#)
[@chapadadiamantina_nationalpark](#)

5 de fevereiro · Ver tradução